

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA (PPGLIN)**

VIRGÍNIA MARIA FERREIRA SILVEIRA BALDOW

**DE QUE VÍRGULA ESTAMOS FALANDO? ANÁLISE DO EMPREGO NÃO
CONVENCIONALIZADO DE VÍRGULAS À LUZ DA FONOLOGIA PROSÓDICA E
DA PROSÓDIA IMPLÍCITA**

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2023

VIRGÍNIA MARIA FERREIRA SILVEIRA BALDOW

**DE QUE VÍRGULA ESTAMOS FALANDO? ANÁLISE DO EMPREGO NÃO
CONVENCIONALIZADO DE VÍRGULAS À LUZ DA FONOLOGIA PROSÓDICA E
DA PROSÓDIA IMPLÍCITA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Doutor em Linguística.

Área de Concentração: Linguística

Linha de Pesquisa: Descrição e Análise de Línguas Naturais

Orientadora: Prof^a Dr^a Vera Pacheco

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2023

B149q	Baldow, Virgínia Maria Ferreira Silveira. De que vírgula estamos falando? Análise do emprego não convencionalizado de vírgulas à luz da fonologia prosódica e da prosódia implícita. / Virgínia Maria Ferreira Silveira Baldow; orientadora: Vera Pacheco. – Vitória da Conquista, 2023. 175f. Tese (doutorado – Programa de Pós-Graduação em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2023. Inclui referência F. 166 – 175. 1. Vírgula. 2. Fonologia Prosódica. 3. Marcador Prosódico. I. Pacheco, Vera (orientadora). II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística. T. III CDD: 469.11
-------	---

Catálogo na fonte: *Juliana Teixeira de Assunção* — CRB 5/1890
UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

Título em inglês: What comma are we talking about? Analysis of the unconventional use of commas in the light of prosodic phonology and implied prosody

Palavras-chave em inglês: Comma. Prosodic Phonology. Prosodic Marker.

Área de concentração: Linguística

Titulação: Doutor em Linguística

Banca examinadora: Prof. Dra. Vera Pacheco (Presidente-Orientadora); Profa. Dra. Marian dos Santos Oliveira (UESB); Profa. Dra. Maria de Fátima de Almeida Baia (UESB); Prof. Dr. André Pedro da Silva (UFBA); Profa. Dra. Natália Cristine Prado (UNIR)

Data da defesa: 11/05/2023

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Orcid ID: [0000-0002-2474-7091](https://orcid.org/0000-0002-2474-7091)

Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/8915441612334487>

VIRGÍNIA MARIA FERREIRA SILVEIRA BALDOW

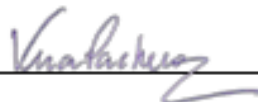
**DE QUE VÍRGULA ESTAMOS FALANDO? ANÁLISE DO EMPREGO NÃO
CONVENCIONALIZADO DE VÍRGULAS À LUZ DA FONOLOGIA PROSÓDICA E
DA PROSÓDIA IMPLÍCITA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Doutor em Linguística.

Data da aprovação: 11 de maio de 2023.

Banca Examinadora:

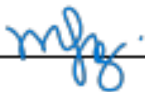
Profa. Dra. Vera Pacheco
Instituição: UESB – Presidente-Orientadora

Ass.: 

Profa. Dra. Marian dos Santos Oliveira
Instituição: UESB – Membro Titular

Ass.: 

Profa. Dra. Maria de Fátima de Almeida Baia
Instituição: UESB – Membro Titular

Ass.: 

Prof. Dr. André Pedro da Silva
Instituição: UFBA – Membro Titular

Ass.: 

Profa. Dra. Natália Cristine Prado
Instituição: UNIR – Membro Titular

Ass.: 

Dedico ao Deus eterno. Ao meu pai (*in memorian*), à minha mãe (*in memorian*), quem sabiamente me apresentou as primeiras letras. Aos meus amores com os quais compartilho minha vida: Esdras, Samuel e Maria Clara.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, o Pai das luzes, de quem procede toda boa dádiva e todo dom perfeito. Profunda e eterna gratidão a Ele pois, ao olhar para trás, quando as intempéries da vida pareciam me sucumbir, clamei por socorro e Ele me ouviu.

À Profª Drª Vera Pacheco, minha orientadora. Pessoa sensata e singular. Agradeço por ter confiado em mim, pelos ensinamentos sábios e preciosos compartilhados de forma firme e rigorosa agregando, ao mesmo tempo, serenidade e leveza. Sou grata pelo incentivo, por me fazer sentir segura no desenvolvimento do trabalho, pela empatia e solidariedade envidadas nos dias tão difíceis que atravesssei.

Ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), na pessoa da Profª. Drª Conceição Fonseca, coordenadora deste Programa, pela oportunidade concedida e a todo o corpo docente do PPGLin com o qual tanto aprendi. Também agradeço às funcionárias do PPGLin, Vanêide e Luciana, pelo profissionalismo, gentileza e prontidão no atendimento.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio e financiamento das atividades do PPGLin da UESB.

Ao Prof. Dr. André Pedro da Silva; à Profª Drª. Maria de Fátima Baia, Profª Drª. Marian Oliveira e à Profª. Drª. Natália Prado pela gentileza ao aceitarem o convite para a composição da Banca Examinadora. Agradeço pelos olhares atentos e pela pertinência das ponderações acerca do meu texto no exame de qualificação, resultando em contribuições de fundamental importância para a escrita final.

Ao Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL) pela concessão do meu afastamento para cursar o Doutorado e às colegas da Área de Metodologia e Prática de Ensino (AMPE) pelo apoio.

Ao meu precioso pai, Altamirando (*in memorian*) e à minha preciosa mãe Dirce (*in memorian*) pelo exemplo de amor, dedicação, coragem e altruísmo genuinamente manifestados durante toda a vida em prol do meu crescimento e dos meus irmãos. Eternamente grata!

A Esdras, meu amado esposo, conselheiro de quem recebi o necessário incentivo para tentar a seleção e poder concretizar este que parecia ser um sonho distante! Grata pelo carinho, companheirismo, cumplicidade, equilíbrio e amparo em todos os sentidos que essa palavra possa representar.

Aos meus filhos que tanto amo, Samuel e Maria Clara por se alegrarem com cada linha escrita, com cada trabalho apresentado e pela compreensão nos momentos em que precisei me afastar durante o processo de doutoramento.

Aos meus irmãos, Jeová, Josué, Marcelo, Marcos, Almir e Esdras por me apoiarem e se alegrarem comigo em cada conquista. Aos meus sobrinhos lindos pelo carinho e pela torcida!

A Fabiana e Valméria, amigas queridas! Agradeço a leal amizade demonstrada ao longo de tantos anos!

A Alcione e Gil, amigas preciosas que ganhei durante esse tempo! Agradeço o companheirismo e todo o apoio acadêmico e emocional dispensados a mim!

A Ana Paula, Carla, Damáris, Luciana, Rose e Sheila, irmãs singulares que oraram por mim e se fizeram tão presentes nos momentos de dor e alegria.

À querida tia Nair, mulher generosa e de conduta exemplar. Com quem só aprendo o que é bom.

Aos colegas do grupo de pesquisa em Fonética e Fonologia pelo convívio agradável e pelas discussões tão proveitosas realizadas em nossos encontros de estudo.

A todas as pessoas que, de alguma forma, colaboraram com o desenvolvimento deste trabalho, minha gratidão.

RESUMO

O objetivo geral desta tese é descrever características prosódicas de fronteiras de usos não-convencionais de vírgulas na escrita de textos procedentes de todos os níveis de escolaridade assim como em variados gêneros textuais que incorporam o cotidiano das pessoas na sociedade. O estudo foi guiado pelos seguintes objetivos específicos: a) Coletar e analisar produções escritas de alunos de diferentes etapas de escolarização, assim como gêneros textuais diversos, mapeando o emprego de vírgulas; b) verificar possíveis divergências quanto ao uso da vírgula, em observância aos parâmetros estabelecidos pela gramática normativa; c) categorizar os usos inadequados a partir da descrição das regras normativas estabelecidas; d) descrever as motivações prosódicas subjacentes aos usos divergentes da vírgula nos textos; e) contribuir para o ensino da língua portuguesa e para estudos que se proponham analisar dados escritos com base em teorias fonológicas. Diante disso, a questão norteadora para a realização da pesquisa é a seguinte: os usos da vírgula em desacordo com as regras da gramática normativa podem ter motivações prosódicas? Tal questão se relaciona à seguinte hipótese: os usos da vírgula em desacordo com as regras da gramática normativa têm motivações prosódicas que podem acarretar a colocação da vírgula. Discutimos a não congruência entre a regra sintática e o emprego da vírgula à luz dos pressupostos teóricos da Fonologia Prosódica (NESPOR; VOGEL, 2007) e da Hipótese da Prosódia Implícita em diálogo, também, com a hipótese de que os sinais de pontuação podem se configurar como marcadores prosódicos no enunciado escrito (CAGLIARI, 1989; PACHECO, 2003, 2006). Com a discussão empreendida, observamos a vulnerabilidade da norma gramatical mediante o uso divergente da vírgula e defendemos que o emprego não-convencionalizado da vírgula pelos escreventes apresenta regularidades prosódicas que podem ser guiadas pela organização mental da prosódia da fala de que dispõem os falantes que é, de algum modo, projetada para a escrita. Os resultados mostraram que, embora o uso da vírgula seja associado, em geral, a fatos sintáticos, ela pode atuar como um marcador prosódico, delimitando fronteiras de frases entoacionais.

PALAVRAS-CHAVE

Vírgula. Fonologia Prosódica. Marcador Prosódico.

ABSTRACT

The general aim of this thesis is to describe prosodic characteristics of boundaries of non-conventional uses of commas in the writing of texts from all levels of education as well as in various textual genres that incorporate the daily lives of people in society. The study was guided by the following specific objectives: a) Collect texts and analyze written performances of students from different stages of schooling, mapping the use of commas; b) Check possible divergences regarding the use of the comma, in compliance with the parameters established by normative grammar; c) Categorize inappropriate use based on the description of established normative rules; d) Describe the prosodic motivations underlying the divergent uses of the comma in the texts; e) Contribute to the teaching of the Portuguese language and studies that propose to analyze written data based on phonological theories. In view of this, the guiding question for carrying out the research is the following: can the uses of commas in disagreement with the rules of normative grammar have prosodic motivations? This question is related to the following hypothesis: the uses of the comma in disagreement with the rules of normative grammar have prosodic motivations that can lead to the placement of the comma. We discuss the non-congruence between the syntactic rule and the use of the comma in light of the theoretical assumptions of Prosodic Phonology (NESPOR; VOGEL, 2007) and the Implicit Prosody Hypothesis in dialogue with the hypothesis that punctuation marks can be configured as markers of prosodic elements in written utterance (CAGLIARI, 1989; PACHECO, 2003, 2006). Under the undertaken discussion, we observed the vulnerability of the grammatical norm through the divergent use of the comma and we defend that the non-conventional use of the comma by the writers presents prosodic regularities that can be guided by the mental organization of the speech prosody available to the speakers that are, in some ways, designed for writing. The results showed that, although the use of the comma is generally associated with syntactic facts, it can act as a prosodic marker, delimiting the borders of intonational phrases.

KEYWORDS

Comma. Prosodic Phonology. Prosodic Marker.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Folha de rosto da <i>Grammatica da lingoagem portuguesa</i>	23
Figura 2 – Primeiro capítulo Texto marcado com ponto e dois pontos.....	24
Figura 3 – Sobre a representação da voz na fala	25
Figura 4 – Sobre a melodia da língua.....	25
Figura 5 – Sobre a pronúncia e sua relação com as letras	25
Figura 6 – Folha de rosto da <i>Gramática da Língua Portuguesa</i>	27
Figura 7 – Dos pontos e distinções da oração	28
Figura 8 – Continuação da página anterior.....	28
Figura 9 – Folha de rosto do livro <i>Orthographia da Lingoa Portugvesa</i>	30
Figura 10 – Sobre a apresentação da pontuação.....	31
Figura 11 – Sobre a necessidade da pontuação e sua vinculação com a oralidade	32
Figura 12 – Apresentação dos sinais de pontuação	33
Figura 13 – Sobre a distinção dos sinais de pontuação	33
Figura 14 – Sobre o segundo sinal de pontuação (comma).....	34
Figura 15 – Sobre o terceiro sinal de pontuação (colon).....	34
Figura 16 – Folha de rosto do livro <i>Orthographia ou modo para escrever certo na língua portuguesa</i>	36
Figura 17 – Sobre o Tratado da pontuação da clausulas	37
Figura 18 – Folha de rosto do livro <i>Nova Escola para aprender a ler, escrever, e contar</i>	40
Figura 19 – Folha de rosto do <i>Compendio de Orthografia</i>	42
Figura 20 – Sobre a vírgula e seu uso	43
Figura 21 – Advertência sobre o emprego da vírgula	45
Figura 22 – Advertências e considerações	45
Figura 23 – Folha de rosto do <i>Compêndio da Grammatica Portugueza</i>	46
Figura 24 – Folha de rosto do livro <i>Método Castilho para o ensino rápido e aprazível: do ler impresso, manuscrito e numeração e do escrever</i>	50
Figura 25 – Sobre a Introdução dos estudo sobre pontuação	51
Figura 26 – Orientação do uso da vírgula e do ponto	52
Figura 27 – Folha de rosto da <i>Grammatica Portugueza</i>	56
Figura 28 – Prefácio da <i>Grammatica Portugueza</i>	57
Figura 29 – Apresentação do tema Pontuação	58
Figura 30 – Regras sobre o uso da vírgula	59

Figura 31 – Regras sobre o uso da vírgula (Continuação)	60
Figura 32 – Folha de rosto da gramática <i>Serões Grammaticaes</i>	63
Figura 33 – Sobre os fundamentos da pontuação	64
Figura 34 – Sobre a vírgula como realce ou ênfase.....	65
Figura 35 – Folha de rosto da <i>Gramática Normativa da Língua Portuguesa</i>	67
Figura 36 – Folha de rosto da <i>Nova Gramática da Língua Portuguesa</i>	71
Figura 37 – Bases da pontuação	72
Figura 38 – Folha de rosto da Gramática do Português Contemporâneo.....	75
Figura 39 – Hierarquia prosódica	94

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Colocações devidas e indevidas e omissões	108
Gráfico 2 – Tipos de colocações equivocadas	109
Gráfico 3 – Usos indevidos de vírgulas por nível de escolaridade	110
Gráfico 4 – Porcentagem de usos indevidos de vírgulas em variados gêneros textuais	112

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Síntese das orientações pontuacionais da <i>Grammatica da Lingua Portugueza</i> – 1540	29
Quadro 2 – Síntese das orientações pontuacionais da obra <i>Orthographia da Lingoa Portugvesa</i> Duarte Nuniz de Lião (1576).....	35
Quadro 3 – Síntese das orientações pontuacionais da obra “ <i>Orthographia ou modo para escrever certo na língua portuguesa</i> ”	38
Quadro 4 – Síntese das orientações pontuacionais da obra <i>Nova Escola para aprender a ler, escrever, e contar</i>	41
Quadro 5 – Síntese das orientações pontuacionais do <i>Compendio de Orthografia</i>	43
Quadro 6 – Síntese das orientações pontuacionais do <i>Compêndio da Grammatica Portugueza</i> – Antônio da Costa Duarte (1829).....	47
Quadro 7 – Síntese das orientações pontuacionais do <i>Método Castilho para o ensino rápido e aprazível: do ler impresso, manuscrito e numeração e do escrever</i>	53
Quadro 8 – Síntese das orientações pontuacionais da <i>Gramática Portugueza</i>	61
Quadro 9 – Síntese das orientações pontuacionais da <i>Gramática Serões Grammaticaes</i>	65
Quadro 10 – Síntese das orientações pontuacionais da <i>Grammatica Normativa da Língua Portuguesa</i>	69
Quadro 11 – Sinopse das orientações pontuacionais da <i>Nova Gramática da Língua Portuguesa para concursos</i>	73
Quadro 12 – Síntese das orientações pontuacionais da <i>Nova Gramática do Português Contemporâneo</i>	76
Quadro 13 – Síntese das orientações vigentes sobre o uso da vírgula	79
Quadro 14 – Exemplos de alguns sinais de pontuação usados na escrita do PB, com respectivas funções e padrões prosódicos prováveis36F	84
Quadro 15 – A vírgula entre sujeito e predicado em relação direta	115
Quadro 16 – Antes da conjunção “e” com referência ao mesmo sujeito ou seguida de uma sequência de elementos	131
Quadro 17 – A vírgula entre termos integrantes da oração	137
Quadro 18 – A vírgula entre os termos acessórios ordem direta	143
Quadro 19 – A vírgula entre conjunções e/ou elementos coesivos.....	151
Quadro 20 – Usos inadequados da vírgula antes de orações subordinadas adjetivas	158

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMPE	Área de Metodologia e Prática de Ensino
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
DELL	Departamento de Estudos Linguísticos e Literários
F0	Frequência fundamental
FP	Fonologia Prosódica
HPI	Hipótese da Prosódia implícita
LP	Língua Portuguesa
MPG	Marcadores Prosódicos Gráficos
MP	Marcadores Prosódicos Lexicais
EF	Ensino Fundamental
EM	Ensino Médio
G	Graduação
PG	Pós-graduação
OG	Outros gêneros
PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
PPGLin	Programa de Pós-Graduação em Linguística
s/d	Sem data
s/p	Sem paginação
UESB	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 A PONTUAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA: UMA VISÃO PANORÂMICA NO DECURSO DO TEMPO	20
2.1 Gramática: considerações iniciais.....	20
2.2 Pontuação: a questão da vírgula no Século XVI.....	22
2.2.1 <i>Grammatica da lingoagem portuguesa – Fernão de Oliveira (1536)</i>	23
2.2.2 <i>A Gramática da Língua Portuguesa – João de Barros (1540)</i>	26
2.2.3 <i>Orthographia da Lingoa Portugvesa Duarte Nuniz de Lião (1576)</i>	30
2.3 Pontuação: a questão da vírgula no Século XVII	35
2.3.1 <i>Orthographia ou modo para escrever certo na língua portuguesa – Alvaro Ferreira de Vera (1631)</i>	36
2.4 Pontuação: a questão da vírgula no Século XVIII	40
2.4.1 <i>Nova Escola para aprender a ler, escrever, e contar - Manuel de Andrade de Figueiredo (1722)</i>	40
2.4.2 <i>Compendio de Orthografia Luis de Monte Carmelo (1767)</i>	42
2.5 Pontuação: a questão da vírgula no século XIX	45
2.5.1 <i>Compêndio da Grammatica Portugueza – Antônio da Costa Duarte (1829)</i>	46
2.5.2 <i>Método Castilho para o ensino rápido e aprazível: do ler impresso, manuscrito e numeração e do escrever - 1853</i>	50
2.5.3 <i>Grammatica Portugueza – Julio Ribeiro (1885)</i>	56
2.6 Pontuação e a questão da vírgula no Século XX.....	62
2.6.1 <i>Serões Grammaticaes Ernesto Carneiro Ribeiro (1919)</i>	63
2.6.2 <i>Gramática normativa da língua portuguesa – Francisco da Silveira Bueno (1968)</i> ...	67
2.7 Pontuação e a questão da vírgula no Século XXI	70
2.7.1 <i>Nova gramática da Língua portuguesa para Concursos - Bezerra (2013)</i>	71
2.7.2 <i>Nova Gramática do Português Contemporânea Celso Cunha (2017)</i>	75
2.8 O uso da vírgula: normas vigentes específicas.....	79
3 USOS DA VÍRGULA: DA SINTAXE À MARCAÇÃO PROSÓDICA	82
3.1 A pontuação como marcador prosódico	84
4 A FONOLOGIA PROSÓDICA DE NESPOR E VOGEL E A HIPÓTESE DA PROSÓDIA IMPLÍCITA	89
4.1 A Fonologia Prosódica de Nespor e Vogel (1986).	92

4.2 A Hipótese da Prosódia Implícita (HPI) de Fodor	97
5 METODOLOGIA.....	102
5.1 Sobre o método utilizado.....	102
5.2 Sobre o <i>corpus</i>	102
5.3 Sobre as análises e desenvolvimento da pesquisa	103
6 EM BUSCA DA VÍRGULA “PERDIDA”: ENTRE NÚMEROS E MELODIA	107
6.1 Não se separa sujeito e predicado e a força do sintagma entoacional	114
6.2 A conjunção aditiva e o mesmo sujeito ou enumeração: a atuação do sintagma entoacional.....	131
6.3 Um sintagma entoacional e os termos integrantes da oração.....	137
6.4 A ordem direta e os termos acessórios: a formação de sintagmas entoacionais.....	142
6.5 Conjunções e/ou elementos coesivos e os sintagmas entoacionais	151
6.6 Orações subordinadas adjetivas e uma pausa	157
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	164
REFERÊNCIAS	166

1 INTRODUÇÃO

O emprego equivocado da pontuação, nos textos em geral, tem sido alvo de críticas, principalmente, por parte dos professores de Língua Portuguesa (LP). Em todo o percurso escolar, do ensino fundamental ao ensino médio, as regras gramaticais que orientam o uso correto da pontuação (assim como de todos os outros componentes da gramática) são ensinadas de forma incisiva cabendo ao estudante apreendê-las e aplicá-las, adequadamente, em seus textos.

No entanto, a despeito de todo o conhecimento das regras gramaticais, as pessoas ainda cometem falhas, sob o ponto de vista gramatical, quanto ao emprego apropriado dos sinais de pontuação, especialmente da vírgula. A nossa atuação na regência de Língua Portuguesa e redação em escolas públicas e privadas, ao longo de quase vinte anos, leva-nos a afirmar que, dentre os sinais de pontuação, o emprego da vírgula é o que mais levanta dúvidas, controvérsias e desacertos.

Observamos, assim, que, de um lado, existem as normas gramaticais que preconizam regras sobre certos usos ou não usos de vírgulas – e que são estudadas ao longo da vida estudantil dos sujeitos – e, de outro, os usos não autorizados pela norma gramatical praticados pelos usuários da língua. O fato é que, na escrita padrão, é a sintaxe que orienta o correto uso da vírgula, mas, a rigor, o emprego deste sinal de pontuação, quando infringe a norma, pressupõe o entendimento de outras informações que a sintaxe não explica de *per si* e que, por isso mesmo, necessitam ser estudadas e esclarecidas. Tomemos como exemplo a relação entre prosódia e escrita, que pode se manifestar por meio de recursos sinalizadores de padrões da fala projetados na escrita, ocasionando uma incongruência entre a norma e o uso efetivo das vírgulas.

A não congruência entre a regra sintática e o emprego da vírgula praticado pelos usuários da língua nos motivou, então, à iniciativa desta pesquisa cujo objetivo principal é descrever e analisar características prosódicas de fronteiras de usos não-convencionais de vírgulas na escrita de textos procedentes de todos os níveis de escolaridade, assim como em gêneros textuais diversos retirados de instâncias igualmente variadas.

Corroborando o objetivo geral, os específicos foram os seguintes: a) Coletar e analisar produções escritas de alunos de diferentes etapas de escolarização, mapeando o emprego de vírgulas; b) verificar possíveis divergências quanto ao uso da vírgula, em observância aos parâmetros estabelecidos pela gramática normativa; c) Categorizar os usos inadequados a partir da descrição das regras normativas estabelecidas; d) Descrever as motivações

prosódicas subjacentes aos usos divergentes da vírgula nos textos; e) Contribuir com o ensino da língua portuguesa e com estudos que se proponham analisar dados escritos com base em teorias fonológicas.

Os textos constituintes do *corpus* são redações oriundas dos Ensinos Fundamental e Médio, textos acadêmicos de cursos de graduação e pós-graduação como dissertações de mestrado, teses, artigos científicos, além de outros gêneros, a exemplo de textos publicitários, informativos, mensagens de autoajuda, avisos institucionais, entre outros. Concentramo-nos em verificar, nestes gêneros, possíveis divergências quanto ao uso indevido ou não-uso das vírgulas, em observância aos parâmetros estabelecidos pela gramática normativa, analisando possíveis motivações prosódicas subjacentes às inadequações encontradas apesar das regras normativas tão difundidas e estudadas durante o percurso escolar dos escreventes.

Diante disso, a questão norteadora para a realização da pesquisa é a seguinte: os usos da vírgula em desacordo com as regras da gramática normativa podem ter motivações prosódicas? Tal questão se relaciona à seguinte hipótese: os usos da vírgula em desacordo com as regras da gramática normativa têm motivações prosódicas que podem acarretar a colocação da vírgula.

As vírgulas são usadas para delimitar constituintes prosódicos. Trata-se de usos que evidenciam organização rítmica intrínseca ao escrevente e ao leitor. Tal associação encontra respaldo na Fonologia Prosódica (FP) e na Hipótese da Prosódia implícita (HPI), teorias que, em diálogo com a hipótese de que os sinais de pontuação funcionam como marcadores prosódicos (CAGLIARI, 1989, 2002a, 2002b) e Pacheco (2003, 2006), subsidiarão a análise dos dados apresentada neste trabalho.

Para embasar as análises prosódicas, portanto, será usado o modelo prosódico da Fonologia Prosódica de Nespor e Vogel (2007) e as discussões empreendidas terão por base os princípios da HPI (FODOR, 2002, 2005). As análises realizadas e discussões desenvolvidas trazem evidências que endossam a proposta de Cagliari (1989, 2002a, 2002b) e Pacheco (2003, 2006) de que as vírgulas podem atuar como marcadores prosódicos da escrita, razão por que estes dois autores também integrarão o arcabouço teórico base da pesquisa ora apresentada. Dessa forma, estruturamos a tese dividindo as Seções conforme descrição a seguir.

A primeira Seção intitulada “Introdução” apresenta a visão geral do trabalho desenvolvido.

A segunda Seção intitulada “A pontuação em língua portuguesa: uma visão panorâmica no decurso do tempo” encontra-se subdividida da seguinte forma: 2.1 Gramática:

algumas considerações acerca do termo; 2.2 Pontuação: a questão da vírgula no século XVI; 2.3 Pontuação: a questão da vírgula no século XVII; 2.4 Pontuação: a questão da vírgula no século XVIII; 2.5 Pontuação: a questão da vírgula no século XIX; 2.6 Pontuação: a questão da vírgula no século XX; 2.7 Pontuação: a questão da vírgula no século XXI; 2.8 O uso da vírgula: normas vigentes específicas. Após considerações sobre os tipos de gramática descrevemos o percurso evolutivo das regras de pontuação com especial atenção à vírgula e apresentamos quadros comparativos a partir de gramáticas do período quinhentista até as atuais. Nesse sentido, observamos a evolução das regras sobre o emprego da pontuação no sentido de verificar indícios da influência da oralidade na formulação dessas regras quanto ao uso dos referidos sinais.

A terceira Seção “Usos da vírgula: da sintaxe à marcação prosódica” apresenta os estudos de Cagliari (1989, 1995), Pacheco (2003, 2006) e Corrêa (2004) em que se considera os sinais de pontuação como pistas prosódicas capazes de conferir à escrita ritmo, pausas, entoações, enfim, característica que são próprias da cadeia falada, mas que podem se projetar no enunciado escrito. Nesse sentido, esta seção situa a vírgula entre os marcadores prosódicos conforme Cagliari (1989) e Pacheco (2003, 2006). Especialmente os dois autores defendem que a escrita possui recursos para representar variações prosódicas.

Na quarta Seção, cujo título é “A Fonologia Prosódica de Nespor e Vogel e a Hipótese da Prosódia Implícita” (FODOR, 2005) descrevemos, conforme anuncia o título, os princípios da Fonologia Prosódica e da Hipótese da Prosódia Implícita, razão por que o capítulo se divide em duas seções. Baseamos as discussões nas postulações teóricas de Nespor e Vogel (2007) e Fodor (2005), respectivamente, as quais também subsidiam a análise prosódica do *corpus* desta pesquisa.

Sucedendo a quarta Seção, apresentaremos a Metodologia na qual descreveremos o processo de geração de dados desta pesquisa e o modo como ela foi implementada. Realizamos uma pesquisa transversal em que utilizamos um *corpus* constituído de 70 textos originários de todos os níveis de escolaridade (do ensino fundamental à pós-graduação) além de variados gêneros textuais que, comumente, atravessam a vida cotidiana da sociedade em geral.

Na sexta e última Seção da tese “Em busca da vírgula “perdida”: entre números e melodia” apresentamos, simultaneamente, uma análise quantitativa e qualitativa dos dados. Na primeira, quantificamos a frequência de aparição de vírgulas não-convencionalizadas nos textos. Na segunda, prosseguimos com o estudo do emprego não canônico da vírgula, numa perspectiva extra sintática a partir da prosódia, isto é, da melodia da fala.

Por fim, nas Considerações finais, retomamos a questão de pesquisa e a sua hipótese, discutindo a existência de dois usos da vírgula, isto é, na perspectiva gramatical e o emprego da vírgula enquanto marcador prosódico.

A necessidade e relevância da temática aqui empreendida se evidenciam no momento em que pretendemos contribuir com o ensino, no sentido de instigar, especialmente, professores de Língua Portuguesa que porventura tenham acesso aos resultados desta pesquisa, a fim de que revejam a forma de trabalhar a língua com seus alunos. Com isso, não estamos sugerindo a negação das regras sintáticas, mas uma reflexão sobre o fato de que, tratando-se dos “erros” dos alunos, muitos deles não são aleatórios. Existe uma lógica por detrás dos equívocos cometidos que os professores precisam compreender, inclusive, para que as intervenções didáticas sejam coerentes com o dinamismo da língua.

2 A PONTUAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA: UMA VISÃO PANORÂMICA NO DECURSO DO TEMPO

“Pois tudo quanto, outrora, foi escrito para o nosso ensino foi escrito” (Rm. 15: 4a).

2.1 Gramática: considerações iniciais

Falar sobre pontuação, suas regras, funções não pode prescindir, ainda que brevemente, de uma apresentação/discussão relativa aos tipos de gramática e como cada uma concebe o funcionamento da língua. Costumeiramente, o termo “gramática” é concebido como sinônimo de sintaxe (MAGALHÃES; FONSECA, 2014). Entretanto, em “Gramática do português brasileiro”, Ataliba de Castilho (2010), ao tecer considerações sobre língua e gramática, apresenta pelo menos quatro teorias linguísticas a respeito do termo “gramática”, atrelando o seu conceito ao entendimento da concepção de língua.

A significação do termo gramática depende fundamentalmente do modo como se concebe a língua. Vejamos, em linhas gerais, a apresentação de cada uma dessas gramáticas feita por Castilho (2010):

- **gramática descritiva** conforme está implícito em sua nomenclatura, esta gramática objetiva descrever o “produto”, ou seja, os usos, a estrutura e o funcionamento da língua. Sem a preocupação de prescrever regras, ela interpreta a língua como uma “estrutura homogênea, composta por signos os quais se distribuem entre os níveis fonológico, morfológico e gramatical: “o enunciado é visto como um produto acabado, como um sistema que importa entrever por detrás dos diversos usos linguísticos concretos (CASTILHO, 2010, p. 44);
- **Gramática funcionalista:** a língua, nessa gramática é entendida como um processo estruturante, uma entidade dinâmica de interação social cujo estudo deve ocupar o interior do sistema de usos linguísticos nos contextos em que ocorrem (CASTILHO, 2010). Nesse sentido, “a pragmática é a moldura dentro da qual a semântica e sintaxe devem ser estudadas” (CASTILHO, 2010, p. 66);
- **Gramática histórica:** como já indica o nome, esta gramática é uma representação da história e evolução dos fatos da língua desde as suas bases. Nessa perspectiva, as teorias acerca da mudança linguística se classificam da

seguinte forma: i) comparatismo¹; ii) neogramaticismo², iii) estruturalismo³, iv) gerativismo⁴, v) variacionismo⁵ e vi) funcionalismo⁶.

- **Gramática prescritiva:** a ótica dessa gramática se pauta na língua como um conjunto de “usos bons”. O cerne dela é a variedade culta da língua, sendo apenas este o padrão considerado, em detrimento das suas variações. Nesse sentido os objetivos da gramática prescritiva são: ensinar a norma gramatical e a ortografia. É sob esse caráter normativo que as regras dos “bons usos” da língua se pautaram durante séculos reunindo desde os estudos da fonologia, morfologia, sintaxe, até a pontuação que se constitui como o foco deste estudo, considerando particularmente o uso da vírgula.

A compreensão dos modelos de gramática nos são importantes neste trabalho pois, a partir da compreensão das regras determinadas na gramática normativa, faremos a descrição do que, de fato, tem sido praticado com relação ao uso efetivo da vírgula nos mais variados gêneros textuais, a despeito das normas prescritas na gramática tradicional. Temos, por um lado, as normas e por outro, o uso. Nesse sentido, ao observarmos em nossos dados o descompasso entre as normas acerca dos sinais de pontuação – especificamente da vírgula – e a forma como eles são efetivamente empregados, entendemos que a norma⁷ pode ser vulnerável ao uso. Constataremos isso na análise dos dados sobre os usos não-convencionais de vírgulas, especialmente no tocante à separação de sujeitos longos dos seus predicados.

¹ Dá-se o nome comparatismo às pesquisas de gramática ou linguística comparada (DUBOIS *et al.*, 1973, p. 120);

² Segundo Faraco (2012), este foi um movimento ocorrido no século XIX em que os estudiosos das línguas relacionados à Universidade de Leipzig, na Alemanha, manifestaram-se contrários a certos pressupostos da Gramática Histórico-Comparativa praticada na época.

³ Propriedade que têm os fatos de uma língua de se concatenarem por meio de correlações e oposições constituindo uma rede de associações ou estrutura (CÂMARA JÚNIOR, 1986, p. 111);

⁴ Escola linguística que estabelece regras para gerar enunciações corretas e transformar enunciações mais simples em outras mais complexas;

⁵ Teoria que defende a variação como fenômeno no qual uma língua determinada não é jamais, numa época, num lugar, num grupo social dados, idêntica ao que ela é noutra época, em outro lugar e em outro grupo social;

⁶ Segundo Dubois *et al.* (1973), Doutrina cujo ponto central reside no conceito de dupla articulação. A primeira articulação em monemas intervém no plano da expressão e no plano do conteúdo; [...], a segunda só diz respeito ao plano da expressão.

⁷ Chama-se norma um sistema de instruções que definem o que deve ser escolhido entre os usos de uma dada língua se se quiser conformar a um certo ideal estético ou sociocultural. A norma, que implica a existência de usos proibidos, fornece seu objeto à gramática normativa (DUBOIS *et al.*, 1973, p. 435).

Historicamente, as gramáticas tradicionais definem os sinais de pontuação como tentativas de representar as pausas, o ritmo, as melodias da fala e a entonação. As diversas justificativas quanto ao uso dos sinais de pontuação não são, em sua maioria, unânimes. As possibilidades apresentadas nas gramáticas tradicionais abrangem especialmente a sintaxe, mas correlacionam também, de alguma forma, o emprego da pontuação às tentativas de representar o ritmo, as melodias da fala, a entonações, pausas para respirar, além de outras questões curiosas e particulares como veremos na gramática de Silveira Bueno (1968).

O surgimento da imprensa de Gutenberg no Século XV trouxe consigo a necessidade de padronização da escrita e, por conseguinte, tornou-se também necessária a implementação “do uso de um sistema de pontuação estável, com sinais e regras mais definidos” (YANO, 2020, p. 3). Entretanto, essa sistematização em Língua Portuguesa não ocorreu de imediato. Tomando por referência a primeira gramática da Língua Portuguesa de Fernão de Oliveira publicada em 1536, não encontramos nela menção à pontuação o que viria a acontecer paulatinamente a partir de João de Barros (1540).

Dessa forma, a fim de verificarmos o modo como se deu a implementação das regras de pontuação, assim como as múltiplas funções a ela atribuídas, julgamos importante analisar panoramicamente algumas gramáticas e manuais de ortografia encontrados desde o século XVI até os dias atuais objetivando compreender como as regras de pontuação, principalmente no que se refere às vírgulas, foram agregadas aos manuais gramaticais e ensinadas ao longo do tempo. Revisitar a evolução histórica por meio do cotejo diacrônico⁸ entre gramáticas nos será útil no sentido de procurar compreender o uso dos sinais de pontuação, especialmente do emprego vírgula no atual contexto de escrita em que estamos inseridos.

Apresentaremos, na Seção 3, obras históricas que nos servirão de apoio para a melhor compreensão dos mecanismos sobre o uso da vírgula utilizados ao longo do tempo.

2.2 Pontuação: a questão da vírgula no Século XVI

No Século XVI, há, ao menos, três importantes obras gramaticais que merecem a nossa atenção, dado o pioneirismo que elas representam na constituição da norma gramatical da língua portuguesa e, por esta razão, as apresentaremos a seguir. São elas: *Grammatica da lingoagem portuguesa* de Fernão de Oliveira (1536); *Grammatica da língua portuguesa* de

⁸ São qualificados como diacrônicos todos os fatos considerados elementos ou fatores de um sistema em curso de evolução [...] (DUBOIS, 1973).

João de Barros (1540) e a *Ortographia da Lingoa Portuguesa* de Duarte Nunes de Lião (1576).

A primeira gramática a ser apresentada é também a primeira obra gramatical em Língua Portuguesa de que se tem conhecimento: “*Grammatica da lingoagem portuguesa*” de Fernão de Oliveira (1536), conforme veremos a seguir.

2.2.1 *Grammatica da lingoagem portuguesa* – Fernão de Oliveira (1536)

Reconhecida como a primeira notação da Língua Portuguesa, a *Grammatica da lingoagem portuguesa* de Fernão de Oliveira (1536) foi, por ele, dedicada ao Mui Magnífico Senhor nobre fidalgo, o Don Fernando D’ Almada, herdeiro do Capitão Geral de Portugal, D’ Antão de Almada (OLIVEIRA, 1536), conforme dedicatória registrada na primeira página do livro. A Figura 1 é a imagem da folha de rosto da referida obra gramatical.

Figura 1 – Folha de rosto da *Grammatica da lingoagem portuguesa*

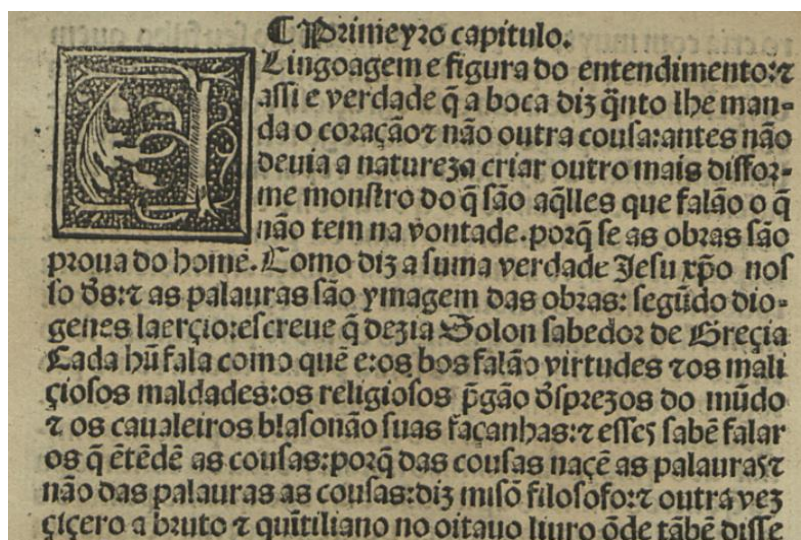


Fonte: <https://purl.pt/369/1/ficha-obra-gramatica.html>

Publicada em Lisboa no ano de 1536, a “*Grammatica da lingoagem portuguesa*”, de autoria de Fernão de Oliveira, é a primeira gramática em língua portuguesa de que se tem

conhecimento. Dos cinquenta capítulos em que obra se divide, vinte e quatro são dedicados ao estudo da fonética e ortografia, treze capítulos à lexicologia, seis à morfologia e um pequeno capítulo à sintaxe. No último capítulo, o autor faz o posfácio em que apresenta uma reflexão sobre a obra. Não encontramos, assim, qualquer referência ao uso dos sinais de pontuação.

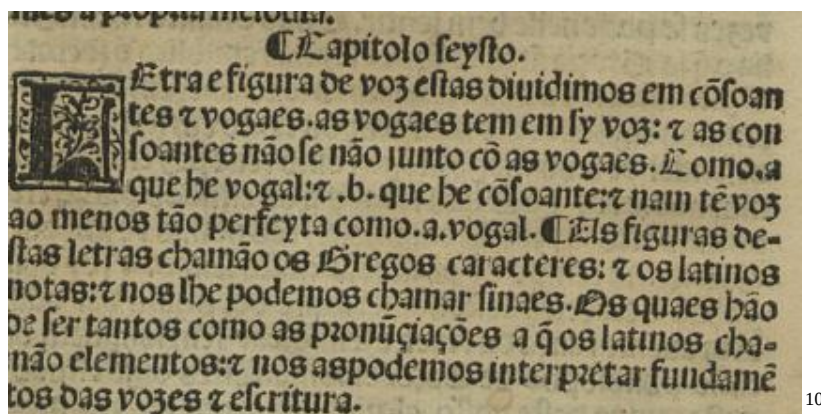
Figura 2 – Primeiro capítulo Texto marcado com ponto e dois pontos



Fonte: <https://purl.pt/369/1/ficha-obra-gramatica.html>.

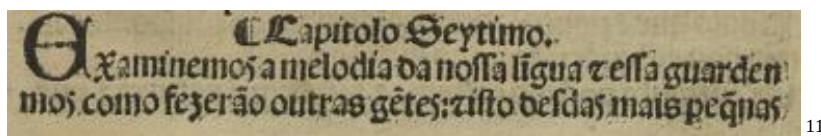
A exemplo do que podemos observar nesta Figura, a pontuação encontrada nos textos desta gramática basicamente se resume ao ponto e dois pontos. Embora os textos sejam marcados com ponto e dois pontos, não há menção a regras sobre o uso destes ou de outros sinais. No entanto, algo que nos chama atenção nesta gramática é a relação que o autor faz entre a oralidade e escrita colocando esta última como representação da primeira, como se verifica na Figura 3.

⁹ “Linguagem é figura do entendimento: assim é verdade que a boca diz quanto lhe manda o coração não outra coisa: antes não devia a natureza criar aqueles que falam o que não tem vontade [...]. Como se diz a suma verdade: as palavras são imagem das obras [...]. Os bons falam virtudes e os mafiosos, maldades [...]”.

Figura 3 – Sobre a representação da voz na fala

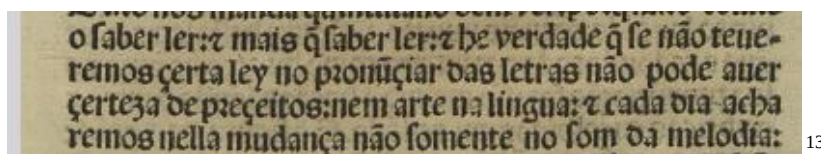
Fonte: <https://purl.pt/369/1/ficha-obra-gramatica.html>.

No capítulo sexto, o autor inicia afirmando que “Letra é figura de voz. [...] E nós lhe podemos chamar sinais. Os quais hão de ser tantos como as pronunciações [...]; e nós as podemos interpretar fundamentos das vozes e escriptura” (OLIVEIRA, 1536, s/p).

Figura 4 – Sobre a melodia da língua

Fonte: <https://purl.pt/369/1/ficha-obra-gramatica.html>.

“Examinemos a melodia da língua e essa guardemos” (OLIVEIRA, 1536, s/p), adverte o autor sobre a importância de se preservar a “melodia da língua”, segundo mostra a Figura 4. Esse olhar para a melodia da língua aponta para a prosódia¹² e sua influência na escrita.

Figura 5 – Sobre a pronúncia e sua relação com as letras

¹⁰ Letra é a figura da voz. Esta dividimos em consoantes e vogais. As vogais têm em si voz e as consoantes não tem a não ser se pronunciadas junto com as vogais. As figuras das letras são chamadas elos gregos de caracteres e os latinos lhes chamam de notas, nós podemos chamar de sinais, os quais hão de ser tantos como as pronunciações e os interpretamos como vozes da escriptura (OLIVEIRA, 1536, s/p).

¹¹ “Examinemos a melodia da língua e essa guardemos como fizeram outras gentes desde as menores” (OLIVEIRA, 1536, s/p, tradução própria).

¹² Sobre o termo prosódia, vide Seção 4 desta tese.

Fonte: <https://purl.pt/369/1/ficha-obra-gramatica.html>.

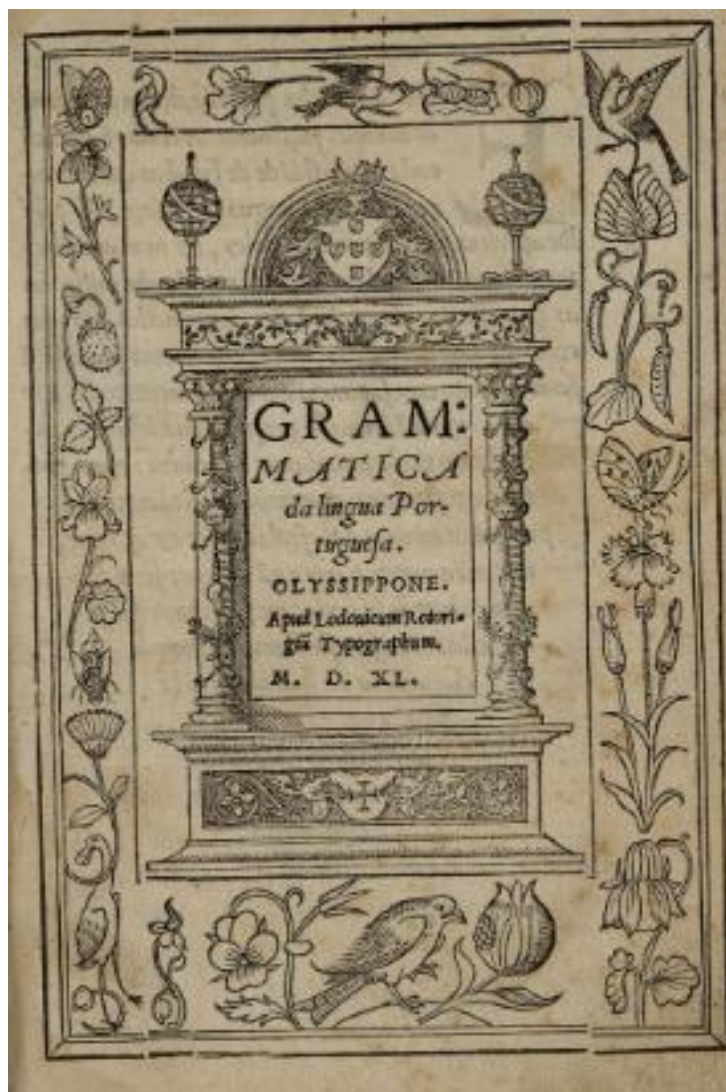
Neste fragmento, o autor aponta a necessidade de uma lei que organize e padronize a pronúncia pois, segundo ele, sem essa lei, a língua ficaria suscetível a mudanças que comprometeriam não só a sua “melodia” como também os significados das vozes (OLIVEIRA, 1536, p. 21).

2.2.2 A Gramática da Língua Portuguesa – João de Barros (1540)

A Gramática de João de Barros publicada em 1540 se constitui, ao lado da Gramática de Fernão de Oliveira (1536), como uma importante obra de estudo e fonte de pesquisa pois nos traz descrições gramaticais significativas da língua portuguesa.

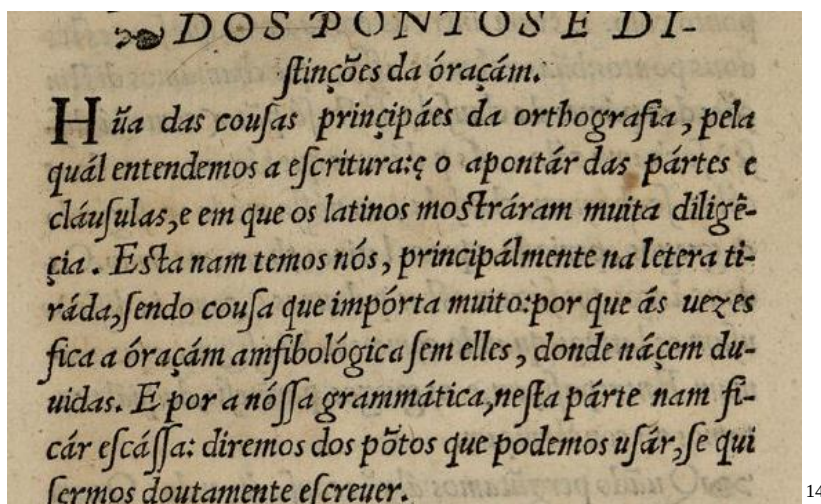
¹³ O saber ler, mais que saber ler, é verdade que se não tivermos certa lei no pronunciar das letras, não pode haver certeza de preceitos nem arte na língua, cada dia acharemos nela mudanças não somente no tom da melodia[...] (OLIVEIRA, 1536, s/p).

Figura 6 – Folha de rosto da *Gramática da Língua Portuguesa*



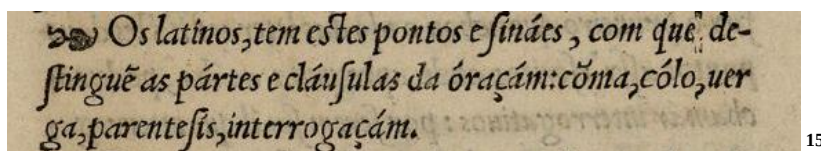
Fonte: <https://purl.pt/12148>.

A Gramática é constituída de quatro partes, a saber: Ortografia, Prosódia (sílabas, acento), Etimologia (classificação e flexão das palavras) e Sintaxe (construção das partes do discurso, regência, concordância). Também são apresentadas as figuras de linguagem e seus usos. Diferente de Fernão de Oliveira, ao final da gramática, o autor retoma um estudo detalhado de ortografia, inserindo nesta seção, uma apresentação das formas de uso da pontuação sob o subtítulo: “Dos pontos e distinções da oração”. Conforme já nos antecipa o subtítulo, João de Barros apresenta brevemente as pausas da escrita relacionando-as à sintaxe. Vejamos a Figura 7:

Figura 7 – Dos pontos e distinções da oração

Fonte: <https://purl.pt/12148>.

Nesta Figura, percebemos que o autor apresenta um dos principais objetivos da ortografia que, segundo ele, é o apontar das partes e das cláusulas e adverte o leitor para a importância de saber sinalizar tais partes para evitar dúvidas no entendimento do texto. Nesse sentido, ele apresenta os pontos que se devem usar para que se escreva de forma erudita. Na Figura 8, que é a continuação do texto anterior, o autor especifica quais são os pontos.

Figura 8 – Continuação da página anterior

Fonte: <https://purl.pt/12148>.

A principal função atribuída à pontuação, segundo Barros (1540) é a divisão da oração em partes. Os sinais por ele apresentados são: cōma (:), cólo (.), uergas (,), além dos parênteses () e interrogação (?) os quais foram sintetizados no quadro abaixo. Aqui o autor já apresenta o uso da pontuação de forma definida fincando sua base na sintaxe. Vejamos:

¹⁴ “Uma das coisas principais da ortografia, pela qual entendemos a escritura e o apontar das partes e cláusulas, e em que os latinos mostraram muita diligência. Esta não temos nós [...], sendo coisa que importa muito: porque às vezes fica a oração anfibológica sem eles, de onde nascem dúvidas. E, para a nossa gramática não ficar escassa, diremos dos pontos que podemos usas, se quisermos doutamente escrever” (BARROS, 1540).

¹⁵ Os latinos tem estes pontos e sinais com que distinguem as partes e cláusulas das oração: coma, colo, verga, parênteses, interrogação (BARROS, 1540).

Quadro 1 – Síntese das orientações pontuacionais da Grammatica da Lingua Portugueza –

1540

Pontuação em João de Barros (1540)	
Definição da pontuação	“Uma das coisas principais da ortografia pela qual entendemos a escritura e o apontar das partes e clausulas” (p. 101)
côma	“cortadura: por que ali se corta a clausula em duas partes [...] mas não fica o entendimento satisfeito [...]” (p. 101 e 102)
cólo	“e o termo ou marco em que se acaba a cláusula [...] a oração fica perfeita e rematada com este ponto (p. 101, 102)
uergas	“São umas distinções das partes da clausula” (p. 101)
parênteses	“usam os latinos quando cometem uma figura a que chamam Interposição (p. 102)
interrogação	“Quando perguntamos alguma coisa [...] Estes dois pontos assim escritos onde a pergunta acaba, podemos chamar interrogativos [...]” (p. 102)

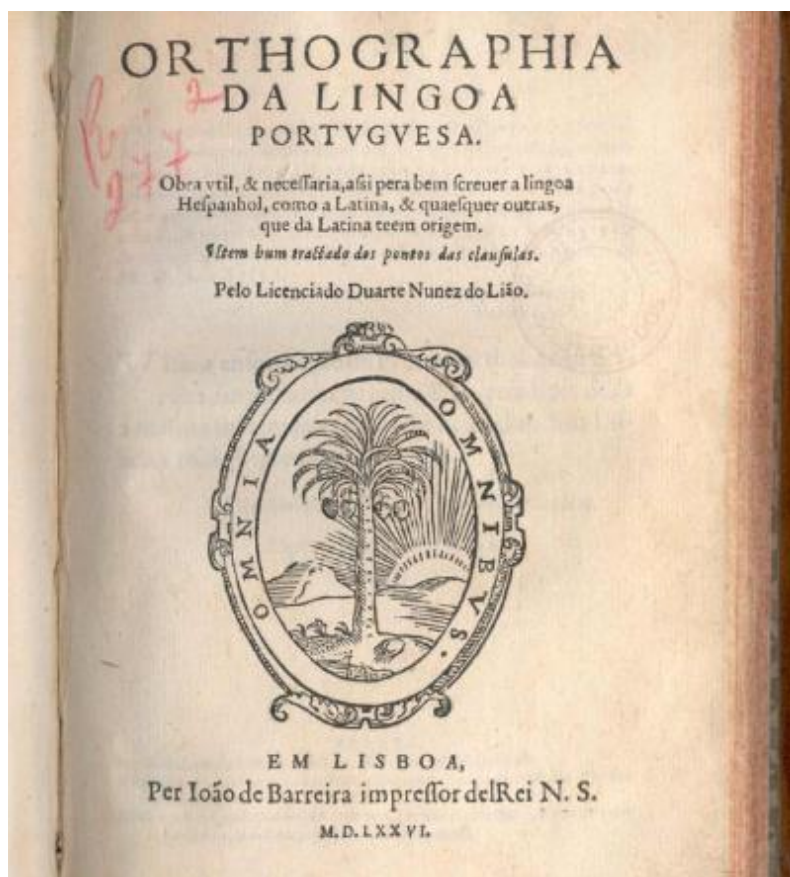
Fonte: Elaboração própria.

Conforme verificamos no Quadro 1, os conceitos atribuídos a cada sinal de pontuação nesta gramática quinhentista ainda são incipientes e as regras não estão suficientemente sistematizadas. A função da vírgula, por exemplo, se resume em dividir as partes do período (BARROS, 1540). Entretanto, ao enquadrar a pontuação no nível oracional, Barros (1540) aponta a sintaxe como sendo a base do seu emprego. Ele afirma que uma das funções ordinárias dos sinais de pontuação seria a resolução de ambiguidades as quais são passíveis de ocorrer quando a pontuação não é empregada. Não verificamos, portanto, referência extra sintática ao emprego dos sinais de pontuação na gramática de João de Barros (1540).

Seguimos com a apresentação da *Orthographia da Lingoa Portuguesa* do autor Duarte Nuniz de Lião (1576) a fim de verificarmos a conduta adotada por este autor quanto ao emprego dos sinais de pontuação.

2.2.3 Orthographia da Lingoa Portuguesa Duarte Nuniz de Lião (1576)

Figura 9 – Folha de rosto do livro Orthographia da Lingoa Portuguesa

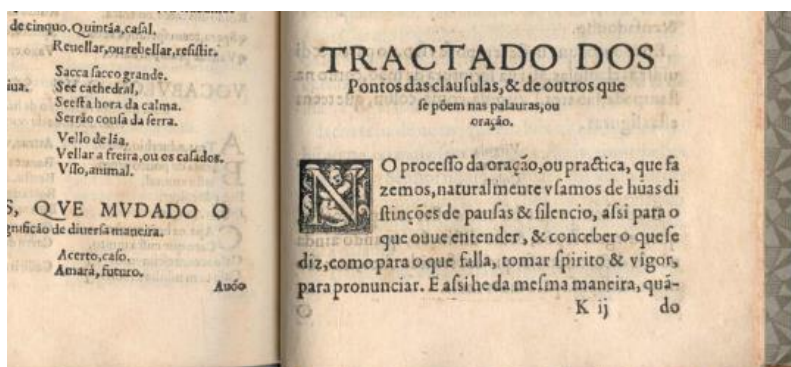


Fonte: <https://purl.pt/15>.

Integrando o pioneirismo dos estudos de ortografia em Língua portuguesa, ao lado de Fernão de Oliveira (1536) e João de Barros (1540), Duarte Nuniz de Lião publica, em 1576 a obra intitulada “Orthographia da Língua Portuguesa”. Com vinte e um capítulos, esta obra, segundo Assunção *et al.* (2019), foi um dos primeiros livros que se ocuparam de certo número de questões gramaticais do nosso idioma.

Veremos, na Figura 10, como o autor introduz o estudo dos sinais de pontuação.

Figura 10 – Sobre a apresentação da pontuação



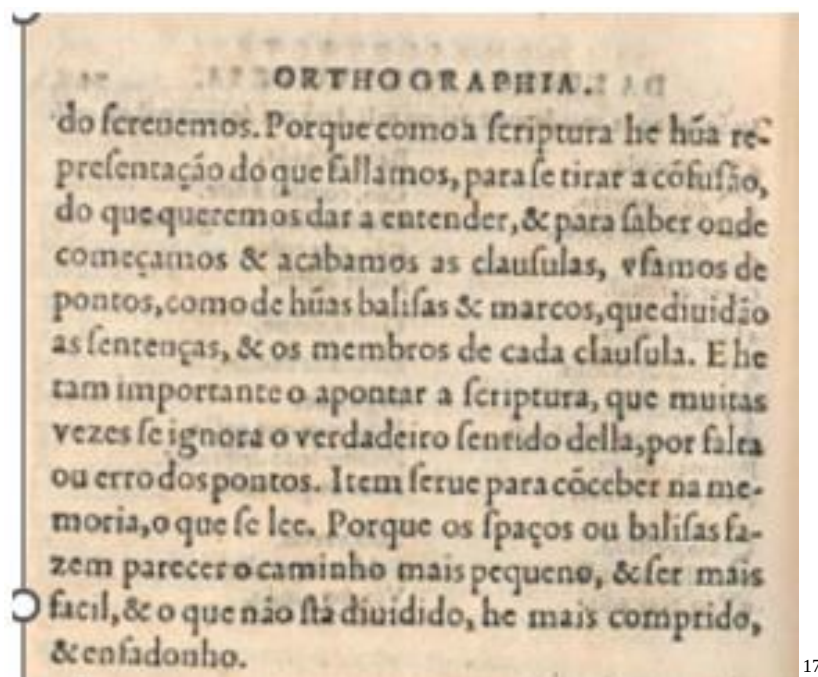
16

Fonte: <https://purl.pt/15>.

Neste fragmento observado na imagem, Lião (1576) atribui à pontuação duas funções, a saber: marcar pausas para que o ouvinte consiga entender o que está sendo lido e para que o leitor, em sua leitura oral, consiga recobrar o fôlego a fim de prosseguir com a sua leitura. Então, a pontuação é compreendida sob o ponto de vista semântico (sentido) e rítmico - fisiológico. Aqui já notamos uma clara associação da pontuação a um importante aspecto relacionado à oralidade que é o ritmo. O excerto demonstrado na Figura 11 é ainda mais incisivo quanto a esta questão:

¹⁶ No processo da oração ou prática que fazemos, naturalmente usamos de umas distinções de pausas e silêncio, tanto para o que ouve entender e conceber p que se diz como para o que fala tomar fôlego e vigor para pronunciar

Figura 11 – Sobre a necessidade da pontuação e sua vinculação com a oralidade



Fonte: <https://purl.pt/15>.

Nesta página, ratificando o que foi dito na introdução do capítulo denominado “Tratado dos pontos de clausula”, o autor concebe a escrita como uma representação da fala e, referindo-se à organização das orações, períodos e partes do texto falado (cláusulas), Lião (1576) novamente destaca a necessidade das pausas, tanto para que o ouvinte entenda o que se diz quanto para que o falante tome o fôlego necessário à continuidade do seu pronunciamento. Do mesmo modo, assim como na fala, deve acontecer no processo de escrita (LIÃO, 1576, s/p):

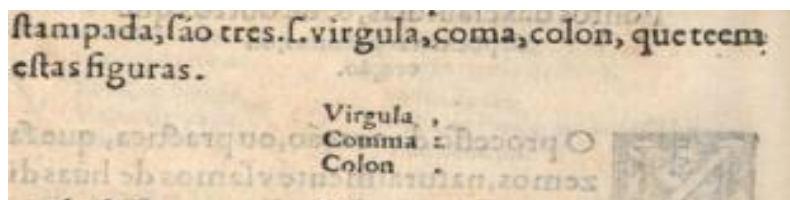
[...] porque como a escritura é uma representação do que falamos, para se tirar a confusão do que que queremos dar a entender, e para saber onde começamos e acabamos as clausulas, usamos de pontos, como de umas sinais e marcos que dividem as sentenças e os membros de cada clausula. E é tão importante o apontar a escritura, que muitas vezes se ignora o verdadeiro sentido dela, por falta ou erro de pontos. Item serve para conceber na memória o que se lê. Porque os espaços [...] fazem parecer o caminho mais

¹⁷ [...] porque como a escritura é uma representação do que falamos, para se tirar a confusão do que que queremos dar a entender, e para saber onde começamos e acabamos as clausulas, usamos de pontos, como de umas sinais e marcos que dividem as sentenças e os membros de cada clausula. E é tão importante o apontar a escritura, que muitas vezes se ignora o verdadeiro sentido dela, por falta ou erro de pontos. Item serve para conceber na memória o que se lê. Porque os espaços [...] fazem parecer o caminho mais pequeno, e ser mais fácil, e o que não está dividido, é mais comprido e enfadonho (LIÃO, 1576).

pequeno, e ser mais fácil, e o que não está dividido, é mais comprido e enfadonho (tradução e adaptação nossa).

Concebendo a escrita como uma representação da fala, o gramático atribui aos sinais de pontuação a função de delimitar as sentenças, dividindo-as em partes menores com a finalidade de evitar períodos extensos e enfadonhos, facilitando, desse modo, a compreensão do leitor. Em assim sendo, Lião (1576), com exceção da interrogação e dos parêntesis, apresenta em sua gramática os mesmos sinais apresentados por João de Barros (1540), mudando apenas o nome da vírgula que, em vez de verga, vírgula:

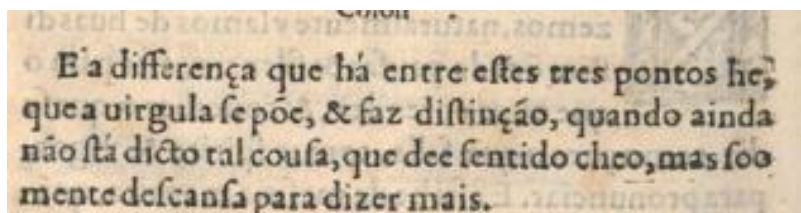
Figura 12 – Apresentação dos sinais de pontuação



Fonte: <https://purl.pt/15>.

No excerto exposto na Figura 12, os três sinais são, conforme vimos, vírgula, comma e colon. Na Figura 13, observamos o destaque que o autor confere à vírgula em relação aos outros sinais:

Figura 13 – Sobre a distinção dos sinais de pontuação



18

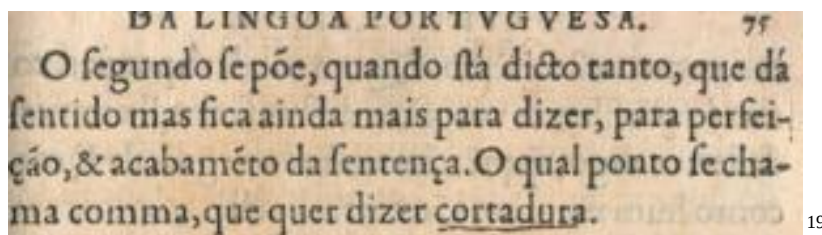
Fonte: <https://purl.pt/15>.

Nas palavras do autor, a vírgula é utilizada quando o dizer não está acabado, com sentido completo; ela representa um “descanso para se dizer mais”, conforme verificamos no fragmento da Figura 13.

A próxima Figura apresenta o segundo sinal, à época nomeado “comma” (:), hoje conhecido como dois pontos.

¹⁸ E a diferença que há entre estes três pontos é que a vírgula se põe e faz distinção quando ainda não está dito tal coisa que dê sentido cheio, mas somente descansa para dizer mais (LIÃO, 1576).

Figura 14 – Sobre o segundo sinal de pontuação (comma)

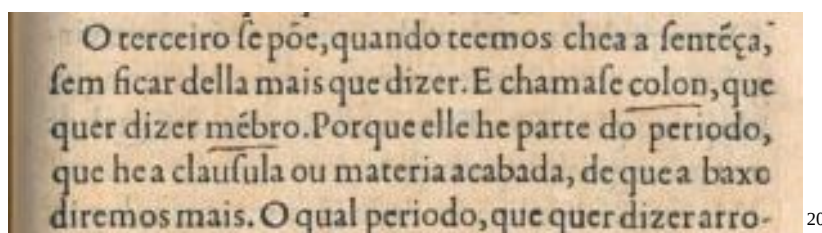


Fonte: <https://purl.pt/15>.

O Comma, (dois pontos) é utilizado em situações em que a sentença tem um sentido mais completo porém, havendo ainda algo a se dizer, como define o autor no texto da Figura 14.

Por último, a Figura 15 traz a regra do terceiro sinal, o colon, hoje conhecido como ponto:

Figura 15 – Sobre o terceiro sinal de pontuação (colon)



Fonte: <https://purl.pt/15>.

O sinal apresentado nesta Figura, colon (.), é o terceiro e último sinal evidenciado pelo autor. Na orientação dada, ele deve ser utilizado quando a sentença está com seu sentido acabado, isto é, não há mais o que se falar para completá-lo. Este sinal, segundo o Lião (1576), integra o período encerrando-o, por assim dizer. Veremos no Quadro a seguir uma síntese das orientações sobre o emprego de cada sinal conforme registrado pelo gramático.

¹⁹ O segundo se põe quando está dito tanto, que dá sentido, mas fica ainda mais para dizer, para perfeição e acabamento da sentença. O qual ponto se chama comma, que quer dizer cortadura (LIÃO, 1576).

²⁰ O terceiro se põe quando temos cheia a sentença, sem ficar dela mais que dizer. E chama-se colon, que quer dizer membro. Porque ele é parte do período que é a cláusula ou matéria acabada, de que abaixo, diremos mais (LIÃO, 1576).

Quadro 2 – Síntese das orientações pontuacionais da obra *Orthographia da Lingoa Portuguesa* Duarte Nuniz de Lião (1576)

Pontuação em Duarte Nuniz de Lião (1576)	
Definição da pontuação	“[...] como a escritura é uma representação do que falamos, para se tirar a confusão, do que queremos dar a entender, e para saber onde começamos e acabamos as cláusulas, usamos de pontos que dividem as sentenças e os membros de cada clausula” (LIÃO, 1576, tradução nossa).
Vírgula	“[...] a vírgula se põe e faz distinção quando ainda não há dito tal cousa, que dê sentido cheio, mas somente descansa para dizer mais” (LIÃO, 1576).
Comma	“[...] se põe quando está dito tanto, que dá sentido, mas fica ainda mais para dizer, para perfeição e acabamento da sentença. O qual ponto se chama comma, que quer dizer cortadura” (LIÃO, 1576, p. 75).
Colon	“[...] se põe quando temos cheia a sentença, sem ficar dela mais que dizer. E chama-se colon, que quer dizer membro. Porque ele é parte do período que é a cláusula ou matéria acabada, de que abaixo, diremos mais” (LIÃO, 1576, p. 75).

Fonte: Elaboração própria.

Estes são os sinais apresentados por Lião (1576) e suas respectivas funções. A vírgula representa a incompletude do que se quer dizer e, também, uma pausa para descanso da voz, da mesma forma como a define Barros (1540), no que se refere ao descanso da voz representado pela vírgula.

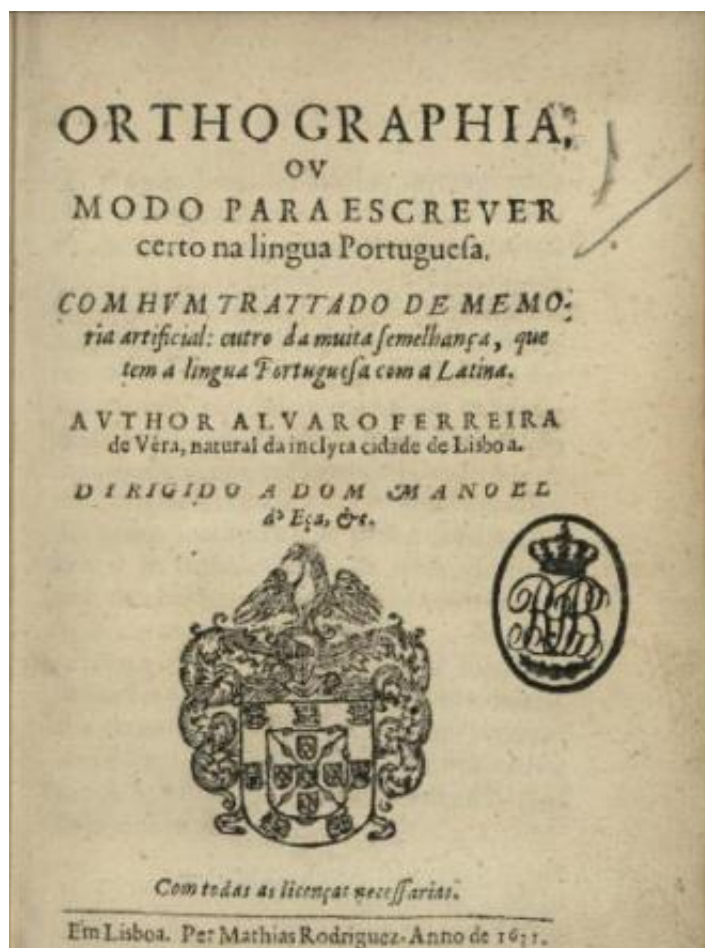
Segundo as definições dadas pelo autor, a pontuação está relacionada tanto à sintaxe, ou seja, à organização das orações e períodos, quanto à expressão de pausas realizadas na fala e que se manifestam na escrita. Contudo, assim, como verificamos em João de Barros (1540), as regras ainda são insipientes, especialmente no que concerne ao uso da vírgula.

2.3 Pontuação: a questão da vírgula no Século XVII

A obra gramatical representativa do Século XVII que apresentaremos nesta subseção é a *Orthographia ou modo para escrever certo na língua portuguesa* de Alvaro Ferreira de Vera (1631). Trata-se de um manual de ortografia que apresenta a pontuação de forma mais sistematizada se comparada às orientações encontradas nas obras do Séc. XVI. Vejamos:

2.3.1 Orthographia ou modo para escrever certo na língua portuguesa – Alvaro Ferreira de Vera (1631)

Figura 16 – Folha de rosto do livro *Orthographia ou modo para escrever certo na língua portuguesa*

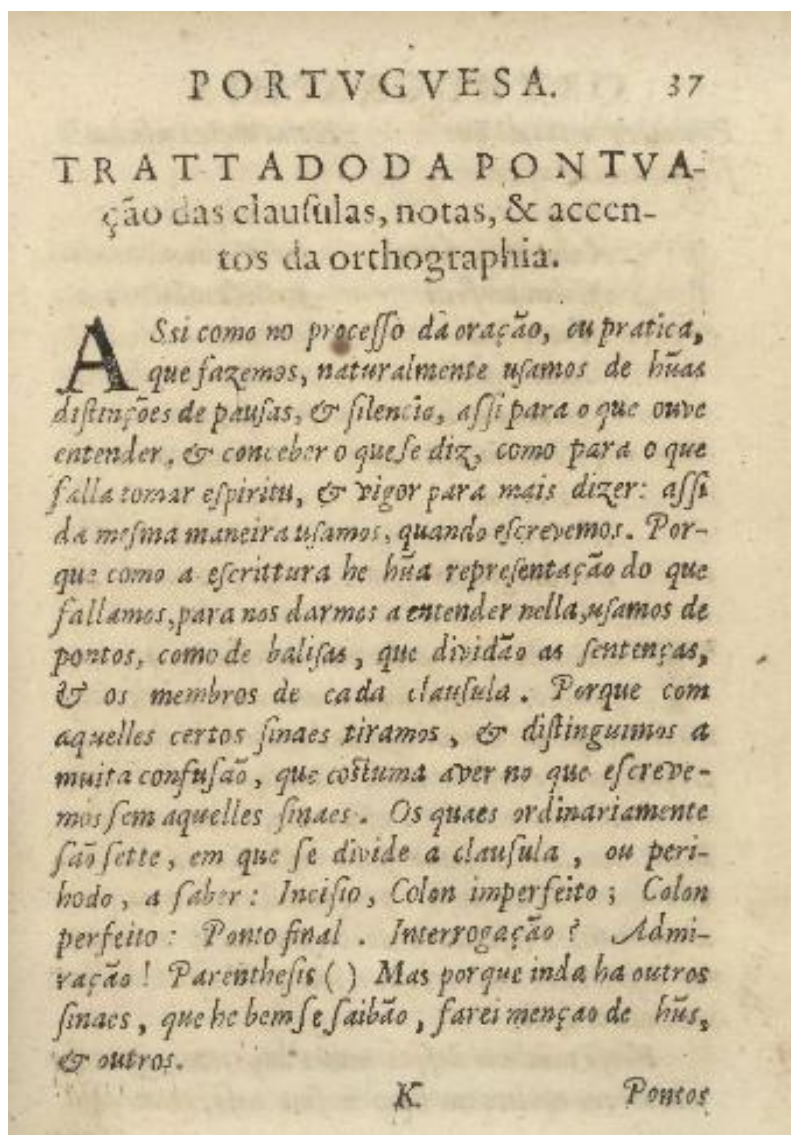


Fonte: <https://purl.pt/12/2/>.

O livro *Orthographia ou modo para escrever certo na língua portuguesa* de autoria de Álvaro Ferreira de Vera foi publicado em 1631 e apresenta o seu conteúdo dividido em dezesseis capítulos. Na obra, são apresentadas as regras referentes às letras e suas pronúncias, ditongos, sílabas (composição e separação), origem dos vocábulos, formação de palavras e, por último, o capítulo que se destina à pontuação é intitulado “Tratado dos pontos das cláusulas e de outros que se põem nas palavras ou oração” (LIÃO, 1576, p. 37), conforme verificaremos da Figura 17. Interessante perceber que, na referida obra, nenhum outro capítulo recebeu a denominação “TRATADO”, a não ser o da pontuação. Os subtítulos dos demais capítulos aparecem como, por exemplo: “Das letras e sua divisão, pronúncia”; “Dos ditongos da Língua Portuguesa” etc..

Na consulta realizada a este livro, observamos um maior detalhamento nas explicações dadas sobre o emprego dos sinais, assim como a preocupação em sistematizar as regras, como podemos verificar na Figura 17.

Figura 17 – Sobre o Tratado da pontuação da clausulas



21

Fonte: <https://purl.pt/12/2/>.

²¹ “Assim como no processo da oração ou prática que fazemos, naturalmente usamos de umas distinções de pausas e silêncio, tanto para o que ouve entender e conceber p que se diz como para o que fala tomar fôlego e vigor para mais dizer, assim da mesma maneira usamos quando escrevemos, poruqe a escrita é uma representação do que falamos. Para nos darmos a entender para nos darmos a entender nela, usamos de pontos, como de sinais que dividem as sentenças e os membros de cada clausula porque com aqueles sinais tiramos muita confusão que costuma haver no que escrevemos sem aqueles sinais, os quais ordinariamente são sete em que divide a cláusula ou período, a saber: Incisio (.), Colon imperfecto (;) Colon perfecto (:) Ponto final (.); Interrogação (?) Admiração (!) Parenthesis” (VERA, 1631, p. 37).

Neste manual de gramática, os sinais ordinários, como diz o autor, “são sete, em que se divide a clausula ou período, a saber: Incisio (,), Colon imperfeito (;) Colon perfeito (:); Ponto final (.); Interrogação (?) Admiração (!) Parênteses ()” (VERA, 1631). O autor apresenta uma lista maior dos sinais de pontuação introduzindo orientações mais específicas em relação às gramáticas anteriormente apresentadas. Também observamos que as regras se ampliam de forma mais sistematizada conforme sua exposição no Quadro 3.

Ressaltamos que, a partir do Quadro 3, serão apresentados os sinais mais utilizados nos textos em geral, dentre os quais destacaremos o emprego da vírgula, por ser ela o foco deste trabalho.

Quadro 3 – Síntese das orientações pontuacionais da obra “Orthographia ou modo para escrever certo na língua portuguesa”

Pontuação em Alvaro Ferreira de Vera (1631)	
Definição da pontuação	“Assi como no processo da oração, ou prática, que fazemos, naturalmente usamos de umas distinções de pausas, & silencio, assim para o que ouve entender, e conceber o que se diz, como para o que fala tomar espírito e vigor para mais dizer: assim da mesma maneira usamos, quando escrevemos. Por que como a escritura é uma representação do que falamos, para nos darmos a entender nela, usamos de pontos, como de sinais, que dividem as sentenças e os membros de cada cláusula” (VERA, 1631, p. 37).
Vírgula	“Esta varinha, se diz Virgula, Coma, Inciso, Meio ponto. Della usamos para distinção do escrito & respiração do que lê: porque nela descansa para dizer mais. Põe-se antes de conjunção, & relativo, e depois de cada verbo com seus casos, que é no fim de cada oração. Põe-se também depois nomes adjetivos. Também se põe entre substantivos, E põe-se outro si depois verbos simples sem algum caso, que rejam, como se vê neste exemplo: Pequei imaginando, falando, obrando. O mais comum é (como fica dito) depois de cada verbo com seus casos, distinguindo uma oração da outra” (VERA, 1631, p. 37-38).
Ponto e vírgula	“Da virgula e ponto (aqui chamamos Colon, ou Membro imperfeito) usamos, quando fecha sentença imperfeita, com se vê neste exemplo: Ignorei no princípio; mas agora alcanço, que virgula e ponto se põe entre palavras, & sentenças contrarias; como carregar; descarregar: alegrar, entristecer. Assi que usaremos da virgula e ponto onde não basta virgula, nem tampouco convém dois pontos” (VERA, 1631, p. 38).
Dois pontos	“De dois pontos (a que se diz Colon perfeito) usamos, quando temos cheia a sentença, sem ficar mais, que dizer. Polo que se chama Colon perfeito, que quer dizer Membro: porque ele é parte do período, que é a clausula, ou matéria acabada. Assi que é diferente de ponto, & virgula, que deixa suspenso o sentido (por não estar dito tanto, que baste) até ouvir a partícula indeclinável, ou relativa, que se segue. Usamos também de dois pontos quando na pratica, que fazemos, referimos palavras de outrem. Também usamos de dois pontos, quando convertemos as palavras de alguém; como se vê neste exemplo: Direi ao que me mal disser: Uiva embora como lobo; mas não me mordas

Pontuação em Alvaro Ferreira de Vera (1631)	
	como cão” (VERA, 1631, p. 38-39).
Ponto final	“Ponto final se põe no fim da razão, ou sentença, quando está de todo concluída, & não deixa suspenso o sentido. Assi que tem pouco que dizer, pois fecha sentença perfeita, que se diz Período, Círculo, Clausula. Depois dele sempre se começa com letra capital” (VERA, 1631, p. 39).
Interrogação	“Do final interrogativo usamos sempre que perguntamos alguma cousa” (VERA, 1631, p. 39).
Exclamação	Da nota de admiração usamos no fim da clausula, que pronunciamos com algum espanto, ou Indignação” (VERA, 1631, p. 39).

Fonte: Elaboração própria.

A definição de pontuação que o autor Álvaro de Vera (1631) traz em seu manual de ortografia, conforme apresentado no Quadro 3, aproxima-se, de certa forma, ao conceito apresentado por Duarte Lião com a diferença de que Vera (1631) indica haver sete sinais cujas normas de uso encontram-se melhor esclarecidas uma vez que são apresentadas de forma mais ampla, definida e organizada se comparadas às normas registradas nas obras quinhentistas de João de Barros e Nuniz de Lião.

Sobre a vírgula, também chamada de “varinha” ou “meio ponto”, constituem-se como suas regras de uso as seguintes: a) como pausa para respiração; b) antes de conjunção, relativo e depois de cada verbo com seus casos, ao final de cada oração; c) após nomes adjetivos; d) entre substantivos; d) ente orações distinguindo-as. Estas regras direcionam, especialmente, o emprego da vírgula para a sintaxe de forma mais incisiva.

Ao analisarmos as orientações sobre os demais sinalizadores expostos no Quadro 3, observamos que, nesta gramática, é também atribuída à pontuação uma função semântica uma vez que, além de se constituir como pausas para respiração, o emprego dos seus sinais favorece uma melhor compreensão do que é lido. Dessa forma, além da função sintática, adotada por João de Barros em 1540, encontramos também as funções semântica e rítmica, defendidas por Nuniz de Lião (1576).

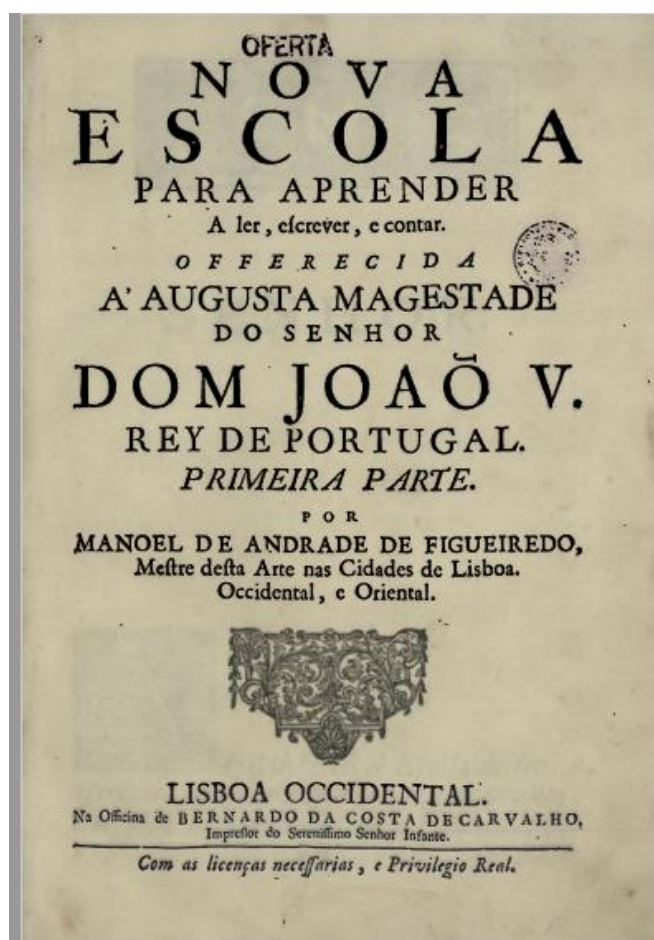
É importante ressaltar que realizamos consultas em outras obras ortográficas e gramaticais do período seiscentistas e não encontramos mudanças significativas quanto ao emprego dos sinais de pontuação, razão por que não as apresentaremos aqui. As obras consultadas foram: *Curiosas advertências da boa grammatica* de Bartholomeu Rodriguez Chorro (1643); *Regras Geraes, breves, e comprehensivas da melhor ortografia, com que se podem evitar erros no escrever da língua latina, e portuguesa* de Bento Pereira (1666); *Ortografia da língua portuguesa* de Franco Barreto (1671).

2.4 Pontuação: a questão da vírgula no Século XVIII

Para representar o Séc. XVIII, as obras selecionadas foram: *Nova Escola para aprender a ler, escrever, e contar* do autor Manuel de Andrade de Figueiredo (1722) e o *Compendio de Orthographia* de Luis Monte Carmelo (1767). Ambas são obras de referência usadas no ensino e estudo setecentista da língua portuguesa.

2.4.1 *Nova Escola para aprender a ler, escrever, e contar* - Manuel de Andrade de Figueiredo (1722)

Figura 18 – Folha de rosto do livro *Nova Escola para aprender a ler, escrever, e contar*



Fonte: https://purl.pt/107/4/res-3075-a_PDF.

A obra de Manoel de Andrade de Figueiredo publicada em 1722 é dividida em quatro Tratados. O primeiro destina-se a orientações aos pais e mestres sobre o ensino da língua portuguesa, entre outras questões como postura do aluno, higiene etc. O segundo Tratado tem

como foco o ensino da escrita, uso correto da pena e das pautas visando à aprendizagem da escrita. O Tratado terceiro apresenta todas as regras de ortografia da língua portuguesa. Nessa parte, encontram-se as regras da pontuação, juntamente com as orientações sobre os acentos. O último Tratado aplica-se a estudos básicos de matemática.

A síntese das regras de pontuação orientadas na referida gramática ou cartilha encontra-se no Quadro 4.

Quadro 4 – Síntese das orientações pontuacionais da obra *Nova Escola para aprender a ler, escrever, e contar*

Manuel de Andrade de Figueiredo (1722)	
Definição da pontuação	“Assim como no discurso da oração, ou pratica, que fazemos, naturalmente usamos de umas distinções de pausas, e silencio, assim para o que ouve entender, e conceber o que se diz, como para o que fala tomar espírito, e vigor para mais dizer: assim também da mesma maneira usamos, quando escrevemos. Porque como a escritura é uma representação, do que falamos, para nos darmos a entender, usamos dos sinais, que adiante mostro. Esta é a matéria das mais difíceis da Ortografia[...]” (FIGUEIREDO, 1722, p. 60).
Virgula	“usamos dela para distinção do escrito e respiração do que lê: porque nela descansa para dizer mais. Põe-se depois de cada verbo com seus casos a saber, no fim de cada oração, antes de conjunção, antes do relativo, depois de nomes adjetivos, entre substantivos. E põe-se outro depois de verbos simples sem algum caso, que rejam, como se vê neste exemplo: Pequei imaginando, falando, obrando. O mais comum é (como fica dito) depois de cada verbo com seus casos, distinguindo uma oração da outra” (FIGUEIREDO, 1722, p. 61).
Ponto e vírgula	“Do ponto, e vírgula usamos, quando fecha sentença imperfeita, v.g.: Ignorei no princípio; mas agora alcanço entre palavras, & sentenças contrarias; como carregar; descarregar: alegrar, entristecer. Assi que usaremos da virgula & ponto onde não basta virgula, nem também dois pontos” (FIGUEIREDO, 1722, p. 62).
Dois pontos	“usamos, quando temos cheia a sentença, sem ficar mais, que dizer: pelo que se chama <i>Colon perfeito</i> , por ser parte do período, que é a clausula, ou matéria acabada: assim que é diferente de ponto, e virgula, que deixa suspenso o sentido por não estar dito quanto baste até se ouvir a parte da sentença que se segue. Usamos também de dois pontos quando alegamos palavras de outro [...]” (FIGUEIREDO, 1722, p. 62).
Ponto final	“Ponto final se põe no fim da razão, ou sentença, quando está de todo acabada, e não deixa suspenso o sentido, no que não há que errar, pois fecha sentença perfeita, que se diz período, circulo, clausula; depois da qual sempre principiamos com letra grande” (FIGUEIREDO, 1722, p. 60).
Interrogação	“Do ponto, e interrogação usamos, quando perguntamos alguma cousa” (FIGUEIREDO, 1722, p. 63).
Exclamação	“Do ponto, e admiração usamos no fiam da clausula, que pronunciamos com espanto, ou indignação” (FIGUEIREDO, 1722 p. 63).

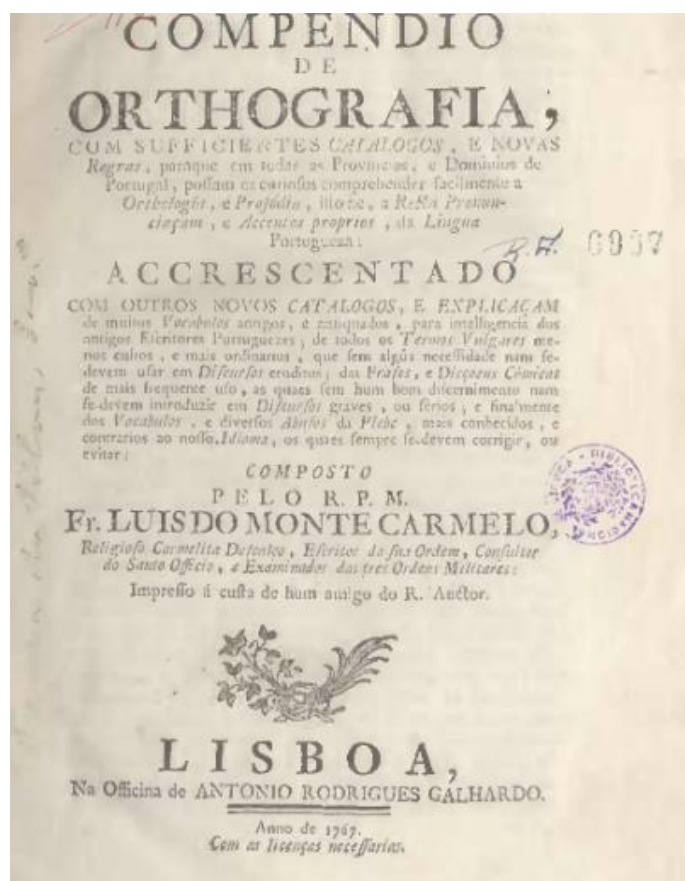
Fonte: Elaboração própria.

Associando a escrita como a representação da fala, esta gramática reproduz o conceito de pontuação interpretado por Alvaro Ferreira de Vera (1631) e não há mudanças no que se refere às suas regras. Neste manual ou cartilha, novamente, o conceito de pontuação é compreendido na perspectiva da oralidade, uma vez que o autor associa as pausas realizadas na escrita à semelhança do que ocorre na fala. Esta associação ocorre especialmente no que se refere à orientação sobre o emprego da vírgula. A despeito disso, o detalhamento das regras de cada sinal evidencia que é a sintaxe que as rege.

Assim, as normas sistematizadas por Figueiredo são praticamente as mesmas expostas na gramática seiscentista de Alvaro Ferreira de Vera (1631).

2.4.2 *Compendio de Orthografia Luis de Monte Carmelo (1767)*

Figura 19 – Folha de rosto do *Compendio de Orthografia*



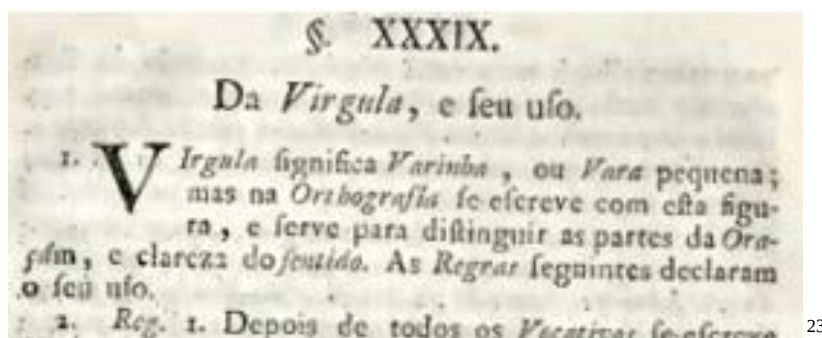
Fonte: <https://purl.pt/9>.

O Compêndio de Orthographia de autoria do Frei Luis de Monte Carmelo é uma obra densa com 771 páginas em cujo prólogo, o autor, dirigindo-se ao leitor, chama-lhe a atenção

para a importância da compreensão da Orthologia²² e Prosódia, dos acentos próprios da língua portuguesa a fim de que o idioma não se corrompa (CARMELO, 1767). Vale destacar que esta foi a primeira vez que encontramos o termo “prosódia” dentre as gramáticas pesquisadas neste trabalho.

A parte reservada à pontuação se inicia com as regras do emprego da vírgula, conforme demonstramos na Figura 20.

Figura 20 – Sobre a vírgula e seu uso



23

Fonte: <https://purl.pt/9>.

Conforme dissemos, a parte do Compêndio destinada à pontuação se inicia com as normas de uso da vírgula; não há nota introdutória com conceito de pontuação como nas outras gramáticas e manuais que analisamos. O autor, de forma direta, fala sobre a vírgula colocando-a a serviço da sintaxe sem aludir outras questões como pausas de respiração ou entonação conforme veremos no Quadro 5, juntamente com outros sinais:

Quadro 5 – Síntese das orientações pontuacionais do *Compendio de Orthografia*

Carmelo (1767)	
Definição da pontuação	Não há um conceito específico
Vírgula	Usa-se a vírgula de acordo com Carmelo: a) “depois de todos os vocativos; b) depois de vocábulos que se referem a um precedente, por exemplo: “O bom conselho, o discernimento prudente, e útil execução, são qualidades dos velhos, não velhos por idade, mas por maduro juízo.”, c) Antes dos advérbios conjuntivos ou disjuntivos ou assimilativos, por exemplo: “Os ambiciosos, e avaros sempre são pobres, e sempre padecem aflições, porque

²² Parte da gramática que se dedica ao estudo ou à análise da correção dos aspectos fonológicos, da pronúncia, baseando-se no uso culto da língua; sinônimo de ortoépia (DICIONÁRIO online de português).

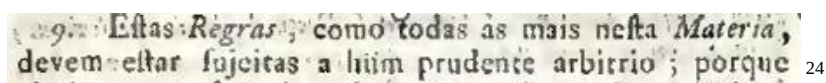
²³ “Vírgula significa varinha ou vara pequena, mas na ortografia se escreve com essa figura, e serve para distinguir as partes da oração e clareza de sentido. As regras seguintes declaram o seu uso [...]” (CARMELO, 1767, capítulo 39).

Carmelo (1767)	
Definição da pontuação	Não há um conceito específico
	nunca se contentam, com o que tem porque nunca se contentam, com o que tem, e necessitam de tudo, o que desejam. A fortuna (Dizia belamente Seneca.) brinca com as suas dádivas; porque tira, o que concedeu, e torna a dar, o que tirou.” d) Antes dos relativos que, a qual, as quais e suas variações; e) Antes de Orações conjuntivas, por exemplo: Deus quer, que todos se salvem, e conheçam a verdade. f) Depois de uma oração imperfeita e breve, seguida de uma perfeita oração perfeita, Exemplo: Se julgo a Lei, a Caridade tudo suaviza” (CARMELO, 1767, p. 452-453).
Ponto e vírgula	“costuma pôr-se depois de Orações imperfeitas, quando se seguem umas a outras, particularmente se são extensas, e diversas no Conceito; Também se-escreve Ponto, e Virgula antes de Orações diversificantes, ou causais, quando são breves; Antes dos Advérbios Mês, Porém, Porquê, Ainda que, Posto que, e Contudo se-poderá escrever Ponto, e Virgula, quando as Orações, que principiam com estes Advérbios, completam o sentido das precedentes. [...]. Também aqui advirto, que deve um bom Ortógrafo considerar, como na conversação familiar poderia dividir as Orações, ou explicar os seus conceitos, para que assim faça as divisões com boa Ortografia” (CARMELO, 1767, p. 454-455).
Dois Pontos.	“costumam pôr-se depois de algumas Orações imperfeitas, ou antes da perfeita, que completa o sentido de todas as precedentes; antes da Oração ou Sentença, que se-refere, ou alega, ainda que seja do mesmo Ortógrafo (CARMELO, 1767, p. 456-457).
Ponto final	“Costuma-se escrevê-lo depois de qualquer Oração, que causa perfeito sentido, ainda que se digam outras Orações ordenadas para concluir o Assumpto, ou Matéria, de que se trata, como pode constar deste Compendio, e facilmente percebe qualquer Ortógrafo. [...] Hum Ortógrafo prudente sempre ha de atentar para o estilo, método, e divisão, que falando se-costuma observar, para que assim escreva moderando estas Regras ordinárias” (CARMELO, 1767, p. 458-459).
Interrogação e exclamação	“Ponto interrogativo se-escreve assim ? e é final de pergunta. O admirativo é deste modo ! e se-escreve no fim da Clausula , ou Período, em que admirámos alguma coisa” (CARMELO, 1767, p. 459).

Fonte: Elaboração própria.

Destacando as regras referentes ao uso da vírgula, percebemos que esta gramática confere a ela um teor bem mais rigoroso do ponto de vista da normatização sintática. Excetuando-se a Gramática de João de Barros (1540), dentre as demais obras apresentadas acima, esta é a única que, no interior de suas regras, não atribui à vírgula a marcação de uma pausa para respiração ou de “descanso para se dizer mais” como vimos desde a gramática de Nuniz de Lião em 1576. Contudo, ao concluir a lista de regras sobre o emprego da vírgula, conforme nos mostra a Figura 21, Carmelo (1767, p. 453) adverte: “Estas regras, como todas as demais nesta Matéria, devem estar sujeitas a um prudente arbítrio.”

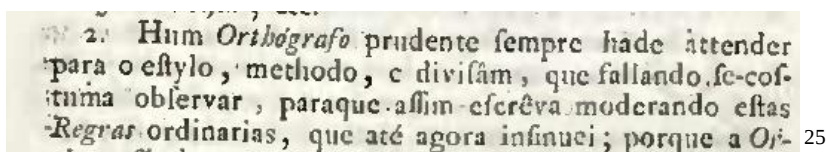
Figura 21 – Advertência sobre o emprego da vírgula



Fonte: <https://purl.pt/9>.

Na Figura 22, encontramos outra advertência em que o autor corrobora a anterior. Vejamos:

Figura 22 – Advertências e considerações



Fonte: <https://purl.pt/9>.

No fragmento retratado na Figura 22, o autor traz outra importante recomendação ao leitor quando afirma: “um ortógrafo prudente sempre há de atentar para o estilo, método e divisão que, falando, se costuma observar, para que assim escreva moderando essas regras ordinárias” (CARMELO, 1767, p. 453). Parafraseando as palavras de Carmelo, o que ele parece sugerir neste excerto é o seguinte: no processo de escrita, não obstante à ênfase na sintaxe dada pelo autor, as regras ordinárias (as sintáticas) podem ser moderadas pelo estilo e pausas realizados nos atos de fala.

Talvez, por essa razão é que o autor orienta que tais normas, como todas as demais apresentadas em sua obra, devam se sujeitar a um “prudente arbítrio” por parte de quem escreve (CARMELO, 1767). Tal asserção, de certa forma, admite, ainda que timidamente, a participação da fala na marcação dos sinais de pontuação, a despeito de todo o rigor sintático-normativo encontrado neste compêndio de ortografia.

2.5 Pontuação: a questão da vírgula no século XIX

Nesta subseção, destacamos três importantes obras publicadas no Séc. XIX, quais sejam: o *Compêndio da Grammatica Portuguesa* de Antônio da Costa Duarte (1829); o

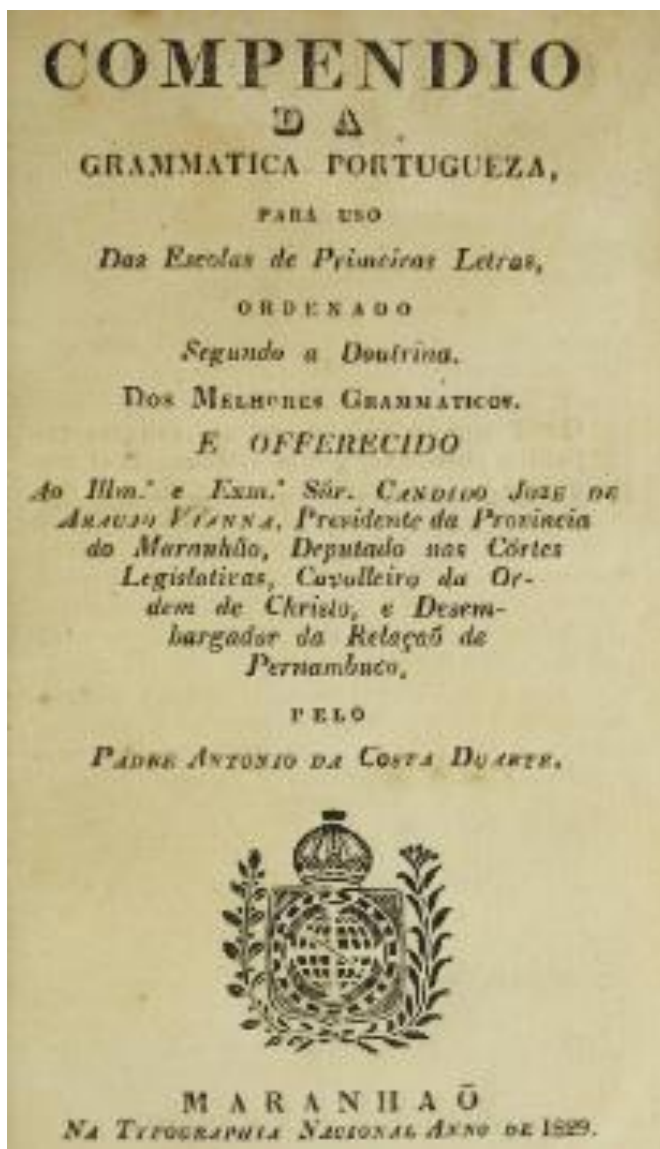
²⁴ “Estas regras, como todas as demais nesta Matéria, devem estar sujeitas a um prudente arbítrio” (CARMELO, 1767, p. 453).

²⁵ “Um ortógrafo prudente sempre há de atentar para o estilo, método e divisão que, falando, se costuma observar, para que assim escreva moderando essas regras ordinárias” (CARMELO, 1767, p. 458).

Método Castilho para o ensino rápido e aprasivel do ler impresso, manuscrito e numeração e do escrever do autor Francisco Alves da Silva Castilho (1853) e *Grammatica Portugueza* de Julio Ribeiro (1885). Começamos seguindo a ordem de publicação.

2.5.1 *Compêndio da Grammatica Portugueza* – Antônio da Costa Duarte (1829)

Figura 23 – Folha de rosto do *Compêndio da Grammatica Portugueza*



Fonte: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7590>.

O *Compêndio da Grammatica Portugueza*, do padre Antônio da Costa Duarte é considerado o primeiro livro de gramática de cunho filosófico publicado no Brasil. Segundo Leite (2018), a gramática teve seis edições, publicadas entre os anos 1829 e 1877. Ao confrontar as edições, a autora revela que a gramática sofreu mudanças ao longo do tempo, a

começar pelo seu título que foi modificado nas edições seguintes para *Compendio da Grammatica philosophica portugueza*. Leite (2018) revela ainda que houve algumas outras modificações referentes ao conceito de oração e proposição, conceito de verbo, interjeição etc.

Diante das alterações apontadas no estudo de Leite (2018), achamos importante analisar a última edição publicada em 1877 em cotejo com primeira edição e não encontramos alterações no tocante às orientações dadas pelo autor sobre a pontuação. O Quadro 6 que se segue expõe, sinteticamente, as regras pontuacionais evidenciadas por Duarte (1829).

Quadro 6 – Síntese das orientações pontuacionais do *Compêndio da Grammatica Portugueza*
– Antônio da Costa Duarte (1829)

Antônio da Costa Duarte (1829)	
Definição da pontuação	“Pontuação é a arte de distinguir na escritura as diferentes partes do discurso, por meio de certos sinais, adoptados para isso, a fim de por eles se regular a cadencia da voz” (DUARTE, 1829, p. 94).
Vírgula	“Devem ter vírgula: depois de si todos os sujeitos de um mesmo verbo, todos os verbos de um mesmo sujeito, todos os atributos, toda a oração que não rege a seguinte, nem é por ela modificada, e bem assim todos os adjetivos e substantivos continuados; toda a oração encravada, isto é, metida no meio de outra sem a modificar, e também os vocativos, e as orações circunstanciais que não são pedidas pela significação de outra palavra. Quando a mesma palavra tem muitos complementos, ponha-se vírgula no fim de cada um, como: Pedro estudou Gramática, Filosofia, e Retórica. Na construção transposta, as palavras que se metem no meio das que deviam estar unidas, devem ter no fim uma vírgula, exceto quando a interrupção é produzida por uma só palavra, ou por uma muito breve circunstância. Antes das conjunções e, nem, ou, como, que, e outras semelhantes, só se põe vírgula, quando as palavras e orações que elas atam, excedem a medida de uma pausa ordinária; quando porém as palavras e orações são curtas e simples, as mesmas conjunções suprem as vírgulas, que dividirão os diferentes sentidos parciais. Duas proposições totais incomplexas devem ser apartadas só com vírgula, como: Se não tivéssemos defeitos, não gostaríamos tanto de os notar nos outros” (DUARTE, 1829, p. 95).
Ponto e Vírgula	“deve ser apartadas com ponto e vírgula duas proposições totais, dependentes uma da outra, e compostas de várias orações parciais; e assim cada proposição total ficará com as parciais que lhe pertencem. Também se usa de ponto e vírgula, quando se faz enumeração de muitas cousas opostas ou diferentes, que se vão contando ou comparando duas a duas, como: Não havia uma lei em Roma, outra em Atenas; uma hoje, outra amanhã. Se na vida seguirdes a opinião, nunca sereis rico; se a conformáreis com á natureza nunca sereis pobre. Destruiu casas, e templos; o sagrado, e o profano; o seu, e o alheio. Em fim, usa-se de ponto e vírgula, sempre que o pensamento total de um período se acha dividido em muitos sentidos parciais, por meio de orações totais com suas dependências; mas isto é no caso da primeira e segunda divisão não estarem subordinadas a uma terceira; porque se o estiverem, esta

Antônio da Costa Duarte (1829)	
	terceira divisão será notada com dois pontos[...]” (DUARTE, 1829, p. 96).
Dois Pontos.	“Uma série de máximas ou de verdades, relativas ao mesmo objeto, costumam ser apartadas com dois pontos, como: Usando-se geralmente da Orthographia da pronunciação, todos saberão ler : muitos escreverão certo : e o resto escreverá com menos erros do que até agora. Também é costume pôr dois pontos no fim da oração, que anuncia que se vão referir palavras de outrem, como: S. Paulo diz: A fé sem obras é morta” (DUARTE, 1829, p. 96-97).
Ponto final	“Todo o sentido perfeito e gramaticalmente independente de outro, ou conste de uma só oração ou de muitas, deve ser notado com ponto final. Esta mesma Regra serve de exemplo” (DUARTE, 1829, p. 97).
Interrogação e exclamação	“A oração em que se pergunta alguma cousa, deve ter no fim um ponto de interrogação, como: Que fazes tu aí ? A oração que exprime exclamação, deve ser notada com ponto de exclamação ou admiração, [...]” (DUARTE, 1829, p. 97).

Fonte: Elaboração própria.

Referindo-se à regra considerada por Duarte (1829) como a mais importante para orientação do uso dos sinais de pontuação, o autor, curiosamente, considera o seguinte:

A cadência ou tom e inflexão da voz pode servir de uma regra segura, para cada qual acertar na pontuação, quando escreve; para o que observe-se o seguinte. Quando alguém escrever, suponha que está falando, e ponha virgula naqueles lugares, em que faria uma pequena pausa, levantando muito pouco a voz; e naqueles lugares em que faria uma pausa maior, abaixando ao mesmo tempo a voz, escreva ponto e vírgula, se o sentido não estiver acabado; e se o estiver, escreva ponto final. Se fizer alguma pergunta, escreva ponto de interrogação, como: Que fazes tu aí? Se se admirar de alguma cousa, ou exclamar, escreva ponto de exclamação, como: Oh tempos! Oh costumes! O expendido na Regra antecedente é bastante para se conseguirem todos os fins da Pontuação. No entanto aí vão outras Regras, que só diferem da precedente, em serem mais complicadas e extensas (DUARTE, 1829, p. 95-96).

É importante destacar que este excerto precede a lista de regras pontuacionais que Duarte (1829) apresenta em sua gramática. Por se tratar de um compêndio gramatical do Século XIX, o primeiro publicado no Brasil, surpreendeu-nos o fato de ter encontrado nele tais proposições em que o autor pudesse ser tão contundente quanto a vinculação do emprego da pontuação à inflexão da voz. Duarte (1829) é muito claro quando, neste excerto, afirma que, no tom ou inflexão da voz, ele poderia encerrar todas as regras da pontuação. Nas palavras do autor, a vírgula é um sinal que representa uma breve pausa, levantando ao mesmo

tempo a voz; o ponto e vírgula, dois pontos e ponto final “são para fazer também uma breve pausa, abaixando ao mesmo tempo a voz” (DUARTE, 1829, p. 141).

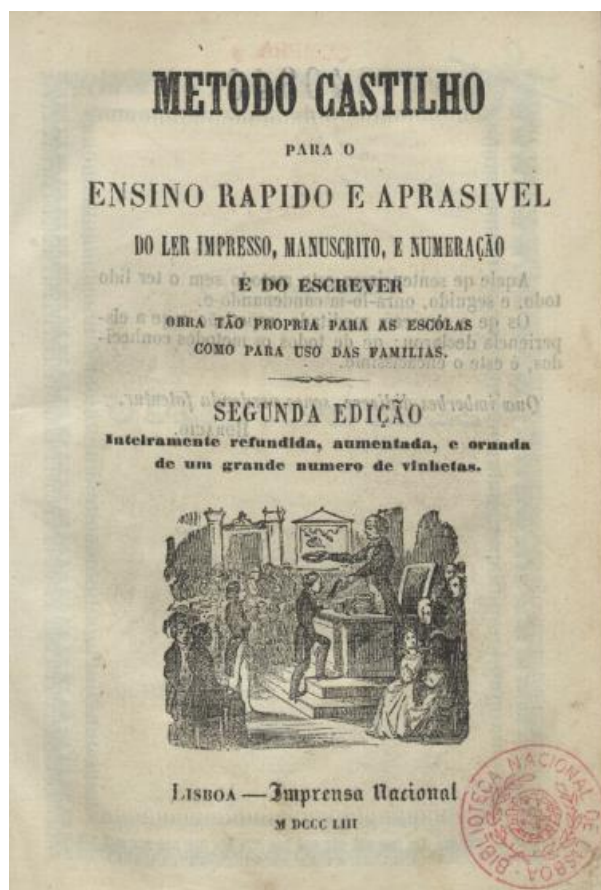
O fragmento apresentado nos permite enxergar os padrões prosódicos atuando em favor dos sinais de pontuação. No momento em que o autor considera a cadência da voz, manifestada no ritmo de fala, ou na inflexão da voz, logo associamos ao que hoje se conhece na Fonologia como frequência fundamental (F0), que diz respeito a essas variações de altura do tom as quais incidem, conforme Dubois *et al.* (1973), sobre uma sequência mais longa formando a curva melódica da frase conforme veremos na Seção 3 deste trabalho.

Mas, a despeito dessa interessante observação feita pelo autor, ele prossegue em seu texto apresentando o que considera como as “regras mais complicadas e extensas” em relação ao que ele concebe como a regra mais importante na definição do uso dos sinais que é a inflexão e cadência da voz. Em outras palavras, este autor nitidamente pondera sobre a inflexão da voz como o aspecto mais importante a se considerar no registro dos sinais, todavia, ao observamos as regras transcritas no Quadro 6, atentamo-nos para o fato de que é a sintaxe que, efetivamente, rege todos os usos dos sinais apresentados.

A próxima obra apresentada é muito interessante por expor ao leitor um método de estudo por meio de analogias curiosamente lúdicas por meio das quais o autor vincula o uso da pontuação, especialmente da vírgula à expressão oral.

2.5.2 Método Castilho para o ensino rápido e aprazível: do ler impresso, manuscrito e numeração e do escrever - 1853

Figura 24 – Folha de rosto do livro *Método Castilho para o ensino rápido e aprazível: do ler impresso, manuscrito e numeração e do escrever*



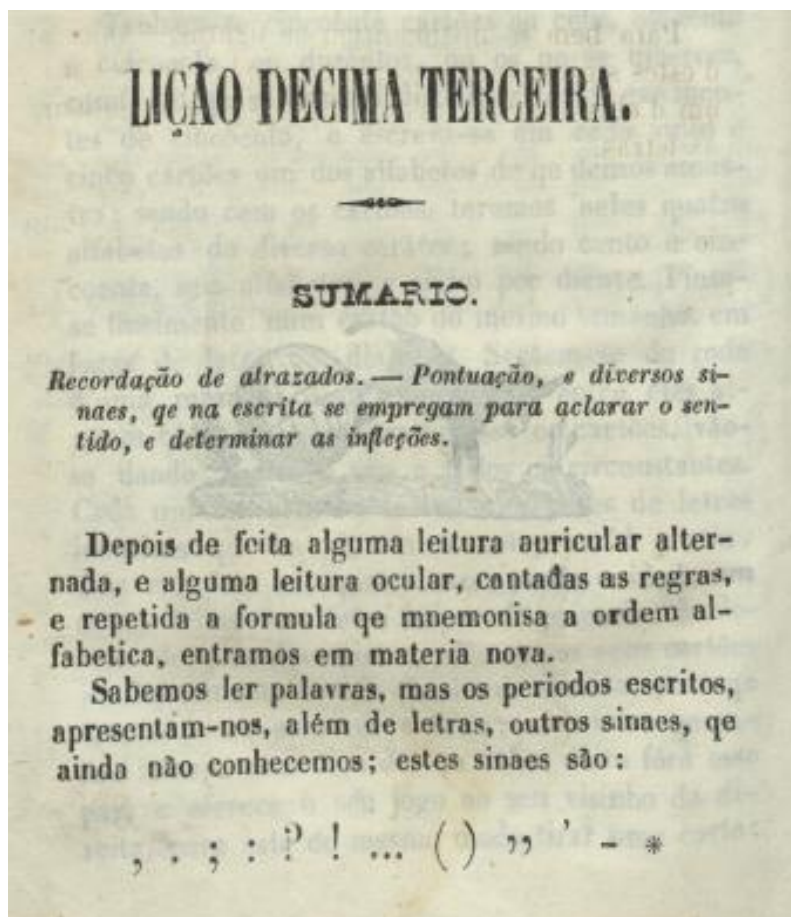
Fonte: <https://purl.pt/185>.

Francisco Alves da Silva Castilho desempenhou um papel fundamental na educação de crianças no século XIX. Com larga experiência adquirida durante 38 anos lecionando em escola pública primária, o professor criou o *Método Castilho para o ensino rápido e aprazível: do ler impresso, manuscrito e numeração e do escrever*, além de produzir vários livros e materiais ressignificando o ensino brasileiro oitocentista (BORGES; TEIXEIRA, 2021).

O Método Castilho foi desenvolvido para os anos iniciais de leitura e uma de suas características marcantes é a ludicidade com que o autor apresenta os conceitos e regras voltados para o aprendizado da leitura e da escrita.

Pela forma inusitada como os sinais são apresentados no interior do livro, apresentaremos as imagens das páginas a eles alusivas. As figuras abaixo extraídas do referido livro mostram o modo recreativo com que o autor apresenta os sinais de pontuação:

Figura 25 – Sobre a Introdução dos estudo sobre pontuação

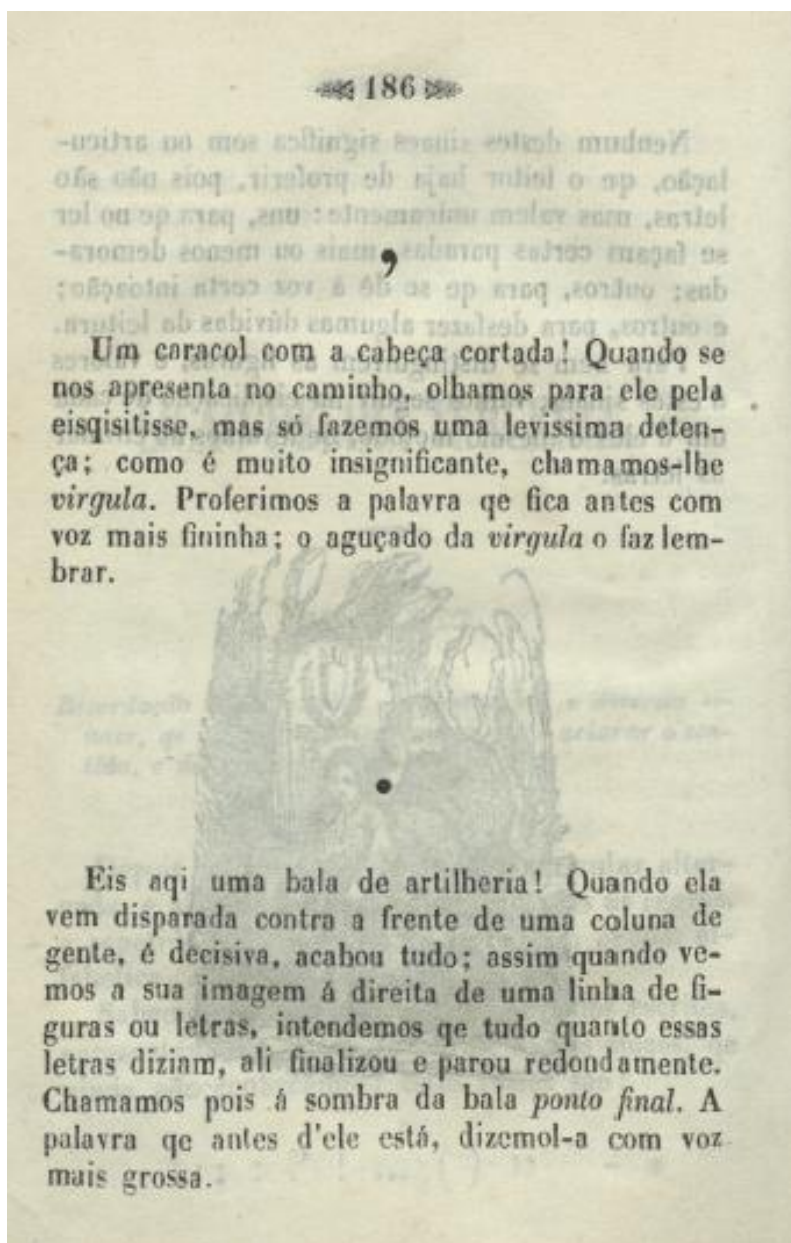


Fonte: <https://purl.pt/185>.

Nesta imagem, o autor introduz o capítulo sobre a pontuação apresentando-a como “matéria nova”. Ele afirma que a escrita não se constitui de apenas letras e que há outros sinais cuja finalidade pode ser marcar pausas ou “paradas” mais ou menos demoradas, ou ainda, marcar certa entoação além dos sinais que são usados para desfazer dúvidas da leitura. O primeiro sinal apresentado por Castilho (1853) é a vírgula conforme verificamos na Figura a seguir:

²⁶ Recordação de atrasados. Pontuação e diversos sinais que na escrita se empregam para aclarar o sentido e determinar as inflexões. Depois de feita alguma leitura auricular alternada e alguma leitura ocular, cantadas as regras e repetida a formula que mnemoniza a ordem alfabética, entramos em mateira nova. Sabemos ler palavras, mas os períodos escritos, apresentam-nos, além de letras, outros sinais, que ainda não conhecemos; estes sinais são: , . ; : ? ! ... () “ ” ’ - * (CASTILHO, 1853, p.184).

Figura 26 – Orientação do uso da vírgula e do ponto



27

Fonte: <https://purl.pt/185>.

A Figura 26 mostra que, por meio de uma analogia inusitada, o autor inicia a sua apresentação dos sinais de pontuação com a vírgula, referindo-se a ela como um “caracol da

²⁷ “Um caracol com a cabeça cortada! Quando se nos apresenta no caminho, olhamos para ele pela esquisitice, mas só fazemos uma levíssima detença; como é muito insignificante, chamamos-lhe *virgula*. Proferimos a palavra que fica antes com voz mais fininha; o aguçado da *virgula* o faz lembrar. Sobre o ponto: Eis aqui uma bala de artilheria! Quando ela vem disparada contra a frente de uma coluna de gente, é decisiva, acabou tudo; assim quando vemos a sua imagem á direita de uma linha de figuras ou letras, intendemos que tudo quanto essas letras diziam, ali finalizou e parou redondamente. Chamamos pois á sombra da bala *ponto final*. A palavra que a antes d'ele está, dizemo-la com voz mais grossa” (CASTILHO, 1853, p. 186).

cabeça cortada” e justifica essa denominação por meio de uma pequena narrativa lúdica na tentativa de facilitar a compreensão do emprego da vírgula, conforme veremos adiante.

Da mesma forma, prosseguindo com a apresentação dos outros sinais, o autor assim os compara: o ponto: “uma bala de artilharia”; ponto e vírgula: bala e caracol; dois pontos: “duas balas que o arlequim atira alternativamente ao ar sem nunca as deixar cair ao chão” (CASTILHO, 1853, p. 188); interrogação: “uma cobra sobre uma esfera” (CASTILHO, 1853, p. 190); ponto de admiração: “Brincos de derrubar as orelhas” (CASTILHO, 1853, p. 190).

Justificando cada uma dessas comparações, o referido autor criou pequenas narrativas que expusemos no Quadro 7.

Quadro 7 – Síntese das orientações pontuacionais do *Método Castilho para o ensino rápido e aprazível: do ler impresso, manuscrito e numeração e do escrever*

Castilho (1853)	
Definição da pontuação	“Sabemos ler palavras, mas os períodos escritos, apresentam-nos, além de letras, outros sinais, que ainda não conhecemos; nenhum destes sinais significa som ou articulação, que o leitor haja de proferir, pois não são letras, mas valem unicamente: uns, para que no ler se façam certas paradas, mais ou menos demoradas; outros, para que se dê á voz certa entoação; e outros, para desfazer algumas dúvidas da leitura (CASTILHO, 1853, p. 184).
Vírgula	“Um caracol com a cabeça cortada! Quando se nos apresenta no caminho, olhamos para ele pela esquisitice, mas só fazemos uma levíssima detença; como é muito insignificante, chamamos-lhe virgula. Proferimos a palavra que fica antes com voz mais fininha; o aguçado da virgula o faz lembrar” (CASTILHO, 1853, p. 186).
Ponto	“Eis aqui uma bala de artilharia! Quando ela vem disparada contra a frente de uma coluna de gente, é decisiva, acabou tudo; assim quando vemos a sua imagem á direita de uma linha de figuras ou letras, intendemos que tudo quanto essas letras diziam, ali finalizou e parou redondamente. Chamamos pois á sombra da bala ponto final. A palavra que antes d'ele está, dizemo-la com voz mais grossa” (CASTILHO, 1853, p. 186).
Ponto e vírgula	“Quando na frente da nossa coluna avistamos o caracol, e vemos que do ar vem uma bala, já fria, cair em cima d'ele, parámos um pouco a reparar na comedia. Esta nossa detença é mais longa do que se víssemos só o caracol. A sombra da bala e do caracol chamamos ponto e vírgula. A palavra que fica antes, e em que paramos, proferimo-la quase sempre com voz mais grossa” (CASTILHO, 1853, p. 188).
Dois pontos.	“Duas balas que um arlequim atira alternativamente ao ar, sem nunca as deixar cair no chão. Chegando-se qualquer onde se está fazendo este exercício, para o seu pedaço para não apanhar com elas na cabeça, e para ver; mas nunca é parada que se compare a que produz a bala inimiga. Chamam-lhe dois pontos. É paragem maior que a do ponto e vírgula, porém menor que a do ponto. A palavra que precede os dois pontos diz-se com voz mais grossa” (CASTILHO, 1853, p. 188).
Interrogação	“Entre hieróglifos do Egito achou-se um assim: uma cobra em cima de uma esfera! Ninguém soube atinar-lhe com a significação; e como

Castilho (1853)	
	todos perguntassem, e ninguém respondesse, exclamou um ratão: «aquilo inventou-se de proposito para obrigar a gente a perguntar.» Portanto, todas as vezes que nós vimos a sua imagem, havemos de dar à voz, na palavra que fica antes, o tom de pergunta” (CASTILHO, 1853, p. 190).
Exclamação	“Estes brincos de derrubar as orelhas usaram-se antigamente; mas hoje, quando se avista algum, causa admiração pelo descostume, e mais ainda sendo revirado. Quando vemos a sua imagem imitamos com a fala, na palavra que está antes, o tom de quem se admira, e chamamos-lhe ponta de admiração” (CASTILHO, 1853, p. 190).

Fonte: Elaboração própria.

A forma curiosa com que o autor apresenta a vírgula e os demais sinalizadores traz claras evidências que mostram a produção sonora da voz em articulação com a escrita. Ao referir-se à vírgula como “um caracol com a cabeça cortada”, ele observa que a pausa que se faz antes dela é levíssima, à semelhança da atitude das pessoas diante de um caracol: “fazemos uma levíssima detença”, ou seja, uma parada muito rápida diante da insignificância daquele animal (o caracol). Assim sendo, prossegue o autor: a palavra imediatamente antes da vírgula é “proferida com voz mais fininha” (CASTILHO, 1853, p. 186). Aqui observamos uma efetiva participação de elementos prosódicos motivando o emprego da vírgula, tanto no que se refere ao ritmo: “parada muito rápida” quanto no tocante à entoação: “palavra proferida com voz fininha” (antes da vírgula).

Em referência ao ponto e vírgula (“bala e caracol”), o autor traz um exemplo hilário: se à nossa frente, avistamos um caracol e do ar vemos uma bala cair sobre ele, paramos um pouco para reparar na comédia. Nesse caso, a “detença” é mais longa que se avistássemos apenas o caracol, diz o autor (CASTILHO, 1853, p. 188, tradução nossa). Então, a pausa feita antes do ponto e vírgula é um pouco mais longa que a pausa realizada antes da vírgula e o tom de voz proferido antes dele deve ser quase sempre com voz mais grossa (CASTILHO, 1853).

Com relação ao ponto, diz o autor: “eis aqui uma bala de artilharia”. Ele prossegue, a exemplo da vírgula, asseverando que, assim como uma bala de artilharia é capaz de acabar com seu alvo, do mesmo modo, o ponto que finaliza e acaba a sentença. Ele orienta que a palavra antes do ponto seja proferida “com voz mais grossa”.

Sobre os dois pontos, a comparação do autor é a seguinte: “duas balas que o arlequim atira alternativamente ao ar sem nunca as deixar cair ao chão” (CASTILHO, 1853, p. 188). O autor prossegue o seu raciocínio dizendo que, se alguém passar e vir tal exercício do palhaço, certamente se deterá tanto para observar quanto se proteger das balas. A parada, no entanto, não se compara com a parada diante da bala “inimiga (o ponto). Em assim sendo, a pausa

antes dos dois pontos é maior que a pausa realizada diante do ponto e vírgula e menor que a realizada do ponto final. “A palavra que precede os dois pontos, diz-se com voz mais grossa”.

Sobre a interrogação, diz o autor que foi encontrado entre os hieróglifos da escrita egípcia, comparando a figura a uma cobra sobre uma esfera. Na curta história didaticamente criada por Castilho (1853), tal achado obrigou que todos diante dele, isto é, daquela “cobra sobre uma esfera” fizesse uma indagação; como não houvesse uma explicação, usou-se a figura egípcia para finalizar uma pergunta. Por essa razão é que, segundo ele, sempre antes da interrogação, deve-se dar à voz um tom de pergunta!

“Brincos de derrubar as orelhas”! Assim apelida Castilho (1853, p. 190) o ponto de admiração; exclamação. Em sua curiosa narrativa, ele diz que quando alguém o vê, admira-se por saber que tal adereço tenha sido usado em tempos remotos. Mas pelo “descostume do uso”, causa-se admiração por saber que algo assim tenha sido usado no passado. Desse modo, quando ele é visto num texto, a palavra que o antecede recebe um tom admirativo.

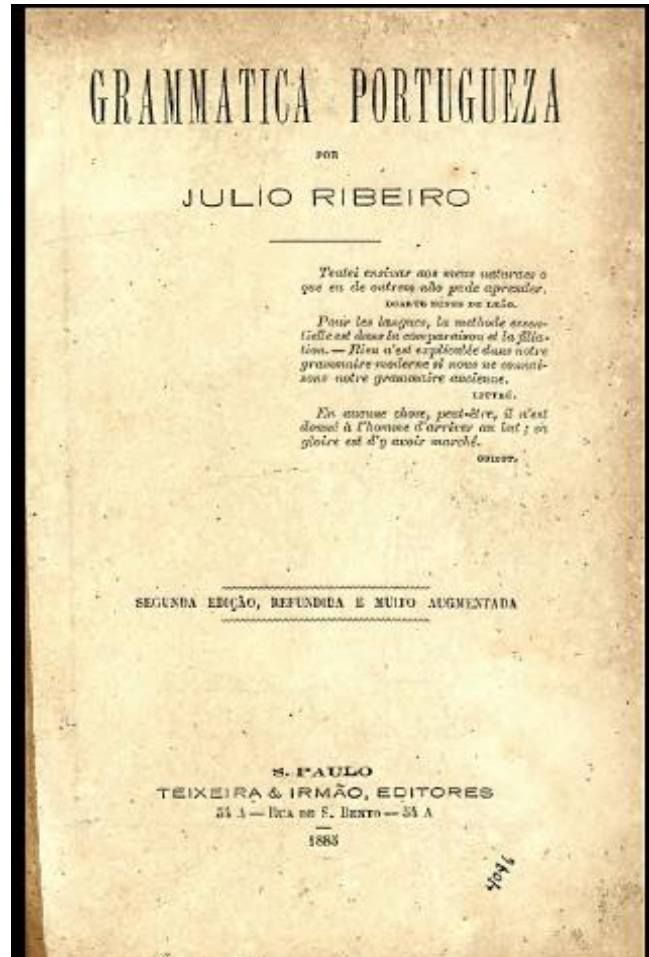
E assim, diante das proposições sobre pontuação elencadas pelo autor, observamos que as regras apontadas são vinculadas a elementos próprios da fala. Então, nessa proposta, a pontuação é uma das formas efetivas de representar a língua falada na escrita. Castilho (1853) sempre termina as proposições sobre os sinais chamando a atenção para a entonação da voz que cada um destes sinais impõe à palavra anterior a eles na sentença.

Dentre as gramáticas e manuais analisados, o Método Castilho foi o único em que pudemos ver padrões prosódicos associados ao emprego de quase todos os sinais de pontuação, não apenas da vírgula.

A próxima gramática que apresentaremos é a *Grammatica Portuguesa* de Júlio Ribeiro, publicada em 1885 (2ª edição).

2.5.3 Grammatica Portugueza – Julio Ribeiro (1885)

Figura 27 – Folha de rosto da *Grammatica Portugueza*



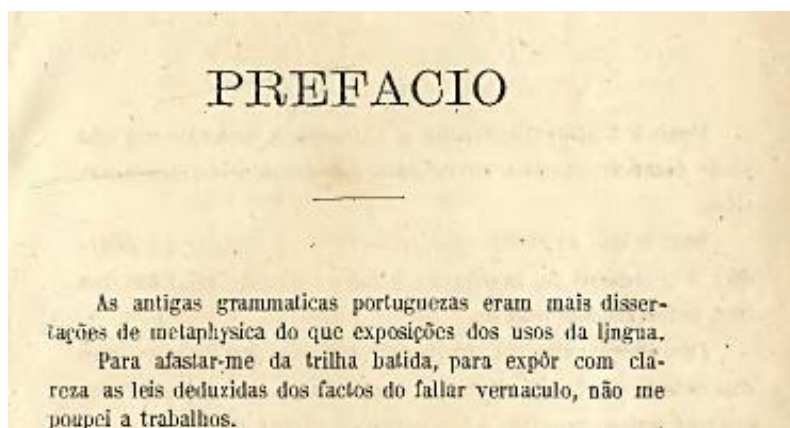
Fonte: <https://bibdig.biblioteca.unesp.br/items/>.

A gramática de Júlio Ribeiro foi publicada pela primeira vez em 1881, no Brasil, alcançando sua forma definitiva na segunda edição aqui apresentada. Trata-se de uma gramática muito importante pois, segundo Fávero (2002) apresenta “concepções inovadoras e inicia o período científico da gramática no Brasil que vai desenvolver-se sob outras influências que não só as de Portugal” (FÁVERO, 2002, p. 73). Ao considerar a língua brasileira, segundo Vidal Neto (2010, p. 109),

[...] Ribeiro registrou, como cabe a um gramático, a norma culta do Português, que, em sua época, tinha seu valor referencial definido única e exclusivamente pela norma lusitana. Porém, além dos usos cultos, ou seja, aqueles ligados a Portugal, Ribeiro trouxe também para seu compêndio marcas do Português utilizado no Brasil, inclusão que [...] foi pioneira na gramaticografia brasileira, [...].

A Figura 28 traz o registro do prefácio da referida gramática em que Ribeiro (1885) a apresenta sob uma proposta inovadora ao propor um distanciamento dos modelos de gramática que apenas considerava o português de Portugal como força motriz do estudo e compreensão da língua portuguesa.

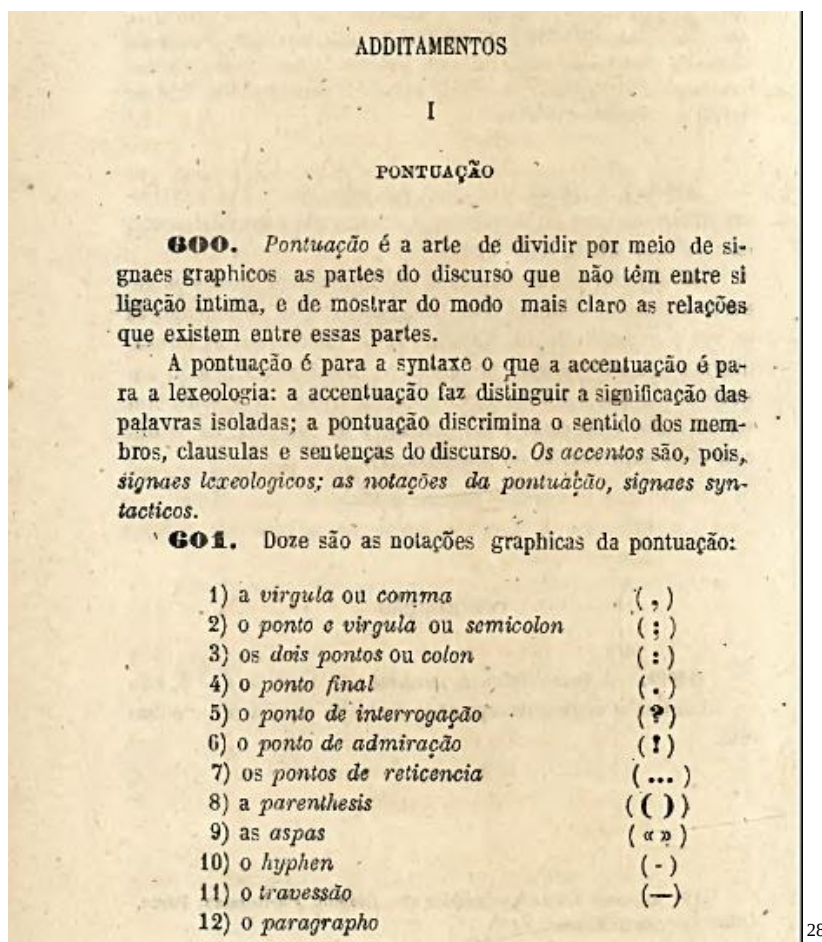
Figura 28 – Prefácio da Grammatica Portugueza



Fonte: <https://bibdig.biblioteca.unesp.br/items/>.

Dedicando a obra à memória de Camões, Ribeiro (1885) inicia seu prefácio dizendo que o objetivo da gramática é afastar-se dos modelos de gramática antigos os quais são por ele considerados mais como “dissertações de metafísica do que exposições dos usos da língua”. A partir disso, a proposta do autor é “expor com clareza as leis dos fatos do falar vernáculo”. Dessa forma, refere-se à sua gramática como uma “exposição metódica dos fatos da linguagem” (RIBEIRO, 1885, p. 1) sendo constituída de duas partes, a saber: Lexicologia e Sintaxe. A pontuação aparece numa seção intitulada “Aditamentos” dentro da segunda parte (sintaxe) conforme atesta as Figuras 29 e 30, em seguida.

Figura 29 – Apresentação do tema Pontuação

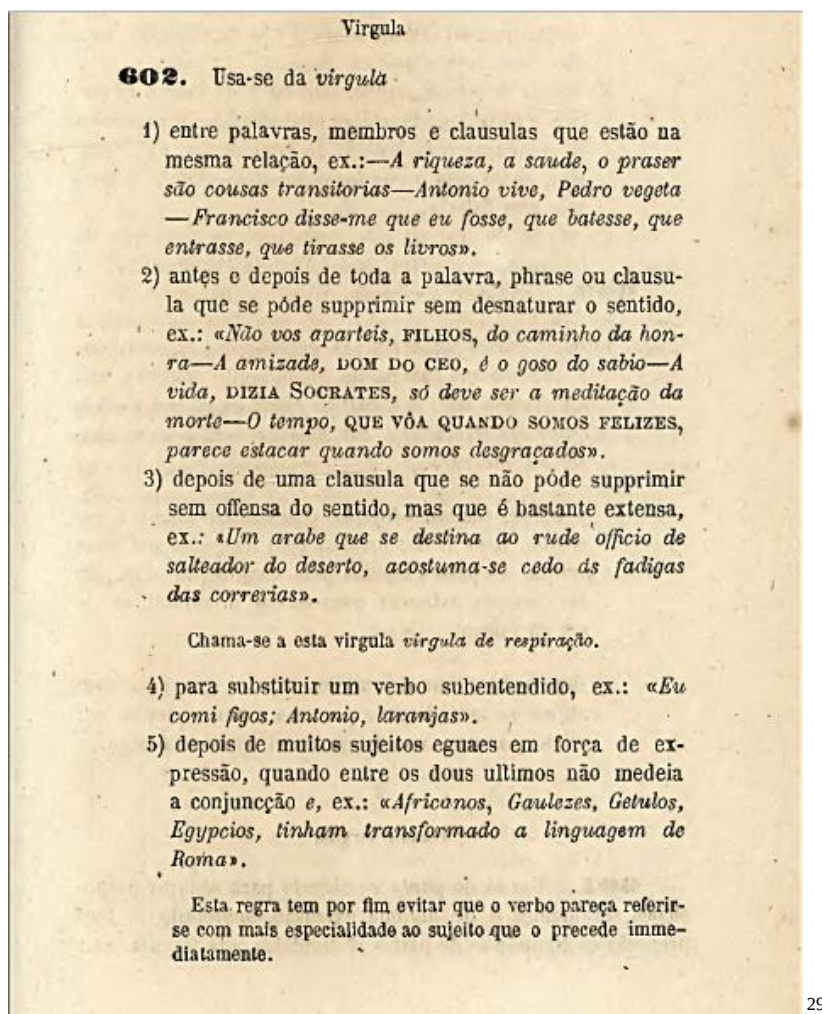


Fonte: <https://bibdig.biblioteca.unesp.br/items/>.

Notadamente, a definição da pontuação apresentada por Ribeiro (1885) insere o seu uso a partir de aspectos puramente sintáticos. Aqui já não vemos menção à inflexão da voz ou qualquer outra pista que nos conduza a elementos prosódicos que possam interagir com a escolha dos sinais de pontuação conforme vimos em Duarte (1829) e Castilho (1853). A Figura seguinte nos apresenta regras mais contundentes, especificamente quanto ao uso da vírgula. Observemos como ele é orientado no texto abaixo:

²⁸ A arte de dividir por meio de sinais gráficos as partes do discurso que não têm entre si ligação íntima, e de mostrar de modo mais claro as relações que existem entre essas partes. A pontuação é para a syntaxe o que a acentuação é para a lexicologia; a acentuação faz distinguir a significação das palavras isoladas, a pontuação discrimina o sentido dos membros, cláusulas e sentenças do discurso. Os acentos são, pois, sinais lexicológicos; as notações de pontuação, sinais sintáticos. Doze são as notações gráficas da pontuação: 1) a virgula ou comma (,) 2) o ponto e vírgula ou semicolon (;) 3) os dois pontos ou colon (:) 4) o ponto final (.) 5) o ponto de interrogação (?) 6) o ponto de admiração (!) 7) os pontos de reticência (...) 8) a parêntesis (()) 9) as aspas (« ») 10) o hífen (-) 11) o travessão (—) 12) o parágrafo (RIBEIRO, 1885, p. 316). Observação: Procuramos manter a originalidade do texto atualizando-o com a ortografia vigente.

Figura 30 – Regras sobre o uso da vírgula



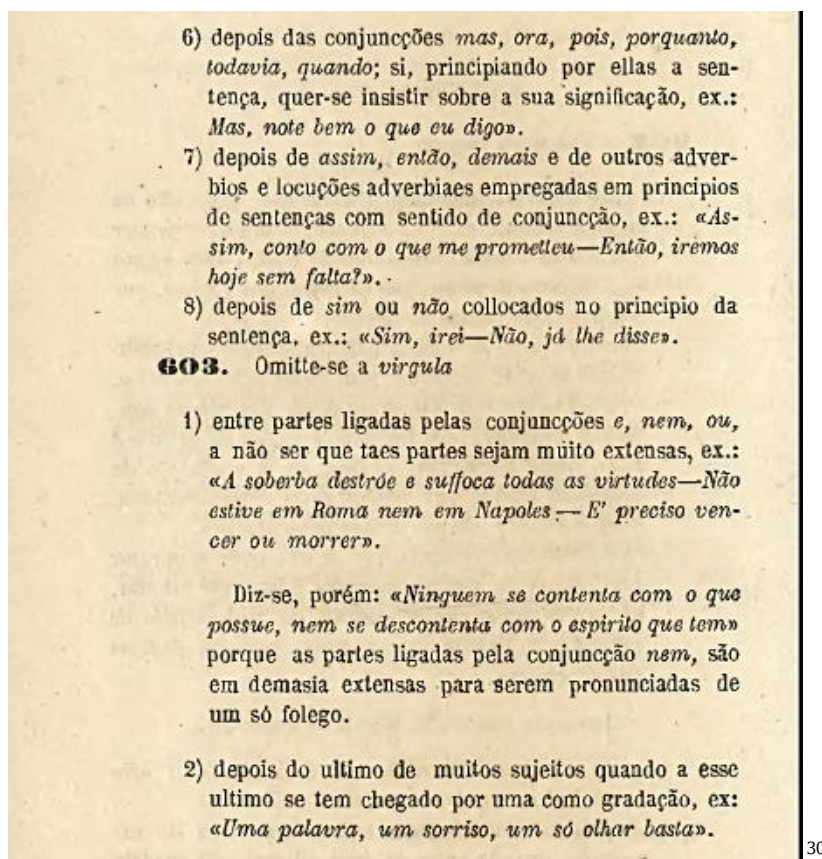
Fonte: <https://bibdig.biblioteca.unesp.br/items/>.

Vemos nessas regras que a vírgula é um sinal sintático puramente voltado à organização do sentido na frase, estabelecendo relações entre palavras e expressões, substituindo verbos, após conjunções etc. Uma nota, porém, nos chama atenção quando o

²⁹ Usa-se da virgula: 1) entre palavras, membros e clausulas que estão na mesma relação, ex.: « A riqueza, a saúde, o prazer, são coisas transitórias—Antonio vive, Pedro vegeta—Francisco disse-me que eu fosse, que batesse, que entrasse, que tirasse os livros ». 2) antes e depois de toda a palavra, frase ou clausula que se pode suprimir sem desnaturar o sentido, ex.: « Não vos aparteis, filhos, do caminho da honra—A amizade, dom do céu, é o gozo do sábio—A vida, dizia Sócrates, só deve ser a meditação da morte—O tempo, QUE voa quando somos felizes, parece estacar quando somos desgraçados ». 3) depois de uma clausula que se não pode suprimir sem offensa do sentido, mas que é bastante extensa, ex.: « Um árabe que se destina ao rude officio de salteador do deserto, acostuma-se cedo ás fadigas das correrias ». Chama-se a esta vírgula *virgula de respiração*. 4) para substituir um verbo subentendido, ex.: « Eu comi figos; Antonio, laranjas ». 5) depois de muitos sujeitos iguais em força de expressão, quando entre os dois últimos não medeia a conjunção *e*, ex.: « Africanos, Gauleses, Getulos, Egípcios, tinham transformado a linguagem, de Roma ». Esta regra tem por fim evitar que o verbo pareça referir-se com mais especialidade ao sujeito que o precede imediatamente.

autor especifica uma situação em que a vírgula, em particular, pode ser denominada como “vírgula de respiração”, este seria o caso em que, após “uma clausula bastante extensa”, permitiria-se o uso da vírgula como uma pausa para respiração.

Figura 31 – Regras sobre o uso da vírgula (Continuação)



30

Fonte: <https://bibdig.biblioteca.unesp.br/items/>.

Nesta Figura, vemos os casos em que a vírgula não deve ser utilizada especialmente entre partes ligadas por conjunções com as exceções dos casos em que se requeira pausas para respiração diante de constituintes demasiadamente extensos conforme admite o autor. O

³⁰ 6) depois das conjunções *mas, ora, pois, porquanto, todavia, quando*; *si*, principiando por elas a sentença, quer-se insistir sobre a sua significação, ex.: « *Mas, note bem o que eu digo* ». 7) depois de *assim, então, demais* e de outros advérbios e locuções adverbiais empregadas em princípios de sentenças com sentido de conjunção, ex.: « *Assim, conto com o que me prometeu—Então, iremos hoje sem falta?* ». 8) depois de *sim* ou *não* collocados no principio da sentença, ex.: « *Sim, irei—Não, já lhe disse* ». Omite-se a *virgula* 1) entre partes ligadas pelas conjunções *e, nem, ou*, a não ser que tais partes sejam muito extensas, ex.: « *A soberba destrói e sufoca todas as virtudes—Não estive em Roma nem em Nápoles—É preciso vencer ou morrer* ». Diz-se, porém: « *Ninguém se contenta com o que possui, nem se descontenta com o espirito que tem* » porque as partes ligadas pela conjunção *nem*, são em demasia extensas para serem pronunciadas de um só folego. 2) depois do último de muitos sujeitos quando a esse último se tem chegado por uma como gradação, ex.: « *Uma palavra, um sorriso, um só olhar basta* » (RIBEIRO, 1885, p. 318).

Quadro 8 nos apresenta uma visão panorâmica dos principais sinais de pontuação e suas funções nesta gramática.

Quadro 8 – Síntese das orientações pontuacionais da *Gramática Portuguesa*

Julio Ribeiro (1885)	
Definição da pontuação	“A arte de dividir por meio de sinais gráficos as partes do discurso que não têm entre si ligação íntima, e de mostrar de modo mais claro as relações que existem entre essas partes. A pontuação é para a sintaxe o que a acentuação é para a lexicologia; a acentuação faz distinguir a significação das palavras isoladas, a pontuação discrimina o sentido dos membros, cláusulas e sentenças do discurso. Os acentos são, pois, sinais lexicológicos; as notações de pontuação, sinais sintáticos” (RIBEIRO, 1885, p. 316).
Vírgula	“Usa-se da vírgula: 1) entre palavras, membros e cláusulas que estão na mesma relação, ex.: « A riqueza, a saúde, o prazer, são coisas transitórias—Antonio vive, Pedro vegeta—Francisco disse-me que eu fosse, que batesse, que entrasse, que tirasse os livros ». 2) antes e depois de toda a palavra, frase ou cláusula que se pode suprimir sem desnaturar o sentido, ex.: « Não vos aparteis, filhos, do caminho da honra—A amizade, dom do céu, é o gozo do sábio—A vida, dizia Sócrates, só deve ser a meditação da morte—O tempo, que voa quando somos felizes, parece estacar quando somos desgraçados ». 3) depois de uma cláusula que se não pode suprimir sem ofensa do sentido, mas que é bastante extensa; 4) para substituir um verbo subentendido; 5) depois de muitos sujeitos iguais em força de expressão, quando entre os dois últimos não medeia a conjunção <i>e</i> ; 6) depois das conjunções <i>mas, ora, pois, porquanto, todavia, quando</i> ; se, principiando por elas a sentença, quer-se insistir sobre a sua significação; 7) depois de <i>assim, então, demais</i> e de outros advérbios e locuções adverbiais empregadas em princípios de sentenças com sentido de conjunção; 8) depois de <i>sim</i> ou <i>não</i> colocados no princípio da sentença. Omite-se a <i>vírgula</i> 1) entre partes ligadas pelas conjunções <i>e, nem, ou</i> , a não ser que tais partes sejam muito extensas; para serem pronunciadas de um só folego. 2) depois do último de muitos sujeitos quando a esse último se tem chegado por uma como gradação, ex.: “Uma palavra, um sorriso, um só olhar basta”.
Ponto	“Usa-se de ponto final : 1) para fechar a sentença; 2) nas abreviações (RIBEIRO, 1885, p. 318-319).
Ponto e vírgula	“Usa-se do ponto e vírgula para separar proposições semelhantes e de alguma extensão, sobretudo si tais proposições compõe-se de partes já divididas pela vírgula [...]” (RIBEIRO, 1885, p. 319).
Dois pontos	“Empregam-se os dois pontos 1) antes de uma citação, ex.: “Aristóteles dizia a seus discípulos: Meus amigos, não há amigos” 2) antes de uma enumeração, si pela enumeração termina a sentença, ex.: “Eis toda a religião cristã: crer, esperar, amar”. 3) depois de uma enumeração, si pela enumeração começa a sentença, ex.: “Crer, esperar, amar: eis toda a religião cristã” 4) antes de uma reflexão ou de uma explanação, ex.: “Nada faças encolerizado: levantarias ferro em ocasião de tempestade?” (RIBEIRO, 1885, p. 318-319).
Interrogação	“O ponto de interrogação põe-se no fim de sentenças interrogativas. Muitas vezes o verbo está em forma interrogativa sem que haja interrogação no pensamento: neste caso não se usa do ponto de

Julio Ribeiro (1885)	
	interrogação” (RIBEIRO, 1885, p. 320).
Exclamação	“O ponto de admiração emprega-se no final das frases que exprimem afetos súbitos, considerações vivas e, em geral, depois das interjeições[...] Quando uma parte de frase exclamativa é seguida de palavras que dela dependem, mas que estão fora da exclamação propriamente dita, põe-se o ponto de admiração antes dessas palavras, e então pode ele equivaler a uma vírgula ou a um ponto e vírgula, conforme o sentido[...] (RIBEIRO, 1885, p. 320).

Fonte: Elaboração própria.

A partir da definição sobre pontuação, Ribeiro (1885) já evidencia que a perspectiva por ele adotada no que concerne ao emprego dos referidos sinais é a sintática: “A pontuação é para a sintaxe o que a acentuação é para a lexicologia; a acentuação faz distinguir a significação das palavras isoladas, a pontuação discrimina o sentido dos membros, cláusulas e sentenças do discurso” (RIBEIRO, 1885, p. 316). O autor salienta ainda essa proposição restringindo os sinais de pontuação como “sinais sintáticos”.

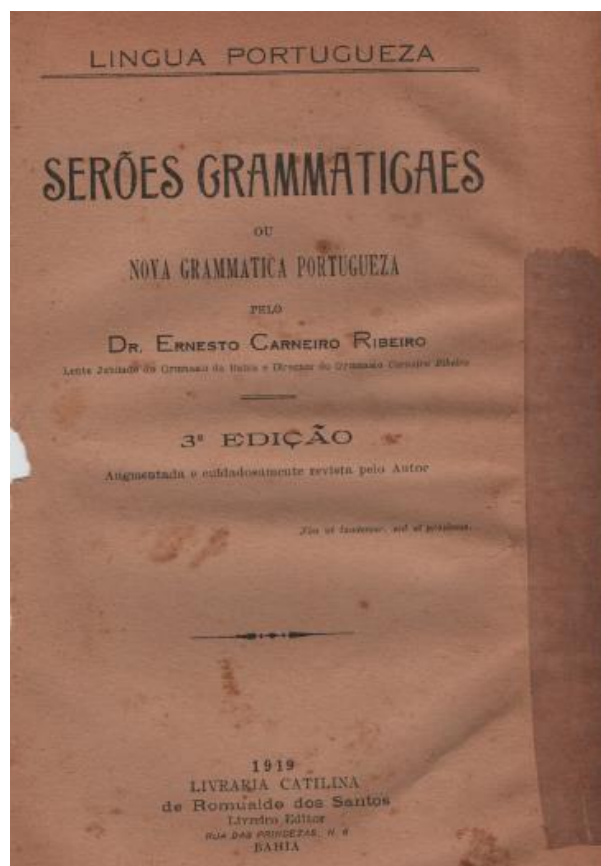
Apesar disso, tratando-se da vírgula, admitiu que ela pode ser usada como pausa de respiração ou como ele mesmo afirma: “vírgula de respiração” a qual, segundo nosso entendimento, não teria necessariamente uma função sintática uma vez que pode não coincidir com as pausas orientadas pela sintaxe. O emprego dos demais sinais, a saber, ponto e vírgula, dois pontos, interrogação, exclamação é orientado segundo aspectos puramente sintáticos. São claros os cuidados do autor em preservar as particularidades sintáticas sem mencionar as variações melódicas, nem mesmo tratando-se do ponto de exclamação.

2.6 Pontuação e a questão da vírgula no Século XX

Apresentaremos, nesta subseção, duas obras gramaticais de referência publicadas no Séc. XX. A primeira intitulada *Serões Grammaticaes* do autor Ernesto Carneiro Ribeiro (1919) foi considerada como um “monumento da língua portuguesa” (EVARISTO, 2022, p. 49), razão por que a trouxemos aqui; a segunda, *Gramática normativa da língua portuguesa: curso superior* de Francisco da Silveira Bueno é uma versão adaptada segundo sugestões de professores de uma das principais universidades do país, Universidade de São Paulo (BUENO, 1968, p. 1). Ambas situam o emprego da pontuação nos pré-requisitos sintáticos, entretanto, a segunda obra acrescenta aspectos surpreendentes que não foram mencionados em nenhuma das gramáticas anteriormente apresentadas nas subseções acima. Começamos por Ribeiro (1919):

2.6.1 *Serões Grammaticaes* Ernesto Carneiro Ribeiro (1919)

Figura 32 – Folha de rosto da gramática *Serões Grammaticaes*

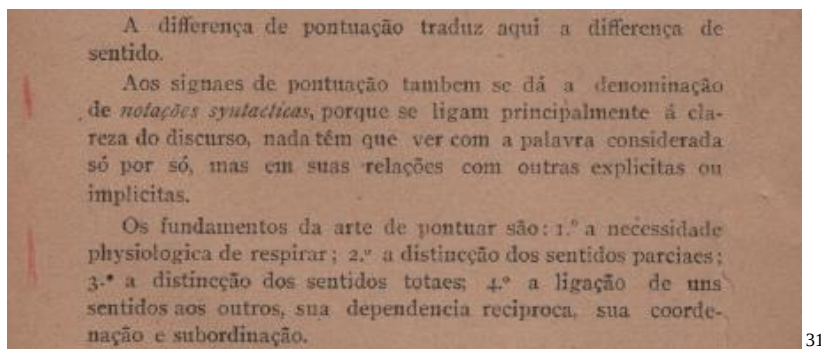


Fonte: Ribeiro (1919).

A obra *Serões Grammaticaes* de Ernesto Carneiro Ribeiro publicada no Brasil teve cinco edições, das quais apresentamos aqui a terceira publicada em 1919. Segundo Evaristo (2022), a referida gramática foi publicada

[...]no limiar das mudanças teórico-epistemológicos de seu século, sendo o seu autor, também, relevante em outras áreas, como a história e a formação do Brasil como nação (ARRUDA, 2010). Sua obra é considerada um monumento da língua portuguesa, sendo ainda hoje uma referência nos estudos gramaticais do Brasil (EVARISTO, 2022, p. 49).

Com 791 páginas, a obra está dividida em quatro partes, quais sejam: Fonologia, Ortografia, Lexicologia e Fraseologia ou Sintaxe. Nesta última parte encontra-se o estudo da pontuação, a qual é considerada na obra como uma “arte”, ou seja, “a arte de indicar por meio de certos sinais convencionais a proporção de pausas que faz quem fala ou lê” (RIBEIRO, 1919, p. 688). Vejamos como o autor define os fundamentos da pontuação no Figura 33:

Figura 33 – Sobre os fundamentos da pontuação

Fonte: Ribeiro (1919, p. 690).

De acordo com Ribeiro (1919, p. 690), “Os fundamentos da arte de pontuar são: 1. necessidade fisiológica de respirar; 2. a distinção dos sentidos parciais, a distinção dos sentidos totais; 3. a ligação de uns sentidos aos outros, sua dependência recíproca, sua coordenação e subordinação”. Apesar de os sinais de pontuação serem considerados nesta gramática como notações sintáticas, é interessante observar que, dentre os fundamentos da arte de pontuar elencados por Ribeiro (1919), o primeiro a ser citado é a necessidade fisiológica de respirar, seguido dos demais relativos à sintaxe.

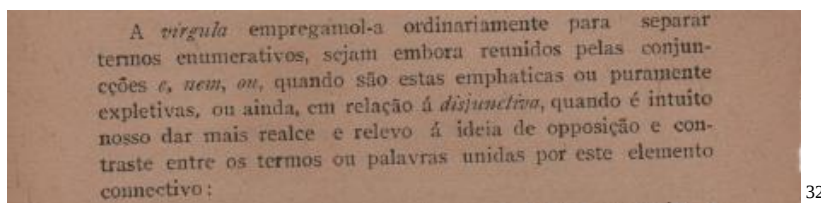
Os principais sinais de pontuação considerados nessa gramática são: a vírgula, o ponto e vírgula, os dois pontos, o ponto, o ponto de interrogação, o ponto de exclamação, os pontos de reticência ou suspensão, o parêntesis, as vírgulas dobres (as aspas) e o travessão.

Sobre a vírgula, conforme veremos mais detalhadamente no Quadro 9, a gramática apresenta uma extensa lista de regras em sua maioria de ordem sintática. Entretanto, na continuidade das instruções, o autor faz a seguinte ressalva: “se entre o sujeito e os atributos múltiplos, entre os complementos da mesma natureza e entre as proposições vierem as conjunções de simples ligação *e*, *nem* ou, não se fará separação por vírgula, salvo se os elementos da frase tiverem uma extensão tal, que exceda o alcance do fôlego (RIBEIRO, 1919, p. 691). Com essa observação, o autor admite o uso da vírgula para marcar uma pausa de respiração.

³¹ A diferença de pontuação traduz aqui a diferença de sentido. Aos sinais de pontuação também se dá a denominação de notações sintáticas, porque se ligam principalmente à clareza do discurso, nada tem a ver com a palavra considerada por si só, mas em suas relações com outras explícitas ou implícitas. Os fundamentos da arte de pontuar são: 1º a necessidade fisiológica de respirar; 2º a distinção dos sentidos parciais; 3º a distinção dos sentidos totais; 4º a ligação de uns sentidos aos outros, sua dependência recíproca, sua coordenação e subordinação.

Outra função atribuída à vírgula nesta gramática é a de ênfase ou realce conforme identificamos na Figura 34. Vejamos:

Figura 34 – Sobre a vírgula como realce ou ênfase



Fonte: Ribeiro (1919, p. 692).

Neste fragmento retratado na Figura 34, o autor admite a vírgula empregada sob domínios da elocução. Vejamos o excerto traduzido conforme a ortografia vigente:

A vírgula empregamo-la ordinariamente para separar termos enumerativos, sejam embora reunidos pelas conjunções *e*, *nem*, *ou*, quando são enfáticas ou puramente expletivas, ou ainda, em relação á *disjuntiva*, quando é intuito nosso dar mais realce e relevo à ideia de opposição e contraste entre os termos ou palavras unidas por este elemento conectivo (RIBEIRO, 1919, p. 692).

Assim sendo, Ribeiro (1919) enfatiza, eminentemente, os aspectos sintáticos, mas não desconsidera, ainda que numa proporção bem menor, os fenômenos da entoação como motivadores do uso da vírgula. Vejamos, no Quadro 9, as regras propostas por Ribeiro (1919):

Quadro 9 – Síntese das orientações pontuacionais da Gramática Serões Grammaticaes

Ribeiro (1919)	
Definição de pontuação	“ Pontuação é a arte de indicar por meio de certos sinais convencionais a proporção das pausas que fez quem fala ou lê. A pontuação é de máxima utilidade; distinguindo os vários sentidos parciais ou totais, a ligação e subordinação de uns aos outros, sua dependência e relações, aclara e esclarece o discurso, adaptando a palavra aos altos destinos a que ela obedece na vida da humanidade (RIBEIRO, 1919, p. 688).
Vírgula	“Separam-se por meio de vírgulas: Os atributos quando são múltiplos, os complementos da mesma natureza, as orações principais coordenadas e as secundárias, de primeira ordem, quando de pouca extensão; Entre os sujeitos e seu atributos múltiplos vierem as

³² “A vírgula empregamo-la ordinariamente para separar termos enumerativos, sejam embora reunidos pelas conjunções *e*, *nem*, *ou*, quando são estas enfáticas ou puramente expletivas, ou ainda, em relação á *disjuntiva*, quando é intuito nosso dar mais realce e relevo à ideia de opposição e contraste entre os termos ou palavras unidas por este elemento conectivo[...]” (RIBEIRO, 1919, p. 692).

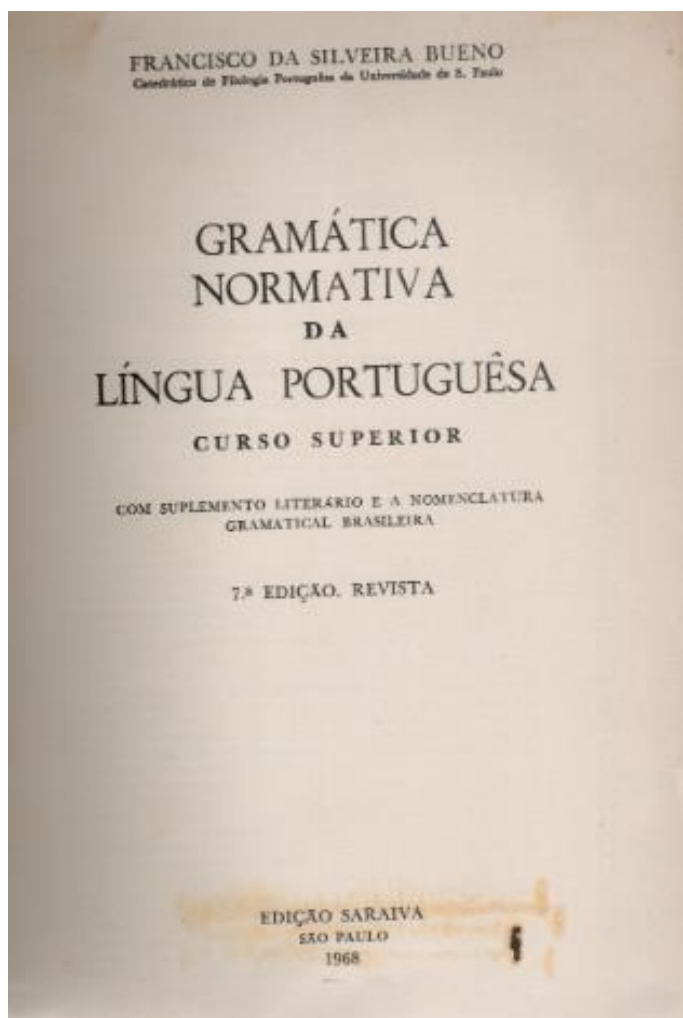
Ribeiro (1919)	
	conjunções <i>e</i> , <i>nem</i> , <i>ou</i> , não se fará a separação por meio da vírgula, salvo se os elementos da proposição ou da frase tiverem uma extensão, tal, que exceda o alcance do folego [...]. A vírgula empregamo-la ordinariamente para separar termos enumerativos, sejam embora reunidos pelas conjunções <i>e</i> , <i>nem</i> , <i>ou</i> , quando são estas enfáticas ou puramente expletivas[...] ou quando é intuito nosso dar mais realce e relevo à ideia de oposição e contraste entre os termos ou palavras unidas por este elemento conectivo. Serve a vírgula para separar: aposto, os compelativos, as orações incidentes ampliativas, as intercaladas, toda a palavra, enfim, ou reunião de palavras, toda oração que se pode cercear da frase sem lhe alterar o sentido; [...] se, porém, os incidentes forem determinativas, já não se devem separar por meio d vírgulas dos elementos gramaticais que elas determinam e restringem [...]. Separam-se também: verbo subentendido por zeugma; palavras quando transpostas de sua ordem natural (RIBEIRO, 1919, p. 692-694).
Ponto	“O ponto simples: É a pontuação mais forte, empregamo-lo quer no fim de uma oração ou frase, quando esta com todo pensamento nela encerrado se conclui; quer no fim das frases de um período, quando independentes das que lhe seguem (RIBEIRO, 1919, p. 697).
Ponto e vírgula	“Emprega-se para separar umas das outras as orações principais coordenadas quando não são demasiado [...] curtas; quando as orações principais indicam ideias ou pensamentos opostos [...]. O ponto e vírgula indica distinção e separação de sentido” (RIBEIRO, 1919, p. 695-696).
Dois Pontos	“Dois pontos: Quando enunciamos que vamos referir um discurso direto nosso ou de outrem; quando numa oração de sentido completo fica em resumo uma ideia ou um pensamento que explicamos, esclarecemos ou completamos. Os dois pontos indicam uma ligação ou concatenação de sentidos (RIBEIRO, 1919, p. 696).
Interrogação	“Usa-se no fim de toda a palavra, de toda expressão, de toda a expressão ou frase interrogativa” (RIBEIRO, 1919, p. 698).
Exclamação	“Ponto exclamativo: usamo-lo no fim de toda a palavra, expressão ou frase, que indica, por exclamação, a admiração, a cólera, o terror, o sobressalto, a compaixão, a piedade ou outro sentimento afetuoso qualquer” (RIBEIRO, 1919, p. 698-699).

Fonte: Elaboração própria.

A visão geral acerca dos sinais de pontuação expostos no Quadro 9 evidencia que o centro das instruções normativas nesta gramática é a sintaxe, quando se concebe a pontuação sob a necessidade de se separar orações, atribuir sentidos, relacionar orações, expressões etc.. Apesar de, inicialmente, o autor relacionar a pontuação à proporção de pausas realizadas pelo falante ou leitor, os sinais de pontuação são denominados de notações sintáticas pois se ligam principalmente à clareza do discurso, nas relações das palavras com outras explícitas ou implícitas. Essa base sintática se torna mais patente à medida que observamos as funções atribuídas a cada um dos sinais expostos no quadro acima.

2.6.2 Gramática normativa da língua portuguesa – Francisco da Silveira Bueno (1968)

Figura 35 – Folha de rosto da *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*



Fonte: Bueno (1968).

Dividida em três partes (Fonética, Morfologia e Sintaxe), a sétima edição da Gramática Normativa da Língua Portuguesa publicada em 1968 é a versão adaptada à nova Nomenclatura Gramatical Brasileira: “Esta adaptação foi feita para atender a sugestões de muitos professores e alunos da Universidade de São Paulo” (BUENO, 1968, p. 1), justifica o autor da gramática em uma nota após o prefácio.

O esclarecimento inicial sobre pontuação registrado na gramática em questão é bem diferente do que costumamos encontrar; quiçá, inusitado. Bueno (1968), antes de prescrever as normas dos sinais de pontuação, nos traz uma reflexão muito interessante sobre o que ele chama de “As bases da pontuação”. Em suas leituras, ao analisar textos de autores diversos,

Bueno (1968) parece chegar à conclusão de que o emprego da pontuação é uma questão de estilo³³ e, por isso mesmo, é relativo, pois segundo ele, os fundamentos da pontuação não são os mesmos para todos e podem ser utilizados segundo as funções de respiração (fisiologia), profissão e padrões relacionados a temperamentos das pessoas:

1) Respiração - Quem necessita de maiores e mais frequentes pausas para respirar, certamente, empregará maior número de vírgulas. Quem possuir bons pulmões e puder conter o fôlego por mais tempo, dispensará numerosas pausas. 2) Profissão - Os professores, que desejam esclarecer bem o pensamento para que melhor os compreendam, empregam muitas vírgulas, dois pontos etc. Os oradores, os advogados, que procuram os primeiros, longos períodos retumbantes, os segundos, continuados períodos para aduzirem documentação, já são mais parcus em tais pontuações. 3) Vida afetiva - Os temperamentos nervosos, mais sensíveis, mais emocionáveis, abusam das exclamações, das interrogações e, sobretudo, das reticências. Os temperamentos mais calmos e positivos raramente recorrem a tais meios de expressão afetiva. Nota-se esta diferença nos escritos femininos e masculinos. Baseados em tais causas, procedem os autores diversamente em seus escritos, [...] (BUENO, 1968, p. 415-416).

Este excerto um tanto curioso inicia a seção sobre pontuação na Gramática de Bueno (1968). O emprego dos sinais de pontuação é regido por padrões fisiológicos e estilísticos bem específicos e interessantes, quais sejam: respiração, profissão e vida afetiva. Estas seriam, assim as causas de tantas divergências quanto ao uso dos sinais de pontuação nos escritos. Considerando estes aspectos, o autor observa que muitas vezes o uso da pontuação faz muito mais sentido para o autor do texto que para o seu intérprete.

No entanto, a despeito da surpreendente questão de estilo levantada por Bueno (1968), a sua gramática prescreve categoricamente o uso dos sinais de pontuação, iniciando pela vírgula. Os casos obrigatórios seguidos dos proibitivos quanto ao emprego da vírgula apresentados por Bueno (1968, p. 416-418) são ao seguintes: a) entre local e data; separação das palavras que exercem a mesma função (ex. vários adjetivos que modificam o mesmo substantivo); b) separação dos complementos adverbiais; c) separação de orações adjetivas relativas; d) separação de orações intercaladas, e) separação de apostos e vocativos; f) separação de expressões explicativas; g) separação das conjunções adversativas; h) em casos de elipse de um verbo. Casos proibitivos do uso da vírgula: a) não se separam palavras que estão ligadas pela função lógica que exercem (sujeito e predicado, verbo e objeto do verbo

³³ “O estilo constitui a marca da individualidade do sujeito na fala [...], cabendo à estilística depurá-la” (DUBOIS, 1973, p. 243).

que o rege); b) entre partes da frase unidas por *e*, *nem*, *ou* (BUENO, 1968). Tais regras, em nada se aproximam dos fundamentos da pontuação considerados pelo autor.

O autor prossegue com as demais regras dos sinais de pontuação das quais destacamos as principais e as apresentamos no quadro a seguir.

Quadro 10 – Síntese das orientações pontuacionais da *Grammatica Normativa da Língua Portuguesa*

Bueno (1968)	
Definição da pontuação (fundamentos)	“[...] os fundamentos da pontuação não são os mesmos para todos e podemos resumi-los nos seguintes: 1) Respiração - Quem necessita de maiores e mais frequentes pausas para respirar, certamente, empregará maior número de vírgulas. Quem possuir bons pulmões e puder conter o fôlego por mais tempo, dispensará numerosas pausas. 2) Profissão - Os professores, que desejam esclarecer bem o pensamento para que melhor os compreendam, empregam muitas vírgulas, dois pontos, etc.. Os oradores, os advogados, que procuram os primeiros, longos períodos retumbantes, os segundos, continuados períodos para aduzirem documentação, já são mais parcus em tais pontuações. 3) Vida afetiva - Os temperamentos nervosos, mais sensíveis, mais emocionáveis, abusam das exclamações, das interrogações e, sobretudo, das reticências. Os temperamentos mais calmos e positivos raramente recorrem a tais meios de expressão afetiva. Nota-se esta diferença nos escritos femininos e masculinos. Baseados em tais causas, procedem os autores diversamente em seus escritos, não já de autor para autor, mas no mesmo escritor quando escreve em prosa ou em verso [...]” (BUENO, 1968, p. 415-416).
Virgula	“Casos obrigatórios: a) nas datas; b) separação das palavras que exercem a mesma função: ex. sujeitos compostos, objetos compostos, predicados compostos, vários adjetivos que modificam o mesmo substantivo); c) separação dos complementos adverbiais; d) separação de orações adjetivas relativas; e) separação de orações intercaladas, f) separação de apostos e vocativos; g) separação de expressões explicativas; h) separação das conjunções adversativas; i) na indicação de elipse de um verbo. Casos proibitivos: a) não se separam palavras que estão ligadas pela função lógica que exercem. Assim, não se separa o sujeito do predicado nem o objeto direto do verbo que o rege quando estão uns após os outros; b) entre partes da frase unidas por <i>e</i> , <i>nem</i> , <i>ou</i> ” (BUENO, 1968, p. 416-418).
Ponto e Virgula	“a) Separação de orações coordenadas de algum tamanho; b) separação dos artigos nos documentos públicos” (BUENO, 1968, p. 418-419).
Dois pontos.	“Quando se quer fazer citação, enumeração ou dar as partes de um todo” (BUENO, 1968, p. 419).
Ponto final	“Emprega-se o ponto final para indicar um pensamento completo e nas abreviaturas. Além disso entra na composição de quase todas as demais pontuações: ponto e vírgula, ponto de exclamação, ponto de interrogação, reticências, dois pontos etc.”

Bueno (1968)	
	(BUENO, 1968, p. 419).
Interrogativo	“Emprega-se, como o nome diz, para fazer uma pergunta, uma interrogação” (BUENO, 1968, p. 421).
Exclamação	“Emprega-se a exclamação no final das frases que encerram admiração, assombro, emoção profunda (BUENO, 1968, p. 420).

Fonte: Elaboração própria.

Se, na leitura do capítulo sobre pontuação, considerássemos apenas os “fundamentos da pontuação” apresentados por Bueno (1968, p. 415-416) nos parágrafos iniciais, não hesitaríamos em afirmar que a pontuação, para este autor, em nada se aproximaria da sintaxe. Todavia, a seção “Pontuação” está inserida na terceira parte da gramática que é justamente dedicada ao estudo da sintaxe. Além disso, conforme vimos no Quadro 10, as regras que seguem à exposição dos fundamentos da pontuação são regras organizadas e rígidas ao prescreverem o uso dos sinais sob o ponto de vista sintático, principalmente, no tocante às regras sobre o uso da vírgula em que o autor deixa claros os usos obrigatórios e proibitivos, sem mencionar qualquer exceção.

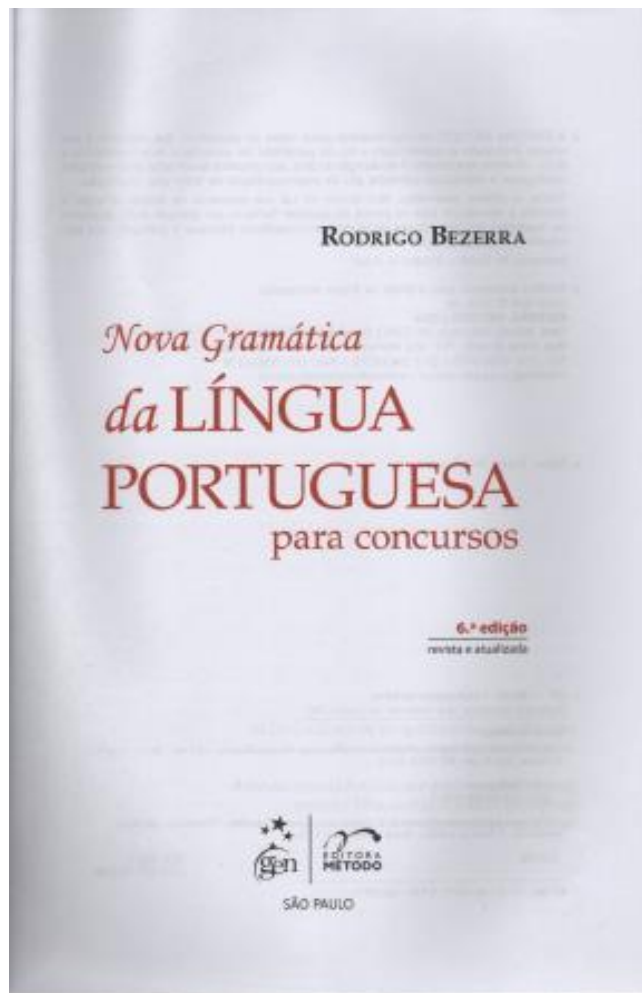
Outra gramática consultada foi a *Gramática normativa da língua portuguesa* de Rocha Lima (1992) publicada ao final do século XX e as regras encontradas são muito semelhantes, seguindo a linha predominantemente sintática de Ernesto Carneiro Ribeiro. Não encontramos mudanças significativas que justificassem a apresentação nesta subseção.

2.7 Pontuação e a questão da vírgula no Século XXI

Por último, com o intuito de observar as normas sobre a pontuação circundantes no Século XXI, apresentaremos, a seguir, a *Nova gramática da Língua portuguesa para Concurso* (BEZERRA, 2013) e *Nova gramática do português contemporâneo* (CUNHA; CINTRA, 2017).

2.7.1 Nova gramática da Língua portuguesa para Concursos - Bezerra (2013)

Figura 36 – Folha de rosto da Nova Gramática da Língua Portuguesa



Fonte: Bezerra (2013).

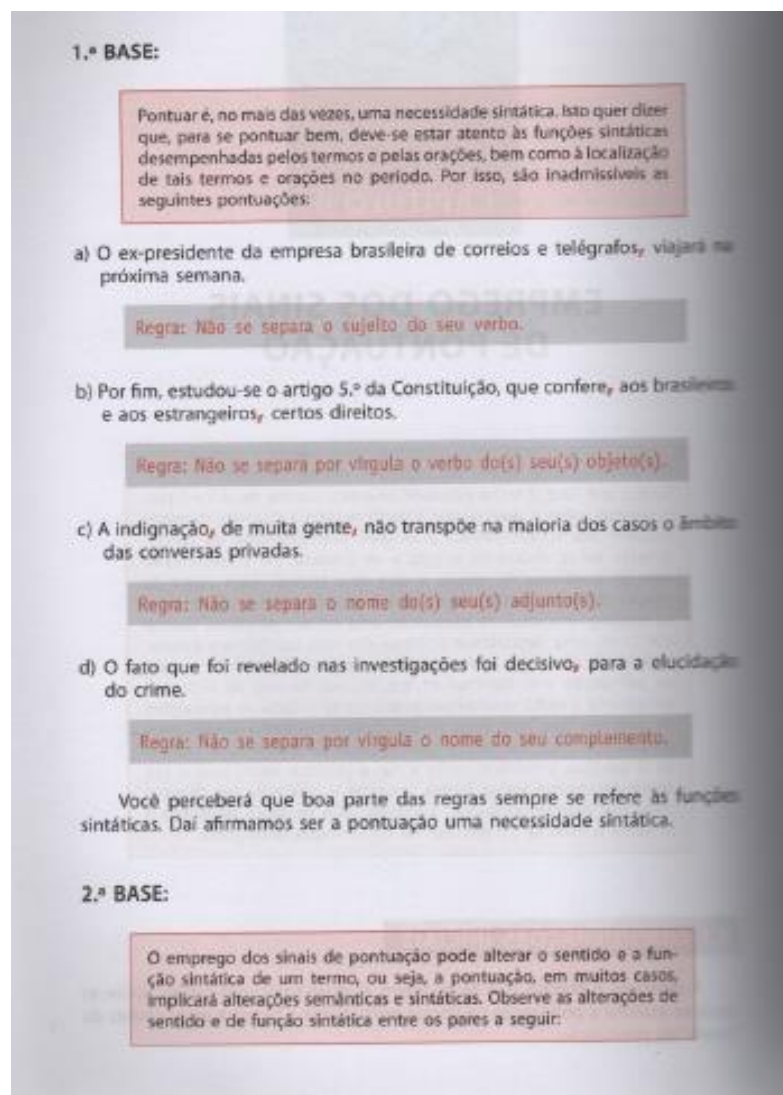
A gramática retratada nesta Figura é destinada, especialmente, a estudantes concurseiros e vestibulandos. Trata-se de uma obra que esmiúça os conteúdos mais complexos na gramática normativa, com todo seu rigor prescritivo. A Nova Gramática da Língua Portuguesa para concursos se constitui de quatro partes: I- Fonética, II- Morfologia, III- Sintaxe e IV- Parte Especial. O capítulo referente à pontuação integra a parte da Sintaxe.

Nas considerações iniciais do capítulo intitulado “Emprego dos sinais de pontuação”, o autor chama atenção do leitor advertindo-o:

Adentrar o mundo da pontuação sem dominar os mecanismos básicos da sintaxe é semelhante a tentar resolver um problema de sistemas de inequações do segundo grau sem antes ter estudado a resolução de equações de primeiro grau, ou seja, a possibilidade de insucesso é grande [...] (BEZERRA, 2013, p. 653).

Por esse fragmento, já percebemos que o autor reconhece a sintaxe como sendo a única via de condução para o emprego dos sinais de pontuação. A Figura 37 apresenta as duas bases sob as quais a pontuação deve ser estudada:

Figura 37 – Bases da pontuação



Fonte: Bezerra (2013).

No texto acima retratado, a primeira base de que nos fala o autor é a base sintática: “pontuar é, no mais das vezes, uma necessidade sintática, por isso deve-se estar atento às funções sintáticas desempenhadas pelos termos e pelas orações” (BEZERRA, 2013, p. 654). A segunda base diz respeito ao fato de que a pontuação pode alterar o sentido e a função sintática de um termo; daí, então, a importância de saber empregá-la adequadamente, observando os mecanismos sintáticos. Segundo as bases apresentadas, a única via de acesso para o estudo e o ensino da pontuação é a sintaxe. Não há aqui associação com quaisquer

aspectos prosódicos seja na definição da pontuação seja no interior de suas regras conforme podemos verificar no Quadro 11.

Quadro 11 – Sinopse das orientações pontuacionais da *Nova Gramática da Língua Portuguesa para concursos*

Rodrigo Bezerra (2013)	
Definição da pontuação	“Pontuar é, antes de mais nada, dividir o discurso, separar-lhe as partes quando for necessário. Clara definição para o que vem a ser pontuar nos deixou o ilustre mestre Celso Pedro Luft: “pontuar bem é ter visão clara da estrutura do pensamento e da frase. Pontuar bem é governar as rédeas da frase. Pontuar bem é ter ordem no pensar e na expressão” (BEZERRA, 2013, p. 657).
Vírgula	1 Para separar termos coordenados assindéticos (sem ligação por conectivo), de mesma função sintática, que formam, muitas vezes, enumerações. 2 Não se deve empregar a vírgula antes das conjunções “e, ou, nem” quando estas ligarem palavras ou mesmo orações de pequena extensão. 3 Emprega-se a vírgula antes do “e” quando este vier repetido antes de cada um dos elementos (polissíndeto). 4 Para isolar vocativos. 5 Para separar adjuntos adverbiais locucionais deslocados dentro da estrutura oracional. 6 Para isolar apostos explicativos. 7 Para isolar o nome do lugar quando seguido de data. 8 Para isolar alguns termos sintáticos – geralmente complementos verbais – postos no início do período (anástrofe), com o intuito de conferir-lhes ênfase, desde que sejam retomados de forma pleonástica por pronome oblíquo. 9 Para isolar o predicativo do sujeito deslocado dentro da estrutura oracional quando o verbo não é de ligação. 10 Para indicar uma elipse (ocultação), geralmente, de um verbo. 11 Para separar expressões explicativas, conclusivas e retificativas, interpostas na oração, como “isto é, a saber, ou seja, por exemplo, ou melhor, outrossim, com efeito, assim, então, por assim dizer, além disso, ademais etc”. 12 Para separar os elementos paralelos nas frases proverbiais. 13 Para separar orações coordenadas assindéticas. 14 Emprega-se a vírgula para separar as orações coordenadas sindéticas, exceto as introduzidas pelo conectivo aditivo “e”. 15 Para separar orações subordinadas adjetivas explicativas. 16 Para separar orações subordinadas adverbiais desenvolvidas quando antepostas à oração principal ou intercaladas nela. 17 Para separar as orações reduzidas (de gerúndio, de infinitivo e de particípio) adverbiais e adjetivas quando antepostas à oração principal ou intercaladas nela. Não se emprega a vírgula: 1 Entre o sujeito e o seu verbo quando juntos, ainda que um preceda ao outro. 2 Entre o verbo e o(s) seu(s) complemento(s) quando juntos, ainda que um preceda ao outro. 3 Entre o nome (substantivo, adjetivo ou advérbio) e o seu complemento quando estão juntos. 4 Entre o nome (substantivo) e o seu adjunto adnominal. 5 Entre o nome e a oração subordinada adjetiva restritiva. 6 Entre a oração principal e a oração subordinada substantiva, salvo a oração subordinada substantiva apositiva (BEZERRA, 2013, p. 657-)

Rodrigo Bezerra (2013)	
	666).
Ponto e vírgula	“O ponto e vírgula representa uma pausa maior que a vírgula e menor que o ponto final. Não há regras bem delimitadas para o seu emprego. É comum empregar: 1 Para separar os incisos de leis, decretos, portarias etc. 2 Para separar orações coordenadas de sentidos opostos. 3 Para separar orações coordenadas de considerável extensão, principalmente quando em qualquer destas proposições já existe pausa mais fraca assinalada por vírgula” (BEZERRA, 2013, p. 667-668).
Dois pontos.	“Os dois-pontos representam geralmente uma pausa repentina, instantânea, um pouco mais intensa que a vírgula, indicando, na maioria dos casos, uma estrutura incompleta. São empregados para: 1 Separar o verbo dizer do discurso direto (fala) da personagem. 2 Enunciar uma enumeração. 3 Separar expressões que explicam ou completam o que foi dito anteriormente. 4 Indicar uma citação, alheia ou própria” (BEZERRA, 2013, p. 668).
Ponto	“1 Encerrar a oração adversativa assindética de certa extensão, principalmente quando a oração sindética posposta é aditiva ou adversativa e traz uma ideia nova, um pensamento novo em relação à oração assindética. 2 Indicar a abreviatura de uma palavra. Neste caso, recebe o nome de ‘ponto abreviativo’ [...]” (BEZERRA, 2013, p. 666-667).
Interrogação	“É o sinal de pontuação usado depois de palavras e frases interrogativas [...] (BEZERRA, 2013, p.6 71).
Exclamação	“É o sinal de pontuação empregado depois de interjeições, palavras ou frases com o intuito de expressar admiração, espanto, surpresa, afeto, cólera, ou seja, estados emotivos” (BEZERRA, 2013, p. 670).

Fonte: Elaboração própria.

Ressaltando as regras sobre a vírgula transcritas no Quadro 11, observamos que estas são firmes e categóricas sendo divididas em usos devidos e usos proibitivos. Conforme vimos, as regras sobre a vírgula são de cunho estritamente sintáticos; não há alusão a questões de expressividade ou de entoação ou de pausa; assim ocorre também com os demais sinais.

2.7.2 Nova Gramática do Português Contemporânea Celso Cunha (2017)

Figura 38 – Folha de rosto da Gramática do Português Contemporâneo



Fonte: Cunha e Cintra (2017).

Para iniciar esta subseção tomamos o excerto de Cunha e Cintra (2017, p. 657) que diz: “a língua escrita não dispõe dos inumeráveis recursos rítmicos e melódicos da língua falada. Para suprir esta carência, ou melhor, para reconstituir aproximadamente o movimento vivo da elocução oral, serve-se da pontuação”.

Nesse sentido, o autor classifica os sinais de pontuação em dois grupos: o grupo destinado a marcar as pausas (vírgula, o ponto e o ponto e vírgula); e o grupo cuja função essencial é marcar a melodia, a entoação (os dois pontos, o ponto de interrogação, o ponto de exclamação, as reticências, as aspas, os parênteses, os colchetes, o travessão. Apesar dessa divisão, o autor afirma que, “em geral, os sinais de pontuação indicam, ao mesmo tempo, a pausa e a melodia” (CUNHA; CINTRA, 2017, p. 657).

A vírgula, de acordo com Cunha e Cintra (2017) está entre os sinais que marcam a pausa, isto é, uma pausa de pequena duração que serve para separar não apenas elementos no interior de uma oração, como também de orações dentro de um período.

As regras prescritas sobre o emprego da vírgula são contundentes ao relacioná-la a parâmetros sintáticos, entretanto, ao finalizar as suas orientações sobre usos e não usos da vírgula, Cunha e Cintra (2017) apresentam uma síntese sobre os sinais do primeiro grupo (vírgula, ponto e ponto e vírgula) acentuando que tais sinais podem representar particularidades entoacionais:

Dizemos que a vírgula, o ponto e o ponto e vírgula marcam sobretudo – e não exclusivamente – a pausa. É o momento de sintetizá-las: a) o ponto corresponde sempre à final descendente de um grupo fônico; b) a vírgula assinala que a voz fica em suspenso, à espera de que o período se complete; c) o ponto e vírgula denota em geral uma débil inflexão suspensiva, suficiente, no entanto, para indicar que o período não está concluído (CUNHA; CINTRA, 2017, p. 668).

Nas regras apresentadas sobre a vírgula, conquanto tenhamos observado um foco na sintaxe, o autor também destaca, por meio de observações, as diferenças de entoação atribuídas à vírgula, ao ponto e vírgula e ao ponto, demonstrando a presença de um dos parâmetros acústicos da prosódia que é a curva de F0 ou contorno de *pitch*³⁴. Segue abaixo o Quadro 12 que apresenta a visão geral dos sinais:

Quadro 12 – Síntese das orientações pontuacionais da *Nova Gramática do Português Contemporâneo*

Cunha e Cintra (2017)	
Definição da pontuação (fundamentos)	“A língua escrita não dispõe dos inumeráveis recursos rítmicos e melódicos da língua falada. Para suprir esta carência, ou melhor, para reconstituir aproximadamente o movimento vivo da elocução oral, serve-se da pontuação. Os sinais de pontuação podem ser classificados em dois grupos. O primeiro grupo compreende os sinais que, fundamentalmente, se destinam a marcar as pausas: a) a vírgula (,); b) o ponto (.) c) O ponto e vírgula (;). O segundo grupo abarca os sinais cuja função essencial é marcar a melodia, a entoação: a) os dois pontos (:); b) o ponto de interrogação (?) c) o ponto de exclamação (!); d) as reticências (...); e) as aspas (“ ”); f) os parênteses; g) os colchetes ([]); h) o travessão (---). [...] Esta distinção, didaticamente cômoda, não é, porém, rigorosa. Em geral, os sinais de pontuação indicam, ao mesmo tempo, a pausa e a melodia” (CUNHA; CINTRA, 2017, p. 657).
Vírgula	1. separar elementos que exercem a mesma função sintática (sujeito composto, complementos, adjuntos), quando não vêm unidos pelas conjunções e, ou e nem; no entanto, quando tais conjunções vêm repetidas numa enumeração, costuma-se separar por vírgula os elementos coordenados; 2. separar elementos que exercem funções sintáticas diversas, geralmente com a finalidade de realçá-los. 3. isolar o

³⁴ Sobre os conceitos sobre F0 ou contorno de *pitch* Vide Seção 3.

Cunha e Cintra (2017)	
	aposto, ou qualquer elemento de valor meramente explicativo; d) para isolar o adjunto adverbial antecipado (Observação: Quando os adjuntos adverbiais são de pequeno corpo - um advérbio, por exemplo – costuma-se dispensar a vírgula. A vírgula é, porém, de regra quando se pretende realçá-los. 4. para separar, na datação de um escrito, o nome do lugar; 5. para indicar a supressão de uma palavra (geralmente o verbo) ou de um grupo de palavras; 6. Para separar as orações coordenadas assindéticas; 7. Para separar as orações coordenadas sindéticas, salvo as introduzidas pela conjunção e; 8. Separar as orações coordenadas unidas pela conjunção e, quando têm sujeito diferente; Das conjunções adversativas: se elas vierem no início da oração, põe-se vírgula antes da conjunção, caso venha após um de seus termos, deverá ser isolada por vírgulas. 10. Quando conjunção conclusiva pois vem sempre posposto a um termo da oração a que pertence é, portanto, isolado por vírgulas. 11. Para isolar as orações intercaladas; 12. Para isolar as orações subordinadas adjetivas explicativas (as orações subordinadas adjetivas restritivas são necessárias ao sentido da frase e por isso não se separam, na escrita, por vírgula. Já as explicativas, denotadoras de uma qualidade acessória do antecedente. 13. Para separar as orações subordinadas adverbiais, principalmente quando antepostas à principal; 14. Para separar as orações reduzidas de infinitivo, de gerúndio e de particípio, quando equivalentes a orações adverbiais. Casos proibitivos: Os autores, após elencar os contextos em que a vírgula deve ser utilizada, finalizam a subseção, esclarecendo em que circunstâncias não se deve usar a vírgula: a) toda oração ou todo termo de oração de valor meramente explicativo pronunciam-se entre pausas; por isso são isolados por vírgulas, na escrita; b) os termos essenciais e integrantes da oração ligam-se uns com os outros sem pausa; não podem, assim, ser separados por vírgula. Esta a razão por que não é admissível o uso da vírgula entre uma oração subordinada substantiva e a sua principal [...]. Há uns poucos casos em que o emprego da vírgula não corresponde a uma pausa real na fala (CUNHA; CINTRA, 2017, p. 658-664).
Ponto e vírgula	“[...] este sinal serve de intermediário entre o ponto e a vírgula, podendo aproximar-se ora mais daquele, ora mais desta, segundo os valores pausais e melódicos que representa no texto. Esta imprecisão do ponto e vírgula faz que o seu emprego dependa substancialmente do contexto. Entretanto, podemos estabelecer que, em princípio, ele é usado: para separar num período as orações da mesma natureza que tenham uma certa extensão; para separar partes de um período, das quais uma pelo menos esteja subdividida por vírgula; para separar os diversos itens de enunciados enumerativos (em leis, decretos, portarias, regulamentos, etc.)” (CUNHA; CINTRA, 2017, p. 666-667).
Dois pontos	“Os dois pontos servem para marcar, na escrita, uma sensível suspensão da voz na melodia de uma frase não concluída. [...] Empregam-se, pois, para anunciar: 1. uma citação; 2. uma enumeração explicativa; 3. um esclarecimento, uma síntese ou uma consequência do que foi enunciado” (CUNHA; CINTRA, 2017, p. 669).
Ponto	“O ponto assinala a pausa máxima da voz depois de um grupo fônico de final descendente. Emprega-se, pois, fundamentalmente, para indicar o término de uma oração declarativa, seja ela absoluta, seja a derradeira de um período com posto” [...] Quando os períodos (simples ou compostos) se encadeiam pelos pensamentos que expressam, sucedem-se uns aos outros na mesma linha.

Cunha e Cintra (2017)	
	Diz-se, neste caso, que estão separados por um ponto simples. Quando se passa de um grupo a outro grupo de ideias, costuma-se marcar a transposição com um maior repouso da voz, o que, na escrita, se representa pelo ponto-parágrafo[...]. Ao ponto que encerra um enunciado escrito dá-se o nome de ponto-final (CUNHA; CINTRA, 2017, p. 664-666). Observação feita pelos autores: “O ponto tem sido utilizado pelos escritores modernos onde os antigos poriam ponto e vírgula ou mesmo vírgula. Trata-se de um eficiente recurso estilístico, quando usado adequada e sobriamente. Com a segmentação de períodos compostos em orações absolutas, ou com a transformação de termos destas em novas orações, obriga-se o leitor a ampliar as pausas entre os grupos fônicos de determinado texto, com o que lhe modifica a entoação e, conseqüentemente, o próprio sentido. As orações assim criadas adquirem um realce particular; ganham em afetividade e, não raro, passam a insinuar ideias e sentimentos, inexprimíveis numa pontuação normal e lógica” (CUNHA; CINTRA, 2017, p. 665).
Interrogação	“É o sinal que se usa no fim de qualquer interrogação direta, ainda que a pergunta não exija resposta” (CUNHA; CINTRA, 2017, p. 670).
Exclamação	“É o sinal que se põe a qualquer enunciado de entoação exclamativa. Mas, como a melodia das exclamações apresenta muitas variedades, o seu valor só pode ser depreendido do contexto” (CUNHA; CINTRA, 2017, 671).

Fonte: Elaborado própria.

Os fragmentos apresentados no Quadro 12 evidenciam que, para este gramático, o critério sintático é o principal, mas não é o único fator a ser considerado quando da demarcação do texto pelos sinais de pontuação. Além dele, devem ser levados em conta outros recursos como o ritmo marcado por pausas (longas, intermédias ou curtas) e os contornos entoacionais da fala que se refletem na escrita a fim de lhe trazer um tom de expressividade capaz de contribuir com a construção do sentido. Tais recursos de natureza prosódica são, de alguma forma, observados por Cunha e Cintra (2017) em todo o capítulo sobre “pontuação”, a despeito do rigor normativo. O autor apresenta as regras interrelacionando-as essencialmente à sintaxe, mas traz observações sobre a atuação de elementos prosódicos na demarcação das sentenças.

Com efeito, numerosas e variadas são as orientações que norteiam o ensino da pontuação, conforme vimos até aqui; não há uniformidade entre as gramáticas quanto ao emprego da pontuação, especialmente da vírgula. Em nossas análises de manuais didáticos e gramáticas da língua portuguesa, não encontramos regras absolutas. Entretanto, algumas delas são comungantes e, por acharmos produtivas e úteis para os seus desdobramentos neste trabalho, sintetizamos e transcrevemo-las no último Quadro desta seção.

As regras selecionadas são alusivas aos usos não-convencionalizados que encontramos no decorrer da pesquisa. Ressaltamos que se tratam de normas vigentes retiradas das gramáticas e de outros manuais publicados por autores de referência que publicaram estudos e prescrições específicas sobre o emprego da vírgula.

2.8 O uso da vírgula: normas vigentes específicas

Após a análise evolutiva acerca das orientações sobre pontuação e, sendo a vírgula o foco do nosso trabalho, apresentamos, a seguir, no Quadro 13, as normas específicas sobre o seu emprego as quais, nesta Subseção, apresentam-se correlacionadas com as categorias de erros encontradas nos dados apresentados na Seção 5 desta tese. Seguimos, assim, com o Quadro 13 em que apresentamos uma síntese das referidas regras encontradas em diferentes gramáticas e manuais sobre o uso da pontuação.

Quadro 13 – Síntese das orientações vigentes sobre o uso da vírgula

Luft (2002); Piacentini (2003); Bechara (2009); Bezerra (2013); Dacanal (2016); Cunha e Cintra (2017)	
Definição da pontuação	“a pontuação em língua portuguesa obedece a critérios sintáticos, não prosódicos. Sempre é bom lembrar isso a todos aqueles que escrevem para que previnam contra bisonhas vírgulas de ouvido [...]” (LUFT, 2002, p. 7).
Conceito de vírgula: Sinal de pontuação que indica falta ou quebra de ligação sintática (regente+regido; determinado+determinante) no interior das frases (LUFT, 2002).	
Categorias de usos indevidos da vírgula apresentadas na Seção 4	O que prescreve a gramática?
Entre sujeito e predicado	“Termos, por natureza indivisíveis, uma vez que eles constituem uma unidade sintático-semântica por origem ³⁵ . Por esta razão, não se separam por vírgulas” (DACANAL, 2016, p. 91). “Mesmo quando o sujeito é longo ou constitui ele próprio uma oração (sujeito oracional”, não se admite a vírgula antes do verbo, ou do predicado” (PIACENTINI, 2003, p. 14).
Antes da conjunção aditiva “e”	“Não se usam vírgulas antes da conjunção “e”: 1. Quando ela coordena ou liga elementos de uma enumeração, pois neste caso, o “e” substitui a vírgula diante do último elemento da enumeração; 2. quando ela liga orações cujo sujeito é o mesmo” (PIACENTINI, 2003, p. 43-45). Possibilidade de uso: se a conjunção: quando entre os dois termos que ela une, se colocar uma intercalação.
Entre termos integrantes da	Segue-se o mesmo princípio da indivisibilidade natural entre os

³⁵ Entende-se por unidade sintático-semântica “toda palavra ou conjunto de palavras que, pela própria estrutura lógica da frase, é por natureza sempre indivisível[...]; a indivisibilidade natural por origem se dá entre: sujeito e predicado, verbo e complemento, por artigo e nome, preposição e termo regido, locuções adverbiais etc.” (DACANAL, 2016, p. 23).

Luft (2002); Piacentini (2003); Bechara (2009); Bezerra (2013); Dacanal (2016); Cunha e Cintra (2017)	
oração	termos essenciais. Dessa forma, não se coloca vírgula entre tais termos, a não ser que haja entre eles algum elemento intercalado ou que estejam deslocados de sua posição natural na frase (PIACENTINI, 2003).
Antes dos termos acessórios em ordem direta	Não se coloca vírgula antes de tais elementos quando estão em ordem direta, a menos que eles apareçam deslocados de sua posição natural ou que, entre eles haja algum elemento intercalado.
Entre conjunções e/ou elementos coesivos	i) “conjunção “pois” - a oração introduzida pela conjunção “pois” não precisa ser necessariamente precedida de vírgula quando posicionada após a oração principal. A vírgula é facultativa: “depende da extensão do período ou da pausa maior que se queira fazer por motivo de ênfase” (PIACENTINI, 2003, p. 61); ii) após a conjunção integrante “que”: emprego indevido pois rompe a unidade sintático-semântica (verbo-objeto) como esclarecido no item 5.3 (DACANAL, 2016) a vírgula após o “que” será admitida quando, a esta conjunção, segue-se uma oração ou expressão intercalada; será precedido de vírgula se, enquanto pronome relativo, iniciar orações explicativas (ROCHA LIMA, 2001).; iii) entre tanto...quanto: a expressão “tanto...quanto” estabelece a coordenação de dois elementos, apresentados de igual forma, sem preponderância de algum destes elementos (NEVES, s/d). A vírgula, neste caso, rompe a indivisibilidade natural de uma unidade sintático-semântica conforme assegura Dacanal (2016); iv) conjunção “ou”: não se deve usar a vírgula quando esta conjunção liga diferentes termos de uma mesma oração, havendo um encadeamento de ideias ou uma noção de equivalência ao unir orações curtas ou que se refiram ao mesmo sujeito (NEVES, s/d.). Entretanto, se as conjunções forem seguidas por uma estrutura intercalada.
Antes de orações subordinadas adjetivas	Tratando-se de orações subordinadas adjetivas restritivas, não se pode usar a vírgula para isolá-la.

Fonte: Elaboração própria.

No que se refere à vírgula entre o sujeito e o predicado recorrentemente encontrada nos dados aqui analisados, Dacanal (2016, p. 91) justifica tal equívoco cometido afirmando que esse erro é resultado, possivelmente, da “equivocada confusão entre realização oral e realização escrita da língua e da decorrente afirmação, feita por gramáticos ‘de poucas luzes’, de que a vírgula indica uma pausa natural, uma pausa para respirar e tolices semelhantes.”

Este excerto retirado de uma das obras analisadas mais recentes desta seção representa a ideia que, em geral, fundamenta as regras sintáticas constantes das gramáticas normativas. No cotejo histórico-gramatical realizado, observamos que, a despeito de os autores acenarem para o fato de que a pontuação também representa, em certa medida, aspectos típicos da oralidade, este reconhecimento não foi suficiente para que tais aspectos fossem delineados de forma mais clara na sistematização das regras. Em outras palavras, em geral, ficou claro neste

estudo comparativo que os autores, em sua maioria, admitem a função da pontuação como dispositivo que marca aspectos prosódicos, entretanto, ao atentarmos para as regras específicas de cada sinalizador gráfico, encontramos especialmente, quanto ao uso da vírgula, regras extensas de base estritamente sintáticas.

Em meio aos encontros e desencontros das regras sobre a pontuação estabelecidas desde as primeiras gramáticas quinhentistas da Língua portuguesa, a apresentação histórico-gramatical empreendida nesta Seção nos permitiu observar que as normas, por mais que tenham definido o emprego da vírgula e dos outros sinais como resultante de uma mobilização sintática, não prescindiram de associar o uso destes sinais, especialmente da vírgula, à prosódia³⁶ e sua força ilocucionária.

Ao se associar o uso da vírgula, como vimos, por exemplo, à marcação de uma pausa breve, realçando a palavra precedente da vírgula, ou ainda, marcando um efeito de inflexão da voz em determinadas fronteiras de enunciado, ela se torna um marcador prosódico (PACHECO, 2003, 2006) que pode ou não coincidir com divisão de fronteiras lexicais ou de orações no interior dos períodos.

Tais relações nos conduziram à discussão acerca do uso dos sinais de pontuação, especialmente, da vírgula, enquanto marcadores prosódicos assim considerados por Cagliari (1989) e Pacheco (2003), conforme apresentaremos na próxima Seção desta tese.

³⁶ [...] Estudos que tratam da entoação, ritmo, acentuação, pausas, taxas de elocução etc. pertencem à prosódia (SILVA, 2017, p. 77). Este conceito será melhor apresentado na Seção 4.

3 USOS DA VÍRGULA: DA SINTAXE À MARCAÇÃO PROSÓDICA

“Minha vida está nos meus poemas, meus poemas são eu mesmo, nunca escrevi uma vírgula que não fosse uma confissão” (QUINTANA *apud* FUNRNIEL, 2021).

Vimos, na Seção anterior, que a tradição gramatical, ao apresentar os sinais de pontuação, admite, inicialmente, o emprego dos sinais gráficos sob a influência de elementos que são próprios da dinâmica da fala (pausa, tempo, ritmo) e da sua melodia (entoação). Contudo, quando os autores das obras de gramática e ortografia fixam as regras de forma sistematizada, é imputada, especialmente ao emprego da vírgula, uma ampla lista de regras eminentemente de base sintática. Desde as gramáticas quinhentistas, temos observado que não há uniformidade no que se refere às funções dos sinais de pontuação e isso tem causado muitas dúvidas quanto ao emprego deles, especialmente da vírgula; dúvidas estas que transitam por todos os níveis de escolaridade não apenas nos anos iniciais. Em razão disso é que a organização e ensino de tais regras não tem sido tarefa simples na rotina das aulas de língua portuguesa.

Dessa forma, mesmo em gramáticas normativas do português recentes, a despeito de alegarem justificativas sintáticas como sendo as principais para o uso dos sinais de pontuação, continuam abordando (algumas em menor escala) os critérios prosódicos, dentre os quais destacam-se a reprodução das pausas rítmicas (LIMA, 1992) e a realização de recursos rítmicos e melódicos da língua falada (CUNHA; CINTRA, 2017). Bechara (2006, p. 604) alinha-se à Catach ao afirmar que a pontuação integra um “sistema de reforço da escrita, constituído de sinais sintáticos, destinados a organizar as relações e a proporção das partes do discurso e das pausas orais e escritas. Estes sinais também participam de todas as funções da sintaxe, gramaticais, entoacionais e semânticas.”

Diante das relações estabelecidas entre pontuação e aspectos da fala, primeiramente, é preciso esclarecer que, embora a língua escrita e a falada sejam sistemas distintos, com características próprias cada um, eles não estão completamente desvinculados. Segundo Corrêa (2004), é essa relação oral/escrito que se coloca como uma das marcas de heterogeneidade da escrita, isto é, a escrita é constitutivamente heterogênea pois resulta de diferentes eixos em torno dos quais o escrevente circula no processo de produção do texto. Dessa forma, a heterogeneidade da escrita pode ser reconhecida de três formas: “em aspectos da representação gráfica; na escrita, como língua; na circulação dialógica que o escrevente faz ao produzir o texto escrito” (CORRÊA, 2004, p. 148).

Sob a perspectiva adotada por Corrêa (2004), a pontuação é um exemplo de representação gráfica que faz emergir a heterogeneidade constitutiva da escrita. Sendo assim, neste trabalho, especificamente, veremos, mais adiante, a heterogeneidade da escrita manifestada por meio da representação gráfica da vírgula no *corpus* apresentado em que observaremos, muitas vezes, uma quebra sintática entre elementos considerados indivisíveis pelo elo sintático estabelecido entre eles na sentença.

Entendemos que as abordagens sobre as funções e usos dos sinais de pontuação oscilam muito, considerando os dois sistemas da língua (fala e escrita) que, embora sejam distintos, mantêm, em certa medida, estreita relação.

Em vista disso, a maioria dos erros de segmentação da escrita, (não apenas nos anos iniciais de escolarização como em seus mais avançados níveis,) justificam-se pelo *continuum* da fala, ou seja, pelo modo como a fala é segmentada em sua realização. Isso ocorre não apenas no que se refere ao emprego não-convencional da vírgula, como também no uso dos sinais de pontuação em geral. Em todo o processo de escolarização, conforme veremos na análise do *corpus*, é comum que sejam encontrados, na escrita, pontos e/ou vírgulas na demarcação de pausas que se justificam na fala, mas não na escrita, considerando o ponto de vista sintático. Nesses casos, então, podemos dizer que há aspectos do sistema oral que podem perfeitamente atuar sobre a escrita. É justamente essa atuação ou influência da oralidade na escrita que a torna heterogênea constitutivamente como discutido anteriormente.

Dada essa relação, o modo de conceber e explicar os usos e funções dos sinais de pontuação não é homogêneo, abarcando tanto questões sintáticas quanto aspectos prosódicos, na verdade, mais sintáticos que prosódicos.

Mas, afinal, o que seriam considerados aspectos prosódicos? A apresentação detalhada acerca do termo “prosódia” encontra-se melhor empreendida na Seção 4. No entanto, desde já antecipamos que a palavra “prosódia”, segundo Barbosa (2019), relacionava-se à expressão do “modo de falar”, porém, com o passar do tempo, o termo agregou sentidos associados a outros próprios da fonética, fonologia como “acento, entoação, ênfase e ritmo, bem como sentidos associados a atitudes e emoções [...], fatores sociais e biológicos como gênero, identidade, classe social entre outros” (BARBOSA, 2019, p. 20).

É nessa perspectiva que Pacheco (2003, p. 5), corroborando a ideia de Barbosa (2019), destaca: “o papel da prosódia extrapola o limite linguístico-discursivo, chegando até mesmo a fornecer informações de cunho psicológico sobre o falante. [...] A alegria, a tristeza, a dor, a agonia etc. de um sujeito podem ser percebidas pela prosódia de sua fala.”

Todos esses aspectos podem, de certa forma, ser espelhados na escrita por meio do que Cagliari (1989) e Pacheco (2003) consideram como marcadores prosódicos, sobre os quais abordaremos a seguir.

3.1 A pontuação como marcador prosódico

Estudos realizados por Cagliari (1989) e Pacheco (2003) defendem que os recursos gráficos (todos os sinais de pontuação, tipos e diferentes tamanhos de letras – itálico, negrito, maiúsculas – formatação de parágrafos etc.) do texto escrito funcionam como pistas prosódicas sobre a maneira como pronunciamos e como segmentamos a fala, facilitando a concatenação das palavras em unidades fonológicas, sintáticas, semânticas e discursivas que interagem no material escrito.

A hipótese de que os sinais de pontuação funcionam como marcadores prosódicos é justificada por Cagliari (1989) sob o fato de que tais sinais são dotados, cada um, de padrões prosódicos específicos, os quais foram sintetizados por Pacheco (2006, p. 96) conforme Quadro transcrito abaixo:

Quadro 14 – Exemplos de alguns sinais de pontuação usados na escrita do PB, com respectivas funções e padrões prosódicos prováveis.³⁷

Sinal de pontuação	Função	Padrão prosódico provável
ponto final tom 1	indica final de oração declarativa (ou interrogativa indireta, com o pronome interrogativo)	tom 1
vírgula	indica que o enunciado anterior é incompleto	tom 3
ponto de interrogação	ponto de interrogação indica uma oração com padrão entoacional de pergunta	tom 2
ponto de exclamação	ponto de exclamação indica admiração, surpresa	tom 1 secundário

Fonte: Pacheco (2006, p. 96).

³⁷ Segundo Pacheco (2003, p. 18), o modelo descritivo de entoação proposto por Halliday e adaptado por Cagliari (1982) ao sistema entoacional do português brasileiro prevê um conjunto de seis tons primários com uma variação de cinco níveis tonais: alto, médio-alto, médio, médio-baixo e baixo. De acordo com Cagliari (1982 *apud* PACHECO, 2003), os seis tons primários do português se caracterizam assim: Tom 1: CPT nivelado e CT descendente; Tom 2: CPT nivelado e CT ascendente; Tom 3: CPT descendente e CT nivelado; Tom 4: CPT descendente e CT descendente-ascendente-meio baixa, baixa, meio-baixa; Tom 5: CPT ascendente e CT ascendente-descendente baixa, meio-baixa, baixa; Tom 6: CPT nivelado alto e CT nivelado alto-descendente nivelado baixo.

Observando que os sinais de pontuação, de acordo com Cagliari (1989) e Pacheco (2003, 2006), possuem prováveis padrões prosódicos, a presença de um sinal de pontuação (PACHECO, 2006, p. 98) “tende a incitar variações prosódicas [...]. Estes sinais presentes na escrita, constituem uma representação gráfica que pode assumir um valor prosódico”, conforme veremos, de forma prática, na apresentação e discussão dos dados na Seção 5.

Destarte, mediante às recorrentes funções prosódicas atribuídas historicamente à pontuação seja nas gramáticas, entre linguistas ou, ainda, mediante pesquisas realizadas sobre o emprego dos sinalizadores gráficos, a pontuação, para Cagliari (2002a), é um recurso gráfico que cumpre desde funções sintáticas a funções prosódicas. Vimos, na primeira Seção, que muitas gramáticas tradicionais definem os sinais de pontuação como tentativas de representar as pausas, o ritmo, as melodias da fala e a entoação. Porém, embora as normas dos gramáticos tradicionais proponham representar aspectos da língua falada por meio dos sinais de pontuação, estes estão, quase sempre, estritamente ligados à sintaxe ou à semântica (PACHECO, 2003).

Ao realizar um estudo investigativo em gramáticas e trabalhos de orientação linguística sobre os aspectos rítmicos da linguagem escrita, Chacon (1998) concluiu que o uso dos sinais de pontuação confere à escrita um ritmo próprio, assim como a fala.

Os sinais de pontuação são, pois, marcas privilegiadas de observação do ritmo da escrita: são, por natureza, marcas gráficas e, por isso, ocorrem exclusivamente nas práticas de linguagem que contam com a participação da escrita: são marcas linguísticas, já que cumprem papel delimitativo de unidade estruturais da modalidade escrita da linguagem (CHACON, 1996, p. 121-122).

Segundo o referido autor, a pontuação refere-se, ainda, a espacialização que aquele que escreve faz da linguagem em várias dimensões simultâneas, a saber, i) na dimensão fônica (associada a pausas, contornos entoacionais, intensidade e duração); ii) na dimensão sintática (associada à delimitação de unidades); iii) na dimensão textual, indicada como a responsável pela organização e coerência textual; iv) na dimensão enunciativa (ligada à expressividade do escrevente no código semiótico). Todas essas dimensões estão organizadas de forma não isomórfica, unidas por meio da enunciação ao ritmo da escrita e, juntas, formam o aspecto multidimensional da linguagem.

Uma análise da escrita de vestibulandos feita por Corrêa (2004) apresenta situações que evidenciam a relação da prosódia com o emprego da pontuação e, segundo ele,

Todos os exemplos evidenciam a presença da prosódia na pontuação considerada excessiva. Naturalmente, essa presença leva a pensar no papel que o escrevente atribui à pontuação. Por ser um momento de um registro analógico da fala na escrita, os gestos articulatórios, associados a efeitos desejados sobre elementos da situação concreta de enunciação [...] vêm representados no uso aparentemente desregrado da pontuação (CORRÊA, 2004, p. 122).

De acordo com Corrêa (2004), a relação da prosódia com a pontuação é reflexo da imagem que o escrevente faz da gênese da escrita. Além disso, quase sempre, a leitura de um texto escrito é feita mediante a imposição, quer seja em voz alta quer não (considerando que, na leitura silenciosa, o leitor recupera, ainda que mentalmente, os aspectos prosódicos), de uma prosódia. Então, na concepção desse autor, a prosódia não é única e exclusivamente um aspecto da fala, haja vista que se constitui como exigência da leitura, demarcada, também, pelo uso dos sinais de pontuação. Ademais, o leitor poderá, perfeitamente, recuperar a prosódia por meio de “diferentes pistas linguísticas deixadas pelo escrevente” (CORRÊA, 2004, p. 116). Estas pistas, em nosso entender, podem se manifestar por meio do uso dos sinais de pontuação.

Outros pesquisadores a exemplo de Kondo e Mazuka (1996); Cohen, Douaire e Elsabbagh (2001) defendem que os sinais de pontuação são importantes na organização sintática e semântica, mas também cumprem o propósito de representar as variações da fala.

É sob essa perspectiva que Cagliari (2002a, 2002b) descreve prosodicamente os principais sinais de pontuação do português brasileiro, constatando que a presença desses sinais tende a suscitar variações prosódicas, razão porque os sinais de pontuação podem funcionar como marcadores prosódicos, isto é, dispositivos que marcam, graficamente, entoações esclarecimentos, pausas, todos percebidos, na escrita, em função do uso adequado (ou não) dos sinais gráficos.

Corroborando as constatações de Cagliari (1989, 2002a, 2002b) acerca dos marcadores prosódicos da escrita, Pacheco (2003) desenvolveu uma pesquisa em que pôde investigar, fonética e acusticamente, as produções orais dos sinais de pontuação mais comuns no português brasileiro, a partir da leitura oral de seis informantes. Os objetivos da autora com tal experimento eram:

- a) investigar se essas marcas gráficas incitam variações melódicas durante a leitura em voz alta, funcionando, assim, como marcadores prosódicos, e b) determinar a diferença acústica dos sinais de pontuação. Além disso, buscou-se investigar se os modos de dizer acarretam algum tipo de variação

melódica e que efeito podem ter sobre esses sinais (PACHECO, 2003, p. 16).

Os resultados encontrados nos testes de leitura oral realizados pela pesquisadora constatarem que a presença de um sinal de pontuação incita variações melódicas pois cada sinal traz em si informações prosódicas específicas (PACHECO, 2003). São essas informações sugeridas pelos sinais de pontuação que podem fazer com que, em muitos contextos de escrita, eles atuem como marcadores prosódicos gráficos coincidindo ou não com a divisão exigida pela sintaxe na sentença.

Dessa forma, Pacheco (2003) encontrou variações de curva de F0, intensidade, duração e pausa nos componentes tônico e pretônico nas frases que aparecem sob incidência dos sinais de pontuação por ela investigados, concluindo que os sinais de pontuação possuem características acústicas específicas que os diferenciam em si. Em síntese, afirma a autora: “os sinais de pontuação funcionam como marcadores prosódicos, ou seja, a sua presença incita variações prosódicas que são peculiares a cada marcador individualmente” (PACHECO, 2003, p. 39).

Há, portanto, dois tipos de marcadores prosódicos, conforme subdivide Pacheco (2006): Marcadores Prosódicos Lexicais (MPL) – adjetivos, advérbios, expressões adverbiais, cujas cargas semânticas proporcionam determinadas variações prosódicas na escrita; Marcadores Prosódicos Gráficos (MPG) – inclui todos os sinais de pontuação, assumindo também um valor prosódico (PACHECO, 2006, p. 97). Por esse entendimento, os sinais gráficos são, portanto, manifestações escritas de variações prosódicas ocorridas em atos de fala. A pontuação, portanto, em especial a vírgula, cumpre funções sintáticas, semânticas, textuais e prosódicas uma vez que pode também marcar prosodicamente, na escrita, muitas nuances da fala.

Dado esse caráter multifuncional próprio do emprego da vírgula, nem sempre há consenso quanto às suas funções e usos entre gramáticos ou entre linguistas. Dessa forma, há teóricos como Baldwin e Coady (1978); Chen, Chan e Tsoi (1988) que atribuem aos sinais de pontuação a função de organizar sintaticamente as sentenças, orações etc.; Chartier (1994) e Cagliari (1995) incluem tais sinalizadores gráficos dentre os elementos responsáveis pela coerência e coesão do texto; Chacon (1998) os define como delimitadores de unidades rítmicas e, por fim, Cagliari (1989) e Pacheco (2003, 2006, 2007, 2017) os reconhece como marcadores prosódicos sem, contudo, desconsiderar a função sintática que eles exercem tradicionalmente.

Tendo em vista a nossa hipótese de que o emprego não convencionalizado da vírgula pode ter motivações prosódicas, a perspectiva adotada por Cagliari (1989) e Pacheco (2003, 2006, 2007, 2017) é a que, especialmente coaduna com a proposta do presente trabalho. Serão, portanto, alvos deste estudo os MPGs, especificamente, as vírgulas inscritas não-convencionalmente nos textos constituintes do *corpus*. Ao lado deste enfoque teórico apresentado pelos dois referidos linguistas, discutiremos, na Seção 4, os pressupostos da Teoria Prosódica de Nespor e Vogel (2007), enfocando o sintagma entoacional, constituinte mais relevante para os dados aqui analisados. Essa teoria será também articulada com a Hipótese da Prosódia Implícita de Fodor (2005).

É importante ressaltar que não é intento desta pesquisa descredibilizar qualquer regra da gramática tradicional no tocante à pontuação. Nosso intento aqui é descrever os usos não convencionalizados da vírgula sob uma justificativa de base prosódica com vistas a uma reflexão sobre o fato de que, tratando-se dos “erros” do emprego da vírgula e pontuação em geral, muitos deles não são casuais. Existe, de certa forma, uma razão que pode ser legitimada pela prosódia. Compreender o que motiva o “erro” na escrita do aluno orienta de forma mais eficaz a intervenção didática do professor em suas aulas.

A Seção seguinte intitulada “A Fonologia Prosódica de Nespor e Vogel e a Hipótese da Prosódia Implícita” será importante para melhor compreensão a organização dos constituintes prosódicos e como eles podem atuar na organização sintática dos enunciados, uma vez que a Fonologia Prosódica é uma componente gramatical em diálogo com outros componente da gramática.

Por seu turno, a compreensão da Hipótese da Prosódia Implícita nos será útil no sentido de compreender que o indivíduo é dotado de uma prosódia inata e interior que não está restrita à fala, mas se projeta também no enunciado escrito podendo interferir, inclusive, no registro da pontuação.

4 A FONOLOGIA PROSÓDICA DE NESPOR E VOGEL E A HIPÓTESE DA PROSÓDIA IMPLÍCITA

“[...] um escritor já nasce com suas vírgulas. Até as erradas” (BRIGUET, 2021).

Etimologicamente, o termo prosódia se origina o grego - *προσῳδία*, transl. *prosodía*, composto de *προσ*, *pros*-, “verso”, e *ὀδή*, *odé*, “canto” – cujo significado remete à melodia (ou toada) que acompanha o discurso; mais diretamente, o termo se relaciona ao acento melódico que caracteriza esse discurso.

Em épocas remotas, já se cultivava o hábito e a necessidade de se diferenciar a fala cotidiana do discurso poético, rebuscado, melódico, a fim de que os poetas seguissem, em suas composições, um padrão entoacional e métrico específicos, próprios da poesia, o que chama a atenção para o fato de que a prosódia não se vinculava à ortografia, mas à audição, ao ouvido (CAGLIARI, 2007). Dessa forma, conforme acentua Cagliari (2007, p. 16), é possível observar que os estudos prosódicos integram a tradição greco-latina e perpassa toda a evolução da escrita ocidental por meio do surgimento dos sinais de pontuação, os quais orientavam “a entoação e o ritmo da frase”, evidenciando, assim, a longa tradição da prosódia dentro dos estudos linguísticos.

A prosódia analisa os traços suprasegmentais da fala, ou seja, “os elementos fônicos que acompanham a realização de dois ou mais fonemas e que têm, igualmente, uma função distintiva: o acento, o tom e a entoação” (DUBOIS *et al.*, 1973, p. 285). Tais elementos são considerados suprasegmentais pois são característicos da fala a qual abrange um segmento além (que se sobrepõe/maior) do fonema e são percebidos considerando os seguintes parâmetros: frequência fundamental, *pitch*, intensidade e duração³⁸ (SILVA, 2011, p. 183). Dessa forma, “tradicionalmente, cabe à prosódia o estudo de três elementos, quais sejam: “o acento dinâmico, o acento de entonação e a duração” (DUBOIS *et al.*, 1973, p. 492).

³⁸**Frequência fundamental:** “Equivalente acústico da frequência de vibração das pregas vocais e corresponde ao número de vezes em que as pregas oscilam em um segundo” (BARBOSA, 2019, p. 22); **Pitch:** “efeito acústico produzido pela frequência da vibração das cordas vocais.[...] Permite classificar os sons em uma escala de baixo-alto (grave ou agudo) com posições intermediárias e desempenha um papel importante nos estudos da entonação e tom” (SILVA, 2011, p. 175); **Duração:** “refere-se às unidades linguísticas que estruturam a informação prosódica dos enunciados” (BARBOSA, 2019, p. 24); “medida do tempo gasto na articulação de um domínio específico (som, sílaba palavra ou segmento)” (SILVA, 2011, p. 96).

O acento dinâmico está relacionado à intensidade com que o ar sai dos pulmões, podendo conferir um caráter distintivo a determinados vocábulos (CALLOU; LEITE, 2003, p. 32); o acento de entonação é, segundo Dubois *et al.* (1973), o acento de altura, relacionado à dimensão da frequência do som fundamental, podendo produzir efeitos de fala, que dificilmente seriam percebidos na escrita; o terceiro elemento vinculado à prosódia é a “duração [...] ligada à sustentação maior ou menor do fonema” (DUBOIS *et al.*, 1973, p. 492), correspondente ao tempo de articulação de um fonema em relação a outros. Dessa forma, Callou e Leite (2003, p. 32) resumem: o “conjunto de fenômenos dos quais se derivam tipos de acento, das pregas, padrões entoacionais, ritmos e velocidades de fala são estudados sob o rótulo de prosódia.” Portanto,

Aos estudos da prosódia cabe a análise fonética e fonológica das relações entre unidades silábicas, que são a base de constituição de relações entre unidades superiores, no intuito de moldar um modo de falar para determinado fim. Assim, o estudo da prosódia não considera diretamente o conteúdo segmental, ou o “que se diz”, mas “como se diz” (BARBOSA, 2019, p. 20).

É nesse sentido que Cagliari (2007) chama atenção para a necessidade de que tais estudos se realizem sem perder de vista “a descrição do sistema da língua”, principalmente no que se refere ao nível fonológico: “Portanto, a descrição prosódica precisa ter diante de si uma descrição fonológica ou contribuir para melhorá-la. Em hipótese alguma, pode prescindir das necessárias referências à Fonologia” (CAGLIARI, 2007, p. 34).

Diante disso, a partir da descrição e análise de como as línguas organizam os sons da fala, diferentes correntes fonológicas surgiram, especialmente, a partir da década de 1970, quando “o interesse dos fonólogos gerativistas se voltou para as estruturas das representações fonológicas, dos sistemas de regras fonológicas e para os traços suprasegmentais” (LEE, 1995). Dessa forma, ao longo do desenvolvimento das pesquisas e estudos em fonologia das línguas em geral, surgiram dois arcabouços teóricos dentro da fonologia que se dividem em:

[...] modelos lineares e modelos não lineares. Os modelos lineares ou segmentais analisam a fala como uma combinação linear de segmentos ou conjuntos de traços distintivos, com uma relação de um-para-um entre segmentos e matrizes de traços, com limites morfológicos e sintáticos. Os modelos não lineares vêem a fonologia de uma língua como uma organização em que os traços, dispostos hierarquicamente em diferentes “tiers” (camadas), podem estender-se aquém ou além de um segmento (MATZENAUER, 2014, p. 13).

Nessas novas perspectivas, os modelos não lineares de que nos fala a autora ultrapassam os limites do fonema assumindo especificidades de acordo com as relações estabelecidas entre a fonologia e outras áreas da Linguística. Estes modelos teóricos surgidos nos últimos anos objetivam apresentar a estrutura hierárquica característica das línguas em geral e são classificados como: Fonologia Autosegmental; Fonologia Lexical, Fonologia Métrica e Fonologia Prosódica (CAGLIARI, 2002c).

A compreensão de cada uma dessas áreas se pauta em seus objetivos gerais e, assim, baseando em Matzenauer (2014) e Cagliari (2002c), podem ser descritos aqui, ainda que resumidamente, da seguinte forma:

a) **Fonologia autosegmental**: as suas propriedades distintivas, ou os seus traços são autos segmentados ocupando um lugar próprio em relação aos demais traços do sistema, ou seja, não há, segundo Bisol (2014) uma relação de um-para-um entre o segmento e o conjunto de traços que o caracteriza. Desse modo, a autora observa que os traços podem expandir-se além ou aquém do segmento e o desaparecimento de um segmento não provoca necessariamente a supressão de todos os seus traços. Assim, este modelo reconhece uma hierarquia entre os traços, analisando os segmentos em camadas (*tiers*) ou ainda dividindo partes do som, tomando-as de forma independente (BISOL, 2014);

b) **Fonologia Métrica**: descreve os fenômenos dependentes da fonotática, especialmente a sílaba, assim como as manifestações rítmicas, em geral (CAGLIARI, 2002c). Nesse sentido, a partir da hierarquia das estruturas linguísticas, esta teoria possibilita uma “nova representação da sílaba e uma análise adequada do acento” (BISOL, 2014, p. 68) o qual é considerado um traço distintivo, ou seja, “o acento é uma propriedade da sílaba e tem caráter relacional - não é um traço, mas uma proeminência que nasce da relação entre os elementos prosódicos: sílaba, pé, e palavra fonológica” (BISOL, 2014, p. 73);

c) **Fonologia Lexical**: descreve a relação entre o sistema sonoro e o sistema lexical das línguas (fonologia-morfologia), considerando o léxico como um domínio de regras fonológicas correlacionadas com as regras morfológicas (BISOL, 2014). A Fonologia Lexical se organiza em dois componentes: o lexical – regras cíclicas, sujeitas ao Princípio da Preservação de Estrutura, podem ter exceções – e o componente pós-lexical em que as regras não são cíclicas, não estão sujeitas ao Princípio da Preservação e não podem ter exceções (LEE, 1995). Em síntese, “fenômenos do componente lexical se aplicam no nível de formação de palavras. Fenômenos do componente pós-lexical se aplicam às formas fonéticas” (SILVA, 2011, p. 116). Dessa forma, além das regras lexicais e pós-lexicais, Lee (1995) ainda acrescenta duas outras ideias centrais da Fonologia Lexical: “i) os domínios fonológicos

internos à palavra não precisam coincidir com as estruturas morfológicas e métricas; ii) as línguas não permitem as regras pós-lexicais que se referem à estrutura interna da palavra” (LEE, 1995, p. 136);

d) **Fonologia Prosódica:** este modelo não-linear se institui como uma das bases teóricas que fundamentam este trabalho e, por esta razão, apresentaremos mais detidamente nos parágrafos subsequentes o quadro teórico acerca da Fonologia Prosódica.

Veremos na subseção seguinte o quão importante este modelo teórico é para os estudos linguísticos na medida em que organiza hierarquicamente os constituintes prosódicos a partir de informações de outros componentes da gramática.

4.1 A Fonologia Prosódica de Nespor e Vogel (1986).

Assim como os modelos descritos anteriormente, a Fonologia Prosódica é, também, um modelo não-linear que propõe a observação da fluência da fala, isto é, como ela organiza as unidades fonológicas que a compõem. O cerne da fonologia prosódica reside no fato de se considerar que a Fonologia é um componente gramatical em diálogo com outros componentes da gramática para estruturar os seus constituintes prosódicos, que são, nesse modelo teórico, hierarquicamente organizados e construídos segundo informações acessadas por meio de constituintes sintáticos (BRAGA, 2017). De acordo com Sândalo (2003), a Fonologia Prosódica pode ser compreendida, especialmente, sob duas ideias: a ideia proposta por Selkirk (1986) e a outra por Nespor e Vogel (1986).

A diferença principal entre estas duas perspectivas estão na natureza da informação sintática que pode ser tomada pelos algoritmos de formação dos domínios prosódicos. Segundo a primeira abordagem, as condições de mapeamento em domínios prosódicos somente podem acessar fronteiras sintáticas. Segundo a outra abordagem, as condições de mapeamento em domínios prosódicos podem acessar a relação entre núcleos e complementos (e certos constituintes adjacentes) (SÂNDALO, 2003, p. 90).

No entanto, as duas propostas se convergem no sentido de compreenderem que a fala se organiza de forma hierárquica em constituintes prosódicos que se constroem levando em conta informações de outros componentes da gramática (TENANI, 2002), ou seja, “o componente da Fonologia Prosódica interage tanto com o componente sintático como com os componentes morfológico e semântico. Nesse caso, o *input* da fonologia pode vir de qualquer um desses componentes” (GAYER, 2015, p. 152). Sendo assim,

A relação traçada entre fonologia e sintaxe é parcialmente determinada, ou seja, não há, necessariamente uma correspondência entre a estrutura dos constituintes prosódicos e os constituintes sintáticos, podendo estes coincidir ou divergir (BRAGA, 2017, p. 60).

Essa interação dos componentes se estabelece com base nas regras de mapeamento que “transformam a estrutura sintática ou morfológica em estrutura prosódica, já no componente fonológico (GAYER, 2015, p. 169). Nesse sentido, o mapeamento sintático-fonológico proporciona uma representação prosódica cujos constituintes, organizados hierarquicamente mantem uma relação de dominância entre si (BRAGA, 2017). O que diferencia, pois, a fonologia e a sintaxe é o fato de elas dividirem em constituintes, um mesmo segmento de fala, de forma diferente. Enquanto as regras sintáticas apresentam naturalmente o caráter da recursividade³⁹, as fonológicas não.

A recursividade, vale destacar, é uma teoria linguística defendida por Chomsky (1965), no âmbito da gramática gerativa, segundo a qual “o componente sintático especifica um conjunto infinito de objetos formais abstratos, cada um dos quais incorpora toda a informação relevante para uma interpretação única duma frase particular” (CHOMSKY, 1965, p. 97 *apud* NETO, 2011). Nesse sentido, a recursividade consiste em incluir estruturas em outras que, num processo recursivo, possibilita a criação de frases infinitas a partir das regras sintáticas; “considerando os limites de nossa memória e de nossa capacidade de processamento, podemos combinar frases para fazer sentenças *ad infinitum*” (RATTOVA, 2014, p. 29).

Portanto, se as estruturas sintáticas são infinitas devido à recursividade, as estruturas prosódicas são, a priori, finitas e menos profundas pois ela organiza a fala a partir de um “conjunto finito de unidades fonológicas” (MATEUS, 2004, p. 7).

Elucidando essa relação e alocando os papéis fundamentais da prosódia na constituição e funcionamento da fala, Nespor e Vogel (1986), em *Prosodic Phonology*, propõem um estudo de interface entre a Fonologia e outros elementos gramaticais, estabelecendo quais elementos integram a composição da fala e se eles pertencem ou não a outros domínios gramaticais. Desse modo, as autoras asseguram que a estrutura prosódica é composta de sete níveis que se organizam hierarquicamente de maneira que os níveis se constituem de um ou mais elementos do nível subsequente (NESPOR; VOGEL, 2007).

³⁹A recursividade é “a propriedade do que pode ser repetido de modo infinito, propriedade essencial às regras da gramática gerativa” (DUBOIS, 1973, p. 502).

Os níveis propostos por Nespor e Vogel são os seguintes: a sílaba, o pé, a palavra fonológica, o grupo clítico, a frase fonológica, a frase entoacional e o enunciado fonológico. As sílabas e o pé são puramente fonológicos, a palavra fonológica, o grupo clítico e a frase fonológica estabelecem interface com a sintaxe, a frase entoacional e o enunciado fonológico, por outro lado, estão fortemente atrelados a variáveis semânticas e pragmáticas. A escolha dessas categorias é justificada pelo fato de elas constituírem domínios de aplicação de regras fonológicas. A organização hierárquica a que se referem Nespor e Vogel (2007) é sistematizada em um diagrama arbóreo apresentado por Bisol (2014) e adaptado por Baldow; Santos e Pacheco (2020) conforme Figura 39:

Figura 39 – Hierarquia prosódica

Constituintes prosódicos		Exemplos
<pre> graph TD U --> I I --> Phi I --> Phi2["(Φ)"] Phi --> C Phi --> C2["(C)"] C --> omega C --> omega2["(ω)"] omega --> Sigma omega --> Sigma2["(Σ)"] Sigma --> sigma Sigma --> sigma2["(σ)"] </pre>	Enunciado	U - [l/uguaRda/ /fuva/ /kebra/ /nuveNtu/ I [l/nuveNtu foRti/ I] U
	(I) Sintagma Entoacional	I - [l/uguaRda/ /fuva/]Φ [/kebra/]Φ [/nuveNtu/]Φ I
	Sintagma Fonológico	Φ - [l/ /guaRda/]c [/fuva/]c Φ
	Grupo Clítico	C - [l/ /di/]ω [/fuva/] ω C
	Palavra Prosódica	ω - [/guaRda/]ω [/fuva/] ω
	Pé	Σ - /pata/; /kalada/ (* .) (* .) (* .) (. * .) ⁴
	Sílaba	σ - /pa.ta/; /paS.ta/; paR.ta/ ⁵

Fonte: Baldow, Santos e Pacheco (2020, p. 245).

A disposição hierárquica apresentada no quadro demonstra que cada unidade do nível elevado é constituída dos “níveis imediatamente inferiores [...]”: os pés contêm as sílabas e o enunciado contém todas as unidades inferiores da hierarquia prosódica. Assume-se que todas as línguas apresentem esses sete níveis da hierarquia prosódica [...]” (SILVA, 2011, p. 133). Os constituintes prosódicos acima expostos são caracterizados por Bisol (2014), Silva (2011) e Gayer (2015) da seguinte forma:

i) **sílaba**: constituída de sons consonantais e vocálicos, ela é a base da hierarquia e o seu domínio é a palavra prosódica. A sílaba possui uma estrutura hierárquica própria composta pelo ataque, a rima e a coda⁴⁰. O núcleo silábico é normalmente ocupado por uma

⁴⁰ Ataque: consoante inicial ou sequência de consoantes; Rima: demais segmentos (vogal ou ditongo), Coda: consoante final (MATEUS, 2004, p. 9-10).

vogal ou por uma consoante silábica, em determinadas línguas (SILVA, 2011). Para Nespor e Vogel (2007), no entanto, essa estrutura hierárquica da sílaba não exerce qualquer função na hierarquia prosódica;

ii) **pé métrico:** “combinação de duas ou mais sílabas, em que se estabelece uma relação de dominância, de modo que uma delas é o cabeça e a outra ou outras, o recessivo (BISOL, 2014, p. 262), ou seja, a sílaba acentuada é o cabeça do constituinte (GAYER, 2015, p. 158). É a segmentação das palavras em pés métricos que possibilita a acentuação nas palavras das línguas (GAYER, 2015);

iii) **palavra prosódica:** é neste nível que acontece a interação fonologia-morfologia da gramática. A palavra prosódica domina o pé, de modo que, de acordo com a hierarquia prosódica, todos os pés são ordenados em palavras fonológicas ou prosódicas, a qual possui apenas um elemento proeminente e, por isso mesmo, apenas um acento primário (BISOL, 2014, p. 263);

iv) **grupo clítico:** unidade formada por uma palavra de conteúdo (lexical) e as palavras funcionais que a cercam (GAYER, 2015, p. 157); quanto a este constituinte, Bisol (2014) observa que, considerando o fato de que a palavra fonológica (ou prosódica) só pode ter um acento primário, as demais palavras destituídas de acento próprio integram o grupo clítico. A autora reitera a existência de duas categorias de clíticos: uma que está diretamente ligada à palavra fonológica, constituindo uma só palavra, e a outra que, por ser independente dela, está sujeita às mesmas regras da palavra prosódica;

v) **sintagma fonológico ou frase fonológica:** é formada a partir de um núcleo lexical como um verbo, um substantivo, sem a necessidade de isomorfismo sintaxe-fonologia (GAYER, 2015). Mesmo que, em algumas situações haja uma relação simétrica entre os dois componentes, podemos observar que um dado segmento pode conter, por exemplo, três sintagmas sintáticos e dois sintagmas fonológicos;

vi) **sintagma entoacional:** formada de uma ou mais frases fonológicas, a partir de informações da sintaxe. O sintagma entoacional é o domínio de um contorno de entoação em que sua fronteira final resulta em pausas na oração, cuja delimitação pode estar relacionada, além da informação sintática, a questões semânticas ligadas à proeminência e à performance, como velocidade de fala e estilo (GAYER, 2015, p. 157);

vii) **enunciado:** conforme descrito por Nespor e Vogel (1986), o enunciado fonológico é o maior constituinte na hierarquia proposta pelas autoras, sendo demarcado “pelo começo e fim do constituinte sintático” (BISOL, 2014, p. 270). Do ponto de vista prosódico, Gayer (2015) afirma que “o enunciado fonológico se identifica pela proeminência relativa, a

qual não é interpretada como um acento, como nas unidades menores, mas como uma proeminência que indica entoação final de oração” (GAYER, 2015, p. 157).

Com exceção dos constituintes pé e sílaba, que são definidos por informações não fonológicas, os demais domínios são determinados por informações fonológicas. Uma consideração importante apresentada por Nespor e Vogel (1986) é o fato de não haver obrigatoriedade de isomorfismo⁴¹ entre um constituinte sintático ou morfológico e um constituinte fonológico.

Outra questão importante a ser destacada é que a inexistência de isomorfismo entre sintaxe e fonologia nos domínios mais altos, como a frase fonológica, pode ser explicada tanto por condições fonológicas quanto por condições discursivas. A tendência é que constituintes muito longos são propensos à divisão, mesmo que as normas sintáticas sejam violadas. Essa divisão também pode decorrer da velocidade de fala, sendo sintagmas entoacionais mais longos correspondentes a uma fala mais rápida e sintagmas menores correspondentes a uma fala mais pausada.

O processo de reestruturação destes sintagmas ocorre tanto devido a questões fisiológicas (necessidade de pausas para a respiração) quanto por fatores situacionais e pragmáticos (estilo, grau de formalidade do discurso etc.). Discursos mais formais tendem a dividir uma frase longa em diversas frases entoacionais curtas, enquanto a fala rápida tende a não ter tantos contornos entoacionais. No entanto, as reestruturações, por razões fonológicas ou semânticas, estão suscetíveis a restrições sintáticas, como a improbabilidade de quebra de NP⁴² e separação entre verbo e seu argumento interno (NESPOR; VOGEL, 2007).

Embora o foco das teorizações empreendidas por Nespor e Vogel (2007) seja voltado para as regras que permitem embasar a seleção dos constituintes prosódicos, as autoras mencionam, também, o papel das pausas e dos contornos entoacionais na constituição da estrutura prosódica, o que é bastante relevante para o trabalho ora empreendido, qual seja, entender como a identificação de mais de um sintagma entoacional pode levar escreventes de gêneros textuais diversos, inclusive acadêmicos, a demarcarem os sintagmas com a utilização de vírgulas (inadequadas do ponto de vista normativo), evidenciando, por vezes, a quebra de isomorfismo entre os contornos entoacionais e a sintaxe.

⁴¹Diz-se que há isomorfismo entre duas estruturas de duas ordens diferentes de fatos quando ambas apresentam o mesmo tipo de relações combinatórias (DUBOIS *et al.*, 1973, p. 354).

⁴²NP=*Nominal Phrase* que, em português, é sintagma nominal

A fonologia prosódica é, segundo as autoras, não apenas uma explicação de como o fluxo da fala é organizado em unidades prosódicas menores, mas também uma teoria da interação entre a fonologia e os domínios da sintaxe, da morfologia e da semântica. Embora os constituintes fonológicos não sejam necessariamente isomórficos a constituintes morfossintáticos, a fonologia é compreendida na sua relação com os outros componentes da gramática. Por isso não se pode prescindir desses domínios para a compreensão de fenômenos que só podem ser explicados a partir dessa interação.

Sob essa ótica, a compreensão da Fonologia Prosódica será útil neste estudo que elege o sintagma entoacional como constituinte prosódico mais relevante para os dados aqui analisados, a fim de que sejam verificados como os contornos entoacionais são mobilizados por escreventes dos mais diversos gêneros textuais, no que se refere à inserção ou não de vírgulas em seus textos escritos, em desacordo com a gramática normativa. Esta teoria será articulada com a Hipótese da Prosódia Implícita que, conforme veremos a seguir, também nos fornecerá subsídios para a justificativa dos usos não convencionais da vírgula do ponto de vista prosódico.

4.2 A Hipótese da Prosódia Implícita (HPI) de Fodor

Em tempos passados, a prosódia foi excluída dos estudos sobre o processamento das frases, ficando este restrito ao âmbito semântico e sintático: “as sentenças experimentais eram, na maioria dos estudos, apresentadas visualmente e sem quaisquer marcadores prosódicos, tais como vírgulas [...] que a representam parcialmente por escrito” (FODOR, 2005, p. 91-92); as informações suprasegmentais eram, portanto, ignoradas. Fodor (2005) esclarece que tal exclusão da prosódia nos estudos da organização da frase se deu em função da incipiência da “tecnologia do estudo da fala” (FODOR, 2005, p. 91), além do fato de que as questões teóricas seriam melhor respondidas se se limitassem à sintaxe e semântica, sem a devida inserção de aspectos fonológicos do fraseamento prosódico. Entretanto, considerando o avanço na tecnologia dos estudos da fala, a autora complementa:

[...] talvez seja o momento de integrar a prosódia nos modelos de processamento. Eu defendo que não temos outra escolha, a não ser fazê-lo, uma vez que as evidências atualmente demonstram que, mesmo na leitura silenciosa, a prosódia é projetada nas frases escritas, e pode influenciar o curso do processamento sintático (FODOR, 2005, p. 91).

Então, por meio deste entendimento de que a prosódia é implicitamente projetada no enunciado escrito, inclusive na leitura silenciosa, é que Fodor (2005) sugeriu a Hipótese da Prosódia Implícita, doravante HPI, segundo a qual, no processamento da leitura silenciosa, o sujeito leitor aciona, implicitamente, uma curva melódica própria da entonação oral, a qual é, naturalmente, evocada e projetada na escrita, quando a leitura é realizada. De acordo com Fodor (2005, p. 93), “[...] A prosódia é projetada mentalmente pelos leitores na cadeia, escrita ou impressa, de palavras”.

Nesse sentido, considerando o que a autora concebe como uma prosódia implícita própria de cada indivíduo, ela insere, de certa forma, o estudo prosódico no campo da Psicolinguística, uma vez que, a voz interior projetada mentalmente na leitura ou na escrita resulta dos comportamentos individuais que podem variar de acordo com características psicológicas próprias de cada falante. A Psicolinguística, sendo o estudo científico dos comportamentos verbais em seus aspectos psicológicos, busca explicar a relação entre certos aspectos dessas realizações verbais com a memória, a atenção etc. (DUBOIS *et al.*, 1973, p. 494), em resumo,

A Psicolinguística se interessa, em particular, pelos processos através dos quais os falantes atribuem uma significação ao seu enunciado, às associações das palavras e à criação de hábitos verbais, aos processos gerais da comunicação (motivações do sujeito, sua personalidade situação de comunicação etc.) (DUBOIS *et al.*, 1973, p. 494).

Segundo Bader (1998), o processo definido como prosódia implícita se configura como um conjunto de informações prosódicas que acompanha a voz interior ouvida durante a leitura silenciosa. O leitor faz, então, uma correspondência entre os dados internalizados em sua memória oral e os grafemas registrados, mesmo numa leitura silenciosa. Isto significa que a prosódia inata a cada ser humano é, espontaneamente, estimulada e ouvida nos atos de leitura (silenciosa) e é resultante da codificação fonológica; um processo específico da leitura pelo qual a linguagem escrita é associada a representações fonológicas. Sendo assim, a HPI, elaborada por Fodor (2002) é por ela mesma definida da seguinte forma:

Na leitura silenciosa, um contorno prosódico *default* é projetado sobre o estímulo, e pode influenciar a resolução da ambigüidade sintática. Permanecendo iguais os outros elementos, o parser favorece a análise sintática associada ao contorno prosódico (*default*) mais natural para a construção (FODOR, 2002, p. 1 *apud* LOURENÇO-GOMES, 2003, p. 3).

Então, segundo esse entendimento, “tanto a estrutura sintática como a estrutura prosódica são computadas durante a leitura, podendo esta última exercer influência sobre escolha alternativa de aposição de constituintes (LOURENÇO-GOMES, 2003, p. 2). Mesmo durante a leitura silenciosa, o contorno prosódico, implicitamente projetado na escrita, pode desfazer ambiguidades sintáticas (FODOR, 2005; LEHISTE, 1973; MAGALHÃES *et al.*, 2016; ANGELO; SANTOS, 2015).

Se não houver contratempo, o *parser*, compreendido como sendo um mecanismo da mente humana de processamento sintático, responsável por mediar a produção e a compreensão da linguagem, “favorece a análise sintática associada ao contorno prosódico mais natural para a construção” (FODOR, 2005, p. 96). Segundo a autora, de acordo com essa hipótese, a análise sintática e a atribuição da prosódia podem estar intercaladas com o processamento prosódico dando prosseguimento ao processamento sintático de baixo nível e alimentando, mais tarde, as decisões sintáticas do *parser*. Quando o *parser* toma uma decisão equivocada, ocorre o chamado efeito labirinto relacionado à teoria do *Garden path* (Teoria do Labirinto):

Trata-se de um modelo estrutural e o labirinto, à semelhança de uma frase, é uma estrutura, com várias bifurcações a serem escolhidas ao se trafegar por ele. Ao se entrar em uma sala em que há várias portas, escolhe-se uma delas, provavelmente a mais próxima e, algumas vezes, a escolha leva para fora, ao jardim, e não ao interior da estrutura, como pretendido (MAIA; FINGER, 2005, p. 17).

Esta descrição pode se traduzir no momento em que o leitor faz um processamento *online* inadequado da sentença, mas imediatamente retoma o processamento adequado. (FRAZIER, 1979). Dessa forma, desde o surgimento da HPI, as pesquisas sobre o papel da prosódia como importante pista no processamento de sentenças foram alavancadas, tanto na produção, quanto na compreensão de enunciados. Por esta razão,

Não se trata de casos em que algumas pessoas estudam a prosódia no processamento de frases, enquanto outras podem continuar a excluí-la, a fim de considerar o puro processamento sintático/semântico. Até mesmo na leitura, a prosódia está presente. Mesmo na leitura silenciosa, e também quando a pontuação de marcação prosódica está ausente, a prosódia é projetada mentalmente⁴³ pelos leitores na cadeia, escrita ou impressa, de

⁴³ Aqui nos reportamos ao escritor José Saramago que, em algumas de suas narrativas, deliberadamente, deixa de pontuar o texto ou o pontua de forma não-canônica, a fim de que o leitor

palavras. E – o que é crucial – então é tratada como se fosse parte do *input*, podendo, portanto, afetar a resolução da ambiguidade sintática do mesmo modo que a prosódia explícita o faz na fala (FODOR, 2005, p. 93).

Slowiaczek e Clifton Jr (1980) também apontam para a existência da prosódia implícita, ao demonstrarem o papel da subvocalização na compreensão da leitura. Entende-se por subvocalização um tipo de fala interna, isto é, uma voz interna que surge naturalmente durante a leitura de um texto. Este processo possibilita ao leitor representar mentalmente os sons das palavras lidas, permitindo-lhe acionar várias nuances da oralidade e transportá-las para o texto escrito, quando de sua leitura. A percepção dessa “voz interior” pode contribuir para uma compreensão mais ampla do que está sendo lido. Referindo-se à subvocalização, os autores supracitados observaram em seus estudos e pesquisas que, quando ela foi suprimida, a compreensão de conceitos individuais não fora comprometida, todavia, a combinação de ideias e conceitos careceu de subvocalização.

Com isso, Slowiaczek e Clifton Jr (1980) lançaram duas hipóteses para os seus resultados quais sejam: a) a hipótese de que a memória propõe que a subvocalização traduz um *input* visual em código fonológico, sendo que este dura mais na memória do que o código visual; b) a hipótese de que a estrutura prosódica sugere que a subvocalização reorganiza o *input* visual numa representação que fornece pronto acesso à informação necessária ao processamento da sentença.

Conforme já discutido no início desta Seção, no nível da sentença, a prosódia compreende três aspectos distintos no plano suprasegmental, a saber, a entonação – distribuição de acentos tonais na sentença relacionados à frequência fundamental, à curva melódica; o padrão rítmico frasal – distribuição de sílabas fortes e fracas dentro da sentença, sob uma relação de proeminência relativa de uma unidade prosódica em relação a outra; e o fraseamento prosódico – divisão da sentença em constituintes prosódicos (SELKIRK, 1995; NESPOR; VOGEL, 1986). Assim, há, nas línguas, diversas possibilidades de fraseamento prosódico que podem ser estabelecidos desde a estrutura sintática (estrutura de foco) a situações discursivas (estilo, grau de formalidade, velocidade de fala etc.) (BADER, 1998; SELKIRK, 1986; NESPOR; VOGEL, 1986).

Tendo em vista a ampla atuação da prosódia no plano suprasegmental e a forma como ela pode conduzir a linguagem escrita ou oral e, para além disso, considerando a

seja livre para “pontuar” o texto mentalmente, projetando, na leitura silenciosa, a sua “voz interior” que é a prosódia implícita, conforme considerada por Fodor (2005).

suposição de que, durante a leitura silenciosa, os leitores projetam implicitamente sobre o enunciado escrito um contorno prosódico similar ao contorno mais natural daquele enunciado produzido oralmente (FODOR, 2005), pretendemos, no presente estudo, descrever e analisar características prosódicas de fronteiras de usos não-convencionais de vírgulas, na escrita de variados gêneros textuais, a saber: redações de alunos dos ensinos Fundamental e Médio; textos acadêmicos de cursos de graduação; dissertações de mestrado e teses; textos jornalísticos; textos informativos, verificando nestes gêneros possíveis divergências quanto ao uso ou não-uso das vírgulas, em observância aos parâmetros estabelecidos pela gramática normativa, analisando, ainda, as motivações prosódicas subjacentes às inadequações encontradas nessa interface entre escrita e prosódia.

5 METODOLOGIA

“[...] A estratégia, ao contrário, elabora um cenário de ação que examina as certezas e as incertezas da situação, as probabilidades, as improbabilidades. O cenário pode ser modificado de acordo com as informações recolhidas, os acasos, contratempos ou boas oportunidades encontradas ao longo do caminho [...]” (MORIN, 2007, p. 90).

A presente pesquisa está vinculada ao Projeto Temático intitulado “Questões de fonética e fonologia: fala, escrita, leitura e gestos”.

5.1 Sobre o método utilizado

De acordo com Marconi e Lakatos (2010), os métodos e as técnicas a serem empregados na pesquisa científica estão diretamente relacionados ao problema a ser estudado, assim como à natureza do objeto de pesquisa. Desse modo, considerando o objeto e objetivos desta tese, buscaremos apoio nas abordagens quantitativa e qualitativa, sendo esta última de caráter interpretativo, uma vez que o processo de interpretação permite ao pesquisador integrar os dados aos fundamentos teóricos da pesquisa e de conhecimentos reunidos em torno do tema (GIL, 2011). No contexto da proposta aqui apresentada, conforme detalhado abaixo, a descrição e interpretação dos dados se guiará, especialmente, pela análise de documentos, ancorando-se assim, em uma das vertentes da abordagem qualitativa que é a pesquisa documental.

Essa forma de pesquisa é caracterizada “pela busca de informações em documentos que não receberam nenhum tratamento científico” (OLIVEIRA, 2007, p. 69) ou “que podem ser reexaminados, buscando-se novas e/ou interpretações complementares” (GODOY, 1995, p. 21).

Recorrendo, portanto, aos princípios propostos pela pesquisa documental, sob as abordagens qualitativa e quantitativa, a pesquisa pretendeu investigar usos não-convencionalizados de vírgulas em textos provenientes de todos os níveis de escolaridade e em variados gêneros textuais.

5.2 Sobre o *corpus*

Os textos constituintes do *corpus* procedem das seguintes instâncias: Ensino Fundamental e Ensino Médio; cursos de Graduação; Pós-graduação (artigos científicos,

dissertações de mestrado e teses) além dos textos que, em geral, circundam o cotidiano das pessoas na sociedade, a exemplo dos textos publicitários, informativos, mensagens religiosas e de autoajuda; avisos institucionais entre outros. Em razão da pandemia, não nos foi possível ir a instituições de educação aplicar atividades para a realização das produções textuais conforme havíamos pensado inicialmente. Então, a coleta dos gêneros textuais se deu da seguinte forma:

a) Textos do Ensino Fundamental: foram retirados de livros que reúnem textos produzidos por este público a partir das seguintes fontes: i) livro intitulado “Memórias e amor”; trata-se de um pequeno livro produzido por alunos do Ensino Fundamental de uma escola particular de Vitória da Conquista e distribuído na referida comunidade escolar; ii) um livro e uma revistas intitulados, respectivamente “Grandes histórias escritas por todos nós” e “Pequenos grandes escritores”, ambos elaborados e organizados por alunos de uma escola pública em Vitória da Conquista⁴⁴; iii) Textos extraídos do livro “Literatura e Alfabetização”, livro que traz, na íntegra, produções escritas por alunos do Ensino Fundamental. Analisamos, ainda, outros textos cedidos por pessoas do círculo familiar da autora desta pesquisa.

b) Textos do Ensino Médio e do Ensino Superior: retirados de bancos de textos disponibilizados por colegas professores das instâncias citadas, trata-se de trabalhos com temáticas variadas, alguns realizados como atividades rotineiras das disciplinas outros como atividades avaliativas.

c) Textos da Pós-graduação (artigos, teses e dissertações, excertos de livros) foram obtidos por meio de consulta a sites de bibliotecas digitais de teses e dissertações.

d) Gêneros não acadêmicos: as reportagens, anúncios publicitários e editoriais foram obtidos por meio de consultas em sites e redes sociais, a exemplo do instagram.

Desta forma foram analisados 70 textos distribuídos da seguinte forma: 14 (catorze) textos do Ensino Fundamental, 14 (catorze) do Ensino Médio e 14 (catorze) do Ensino Superior; 14 textos científicos (abrangendo artigos, teses e dissertação), 14 textos de outros gêneros textuais não acadêmicos. Assim, totalizamos 70 textos com 171 ocorrências de usos indevidos das vírgulas, 77 omissões e 616 usos devidos.

5.3 Sobre as análises e desenvolvimento da pesquisa

⁴⁴ Este projeto integrou o Subprojeto Língua Portuguesa do PIBID à época, sob coordenação da autora da pesquisa.

Conforme explicitado na introdução desta tese, tendo em vista os pressupostos teórico-metodológicos da Fonologia Prosódica (FP) e na Hipótese da Prosódia Implícita (HPI), assim como a proposta de Cagliari (1989, 2002a, 2002b) e Pacheco (2003, 2006) de que as vírgulas funcionam como marcadores prosódicos da escrita, o tema desta tese é o estudo das características prosódicas de fronteiras de usos não-convencionais de vírgulas na escrita de textos procedentes de todos os níveis de escolaridade, assim como em gêneros textuais diversos.

Considerando que a base do atual ensino acerca do emprego da vírgula é a sintaxe, julgamos necessário descrever, inicialmente, o percurso histórico-gramatical e prescritivo acerca das normas, funções e usos da pontuação com especial atenção à vírgula, verificando as variadas regras e funções atribuídas à pontuação no decurso do tempo. Sendo assim, analisamos e apresentamos 16 (quinze) obras gramaticais incluindo manuais de ortografia e pontuação representativas dos séculos XVI, XVII, XVIII, XIX, XX, XXI.

A escolha dos títulos se deu, principalmente, em razão do pioneirismo que tais obras representaram sobretudo nos séculos XVI e XVII quando as normas gramaticais da língua portuguesa começaram a se consolidar. As gramáticas e os manuais mais recentes foram selecionados por serem obras de referência adotadas em escolas, cursinhos para concursos etc. Assim os títulos apresentados são os seguintes:

Séc. XVI: Grammatica da lingoagem portuguesa – Fernão de Oliveira (1536); A Gramática da Língua Portuguesa – João de Barros (1540); Orthographia da Lingoa Portugvesa Duarte Nuniz de Lião (1576).

Séc. XVII: Orthographia ou modo para escrever certo na língua portuguesa – Alvaro Ferreira de Vera (1631).⁴⁵

Séc. XVIII: Nova Escola para aprender a ler, escrever, e contar Manuel de Andrade de Figueiredo (1722); Compendio de orthografia Luis de Monte Carmelo (1767)

Séc. XIX: Compêndio da Grammatica Portugueza- Antônio da Costa Duarte (1829); Método Castilho para o ensino rápido e aprazível: do ler impresso, manuscrito e numeração e do escrever (1853).

Séc. XX: Serões Grammaticaes Ernesto Carneiro Ribeiro 1919; Gramática Normativa da Lìngua Portufuesa – Silveira Bueno (1968).

⁴⁵ Outros autores de gramáticas do período seiscentista foram consultados a exemplo de Chorro (1643), Pereira (1666), Franco Barreto (1671), porém, não encontramos mudanças significativas quanto ao emprego dos sinais de pontuação, razão por que não as apresentaremos aqui.

Séc. XXI: Nova gramática da Língua portuguesa para Concursos (BEZERRA, 2013); Nova Gramática do Português Contemporânea (CUNHA; CINTRA, 2017); Só vírgula: Considerações sobre seu ensino e emprego (LUFT, 2002); Só vírgula: método fácil em vinte lições (PIACENTINI, 2003); Moderna Gramática Portuguesa (BECHARA, 2006); Gramática: texto, análise e construção de sentido – (ABAURRE; ABAURRE; PONTARA, 2010); Manual de pontuação (DACANAL, 2016).

Concluimos a primeira Seção com uma visão geral das regras específicas e vigentes sobre o emprego da vírgula correlacionando-as com as categorias de erros encontrados no *corpus* (Quadro 13).

A partir do estudo histórico-evolutivo das gramáticas tradicionais da língua portuguesa, a análise das produções escritas se pautou, inicialmente, na sintaxe e, considerando suas regras, inventariamos as vírgulas registradas em desacordo com a gramática tradicional. Nesse processo de inventário, identificamos que os parâmetros sintáticos infringidos foram os seguintes: Uso da vírgula entre sujeito e predicado em relação direta; antes da conjunção “e” com referência ao mesmo sujeito ou seguida de uma sequência de elementos; entre termos integrantes da oração; entre termos acessórios da oração em ordem direta; entre conjunções e/ou elementos coesivos; antes de oração subordinada adjetiva restritiva.

Identificados os empregos não canônicos das vírgulas, destacamos os fragmentos com os “erros” e os agrupamos por categoria, conforme os parâmetros gramaticais citados no parágrafo anterior. Realizamos, inicialmente, um levantamento quantitativo dos usos indevidos e os apresentamos numericamente por meio de gráficos assim distribuídos: 1. Gráfico de setores em que apresentamos a totalidade dos textos analisados e todas as ocorrências de usos devidos e indevidos, assim como as omissões; 2. Gráfico de colunas com os tipos / categorias de colocação equivocadas; 3. Gráfico de colunas em que se apresentam os usos indevidos de vírgulas por níveis de escolaridade ou gêneros textuais. Neste caso, ressaltamos que os dados foram obtidos a partir de um recorte transversal em que analisamos textos produzidos desde o ensino fundamental até a pós-graduação (artigos, capítulos de livros, dissertações e teses), além de variados gêneros textuais.

Feita a categorização dos usos divergentes de vírgulas e levantamento quantitativo dos dados, a partir da descrição das regras normativas infringidas, elaboramos, para melhor visualização, seis quadros identificados por tipo de infração gramatical os quais apresentam os dados por: Nível de escolaridade; Excertos com emprego de vírgulas não-convencionalizadas; Registro permitido pela gramática normativa e Marcação prosódica (distribuição dos **Is**).

Pretendemos, por meio da análise de “erros” quanto às infrações das regras gramaticais ocorridas, testar nossa hipótese e evidenciar a ação da prosódia registrada nos excertos por meio do marcador prosódico aqui considerado, isto é, a vírgula, cujo emprego não convencional pode ter uma justificativa sob o ponto de vista prosódico.

Esclarecemos que, nos seis Quadros representativos dos dados, cada fragmento é identificado por códigos correlacionados às iniciais dos nomes referentes aos níveis de escolaridade organizados por ordem alfabética, conforme exemplificado a seguir:

Ensino Fundamental: EFa; EFb; EFc etc.;

Ensino Médio: EMa; EMb; EMc; EMd etc.;

Graduação: Ga; Gb; Gc; Gd etc.

Pós-graduação: PGa; PGb; PGc; PGd;

Outros gêneros: OGa; OGb; OGc e assim sucessivamente.

Também esclarecemos que destacamos com amarelo as vírgulas cujos empregos são considerados equivocados segundo a gramática tradicional. Ressaltamos também que, a fim de preservar a identidade dos autores, não identificamos os nomes e sim as fontes originárias dos dados retirados da internet (artigos, dissertações, teses, editoriais, anúncios de instagram).

Nesse sentido, após análise de usos da vírgula em desacordo com as normas da sintaxe e compreendendo a relação entre oralidade e escrita, partimos para a análise das motivações prosódicas subjacentes aos usos divergentes da vírgula nos textos, usos estes que podem ser registrados como finalidade de expressão prosódica indo além dos usos convencionais apregoados pela gramática normativa, conforme reflete Pacheco (2017).

Dessa forma, realizadas as análises sob os parâmetros lógico-gramaticais, a interpretação dos dados encontrados, guiou-se sob o amparo dos pressupostos teóricos da Fonologia Prosódica e da Hipótese da Prosódia Implícita as quais justificam o emprego da vírgula numa perspectiva suprasegmental estabelecendo, assim, um diálogo com a teoria defendida por Cagliari (1989, 1995) e Pacheco (2003, 2006) que concebem a vírgula como um marcador prosódico.

Foram coletados e analisados 70 textos procedentes dos Ensinos Fundamental e Médio, textos acadêmicos de cursos de graduação e pós-graduação (dissertações de mestrado, teses e artigos acadêmicos, capítulos de livros) além de textos publicitários, informativos, mensagens religiosas e/ou de autoajuda, avisos institucionais entre outros.

6 EM BUSCA DA VÍRGULA “PERDIDA”: ENTRE NÚMEROS E MELODIA

“Examinemos a melodia da nossa língua e essa guardemos” (OLIVEIRA, 1536).

Nesta Seção, o emprego da vírgula será analisado sob dois enfoques: o enfoque normativo orientado pela sintaxe e o enfoque prosódico que traz explicações extra sintáticas a respeito das possíveis motivações que podem incitar alguns usos não-convencionalizados. Dessa forma, a nossa investigação do *corpus* seguirá o método quantitativo e descritivo conforme apresentado na metodologia deste trabalho.

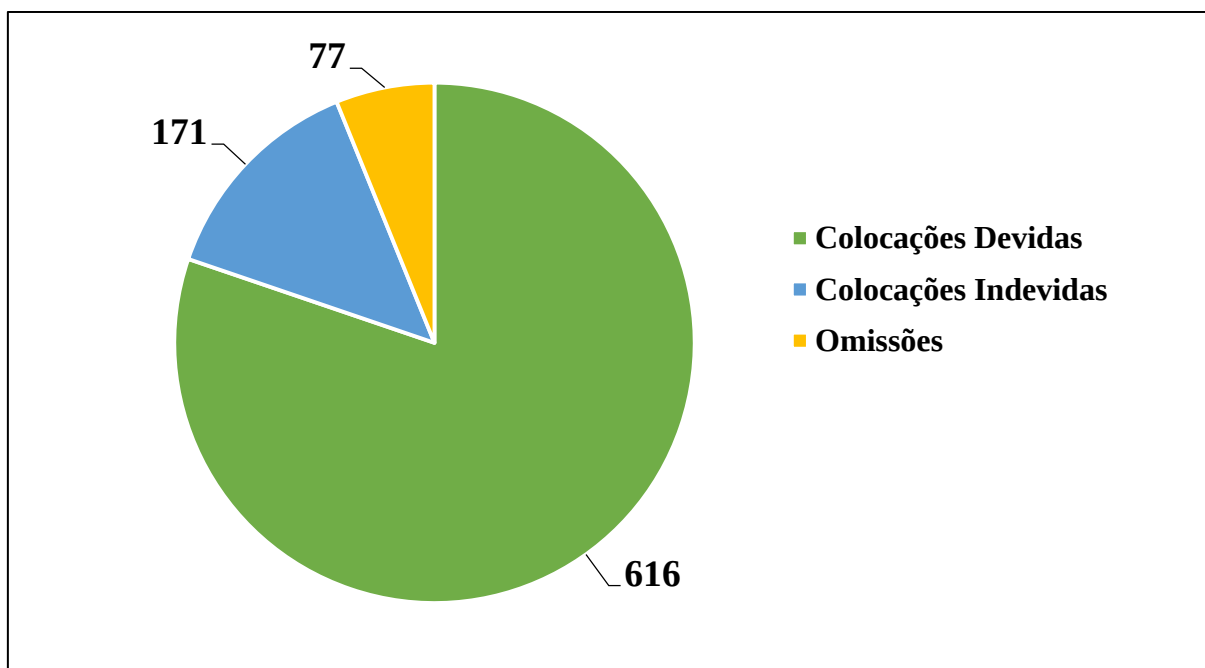
A análise quantitativa será aplicada pela sua natureza metodológica de evidenciar numericamente os dados o que nos permitirá comparar o emprego da vírgula entre os níveis de escolaridade, observando se, com os avanços desses níveis, desde o ensino fundamental à pós-graduação, haverá mudanças de comportamento quanto ao emprego das vírgulas desautorizadas pela gramática. Verificaremos, também, o emprego da vírgula entre variados gêneros textuais que circulam na sociedade: textos publicitários, informativos, mensagens religiosas e de autoajuda; avisos institucionais entre outros, com o objetivo de observar se as características prosódicas de fronteiras de usos não-convencionais de vírgulas também se fazem presentes em outros gêneros textuais que não os escolares e/ou acadêmicos.

Após as análises quantitativas, situaremos os empregos indevidos na perspectiva da prosódia, isto é, da melodia da fala. Assim, demonstraremos que o emprego da vírgula, mediante os usos que se tem feito dela em todos os níveis de instrução, assim como em variadas instâncias textuais, tende se consolidar como um marcador prosódico (CAGLIARI, 1995; PACHECO, 2003, 2006) que, neste trabalho, explica-se por meio da Fonologia Prosódica suprasegmental e por meio da Hipótese da Prosódia Implícita.

Os parâmetros gramaticais sob os quais realizamos as análises foram definidos de acordo com os “erros” encontrados nos excertos, após a realização de análises sintáticas de tais excertos. Assim, procuramos identificá-los da seguinte forma: uso da vírgula entre sujeito e predicado em relação direta; antes da conjunção “e” com referência ao mesmo sujeito ou seguida de uma sequência de elementos; entre termos integrantes da oração; entre termos acessórios da oração em ordem direta; entre conjunções e/ou elementos coesivos; antes de oração subordinada adjetiva restritiva.

As infrações dessas regras cometidas pelos autores dos textos analisado estarão representadas nos gráficos a seguir. O primeiro gráfico, que é de setores, evidencia a totalidade dos textos analisados apresentando todas as colocações equivocadas e as omissões.

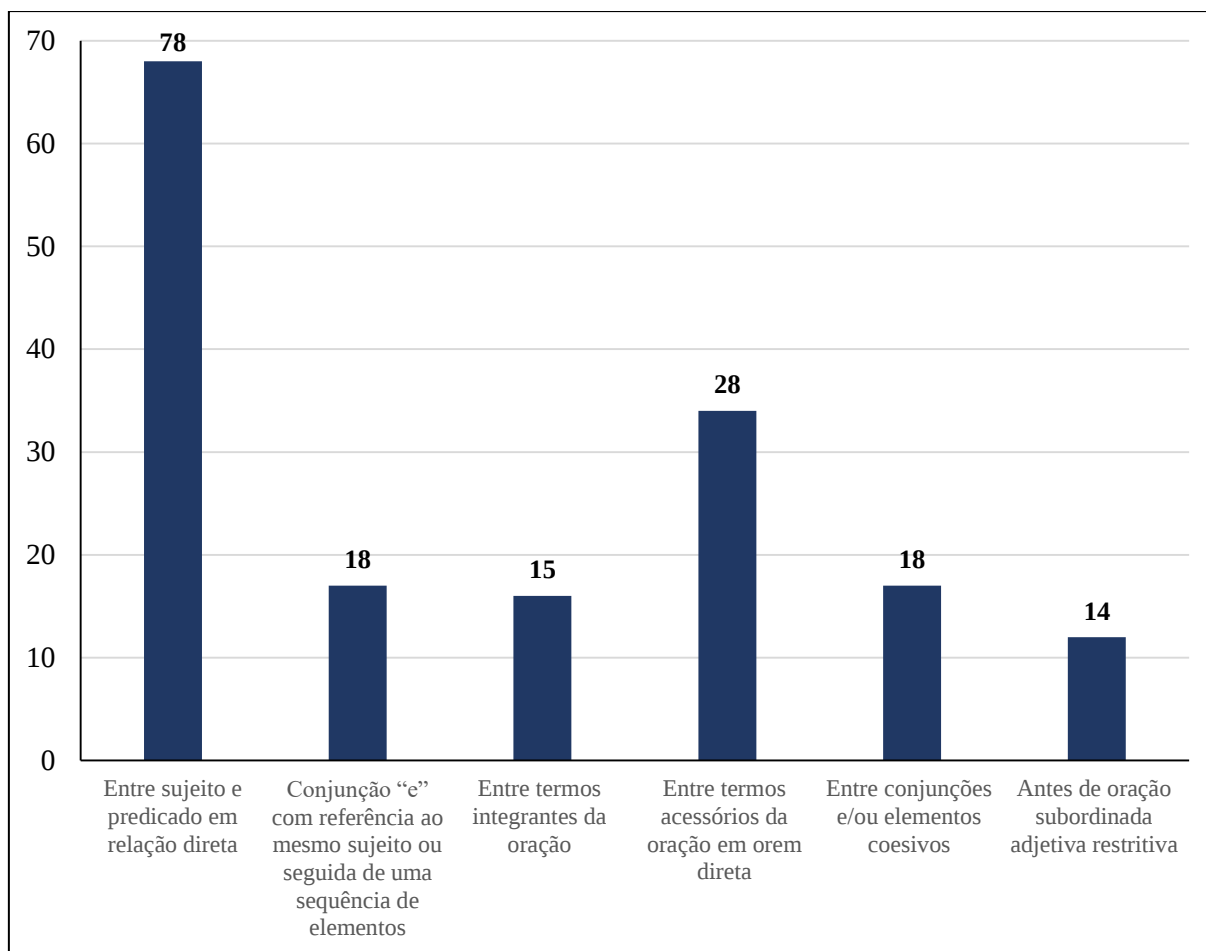
Gráfico 1 – Colocações devidas e indevidas e omissões



Fonte: Elaboração própria.

O Gráfico 1 apresenta a totalidade dos textos analisados, isto é, 70 textos com 616 usos devidos da vírgula, 171 ocorrências de usos indevidos das vírgulas e 77 omissões. Como já esperávamos, o número de acertos é bem maior que os erros. Entretanto, ao contrastarmos os usos indevidos de vírgulas com suas omissões, observamos que os sujeitos tendem a marcar a entoações de fala muito mais do que as omitir. Notemos que o número de colocações indevidas das vírgulas atingiu mais que o dobro do número de omissões deste sinal.

No gráfico 2, apresentamos o levantamento dos erros referentes aos tipos de colocações de vírgulas equivocadas. Assim, o total por tipo de usos indevidos se configura da seguinte forma:

Gráfico 2 – Tipos de colocações equivocadas

Fonte: Elaboração própria.

Os tipos de colocações equivocadas representados por este gráfico foram contabilizados e divididos conforme os parâmetros normativos infringidos. Assim, no total, identificamos e contabilizamos os usos indevidos:

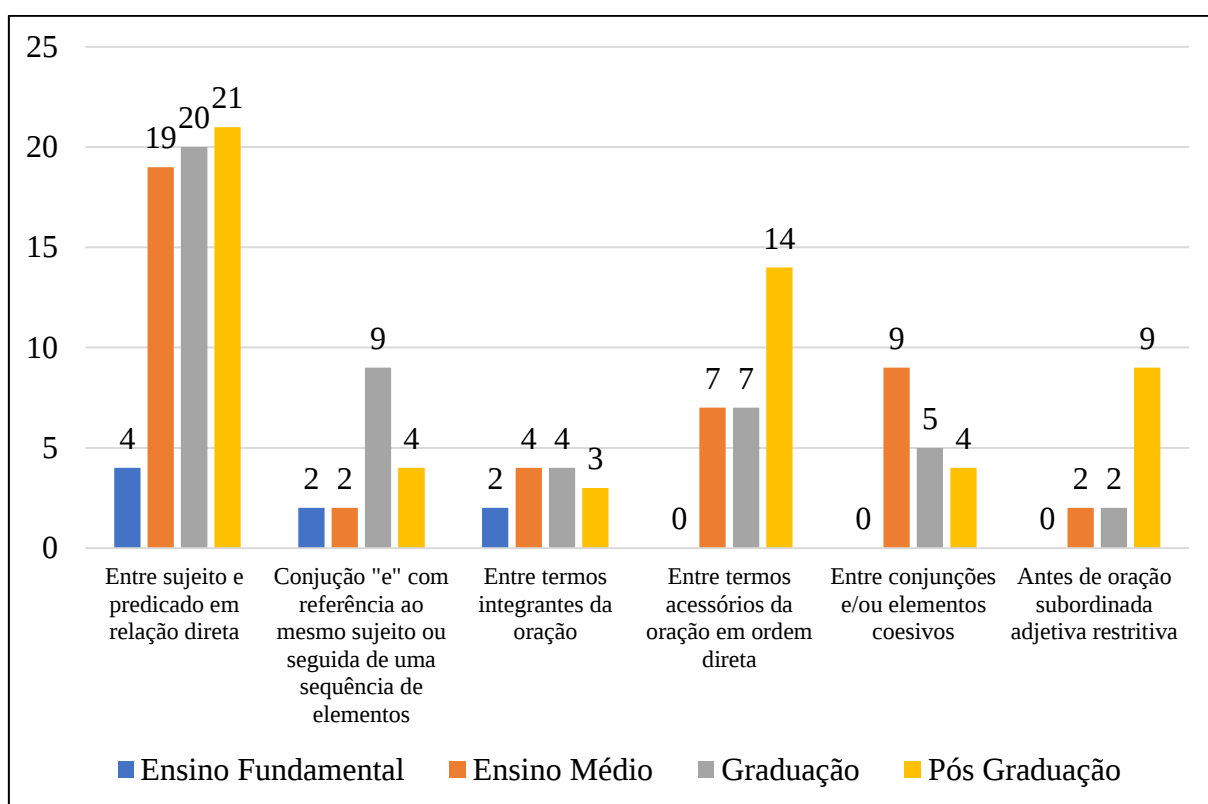
- a) entre sujeito e predicado em relação direta – 78 (setenta e oito) ocorrências;
- b) antes da conjunção “e” com referência ao mesmo sujeito ou seguida de uma sequência de elementos – 18 (dezoito) ocorrências;
- c) entre termos integrantes da oração 15(quinze) ocorrências;
- d) entre termos acessórios da oração em ordem direta – 28 (trinta e duas) ocorrências;
- e) entre conjunções e/ou elementos coesivos – 18 (dezoito) ocorrências;
- f) antes de oração subordinada adjetiva restritiva - 14 (catorze) ocorrências.

A taxa elevada de colocação da vírgula entre sujeito e predicado em ordem direta mostra uma distância considerável (mais que o dobro de ocorrências) em relação às demais tendências de marcação evidenciadas. Os números apresentados nos apontam para um processo de reflexão e construção de hipóteses sobre o emprego da vírgula, levando-nos a crer

que este nem sempre obedecerá a regras puramente sintáticas ou que a sintaxe, em si, nem sempre possuirá informações suficientes para determinados (des)usos que o escrevente faz, especialmente quanto ao emprego da vírgula entre sujeito e predicado.

O levantamento dos dados apresentados no Gráfico 2 nos instigou no sentido de averiguar se as ocorrências indevidas diminuiriam com os avanços nos níveis de escolaridade dos escreventes. O resultado parcial dessa investigação encontra-se disposto no gráfico 3 o qual nos permite visualizar usos indevidos por nível de escolaridade.

Gráfico 3 – Usos indevidos de vírgulas por nível de escolaridade



Fonte: Elaboração própria.

Os usos indevidos de vírgulas por nível de escolaridade e outros gêneros encontram-se assim inventariados:

a) **Ensino fundamental:** entre sujeito e predicado em relação direta: 4 (quatro); conjunção “e” com referência ao mesmo sujeito ou seguida de uma sequência de elementos: 2 (duas); Entre termos integrantes da oração = 2; Entre termos acessórios da oração em ordem direta = 0; Entre conjunções e/ou elementos coesivos=0; Antes de oração subordinada adjetiva restritiva-0;

b) **Ensino médio:** Entre sujeito e predicado em relação direta: 19; Conjunção “e” com referência ao mesmo sujeito ou seguida de uma sequência de elementos = 2; Entre termos

integrantes da oração = 4; Entre termos acessórios da oração em ordem direta = 7; Entre conjunções e/ou elementos coesivos = 9; Antes de oração subordinada adjetiva restritiva = 2;

c) **Graduação:** Entre sujeito e predicado em relação direta: 20; Conjunção “e” com referência ao mesmo sujeito ou seguida de uma sequência de elementos = 9; Entre termos integrantes da oração = 4; Entre termos acessórios da oração em ordem direta = 7; Entre conjunções e/ou elementos coesivos = 5; Antes de oração subordinada adjetiva restritiva = 2;

d) **Pós-graduação (artigos, dissertações e teses):** Entre sujeito e predicado em relação direta: 21; Conjunção “e” com referência ao mesmo sujeito ou seguida de uma sequência de elementos = 4; Entre termos integrantes da oração = 3; Entre termos acessórios da oração em ordem direta = 14; Entre conjunções e/ou elementos coesivos = 4; Antes de oração subordinada adjetiva restritiva = 9;

e) **outros gêneros:** - Entre sujeito e predicado em relação direta: 14; Conjunção “e” com referência ao mesmo sujeito ou seguida de uma sequência de elementos = 1; Entre termos integrantes da oração = 2; Entre termos acessórios da oração em ordem direta = 0; Entre conjunções e/ou elementos coesivos = 0; Antes de oração subordinada adjetiva restritiva = 1.

Para melhor visualização dos dados quantificados, apresentamos, na Tabela, o inventário de usos indevidos por nível de escolaridade e os usos indevidos encontrados em outros gêneros.

Tabela 1 – Inventário de usos indevidos por nível de escolaridade e outros gêneros

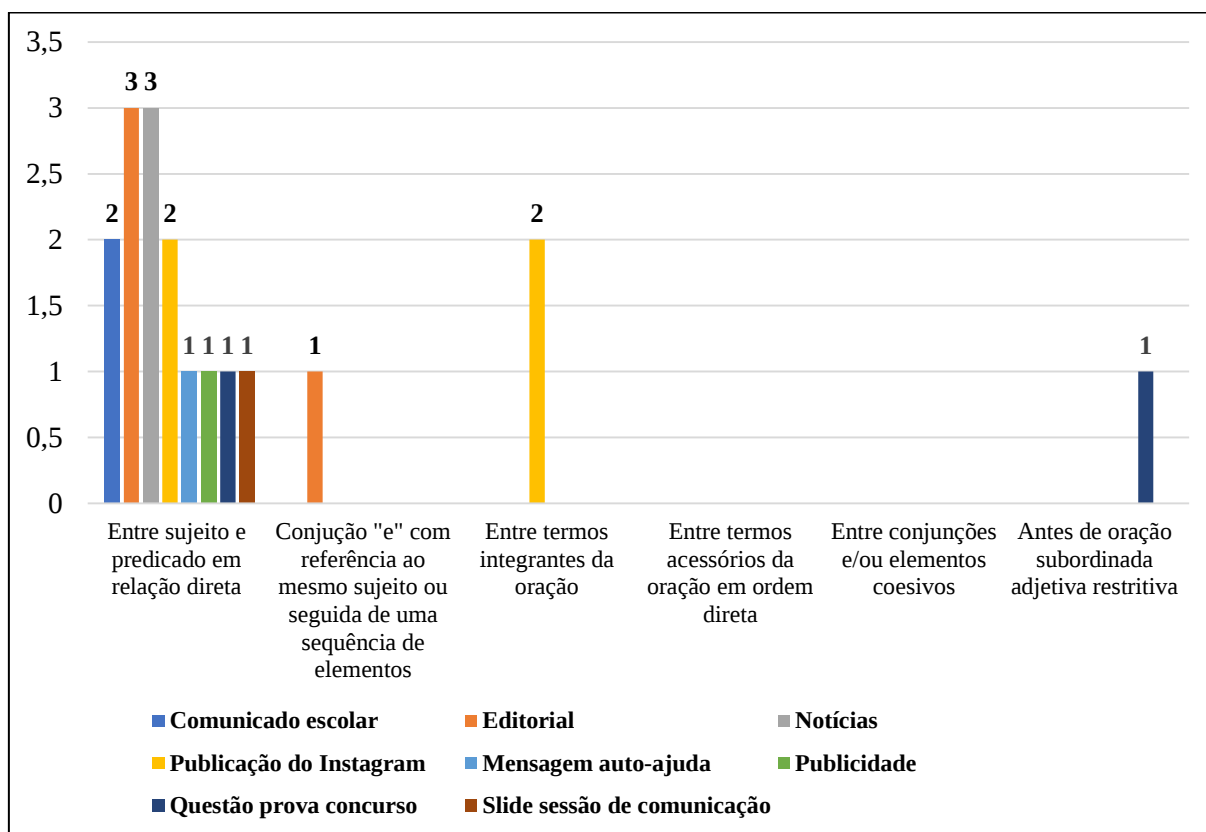
Usos indevidos de vírgulas por nível de escolaridade e outros gêneros						
Origem	Entre sujeito e predicado	Conjunção “e” com referência ao mesmo sujeito ou seguida de uma sequência de elementos	Entre termos integrantes da oração	Entre termos acessórios da oração em ordem direta	Entre conjunções e/ou elementos coesivos	Antes de oração subordinada adjetiva restritiva
Ensino fundamental	4	2	2	0	0	0
Ensino Médio	19	2	4	7	9	2
Graduação	20	9	4	7	5	2
Pós- graduação	21	4	3	14	4	9
Outros gêneros	14	1	2	0	0	1
Total por categoria	78	18	15	28	18	14
Total geral	171 ocorrências de usos não convencionalizados de vírgulas					

Fonte: Elaboração própria.

Dentre as cento e setenta e uma ocorrências de usos de vírgulas não-convencionalizados, setenta e oito se referem ao emprego entre o sujeito e o predicado. As demais se dividem entre as outras categorias de “erros”. O Gráfico 3 evidencia que, a despeito do avanço nos graus de escolaridade, não houve redução das irregularidades normativas, antes, notamos um aumento nos índices da graduação e pós-graduação.

Ao observarmos outros gêneros textuais que circulam na sociedade, encontramos uma variedade de textos com emprego de vírgulas não convencionalizado, razão por que achamos útil apresentar em nosso trabalho. O Gráfico 4 encontra-se, então, representando usos indevidos de vírgulas em outros gêneros textuais, não acadêmicos.

Gráfico 4 – Porcentagem de usos indevidos de vírgulas em variados gêneros textuais



Fonte: Elaboração própria.

Neste gráfico observamos que também nos variados gêneros textuais, a marcação da vírgula entre o sujeito e o predicado se faz presente com destaque em relação às outras categorias prescritivas apresentadas. Os dados nos sugerem a tendência de que a marcação da vírgula entre sujeito e predicado é a regra mais violada e a que mantém crescimento constante, se comparada às demais, inclusive trata-se de uma norma contundente, sem

flexibilidade normativa, conforme sinopse das orientações vigentes sobre o uso da vírgula apresentada no Quadro 13 da Seção 2.

No entanto, no que se refere ao uso entre os termos essenciais, só há um caso em que ele pode ser facultado, isto é, quando o sujeito é “quem”. Nas demais situações, há unanimidade entre os gramáticos e demais estudiosos da língua sobre a incorreção quanto ao emprego da vírgula entre o sujeito e o predicado, conforme assegura Dacanal (2016, p. 131) ao dizer, categoricamente, que “Absurda ou aberrante é a vírgula que rompe a indivisibilidade natural de uma unidade sintático- semântica por origem. As vírgulas que separam sujeito e predicado ou verbo e complemento [...]”. Uma assertiva tal como essa não se vê quanto às outras regras de uso da vírgula. Não há unanimidade quanto a esse respeito.

Como explicar a prática incisiva dos usos dessas vírgulas, especialmente entre termos essenciais da oração, mesmo em face das regras sintáticas estudadas por todos os que tiveram acesso à escola? A resposta a essa pergunta pode se encontrar no fato de que a fala possui uma melodia a qual se projeta na escrita; há uma prosódia internalizada nos falantes e esse fenômeno se expressa graficamente na produção escrita.

A Fonologia Prosódica de Nespor e Vogel (2007) sinaliza que o sintagma entoacional é delimitado pelo contorno entoacional e pela possibilidade de ocorrências de pausas, conforme apresentado no capítulo anterior. Muito embora a prosódia interaja, em várias situações, com os componentes sintático e semântico da gramática, “a produção da prosódia é autônoma em relação à sintaxe, pois é regida por outros princípios” (BARBOSA, 2012, p. 17), ou seja, nem sempre os constituintes prosódicos corresponderão aos constituintes legitimados pelas regras sintático-gramaticais.

Os fragmentos dispostos nos quadros seguintes são exemplos dessa autonomia de que nos fala Barbosa (2012) pois sugerem que os sintagmas entoacionais (Is) são delimitados principalmente por fatores prosódicos que favorecem a formação de Is independentes em detrimento de fatores sintáticos pré-determinados pela gramática normativa. Desse modo, os excertos evidenciam a falta de isomorfia entre elementos gramaticais quando as frases entoacionais se reestruturam em função de fatores como a recursividade da língua, estilo de fala, extensão do constituinte ou mesmo por uma questão de proeminência ou ênfase a determinada palavra, termo ou ideia.

Desse modo, entendemos que os usos indevidos de vírgulas encontrados em textos escritos formais e não formais, acadêmicos e não acadêmicos não são arbitrários; há uma motivação inerente à própria língua falada que se projeta mentalmente no ato da escrita, fato que encontra respaldo na Hipótese da Prosódia Implícita de Fodor, a qual nos esclarece que

uma fronteira prosódica pode ser criada, tanto por fatores determinados como, por exemplo, o tamanho de frase considerado ideal, ou como resultado de outros fatores como o alinhamento com a sintaxe. A prosódia, ao se projetar na escrita, pode intervir na orientação do processamento sintático (FODOR, 2005), determinando, de alguma forma, a marcação e/ou registro da pontuação no texto escrito.

É nesse sentido que a vírgula será aqui compreendida como um marcador prosódico de acordo com a proposta de Cagliari (1989, 2002a, 2002b) e Pacheco (2006), para quem todos os sinais de pontuação assumem, também, um valor prosódico indicando variações prosódicas ocorridas em atos de fala (PACHECO, 2006, p. 97). Sob tal perspectiva, será alvo deste estudo o uso da vírgula reconhecida como um Marcador Prosódico Gráfico, doravante MPG, inscrita nos dados dispostos nos quadros a seguir, em que dispusemos: nível de escolaridade; excertos com emprego de vírgulas não-convencionalizadas; registro permitido pela gramática e marcação prosódica (distribuição dos Is). Ressaltamos que, no Quadro 13, apresentado na Seção 2, encontram-se dispostas as normas gramaticais vigentes especificamente violadas nos fragmentos constantes do *corpus* desta pesquisa.

6.1 Não se separa sujeito e predicado e a força do sintagma entoacional

Sobre o uso da vírgula, uma das regras mais contundentes preconizadas pela Gramática normativa é a que se refere à não virgulação entre sujeito e o predicado:

Não se coloca vírgula entre sujeito e predicado[...]. Mesmo quando o sujeito é longo ou constitui ele próprio uma oração (sujeito oracional), não se admite a vírgula antes do verbo” (PIACENTINI, 2003, p. 12, 14); Não se emprega a vírgula no interior das orações entre sujeito e predicado (SARMENTO, 2012); Não se deve empregar a vírgula entre o sujeito e seu verbo quando juntos, ainda que um preceda ao outro (BEZERRA, 2013, p. 665).

Corroborando estas normas, o Manual de redação da Presidência da República instituído pelo Decreto no 100.000/1991 – revisado pelo Professor Celso Pedro Luft – cujo objetivo é rever, atualizar, uniformizar e simplificar as normas de redação de atos e comunicações oficiais é, também, incisivo ao afirmar que “constitui erro usar a vírgula entre termos que mantêm entre si estreita ligação sintática – por exemplo, entre sujeito e verbo, entre verbos ou nomes e seus complementos” (BRASIL, 2018, p. 79).

Conforme categoricamente determinada pela gramática, esta é a regra mais clara com relação à virgulação e, curiosamente, é também a mais “desobedecida” por assim dizer. As muitas ocorrências apresentadas no Quadro 15 são, dessa forma, fortes indícios da força do sintagma entoacional intuitivamente marcado, a despeito do rigor sintático-normativo apresentado pela gramática tradicional estudado ao longo dos anos escolares.

Quadro 15 – A vírgula entre sujeito e predicado em relação direta

ENTRE SUJEITO E PREDICADO EM RELAÇÃO DIRETA			
Nível/Origem	Excertos com emprego de vírgulas não-convencionalizadas	Registro permitido pela gramática	Marcação prosódica (distribuição dos Is)
Ensino Fundamental	EFa) “A minha opinião sobre as histórias da hora do conto, é que eu gostei [...]”	“A minha opinião sobre as histórias da hora do conto é que eu gostei [...]”	[A minha opinião sobre as histórias da hora do conto]I [é que eu gostei] I
	EFb) “Amor e menos ódio, é possível”	“Amor e menos ódio é possível”	[Amor e menos ódio]I [é possível] I
	EFc) “[...] O primeiro exercício, era treinar os movimentos para realizar as bananeiras [...]”	“[...] O primeiro exercício era treinar os movimentos para realizar as bananeiras [...]”	[O primeiro exercício]I [era treinar os movimentos para realizar as bananeiras]I
	EFd) “O tio, dividiu 5 filhas, com cinco alunos cada [...]”	“O tio dividiu 5 filhas, com cinco alunos cada [...]”	[O tio]I [dividiu 5 filhas] [com cinco alunos cada]I
Ensino Médio	EMa) [...] Além disso, a facilidade em comprar a droga, é outro fator, pois, hoje em dia, a cada esquina encontra-se alguém vendendo algo, [...]	[...] Além disso, a facilidade em comprar a droga é outro fator, pois, hoje em dia, a cada esquina encontra-se alguém vendendo algo, [...]	[Além disso] I[a facilidade em comprar a droga] I [é outro fator] I [pois] I [hoje em dia] I [a cada esquina encontra-se alguém vendendo algo] I
	EMb) Esse contexto, pode estar associado a falha na educação como um todo e na falta de informação sobre tal problemática.	Esse contexto pode estar associado a falha na educação como um todo e na falta de informação sobre tal problemática.	[Esse contexto] I [pode estar associado a falha na educação como um todo e na falta de informação sobre tal problemática] I
	EMc) [...] Porém, apesar de todos os benefícios existentes da leitura, [...] a pressa motivada pelo trabalho e o avanço desacerbado da tecnologia, causou entre nós, uma alienação social. [...]	[...] Porém, apesar de todos os benefícios existentes da leitura, [...] a pressa motivada pelo trabalho e o avanço desacerbado da tecnologia causou entre nós, uma alienação social. [...]	[a pressa motivada pelo trabalho e o avanço desacerbado da tecnologia]I [causou entre nós, uma alienação social]
	EMd) [...] Assim o Brasil terá mais	[...] Assim o Brasil	[Assim o Brasil terá

ENTRE SUJEITO E PREDICADO EM RELAÇÃO DIRETA			
Nível/Origem	Excertos com emprego de vírgulas não-convencionalizadas	Registro permitido pela gramática	Marcação prosódica (distribuição dos Is)
Ensino Médio	leitores e seus desafios sobre, seriam diminuídos. [...]	terá mais leitores e seus desafios sobre seriam diminuídos. [...]	mais leitores e seus desafios sobre]I seriam diminuídos]I
	EMe) [...] Uma prova disso, é a quantidade de máquinas que passaram a substituir a mão de obra humana na segunda revolução industrial [...]	[...] Uma prova disso é a quantidade de máquinas que passaram a substituir a mão de obra humana na segunda revolução industrial [...]	[Uma prova disso]I [é a quantidade de máquinas que passaram a substituir a mão de obra humana na segunda revolução industrial]I
	EMf) [...] Como exemplo, o documentário “Privacidade Hackeada”, mostra os ideais políticos da população estadunidense, em pleno período de eleição, sendo modificados por notícias falsas pré-selecionadas [...]	[...] Como exemplo, o documentário “Privacidade Hackeada” mostra os ideais políticos da população estadunidense, em pleno período de eleição, sendo modificados por notícias falsas pré-selecionadas [...]	[Como exemplo]I [o documentário “Privacidade Hackeada”]I [mostra os ideais políticos da população estadunidense]I [em pleno período de eleição]I [sendo modificados por notícias falsas pré-selecionadas]I
	EMg) [...] O atraso causado pela falta de aulas durante esse período, também poderá acarretar atraso caso algum aluno queira ingressar ao mercado de trabalho. [...]	[...] O atraso causado pela falta de aulas durante esse período também poderá acarretar atraso caso algum aluno queira ingressar ao mercado de trabalho. [...]	[O atraso causado pela falta de aulas durante esse período]I [também poderá acarretar atraso caso algum aluno queira ingressar ao mercado de trabalho]I
	EMh) [...] O ensino à distância (EAD), pode não ter sido uma opção à vários estudantes, [...]	[...] O ensino à distância (EAD) pode não ter sido uma opção à vários estudantes, [...]	[O ensino à distância (EAD)]I [pode não ter sido uma opção à vários estudantes]I
	EMi) [...] essa ferramenta de ensino, ainda não pode ser utilizada por todos que tem necessidade dela. [...]	[...] essa ferramenta de ensino ainda não pode ser utilizada por todos que tem necessidade dela. [...]	[essa ferramenta de ensino]I [ainda não pode ser utilizada por todos que tem necessidade dela]I
	EMj) [...] A falta de acesso ao material de ensino, pode ocasionar uma grande desigualdade na educação, [...]	[...] A falta de acesso ao material de ensino pode ocasionar uma grande desigualdade na educação, [...]	[A falta de acesso ao material de ensino]I [pode ocasionar uma grande desigualdade na educação]I
	EMk) [...]O despreparo dos	[...]O despreparo dos	[O despreparo dos

ENTRE SUJEITO E PREDICADO EM RELAÇÃO DIRETA			
Nível/Origem	Excertos com emprego de vírgulas não-convencionalizadas	Registro permitido pela gramática	Marcação prosódica (distribuição dos Is)
Ensino Médio	profissionais para lecionar a distancia e a falta de infraestrutura, suscitam danos incalculáveis neste setor. [...] (Sujeito longo)	profissionais para lecionar a distancia e a falta de infraestrutura suscitam danos incalculáveis neste setor. [...] (Sujeito longo)	profissionais para lecionar a distancia e a falta de infraestrutura]I [suscitam danos incalculáveis neste setor]I
	EMl) [...] Em análise geral, o cancelamento e o período pandêmico, são apenas alguns exemplos [...]”	[...] Em análise geral, o cancelamento e o período pandêmico são apenas alguns exemplos [...]”	[Em análise geral]I [o cancelamento e o período pandêmico]I [são apenas alguns exemplos]I
	EMm) [...] Dessa forma, os novos protagonistas do processo educacional, não fazem parte da vivencia coletiva, já que 45,9 milhões de brasileiros- não tem acesso ao computador conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. [...]	[...] Dessa forma, os novos protagonistas do processo educacional não fazem parte da vivencia coletiva, já que 45,9 milhões de brasileiros- não tem acesso ao computador conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. [...]	[[Dessa forma]I [os novos protagonistas do processo educacional]I [não fazem parte da vivencia coletiva]I [já que 45,9 milhões de brasileiros- não tem acesso ao computador conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística]I]U
	EMn) [...] O documentário “Networked Society: The Future of Learning”, relata sobre o futuro da aprendizagem e como a tecnologia impacta não apenas no conhecimento mas também na própria maneira como é adquirido nas escolas [...]	[...] O documentário “Networked Society: The Future of Learning” relata sobre o futuro da aprendizagem e como a tecnologia impacta não apenas no conhecimento mas também na própria maneira como é adquirido nas escolas [...]	[[O documentário “Networked Society: The Future of Learning”]I [relata sobre o futuro da aprendizagem e como a tecnologia impacta não apenas no conhecimento mas também na própria maneira como é adquirido nas escolas]I]U
	EMo) [...] De maneira análoga, configura-se o Brasil atual, visto que, a pandemia provocada pela COVID-19, gera grandes impactos na educação brasileira. [...]	[...] De maneira análoga, configura-se o Brasil atual, visto que, a pandemia provocada pela COVID-19 gera grandes impactos na educação brasileira. [...]	[De maneira análoga]I [configura-se o Brasil atual]I [visto que] a pandemia provocada pela COVID-19]I [gera grandes impactos na educação brasileira]I
	EMp) [...] Em primeiro plano, é possível perceber que os efeitos da	[...] Em primeiro plano, é possível	[[Em primeiro plano]I [é possível

ENTRE SUJEITO E PREDICADO EM RELAÇÃO DIRETA			
Nível/Origem	Excertos com emprego de vírgulas não-convencionalizadas	Registro permitido pela gramática	Marcação prosódica (distribuição dos Is)
Ensino Médio	pandemia, influência de forma negativa na educação brasileira, devidamente, ao desafio de colocar em pratica o ensino remoto. [...]	perceber que os efeitos da pandemia influência de forma negativa na educação brasileira, devidamente, ao desafio de colocar em pratica o ensino remoto. [...]	perceber que os efeitos da pandemia]I [influência de forma negativa na educação brasileira]I [devidamente, ao desafio de colocar em pratica o ensino remoto]I]U
	EMq) [...] Nesse viés, observa-se que a modalidade do ensino não presencial, traz consigo obstáculos de aprendizagem, didática e acessibilidade, principalmente em escolas públicas, [...]	[...] Nesse viés, observa-se que a modalidade do ensino não presencial traz consigo obstáculos de aprendizagem, didática e acessibilidade, principalmente em escolas públicas, [...]	[[Nesse viés]I [observa-se que a modalidade do ensino não presencial]I [traz consigo obstáculos de aprendizagem]I [didática e acessibilidade]I [principalmente em escolas públicas]I]U
	EMr) [...] Desse modo, mesmo que a educação seja fundamental para a formação do conhecimento, o cenário mundial da pandemia, reforçou a desigualdade de ensino, [...]	[...] Desse modo, mesmo que a educação seja fundamental para a formação do conhecimento, o cenário mundial da pandemia reforçou a desigualdade de ensino, [...]	[[Desse modo]I [mesmo que a educação seja fundamental para a formação do conhecimento]I [o cenário mundial da pandemia]I [reforçou a desigualdade de ensino]I]U
	EMs) [...] Logo, é preciso que as Instituições Educativas, elabore estratégias para amenizar os efeitos da pandemia, [...]	[...] Logo, é preciso que as Instituições Educativas elabore estratégias para amenizar os efeitos da pandemia, [...]	[Logo]I [é preciso que as Instituições Educativas]I [elabore estratégias para amenizar os efeitos da pandemia]I
Graduação	Ga) Oliveira (2013), afirma que o rádio foi usado na guerra militar [...]	‘ (2013) afirma que o rádio foi usado na guerra militar [...]	[Oliveira (2013)]I [afirma que o rádio foi usado na guerra militar]I
	Gb) [...] Afinal, a difusão efêmera do veículo midiático, ajudou na construção ideológica das pessoas [...]	[...] Afinal, a difusão efêmera do veículo midiático ajudou na construção ideológica das pessoas [...]	[Afinal]I [a difusão efêmera do veículo midiático]I [ajudou na construção ideológica das pessoas]I
	Gc) “[...] O mundo no qual vivemos, exige sermos cada vez mais rápidos [...]”	O mundo no qual vivemos exige sermos cada vez mais rápidos...”	[O mundo no qual vivemos]I [exige sermos cada vez mais rápidos]I
	Gd) “[...] entre 1893 e 1894, o	“[...] entre 1893 e	[entre 1893 e 1894]I

ENTRE SUJEITO E PREDICADO EM RELAÇÃO DIRETA			
Nível/Origem	Excertos com emprego de vírgulas não-convencionalizadas	Registro permitido pela gramática	Marcação prosódica (distribuição dos Is)
Graduação	Padre Landell de Moura, realizou transmissões da Telegrafia sem fio.”	1894, o Padre Landell de Moura realizou transmissões da Telegrafia sem fio.”	[o Padre Landell de Moura]I [realizou transmissões da Telegrafia sem fio]I
	Ge) “[...] O uso dos comunicadores instantâneos na fala e na escrita, facilita a conversão. [...]”	“[...] O uso dos comunicadores instantâneos na fala e na escrita facilita a conversão. [...]”	[O uso dos comunicadores instantâneos na fala e na escrita]I [facilita a conversão]I
	Gf) “[...] a utilização da comunicação por meios virtuais, influenciam sim a escrita dos alunos, onde os mesmos não se atêm as normas. [...]”	[...] a utilização da comunicação por meios virtuais influenciam sim a escrita dos alunos, onde os mesmos não se atêm as normas... [...]”	[a utilização da comunicação por meios virtuais]I [influenciam sim a escrita dos alunos]I [onde os mesmos não se atêm as normas]I
	Gg) [...] Um exemplo disso, foi o que ocorreu no país em 1935 [...]	[...] Um exemplo disso foi o que ocorreu no país em 1935 [...]	[Um exemplo disso]I [foi o que ocorreu no país em 1935]I
	Gh) [...] materiais a serem utilizados nas atividades em sala de aula, não são difícil acesso [...]	[...] materiais a serem utilizados nas atividades em sala de aula não são difícil acesso [...]	[materiais a serem utilizados nas atividades em sala de aula]I [não são difícil acesso]I
	Gi) [...] a utilização da comunicação por meios virtuais, influenciam sim a escrita dos alunos, onde os mesmos não se atêm as normas [...]”	[...] a utilização da comunicação por meios virtuais influenciam sim a escrita dos alunos, onde os mesmos não se atêm as normas...”	[a utilização da comunicação por meios virtuais]I [influenciam sim a escrita dos alunos, onde os mesmos não se atêm as normas]I
	Gj) [...] Segundo a autora, as crianças da família favorecidas financeiramente, desenvolviam um melhor aprendizado [...]	[...] Segundo a autora, as crianças da família favorecidas financeiramente desenvolviam um melhor aprendizado [...]	[Segundo a autora]I [as crianças da família favorecidas financeiramente]I [desenvolviam um melhor aprendizado]I
	Gk) [...] Acertadamente o problema que (...) denuncia em seu texto, é que o indivíduo troca a relação pessoal de empatia e envolvimento na vida do outro pela tela do celular [...]	[...] Acertadamente o problema que (...) denuncia em seu texto é que o indivíduo troca a relação pessoal de empatia e envolvimento na vida do outro pela tela do celular [...]	[Acertadamente o problema que (...) denuncia em seu texto]I [é que o indivíduo troca a relação pessoal de empatia e envolvimento na vida do outro pela tela do celular]I

ENTRE SUJEITO E PREDICADO EM RELAÇÃO DIRETA			
Nível/Origem	Excertos com emprego de vírgulas não-convencionalizadas	Registro permitido pela gramática	Marcação prosódica (distribuição dos Is)
Graduação	Gl) [...] Renato Nunes Bittencourt, decide parafrasear Marx da seguinte maneira [...]	[...] Renato Nunes Bittencourt decide parafrasear Marx da seguinte maneira [...]	[Renato Nunes Bittencourt]I [decide parafrasear Marx da seguinte maneira]I
	Gm) E apenas o pensamento crítico, funcionaria como “válvula de escape” para o esclarecimento.	E apenas o pensamento crítico funcionaria como “válvula de escape” para o esclarecimento.	[E apenas o pensamento crítico]I [funcionaria como “válvula de escape” para o esclarecimento]I
	Gn) [...] Outra maneira abordada por Renato Nunes Bittencourt, seria a criação de cooperativas educacionais, [...]	[...] Outra maneira abordada por Renato Nunes Bittencourt seria a criação de cooperativas educacionais, [...]	[Outra maneira abordada por Renato Nunes Bittencourt]I [seria a criação de cooperativas educacionais]I
	Go) [...] E nessa junção, realçar o pensamento crítico e desarticular empresários educacionais e o método cliente-empresa, seria a maneira mais simples de reformular a educação [...]	[...] E nessa junção, realçar o pensamento crítico e desarticular empresários educacionais e o método cliente-empresa seria a maneira mais simples de reformular a educação [...]	[[E nessa junção]I [realçar o pensamento crítico e desarticular empresários educacionais e o método cliente-empresa]I [seria a maneira mais simples de reformular a educação]I]U
	Gp) [...] nenhum conhecimento apenas evocado, possuiria total veracidade [...]	[...] nenhum conhecimento apenas evocado possuiria total veracidade [...]	[nenhum conhecimento apenas evocado]I possuiria total veracidade]I
	Gq) O autor do texto “Conhecimento à venda”, retrata o avanço educacional, o acesso a informação e conhecimento [...]	O autor do texto “Conhecimento à venda” retrata o avanço educacional, o acesso a informação e conhecimento [...]	[O autor do texto “Conhecimento à venda”]I [retrata o avanço educacional, o acesso a informação e conhecimento]I
	Gr) [...] A própria instituição de ensino, arruma meios para que haja o mínimo de reprovação possível [...]	[...] A própria instituição de ensino arruma meios para que haja o mínimo de reprovação possível [...]	[A própria instituição de ensino]I [arruma meios para que haja o mínimo de reprovação possível]I
	Gs) [...] uma pesquisa realizada pelo Instituto Kantar Ibope Media e publicada pelo site Tudo Rádio, apresentou dados que convalidam a tese [...]	[...] uma pesquisa realizada pelo Instituto Kantar Ibope Media e publicada pelo site Tudo Rádio	[uma pesquisa realizada pelo Instituto Kantar Ibope Media e publicada pelo site Tudo

ENTRE SUJEITO E PREDICADO EM RELAÇÃO DIRETA			
Nível/Origem	Excertos com emprego de vírgulas não-convencionalizadas	Registro permitido pela gramática	Marcação prosódica (distribuição dos Is)
Graduação		apresentou dados que convalidam a tese [...]	Rádio]I [apresentou dados que convalidam a tese]I
	ERt) [...] Tais facilidades por meio das instituições de ensino, acaba por deixar que os discentes se acomodem [...]	[...] Tais facilidades por meio das instituições de ensino acaba por deixar que os discentes se acomodem [...]	[Tais facilidades por meio das instituições de ensino]I [acaba por deixar que os discentes se acomodem]I
Pós-graduação	PGa ⁴⁶) [...] Eliseu (2008), explica agramaticalidade que ocorre na expressão em (4) sendo formada por palavras que pertencem ao léxico do Português [...]	[...] Eliseu (2008) explica agramaticalidade que ocorre na expressão em (4) sendo formada por palavras que pertencem ao léxico do Português [...] (artigo)	[Eliseu (2008)]I [explica agramaticalidade que ocorre na expressão em (4) sendo formada por palavras que pertencem ao léxico do Português]I
	PGb ⁴⁷) [...] Em um estudo “A topicalização na escrita” Fernando Moreno (212), esclarece que no âmbito sintático pode se previsto que cada indivíduo tem em sim uma noção sobre o que é uma análise sintática [...]	[...] Em um estudo “A topicalização na escrita” Fernando Moreno (212) esclarece que no âmbito sintático pode se previsto que cada indivíduo tem em sim uma noção sobre o que é uma análise sintática [...] (artigo)	[Em um estudo “A topicalização na escrita” Fernando Moreno (2012)]I [esclarece que no âmbito sintático pode se previsto que cada indivíduo tem em sim uma noção sobre o que é uma análise sintática]I
	PGc ⁴⁸) [...] O que difere é exatamente que o deslocamento para esquerda, retoma ao termo topicalizado através de um pronome cópia, que pode ser sintagmas nominais idênticos ou um pronome demonstrativo. [...]	[...] O que difere é exatamente que o deslocamento para esquerda retoma ao termo topicalizado através de um pronome cópia, que pode ser sintagmas nominais idênticos ou um pronome demonstrativo. [...] (artigo)	[O que difere é exatamente que o deslocamento para esquerda]I [retoma ao termo topicalizado através de um pronome cópia]I [que pode ser sintagmas nominais idênticos ou um pronome demonstrativo]I

⁴⁶ Disponível em:

https://bdm.unb.br/bitstream/10483/16229/1/2016_AdrielleRodriguesDaCamara__tcc.pdf

⁴⁷ Disponível em:

https://bdm.unb.br/bitstream/10483/16229/1/2016_AdrielleRodriguesDaCamara__tcc.pdf

⁴⁸ Disponível em:

https://bdm.unb.br/bitstream/10483/16229/1/2016_AdrielleRodriguesDaCamara__tcc.pdf

ENTRE SUJEITO E PREDICADO EM RELAÇÃO DIRETA			
Nível/Origem	Excertos com emprego de vírgulas não-convencionalizadas	Registro permitido pela gramática	Marcação prosódica (distribuição dos Is)
Pós-graduação	PGd ⁴⁹) [...] Sol, está em contraste com lua, dessa forma café é o foco de contraste, este recurso é característico das frases clivadas. [...]	[...] Sol está em contraste com lua, dessa forma café é o foco de contraste, este recurso é característico das frases clivadas. [...] (artigo)	[Sol]I [está em contraste com lua, dessa forma café é o foco de contraste]I [este recurso é característico das frases clivadas]I
	PGe ⁵⁰) [...] Grandes autores consagrados na literatura brasileira e mundialmente, fazem uso desse fato que estamos avaliando, em suas obras [...]	[...] Grandes autores consagrados na literatura brasileira e mundialmente fazem uso desse fato que estamos avaliando, em suas obras [...] (artigo)	[Grandes autores consagrados na literatura brasileira e mundialmente]I fazem uso desse fato que estamos avaliando]I [em suas obras]I
	PGf ⁵¹) [...] a substância que é capaz de levar a um quadro valetudinário em indivíduo são, pode levar a cura quando o indivíduo apresenta quadro patológico. [...]	[...] a substância que é capaz de levar a um quadro valetudinário em indivíduo são pode levar a cura quando o indivíduo apresenta quadro patológico. [...] (artigo)	[[a substância que é capaz de levar a um quadro valetudinário em indivíduo são]I [pode levar a cura quando o indivíduo apresenta quadro patológico]I]U
	PGg ⁵²) [...] as pesquisas a respeito dos processos de aprendizagem da linguagem escrita, avançaram muito [...]	[...] as pesquisas a respeito dos processos de aprendizagem da linguagem escrita avançaram muito [...]	[as pesquisas a respeito dos processos de aprendizagem da linguagem escrita]I [avançaram muito]I
	PGh ⁵³) [...] Apesar da variedade de mecanismos que levam ao envelhecimento, o processo de degeneração e a perda de equilíbrio entre os sistemas fisiológicos, contribuem para a diminuição da capacidade de adaptação do organismo ao meio [...]	[...] Apesar da variedade de mecanismos que levam ao envelhecimento, o processo de degeneração e a perda de equilíbrio entre os sistemas fisiológicos	[[Apesar da variedade de mecanismos que levam ao envelhecimento]I [o processo de degeneração e a perda de equilíbrio entre os sistemas fisiológicos]I contribuem para a

⁴⁹ Disponível em:

https://bdm.unb.br/bitstream/10483/16229/1/2016_AdrielleRodriguesDaCamara__tcc.pdf

⁵⁰ Disponível em:

https://bdm.unb.br/bitstream/10483/16229/1/2016_AdrielleRodriguesDaCamara__tcc.pdf

⁵¹ Disponível em: <https://periodicos.unipampa.edu.br/index.php/SIEPE/article/view/59878> set./2021

⁵² Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/16059>

⁵³ Disponível em:

http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=77688

ENTRE SUJEITO E PREDICADO EM RELAÇÃO DIRETA			
Nível/Origem	Excertos com emprego de vírgulas não-convencionalizadas	Registro permitido pela gramática	Marcação prosódica (distribuição dos Is)
Pós-graduação		contribuem para a diminuição da capacidade de adaptação do organismo ao meio [...]	diminuição da capacidade de adaptação do organismo ao meio]I]U
	PGi ⁵⁴) [...] As diferenças nos níveis de HDLC não são conclusivos, uma vez que alguns autores indicam um aumento (...), outros uma diminuição (...), enquanto outros estudos, não encontram diferenças nos níveis desta lipoproteína no plasma de mulheres pós-menopausa [...] (p. 14 e 15)	[...] As diferenças nos níveis de HDLC não são conclusivos, uma vez que alguns autores indicam um aumento (...), outros uma diminuição (...), enquanto outros estudos não encontram diferenças nos níveis desta lipoproteína no plasma de mulheres pós-menopausa] (p. 14 e 15)	[As diferenças nos níveis de HDLC não são conclusivos]I [uma vez que alguns autores indicam um aumento (...)]I outros uma diminuição (...)]I [enquanto outros estudos]I [não encontram diferenças nos níveis desta lipoproteína no plasma de mulheres pós-menopausa]I (p. 14 e 15)
	PGj ⁵⁵) [...] Portanto, os dados e discussões apresentados neste estudo, servem para observar não só o discurso dos pesquisadores em educação, como também propor uma reflexão sobre as possibilidades de se pensar o outro para além das suas limitações e enquadramentos médico, [...]	[...] Portanto, os dados e discussões apresentados neste estudo servem para observar não só o discurso dos pesquisadores em educação, como também propor uma reflexão sobre as possibilidades de se pensar o outro para além das suas limitações e enquadramentos médico, [...]	[Portanto, os dados e discussões apresentados neste estudo]I [servem para observar não só o discurso dos pesquisadores em educação]I como também propor uma reflexão sobre as possibilidades de se pensar o outro para além das suas limitações e enquadramentos médico]I

⁵⁴ Disponível em:

http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=77688

⁵⁵ Disponível em:

https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7779398

ENTRE SUJEITO E PREDICADO EM RELAÇÃO DIRETA			
Nível/Origem	Excertos com emprego de vírgulas não-convencionalizadas	Registro permitido pela gramática	Marcação prosódica (distribuição dos Is)
Pós-graduação	Pgk ⁵⁶) [...] E atribuir a tarefa de “cuidar” do aluno desatento e inquieto apenas ao saber médico, aparenta ser uma forma de se eximir da responsabilidade de propor alternativas, [...]	[...] E atribuir a tarefa de “cuidar” do aluno desatento e inquieto apenas ao saber médico aparenta ser uma forma de se eximir da responsabilidade de propor alternativas, [...]	[[E atribuir a tarefa de “cuidar” do aluno desatento e inquieto apenas ao saber médico]I aparenta ser uma forma de se eximir da responsabilidade de propor alternativas]I
	Pgl ⁵⁷) [...] Desse modo, dar continuidade a esse tema que nos debruçamos outrora, é para GATTI (2002) uma forma de contribuir ainda mais para as pesquisas da educação, [...]	[...] Desse modo, dar continuidade a esse tema que nos debruçamos outrora é para GATTI (2002) uma forma de contribuir ainda mais para as pesquisas da educação, [...]	[[Desse modo]I dar continuidade a esse tema que nos debruçamos outrora]I [é para GATTI (2002) uma forma de contribuir ainda mais para as pesquisas da educação]I]U (p.22)
	Pgm ⁵⁸) Para um aprendiz da leitura, a pronúncia desta palavra, será construída passo a passo [...]	“Para um aprendiz da leitura, a pronúncia desta palavra será construída passo a passo [...]”	[Para um aprendiz da leitura]I [a pronúncia desta palavra]I [será construída passo a passo]I
	PGn ⁵⁹) [...] Compreender as expectativas de um grupo de Egressos de um curso de Licenciatura em Matemática de uma Instituição Federal de Ensino em relação à carreira docente, bem como as suas motivações de abandono da profissão, é o objetivo principal deste estudo [...]	[...] Compreender as expectativas de um grupo de Egressos de um curso de Licenciatura em Matemática de uma Instituição Federal de Ensino em relação à carreira docente, bem como as suas motivações de abandono da profissão é o objetivo	[Compreender as expectativas de um grupo de Egressos de um curso de Licenciatura em Matemática de uma Instituição Federal de Ensino em relação à carreira docente]I [bem como as suas motivações de abandono da profissão]I [é o

⁵⁶ Disponível em:

https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7779398

⁵⁷ Disponível em:

https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7779398

⁵⁸ Disponível em:

https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7779398

⁵⁹ Disponível em:

https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=10071537

ENTRE SUJEITO E PREDICADO EM RELAÇÃO DIRETA			
Nível/Origem	Excertos com emprego de vírgulas não-convencionalizadas	Registro permitido pela gramática	Marcação prosódica (distribuição dos Is)
Pós-graduação		principal deste estudo [...]	objetivo principal deste estudo]I
	PGo. ⁶⁰) [...] é possível que as experiências familiares ou sociais que a criança teve, não sejam suficientes para se configurar como um motivo, [...]	[...] é possível que as experiências familiares ou sociais que a criança teve não sejam suficientes para se configurar como um motivo, [...]	[é possível que as experiências familiares ou sociais que a criança teve]I [não sejam suficientes para se configurar como um motivo]I
	PGp. ⁶¹) Byrne e Fielding-Barnsley (1989), denominaram a consciência fonológica como [...]	Byrne e Fielding-Barnsley (1989) denominaram a consciência fonológica como [...]	[Byrne e Fielding-Barnsley (1989)]I [denominaram a consciência fonológica como]I
	PGq. ⁶²) [...] ter autonomia para pensar e decidir sem precisar de intérpretes, não faz parte da experiência de muitos brasileiros, atualmente chamados de analfabetos funcionais [...]	[...] ter autonomia para pensar e decidir sem precisar de intérpretes não faz parte da experiência de muitos brasileiros, atualmente chamados de analfabetos funcionais [...]	[ter autonomia para pensar e decidir sem precisar de intérpretes]I [não faz parte da experiência de muitos brasileiros]I [atualmente chamados de analfabetos funcionais]I
	PGr. ⁶³) [...] As avaliações realizadas em âmbito nacional (SAB, ENEM) e internacional (PISA), têm evidenciado que uma grande porcentagem dos alunos brasileiros [...]	[...] As avaliações realizadas em âmbito nacional (SAB, ENEM) e internacional (PISA), têm evidenciado que uma grande porcentagem dos alunos brasileiros [...]	[As avaliações realizadas em âmbito nacional (SAB, ENEM) e internacional (PISA)]I [têm evidenciado que uma grande porcentagem dos alunos brasileiros]I
	PGs. ⁶⁴) [...] a proliferação de discursos centrados simplesmente na necessidade de promover sua interação/socialização com os demais alunos, são indícios de um descompasso entre o que se	[...] a proliferação de discursos centrados simplesmente na necessidade de promover sua interação/socialização	[a proliferação de discursos centrados simplesmente na necessidade de promover sua interação/socialização

⁶⁰ Disponível em:

http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_uem_edespecial_artigo_telma_solange_bertoleti.pdf

⁶¹ Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br:8080/jspui/handle/2011/1919>

⁶² Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/16059>

⁶³ Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/16059>

⁶⁴ Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/33592>

ENTRE SUJEITO E PREDICADO EM RELAÇÃO DIRETA			
Nível/Origem	Excertos com emprego de vírgulas não-convencionalizadas	Registro permitido pela gramática	Marcação prosódica (distribuição dos Is)
Pós-graduação	pretende efetivar com a promoção de inclusão escolar dos alunos com deficiência [...]	com os demais alunos são indícios de um descompasso entre o que se pretende efetivar com a promoção de inclusão escolar dos alunos com deficiência [...]	com os demais alunos]I [são indícios de um descompasso entre o que se pretende efetivar com a promoção de inclusão escolar dos alunos com deficiência]I
	PGt ⁶⁵) [...] Para Vigotski (2007), os desenhos e rabiscos feitos pelas crianças pré-escolar, são estágios preliminares ao desenvolvimento da escrita [...]	[...] Para Vigotski (2007), os desenhos e rabiscos feitos pelas crianças pré-escolar são estágios preliminares ao desenvolvimento da escrita [...]	[Para Vigotski (2007)]I [os desenhos e rabiscos feitos pelas crianças pré-escolar]I [são estágios preliminares ao desenvolvimento da escrita]I
	PGu ⁶⁶) [...] Por fim, a última atividade diagnóstica, está relaciona à discriminação auditiva de dois fonemas [...]	[...] Por fim, a última atividade diagnóstica, está relaciona à discriminação auditiva de dois fonemas [...]	[Por fim]I [a última atividade diagnóstica]I [está relaciona à discriminação auditiva de dois fonemas]I
Outros Gêneros	Comunicado Escolar OGa ⁶⁷) Reforçamos que o módulo volume 3, se encontra disponível na escola desde 11/06 [...](comunicado escolar recebido pela pesquisadora)	Comunicado Escolar Reforçamos que o módulo volume 3 se encontra disponível na escola desde 11/06 [...]	[[Reforçamos que o módulo volume 3]I se encontra disponível na escola desde 11/06]I
	Editorial Ogb ⁶⁸) O flúor ou sais de ácido fluorídrico, contribui para a calcificação da glândula pineal [...]	Editorial O flúor ou sais de ácido fluorídrico contribui para a calcificação da glândula pineal [...]	[[O flúor ou sais de ácido fluorídrico]I [contribui para a calcificação da glândula pineal]I]U
	Notícias OGc ⁶⁹) O novo Saeb, será implementado aos poucos	Notícias O novo Saeb, será implementado aos poucos	[O novo Saeb]I [será implementado aos poucos]I
	Anúncios de instagram OGd ⁷⁰) Estudos mostram que	Anúncios de instagram	[Estudos mostram que indivíduos que

⁶⁵ Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/33592>

⁶⁶ Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/33592>

⁶⁷ Comunicado escolar recebido pela pesquisadora.

⁶⁸ Disponível em: <https://espacodosol.com.br/curcuma-a-especiaria-que-descalcifica-a-glandula-pineal/>

⁶⁹ Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2020-05/educacao-entenda-como-serao-o-novo-saeb-e-o-enem-seriado>

ENTRE SUJEITO E PREDICADO EM RELAÇÃO DIRETA			
Nível/Origem	Excertos com emprego de vírgulas não-convencionalizadas	Registro permitido pela gramática	Marcação prosódica (distribuição dos Is)
Outros Gêneros	indivíduos que optam por bebidas zero ao invés das normais, não regularizam níveis de glicose.	Estudos mostram que indivíduos que optam por bebidas zero ao invés das normais não regularizam níveis de glicose.	optam por bebidas zero ao invés das normais]I [não regularizam níveis de glicose]I
	Mensagem auto-ajuda OGe ⁷¹⁾ O que você não deixa ir, você carrega. O que você carrega, pesa em você. E o que pesa em você, te afunda. Pratique a arte de: soltar, perdoar e deixar ir.	Mensagem auto-ajuda O que você não deixa ir você carrega. O que você carrega pesa em você. E o que pesa em você te afunda. Pratique a arte de: soltar, perdoar e deixar ir.	[O que você não deixa ir]I [você carrega]I [O que você carrega]I [pesa em você]I [E o que pesa em você, te afunda]I
	Mensagens instagram (publicidade) OGf ⁷²⁾ Assumir todas as tarefas para si, é um erro.	Mensagens instagram Assumir todas as tarefas para si é um erro.	[Assumir todas as tarefas para si]I [é um erro]I
	Editorial nutrição OGg ⁷³⁾ A absorção de vitamina B12, cálcio e Ferro, depende da acidez do seu estômago.	Editorial nutrição A absorção de vitamina B12, cálcio e Ferro depende da acidez do seu estômago.	[A absorção de vitamina B12]I [cálcio e Ferro]I [depende da acidez do seu estômago]I
	Publicidade OGh ⁷⁴⁾ Os cursos gratuitos online oferecidos pela University of Alberta, são através do programa de Curso Online Aberto e Massivo	Publicidade Os cursos gratuitos online oferecidos pela University of Alberta são através do programa de Curso Online Aberto e Massivo	[Os cursos gratuitos online oferecidos pela University of Alberta]I [são através do programa de Curso Online Aberto e Massivo]I
	Notícias OGi ⁷⁵⁾ Segundo Angeluci Figueir, ofensa foi feita no domingo (1º) após ela comunicar, através de um aplicativo de mensagens, que a reserva feita por Fábio Vilas Boas, teria que ser cancelada por causa de questões climáticas.	Notícias OGi) Segundo Angeluci Figueir, ofensa foi feita no domingo (1º) após ela comunicar, através de um aplicativo de mensagens, que a	[Segundo Angeluci Figueir]I [a ofensa foi feita no domingo (1º) após ela comunicar]I [através de um aplicativo de mensagens]I que a reserva feita por

⁷⁰ Disponível em: @essencialclínica instagram

⁷¹ Disponível em: @sigoespalhandoamor/sigofrases

⁷² Disponível em: @maryorganiza

⁷³ Disponível em: @nutcarmembraga

⁷⁴ Disponível em: <https://clickpetroleoegas.com.br/universidade-do-canada-esta-oferecendo-mais-de-10-cursos-gratuitos-online-neste-dia-12/>

⁷⁵ Notícia veiculada no g1.globo.com.br em 02/08/2021.

ENTRE SUJEITO E PREDICADO EM RELAÇÃO DIRETA			
Nível/Origem	Excertos com emprego de vírgulas não-convencionalizadas	Registro permitido pela gramática	Marcação prosódica (distribuição dos Is)
Outros Gêneros		reserva feita por Fábio Vilas Boas teria que ser cancelada por causa de questões climáticas.	Fábio Vilas Boas]I [teria que ser cancelada por causa de questões climáticas]I
	Aviso de uma faculdade particular numa rede social OGj ⁷⁶) Hoje pela manhã a coordenação de medicina da Faculdade de Saúde [...], realizou uma live com os calouros do curso, nesse momento foi apresentado os protocolos de biossegurança, as salas de 360° e o projeto Lar Discente.”	Hoje pela manhã a coordenação de medicina da Faculdade de Saúde realizou uma live com os calouros do curso, nesse momento foi apresentado os protocolos de biossegurança, as salas de 360° e o projeto Lar Discente.”	[Hoje pela manhã a coordenação de medicina da Faculdade de Saúde Santo Agostinho]I [realizou uma live com os calouros do curso]I [nesse momento foi apresentado os protocolos de biossegurança]I [as salas de 360° e o projeto Lar Discente]I
	Editorial OGk ⁷⁷) A aspirina e o clopidrogel, fazem parte do grupo dos antiagregantes plaquetários, [...]	Orientação médica A aspirina e o clopidrogel fazem parte do grupo dos antiagregantes plaquetários [...]	[A aspirina e o clopidrogel]I [fazem parte do grupo dos antiagregantes plaquetários]I
	Questão de prova/ seleção pública OGl ⁷⁸) O artigo 14º da Lei de Diretrizes e Base da educação Nacional, incumbe os sistemas de ensino de definir as normas da gestão democrática do ensino público na educação básica, com base em dois princípios, que foram citados entre os itens abaixo.	O artigo 14º da Lei de Diretrizes e Base da educação Nacional incumbe os sistemas de ensino de definir as normas da gestão democrática do ensino público na educação básica, com base em dois princípios, que foram citados entre os itens abaixo.	[[O artigo 14º da Lei de Diretrizes e Base da educação Nacional]I [incumbe os sistemas de ensino de definir as normas da gestão democrática do ensino público na educação básica]I [com base em dois princípios]I [que foram citados entre os itens abaixo]I

⁷⁶ Disponível em: @faculdadessantoagostinho

⁷⁷ Disponível em: www.doctoralia.com.br/perguntas e respostas

⁷⁸ Questão de prova concurso seleção professor Municipal-VCA. Disponível em: www.pmvc.ba.gov.br/

ENTRE SUJEITO E PREDICADO EM RELAÇÃO DIRETA			
Nível/Origem	Excertos com emprego de vírgulas não-convencionalizadas	Registro permitido pela gramática	Marcação prosódica (distribuição dos Is)
Outros Gêneros	Notícia OGm⁷⁹) Decreto assinado pela prefeita Sheila Lemos e publicado em edição extra do Diário Oficial do Município, suspende as atividades presenciais nas escolas da Rede Municipal [...]	Notícia Decreto assinado pela prefeita Sheila Lemos e publicado em edição extra do Diário Oficial do Município suspende as atividades presenciais nas escolas da Rede Municipal [...]	[Decreto assinado pela prefeita Sheila Lemos e publicado em edição extra do Diário Oficial do Município]I [suspende as atividades presenciais nas escolas da Rede Municipal]I
	Slide sessão de comunicação OGn) As expectativas em torno desta pesquisa, refletem um ansio por compreender quais são as possíveis reconfigurações do brincar[...]	Slide sessão de comunicação As expectativas em torno desta pesquisa refletem um ansio por compreender quais são as possíveis reconfigurações do brincar[...]	[As expectativas em torno desta pesquisa]I [refletem um ansio por compreender quais são as possíveis reconfigurações do brincar]I

Fonte: Elaboração própria.

As regras gramaticais apresentadas no início deste capítulo são categóricas ao pontuarem que sujeito e predicado não podem ser separados por vírgula. No entanto, a despeito disso, a análise aqui empreendida apresenta o uso constante da vírgula infringindo essa norma tanto em textos formais quanto em textos não formais, acadêmicos e não acadêmicos, enfim, em textos oriundos dos mais diversos níveis de ensino e nos mais variados gêneros.

Entendemos que tais dados não devam ser tratados como descumprimentos arbitrários de uma norma gramatical; a questão motivadora que pode explicar a alta incidência dessa “infração” não parece ser um desconhecimento da norma, mas sugere um envolvimento da prosódia na divisão de Is e marcação de suas fronteiras.

Em todos os excertos expostos no Quadro 15, o uso da vírgula é indevido sob a ótica da gramática, pois ocasiona a ruptura do elo sintático entre os dois termos essenciais da oração. No entanto, conseguimos visualizar nestes dados ao menos duas situações em que a prosódia atua: i) em função da extensão (tamanho) do sujeito; ii) em função de se enfatizar uma determinada palavra ou ideia. Quanto à divisão dos Is em razão da existência de sujeitos longos, casos como o exemplo a seguir explicam todos os demais, com exceção dos exemplos

⁷⁹ Notícia veiculada em 25/12/2021 no site www.pmvc.ba.gov.br/

EFd, Ga, PGa, PGd, OGk os quais não apresentam sujeitos longos. Observemos como se deu a marcação das fronteiras no seguinte exemplo:

[O artigo 14º da Lei de Diretrizes e Base da educação Nacional]I [incumbe os sistemas de ensino de definir as normas da gestão democrática do ensino público na educação básica]I (1)
[com base em dois princípios]I [que foram citados entre os itens abaixo]I (OGI)

A divisão dos Is nesse excerto, representativo dos demais, no que se refere ao isolamento do sujeito e predicado, embora em desacordo com a norma gramatical, corroboram a hipótese de Cagliari (1989) e de Pacheco (2003, 2006) de que os sinais de pontuação atuam como marcadores prosódicos e, por essa razão, a marcação das pausas pode ter sido motivada por aspectos sonoros de forma intuitiva por se tratar de um sujeito mais longo, o que, na modalidade oral, poderia, naturalmente, ocasionar essa pausa.

Assim, por se tratar de sujeitos muito longos, o escrevente marca uma pausa indicando uma fronteira entre os sintagmas. Em fragmentos como os apresentados no Quadro 16, em sua maioria evidenciando sujeitos extensos, é comum na fala que haja um contorno de F0 ascendente justamente para indicar que o enunciado ainda não acabou e que está relacionado com toda a predicação que vem a seguir” (SILVA, 2017).

Embora nem sempre os limites dos sintagmas correspondem a uma pausa, a divisão entre eles, por vezes, obedece a condições fonológicas as quais “estabelecem que constituintes longos tendem a ser divididos” (FROTA, 2011, p. 45), até mesmo por uma questão fisiológica, ou seja, faz-se uma pausa para respiração a qual se representa na escrita por meio do marcador prosódico, neste caso, a vírgula, ainda que este uso não se justifique sob o ponto de vista sintático da escrita.

Os excertos abaixo não apresentam sujeitos longos, porém o escrevente demarca dois sintagmas entoacionais, usando a vírgula:

[O tio]I [dividiu 5 filas] [com cinco alunos cada]I (EFd) (2)

[Oliveira (2013)]I [afirma que o rádio foi usado na guerra militar]I (Ga) (3)

[Sol]I [está em contraste com lua, dessa forma café é o foco de contraste]I [este recurso é característico das frases clivadas]I (PGd) (4)

[As vezes as coisas demoram.]I [..mas acontecem]I **[O importante]**I [é saber esperar e nunca perder a fé”]I (OGk) (5)

Embora nestes casos, não se trate de uma frase longa que justifique a segmentação em duas partes, o escrevente o faz, evidenciando que ele identifica dois sintagmas entoacionais, dois Is. O uso da vírgula, então, parece ser guiado pela pausa entre sujeito e predicado que é comum na oralidade. Isto reforça o fato de que, durante a fala, as pessoas seguem inconscientemente regras fonológicas que estabelecem características prosódicas dos enunciados. Especialmente em PGd e OGk, notamos, ainda, uma questão enfática quando os escreventes parecem realizar uma pausa para provocar uma reflexão, chamando a atenção do leitor.

A força do sintagma entoacional também é verificada nos casos de uso da conjunção aditiva em contexto de mesmo sujeito como se verifica a seguir.

6.2 A conjunção aditiva e o mesmo sujeito ou enumeração: a atuação do sintagma entoacional

Quando a conjunção aditiva “e” liga duas orações coordenadas sindéticas tendo o mesmo sujeito para ambas, a vírgula não deve ser empregada conforme a regra sintática. Da mesma forma, nos contextos em que a referida conjunção une elementos de uma enumeração, “pois, neste caso, o “e” substitui a vírgula diante do último elemento da enumeração” (PIACENTINI, 2003, p. 43). Mediante a função do “e” de ligar elementos na oração, Luft (2002, p. 39) questiona, ironicamente, o seguinte: “Como separar por uma vírgula aquilo que o “e” deveria unir?” Entretanto, os desvios normativos ocorridos nos excertos do Quadro 16 nos chamam a atenção para o fato de que provavelmente não os tenham sido cometidos em função do desconhecimento da norma sobre o emprego da vírgula antes ou depois da conjunção “e”. O desvio normativo certamente aconteceu em razão dos contornos entoacionais mobilizados pelos autores dos textos no ato de suas produções escritas, conforme veremos.

Quadro 16 – Antes da conjunção “e” com referência ao mesmo sujeito ou seguida de uma sequência de elementos

CONJUNÇÃO “E” COM REFERÊNCIA AO MESMO SUJEITO OU SEGUIDA DE UMA SEQUÊNCIA DE ELEMENTOS			
Nível/Origem	Excertos com emprego de vírgulas não-convencionalizadas	Registro permitido pela gramática	Marcação prosódica (distribuição dos Is)
Ensino Fundamental	EFa) “[...] O urso insistiu muito em seu pedido, e	“[...] O urso insistiu muito em seu pedido e prometeu	[O urso insistiu muito em seu pedido]I [e

CONJUNÇÃO “E” COM REFERÊNCIA AO MESMO SUJEITO OU SEGUIDA DE UMA SEQUÊNCIA DE ELEMENTOS			
Nível/Origem	Excertos com emprego de vírgulas não-convencionalizadas	Registro permitido pela gramática	Marcação prosódica (distribuição dos Is)
	prometeu que lhe daria a metade do mel que eles encontrassem na colmeia [...]	que lhe daria a metade do mel que eles encontrassem na colmeia [...]	prometeu que lhe daria a metade do mel que eles encontrassem na colmeia]I
	EFb) “[...] ele era uma garoto muito metido, orgulhoso, e fazia parte de uma família muito rica [...].”	“[...] ele era uma garoto muito metido, orgulhoso e fazia parte de uma família muito rica [...].”	[ele era uma garoto muito metido]I [orgulhoso]I [e fazia parte de uma família muito rica]I (Livro azul grandes histórias...) p.71
Ensino Médio	EMa) [...] adolescentes buscam se encaixar em padrões que fazem parte do seu meio, e acabam seguindo um mau caminho [...]	[...] adolescentes buscam se encaixar em padrões que fazem parte do seu meio e acabam seguindo um mau caminho [...]	[adolescentes buscam se encaixar em padrões que fazem parte do seu meio]I [e acabam seguindo um mau caminho]I
	EMb) Ademais, cabe o Governo investir na educação pública, como programas educativos, auxílio emergencial, e cursos profissionalizantes, com objetivo de ampliar as oportunidades e desfazer totalmente a desigualdade no meio educacional.	Ademais, cabe o Governo investir na educação pública, como programas educativos, auxílio emergencial e cursos profissionalizantes, com objetivo de ampliar as oportunidades e desfazer totalmente a desigualdade no meio educacional.	[Ademais]I [cabe o Governo investir na educação pública]I [como programas educativos]I [auxílio emergencial]I [e cursos profissionalizantes]I [com objetivo de ampliar as oportunidades e desfazer totalmente a desigualdade no meio educacional]I
Graduação	Ga) [...] o rádio é o principal meio de informação atuante, e ainda vive num momento de utilidade contemporânea.	[...] o rádio é o principal meio de informação atuante e ainda vive num momento de utilidade contemporânea.	[o rádio é o principal meio de informação atuante]I [e ainda vive num momento de utilidade contemporânea]I
	Gb) [...] a transição sofrida pelo rádio levou-o a se tornar um marco histórico para a sociedade, e proporcionou o começo de um jornalismo eficiente. [...]	[...] a transição sofrida pelo rádio levou-o a se tornar um marco histórico para a sociedade e proporcionou o começo de um jornalismo eficiente. [...]	[a transição sofrida pelo rádio levou-o a se tornar um marco histórico para a sociedade]I [e proporcionou o começo de um jornalismo eficiente]I
	Gc) [...] A possibilidade de inovação trazida pela internet vai além de	[...] A possibilidade de inovação trazida pela internet vai além de	[A possibilidade de inovação trazida pela internet vai além de

CONJUNÇÃO “E” COM REFERÊNCIA AO MESMO SUJEITO OU SEGUIDA DE UMA SEQUÊNCIA DE ELEMENTOS			
Nível/Origem	Excertos com emprego de vírgulas não-convencionalizadas	Registro permitido pela gramática	Marcação prosódica (distribuição dos Is)
Graduação	transmissão ao vivo das rádios, e da participação nos programas através redes sociais [...]	transmissão ao vivo das rádios e da participação nos programas através redes sociais [...]	transmissão ao vivo das rádios]I [e da participação nos programas através redes sociais]I
	Gd) [...] os veículos midiáticos estão sempre falando sobre assuntos considerados importantes para a população, e utilizam desse momento para difundir certas ideias entre o povo.	[...] os veículos midiáticos estão sempre falando sobre assuntos considerados importantes para a população e utilizam desse momento para difundir certas ideias entre o povo.	[os veículos midiáticos estão sempre falando sobre assuntos considerados importantes para a população]I [e utilizam desse momento para difundir certas ideias entre o povo]I
	Ge) [...] o rádio perdeu adeptos, e atualmente fica atrás de veículos como a televisão e a internet [...]	[...] o rádio perdeu adeptos e atualmente fica atrás de veículos como a televisão e a internet [...]	[o rádio perdeu adeptos]I [e atualmente fica atrás de veículos como a televisão e a internet]I
	Gf) [...] ajudando os professores a compreender aspectos importantes na aprendizagem de leitura e escrita, e o entendimento de que o processo de alfabetização não é um processo baseado em memorização [...]	[...] ajudando os professores a compreender aspectos importantes na aprendizagem de leitura e escrita e o entendimento de que o processo de alfabetização não é um processo baseado em memorização [...]	[ajudando os professores a compreender aspectos importantes na aprendizagem de leitura e escrita]I [e o entendimento de que o processo de alfabetização não é um processo baseado em memorização]I
	Gg) [...] pessoas incapazes de aprender o sentido de textos, e expressar suas próprias ideias de forma clara. [...]	[...] pessoas incapazes de aprender o sentido de textos e expressar suas próprias ideias de forma clara. [...]	[[pessoas incapazes de aprender o sentido de textos]I [e expressar suas próprias ideias de forma clara]I]U
	Gh) Diplomas de cursos universitários podem ser simplesmente planejados no orçamento familiar, e adquiridos facilmente por aqueles que podem pagar. [...]	Diplomas de cursos universitários podem ser simplesmente planejados no orçamento familiar e adquiridos facilmente por aqueles que podem pagar. [...]	[[Diplomas de cursos universitários podem ser simplesmente planejados no orçamento familiar]I [e adquiridos facilmente por aqueles que podem pagar]I]U

CONJUNÇÃO “E” COM REFERÊNCIA AO MESMO SUJEITO OU SEGUIDA DE UMA SEQUÊNCIA DE ELEMENTOS			
Nível/Origem	Excertos com emprego de vírgulas não-convencionalizadas	Registro permitido pela gramática	Marcação prosódica (distribuição dos Is)
Graduação	Gi) [...] Estudantes agora são vistos pelas instituições de ensinos como clientes, pagantes, e consumidores de uma empresa, que possuem dinheiro para gastar, por isso não podem ser aborrecidos em demasia. [...]	[...] Estudantes agora são vistos pelas instituições de ensinos como clientes, pagantes e consumidores de uma empresa, que possuem dinheiro para gastar, por isso não podem ser aborrecidos em demasia. [...]	[[Estudantes agora são vistos pelas instituições de ensinos como clientes]I pagantes]I [e consumidores de uma empresa]I [que possuem dinheiro para gastar]I [por isso não podem ser aborrecidos em demasia]I]U
Pós-graduação	Pga ⁸⁰) Assim, o consumo destes antioxidantes pode reduzir o dano oxidativo devido ao exercício, e pode alterar o início do envelhecimento [...]	Assim, o consumo destes antioxidantes pode reduzir o dano oxidativo devido ao exercício e pode alterar o início do envelhecimento [...]	[[Assim]I [o consumo destes antioxidantes pode reduzir o dano oxidativo devido ao exercício]I [e pode alterar o início do envelhecimento]I
	Pgb ⁸¹) [...] Concluiu-se que a higienização propiciou melhora na percepção gustativa e melhor aceitação alimentar, incrementando as condições gerais de saúde, e também a auto-estima dos pacientes [...]	[...] Concluiu-se que a higienização propiciou melhora na percepção gustativa e melhor aceitação alimentar, incrementando as condições gerais de saúde, e também a auto-estima dos pacientes [...]	[Concluiu-se que a higienização propiciou melhora na percepção gustativa e melhor aceitação alimentar]I [incrementando as condições gerais de saúde]I [e também a auto-estima dos pacientes]I
	Pgc ⁸²) [...] Este livro foi o primeiro de muitos outros que me fizeram chorar, e que também me fizeram aprender a escrever mais e melhor [...]	[...] Este livro foi o primeiro de muitos outros que me fizeram chorar e que também me fizeram aprender a escrever mais e melhor [...]	[Este livro foi o primeiro de muitos outros que me fizeram chorar]I [e que também me fizeram aprender a escrever mais e melhor]I

⁸⁰ Disponível em:

http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=77688

⁸¹ Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/87950>

⁸² Disponível em:

https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=10071537

CONJUNÇÃO “E” COM REFERÊNCIA AO MESMO SUJEITO OU SEGUIDA DE UMA SEQUÊNCIA DE ELEMENTOS			
Nível/Origem	Excertos com emprego de vírgulas não-convencionalizadas	Registro permitido pela gramática	Marcação prosódica (distribuição dos Is)
Pós-graduação	Pgd ⁸³) [...] Sou docente neste curso desde o ano de 2012, e tenho acompanhado a formação dos futuros professores da região nas disciplinas da área da Educação Matemática, [...]	[...] Sou docente neste curso desde o ano de 2012 e tenho acompanhado a formação dos futuros professores da região nas disciplinas da área da Educação Matemática, [...]	[Sou docente neste curso desde o ano de 2012]I [e tenho acompanhado a formação dos futuros professores da região nas disciplinas da área da Educação Matemática]I
Outros Gêneros	Almanaque (editorial) OGa ⁸⁴) [...] Um trabalho realizado na Unicamp examinou diversos tipos de alimentos preparados com panelas de alumínio e teflon, e notou que a transferência de metais é maior. (www.almanaquesos.com/panela-alumínio-teflon-faz-mal)	Almanaque (editorial) [...] Um trabalho realizado na Unicamp examinou diversos tipos de alimentos preparados com panelas de alumínio e teflon e notou que a transferência de metais [...] é maior.	[Um trabalho realizado na Unicamp examinou diversos tipos de alimentos preparados com panelas de alumínio e teflon]I [e notou que a transferência de metais é maior]I

Fonte: Elaboração própria.

O Quadro 16 apresenta duas formas de uso irregular da vírgula: uma está relacionada ao emprego da vírgula antes da conjunção “e” com referência ao mesmo sujeito e a outra encontra-se relacionada ao uso da vírgula antes da referida conjunção quando seguida de uma sequência de elementos, uma vez que não se usa a vírgula antes da conjunção “e” alocada ao término de uma enumeração.

Considerando as regras normativas da gramática tradicional, não se usa vírgula antes da conjunção aditiva “e” que liga orações cujo sujeito é o mesmo. As análises realizadas, entretanto, mostram que, apesar dessa norma, a colocação da vírgula ocorre com frequência nos textos em questão em todos os níveis de escolaridade. Destacamos alguns exemplos representativos da situação ora apresentada, conforme dispostas no Quadro 16:

[O urso insistiu muito em seu pedido]I **[e prometeu que lhe daria a metade do mel que eles encontrassem na colmeia]**I]U (EFa) (6)

⁸³ Disponível em:

https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=10071537

⁸⁴ Disponível em: www.almanaquesos.com/panela-alumínio-teflon-faz-mal

[adolescentes buscam se encaixar em padrões que fazem parte do seu meio]I **[e acabam seguindo um mau caminho]**I]U (EMa) (7)

[a transição sofrida pelo rádio levou-o a se tornar um marco histórico para a sociedade]I **[e proporcionou o começo de um jornalismo eficiente]**I]U (Gb) (8)

Nos três exemplos e nos excertos EFb; Ga; Gd; Ge; Gf; Gg; Gi; Gj e Gk do Quadro 16, observamos que o uso da vírgula antes da conjunção “e” não é recomendado porque o sujeito das orações aditivas é o mesmo, isto é, os sujeitos de “prometeu”, “acabam” e “proporcionou” é também de “insistiu”, “buscam” e “levou”, respectivamente, quais sejam “o urso”, “adolescentes” e “a transição sofrida pelo rádio”. Nesses casos, observamos novamente o uso indevido da vírgula motivado implicitamente pela prosódia, em função da complexidade sintática e da extensão do enunciado, marcando a pausa natural da fala nesse contexto enunciativo de escrita.

Notamos, assim, que se trata de casos de fraseamento de duas sentenças com sentido completo em cada um desses excertos divididos pela vírgula anteposta à conjunção “e”. Os demais trechos do Quadro 16 são explicáveis seguindo esta mesma linha de análise.

Desse modo, as condições fonológicas determinam a divisão dos constituintes em cada um dos trechos, ou seja, por se tratar de um enunciado de estrutura sintática complexa e de um enunciado longo, o escrevente, movido pelos sinais de uma prosódia por ele internalizada, isto é, a prosódia implícita, viola as regras da pontuação e insere uma vírgula entre as duas frases entoacionais dividindo-as. Tal fato demonstra que períodos mais longos induzem o escrevente a dividi-los em partes menores, como ocorreria naturalmente se fossem oralizados.

A delimitação de sintagmas entoacionais nas amostras seguintes evidenciam a violação da norma no que diz respeito ao uso da vírgula antes da conjunção “e” quando ela também se apresenta seguida de uma sequência de elementos ou de fatos, em caráter conclusivo, isto é, não se deve usar vírgula antes da conjunção “e” ao término de uma enumeração. Todavia, a depender da organização prosódica da sentença, é possível que se encontre esse sinal de pontuação, como observamos nos dados abaixo:

[Ademais]I [cabe o Governo investir na educação pública]I [como programas educativos]I [auxílio emergencial]I **[e cursos profissionalizantes]**I [com objetivo de ampliar as oportunidades e desfazer totalmente a desigualdade no meio educacional]I (EMb) (9)

[ajudando os professores a compreender aspectos importantes na aprendizagem de leitura e escrita]I **[e o entendimento de que o processo de alfabetização não é um processo]** (10)

baseado em memorização]I (Gh)

Assim como nos excertos Gc; Gk; PGb do Quadro 16, o uso inadequado de vírgulas pelo escrevente, nesses exemplos destacados, é justificado por condições fonológicas que determinam a divisão dos constituintes. Trata-se de uma construção textual longa, o que faz com que o escrevente, motivado fonologicamente, quebre-o em várias partes. Esses dados são evidências de que a organização da linguagem em estruturas prosódicas também pode ser constatada nos enunciados escritos, bem como são indícios de como os escreventes organizam rítmica e entoacionalmente a sua escrita, por meio dos marcadores prosódicos, os quais não são apenas sinais gráficos, mas marcadores prosódicos (CAGLIARI, 1989; PACHECO, 2003, 2006) cujos usos não-convencionais apontados nos dados apresentados são registros da imagem que os escreventes têm da sua linguagem interna, com base em seu modelo de fala, em suas práticas orais e escritas de uso da língua (CHACON, 1998).

A vírgula pode indicar que termos integrantes da mesma oração constituem um sintagma entoacional. O Quadro 17 a seguir apresenta excertos com irregularidades quanto ao uso da vírgula entre termos integrantes da oração.

6.3 Um sintagma entoacional e os termos integrantes da oração.

Assim como não é admissível a vírgula para separar o sujeito do predicado (termos essenciais), no interior das orações, não se admite também o emprego da vírgula entre os termos integrantes da oração: verbo e seu objeto ou entre o substantivo e seu complemento nominal (ABAURRE; ABAURRE; PONTARA, 2010) quando este for exigido, ainda que um preceda ao outro (BEZERRA, 2013). Em resumo, os termos essenciais e integrantes da oração ligam-se uns com os outros sem pausa, portanto, sem vírgula (CUNHA; CINTRA, 2017). É interessante observar que, em contextos como os dispostos no Quadro 17, as pausas foram marcadas prosodicamente evidenciando a falta de isomorfismo entre os aspectos sintáticos e os fonológicos, ou seja, os sintagmas entoacionais foram distribuídos por outra razão não coincidente com a sintática, a saber, a razão prosódica.

Quadro 17 – A vírgula entre termos integrantes da oração

ENTRE TERMOS INTEGRANTES			
Nível/Origem	Excertos com emprego de vírgulas não-convencionalizadas	Registro permitido pela gramática	Marcação prosódica (distribuição dos Is)
Ensino Fundamental	Sujeito e Predicativo do sujeito EFa) “Henrique era um	Sujeito e Predicativo do sujeito “Henrique era um jovem	[Henrique era um jovem de 22 anos]I [muito alegre e

ENTRE TERMOS INTEGRANTES			
Nível/Origem	Excertos com emprego de vírgulas não-convencionalizadas	Registro permitido pela gramática	Marcação prosódica (distribuição dos Is)
Ensino Fundamental	jovem de 22 anos, muito alegre e simpático”	de 22 anos muito alegre e simpático”	simpático]I
	Verbo-objeto indireto EFb) “[...] e o Mimi perguntou para a dona dele, por que ele não pode pular também [...]”	Verbo-objeto indireto “[...] e o Mimi perguntou para a dona dele por que ele não pode pular também [...]”	[e o Mimi perguntou para a dona dele]I [por que ele não pode pular também]I
Ensino Médio	VERBO-objeto EMa) Para isso, cabe ao Ministério da Saúde, enviar ao Congresso Nacional um projeto que utilize as verbas Orçamentárias Federais com objetivo de incluir a população fumante	VERBO-objeto Para isso, cabe ao Ministério da Saúde enviar ao Congresso Nacional um projeto que utilize as verbas Orçamentárias Federais com objetivo de incluir a população fumante	[Para isso]I [cabe ao Ministério da Saúde]I [enviar ao Congresso Nacional um projeto que utilize as verbas Orçamentárias Federais com objetivo de incluir a população fumante]I
	Nome -complemento EMb) [...] reservar parte dos cargos políticos a essas, além de deixar clara a importância dessa participação para a classe feminina através da educação, pela Base Nacional Comum [...]	Nome -complemento [...] reservar parte dos cargos políticos a essas, além de deixar clara a importância dessa participação para a classe feminina através da educação pela Base Nacional Comum [...]	[reservar parte dos cargos políticos a essas]I [além de deixar clara a importância dessa participação para a classe feminina através da educação]I [pela Base Nacional Comum]I
	Antes de adjunto adverbial diretamente ligado à voz passiva EMc) [...] Sob esse viés, a Constituição Federal promulgada, em 1988, garante ao adolescente uma educação de qualidade visando sua futura inserção na sociedade, [...]	Antes de adjunto adverbial diretamente ligado à voz passiva [...] Sob esse viés, a Constituição Federal promulgada em 1988, garante ao adolescente uma educação de qualidade visando sua futura inserção na sociedade, [...]	[Sob esse viés]I [a Constituição Federal promulgada]I [em 1988]I [garante ao adolescente uma educação de qualidade visando sua futura inserção na sociedade]I
	Entre o verbo e seu objeto EMd) [...]Sob outro prisma, é valido analisar, quanto esses impactos fomenta a desigualdade educacional no Brasil[...]	Entre o verbo e seu objeto [...]Sob outro prisma, é valido analisar quanto esses impactos fomenta a desigualdade educacional no Brasil[...]	[Sob outro prisma]I [é valido analisar]I [quanto esses impactos fomenta a desigualdade educacional no Brasil]I
Graduação	Predicativo deslocado do sujeito Ga) É inegável, o fato de que no Brasil o rádio é considerado um veículo	Predicativo deslocado do sujeito É inegável o fato de que no Brasil o rádio é considerado um veículo	[É inegável]I [o fato de que no Brasil o rádio é considerado um veículo essencial para a difusão de

ENTRE TERMOS INTEGRANTES			
Nível/Origem	Excertos com emprego de vírgulas não-convencionalizadas	Registro permitido pela gramática	Marcação prosódica (distribuição dos Is)
Graduação	essencial para a difusão de informações [...]	essencial para a difusão de informações [...]	informações]I
	Entre o objeto e o predicativo do objeto Gb) [...]A forma singular do compartilhamento de informações, a acessibilidade e a simplicidade que informes publicitários, jornalísticos e de entretenimento são transmitidos fazem do rádio, veículo que ainda resiste ao longo de décadas[...]	Entre o objeto e o predicativo do objeto [...]A forma singular do compartilhamento de informações, a acessibilidade e a simplicidade que informes publicitários, jornalísticos e de entretenimento são transmitidos fazem do rádio veículo que ainda resiste ao longo de décadas[...]	[A forma singular do compartilhamento de informações]I [a acessibilidade e a simplicidade que informes publicitários]I jornalísticos e de entretenimento são transmitidos fazem do rádio]I [veículo que ainda resiste ao longo de décadas]I
	Entre o nome e seu complemento Gc) Buscando uma maneira de “frear” a criação, de novos indivíduos do ensino superior, se encaixa a valorização da classe docente, não só no setor acadêmico, mas também no social, cultural e político.	Entre o nome e seu complemento Buscando uma maneira de “frear” a criação de novos indivíduos do ensino superior, se encaixa a valorização da classe docente, não só no setor acadêmico, mas também no social, cultural e político.	[Buscando uma maneira de “frear” a criação]I [de novos indivíduos do ensino superior]I [encaixa a valorização da classe docente]I [não só no setor acadêmico]I [mas também no social]I [cultural e político]I
	Uso indevido de vírgula entre o verbo e seu objeto Gd) [...]Em meio a essa abordagem, Bittencourt nos mostra, outros fatores que atrapalham as funções dos docentes [...]	Uso indevido de vírgula entre o verbo e seu objeto [...]Em meio a essa abordagem, Bittencourt nos mostra outros fatores que atrapalham as funções dos docentes [...]	[Em meio a essa abordagem]I [Bittencourt nos mostra]I [outros fatores que atrapalham as funções dos docentes]I
Pós-graduação	Uso indevido de vírgula entre o verbo e seu objeto Pga ⁸⁵) “A etimologia da palavra remete, para um caráter combinatório desta parte da gramática [...]	Uso indevido de vírgula entre o verbo e seu objeto A etimologia da palavra remete para um caráter combinatório desta parte da gramática [...]	[[A etimologia da palavra remete]I [para um caráter combinatório desta parte da gramática]I]U

⁸⁵ Disponível em:

https://bdm.unb.br/bitstream/10483/16229/1/2016_AdrielleRodriguesDaCamara__tcc.pdf

ENTRE TERMOS INTEGRANTES			
Nível/Origem	Excertos com emprego de vírgulas não-convencionalizadas	Registro permitido pela gramática	Marcação prosódica (distribuição dos Is)
Pós-graduação	Complemento nominal Pgb. ⁸⁶) “[...] não podemos esquecer, os empresários de instituições particulares de ensino que, [...]”	[...] não podemos esquecer os empresários de instituições particulares de ensino que, [...]	[não podemos esquecer]I [os empresários de instituições particulares de ensino que]I
	Complemento nominal PGc. ⁸⁷) [...] “Tomamos a epígrafe acima como um potente disparador das reflexões que pretendemos, por ora, tecer, e mais à frente fazer a defesa, de que o processo de aprendizagem não pode ser [...]”	Complemento nominal) [...] Tomamos a epígrafe acima como um potente disparador das reflexões que pretendemos, por ora, tecer, e mais à frente fazer a defesa de que o processo de aprendizagem não pode ser [...]	[Tomamos a epígrafe acima como um potente disparador das reflexões que pretendemos]I [por ora]I [tecer]I [e mais à frente fazer a defesa]I [de que o processo de aprendizagem não pode ser]
Outros Gêneros	Mensagem de instagram (publicidade) Entre o verbo e o objeto OGa. ⁸⁸) [...] Por isso explique, ensine e treine, seus filhos [...]	Mensagem de instagram Entre o verbo e o objeto [...] Por isso explique, ensine e treine seus filhos [...]	[Por isso explique]I [ensine e treine]I [seus filhos]I
	Mensagem instagram (Logoterapia/ anúncio) Entre o verbo e seu objeto OGB. ⁸⁹) [...] Frankl, está nos dizendo, que por mais difícil que seja, é possível. [...]	Mensagem instagram (Logoterapia) Entre o verbo e seu objeto [...] Frankl, está nos dizendo que por mais difícil que seja, é possível. [...]	[Frankl]I [está nos dizendo]I [que por mais difícil que seja]I [é possível]I

Fonte: Elaboração própria.

Como se pôde observar, encontram-se dispostos no Quadro 17 vários fragmentos em que identificamos o emprego da vírgula em desacordo com a gramática no que se refere ao seu uso entre termos integrantes da oração em ordem direta. Entretanto, Nespor e Vogel (1986) salientam que a reestruturação de Is é mais provável de ocorrer nos casos em que as estruturas dos enunciados têm extensão de I relativamente longa, velocidade relativamente lenta de fala e maior formalidade ou menor formalidade discursiva. Os dados dispostos no

⁸⁶ Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/100515>

⁸⁷ Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/33592>

⁸⁸ Disponível em: @maryorganiza

⁸⁹ Disponível em: @logoterapiabr

referido Quadro são exemplos dessa reestruturação em que verificamos a inserção da vírgula numa tentativa de marcar fronteiras de I devido à extensão dos enunciados. A Hipótese da Prosódia Implícita de Fodor nos permite analisar a influência da extensão dos constituintes na divisão dos Is marcada pelas vírgulas, fato que incide na quebra da isomorfia entre os elementos sintaxe e prosódia. A fim de exemplificar, destacamos as seguintes situações e enunciados:

a) ENTRE O SUJEITO E SEU PREDICATIVO

[**Henrique era um jovem de 22 anos**]I [**muito alegre e simpático**]I (EFa) (11)

b) ENTRE O OBJETO E SEU PREDICATIVO

[A forma singular do compartilhamento de informações]I [a acessibilidade e a simplicidade que informes publicitários]I [jornalísticos e de entretenimento são transmitidos fazem do rádio]I [**veículo que ainda resiste ao longo de décadas**]I (Gb) (12)

A vírgula entre o predicativo e seu sujeito ou entre aquele e seu objeto quando em ordem direta, ou seja, em sua posição natural, a exemplo dos enunciados EFa e Gb do Quadro 17, é dispensável, sob a perspectiva normativa, ainda que se trate de termos longos. O predicativo do objeto ou o predicativo do sujeito atribui características aos termos aos quais se referem constituindo com eles uma unidade sintática, cuja contiguidade não pode ser interrompida pela vírgula ou outro sinal de pontuação.

A segmentação dos Is acima, porém, evidencia que a pontuação gramatical nem sempre está em sintonia com a expressividade registrada pelo marcador prosódico, neste caso, a vírgula. A divisão dos constituintes parece obedecer à organização mental do escrevente, cuja ruptura oral se projeta na escrita refletindo o modelo de fala do escrevente que, nessa direção pode marcar prosodicamente o seu texto.

c) ENTRE O VERBO E SEU OBJETO

[Convém também **ressaltar**]I [**que o Hora do Brasil ajudou a construir uma boa imagem governista**]I (EMd) (13)

d) ENTRE O VERBO NA VOZ PASSIVA E SEU COMPLEMENTO

[Sob esse viés]I [a Constituição Federal **promulgada**]I [**em 1988**]I [garante ao adolescente uma educação de qualidade visando sua futura inserção na sociedade]I (EMc) (14)

e) ENTRE O NOME E SEU COMPLEMENTO

[reservar parte dos cargos políticos a essas]I [além de deixar clara a importância dessa participação para a classe feminina através da **educação**]I [**pela Base Nacional Comum**]I (EMb) (15)

A compreensão do fraseamento prosódico disposto nos excertos EMd, EMc e EMb do Quadro 17 são semelhantes no sentido de que, segundo o modelo proposto por Nespor e Vogel, um complemento pode formar uma I independente por ser uma oração completa, a despeito das restrições sintáticas que, na estrutura argumental, não permitem a quebra entre um elemento regente e seu argumento. Nestes dois casos, que também explicam os demais, dada a semelhança entre eles, observamos o uso da vírgula com base em funções prosódicas e discursivas.

O emprego da vírgula entre o verbo e o complemento ou entre o nome e seu complemento, injustificáveis sob as regras sintáticas, são justificáveis do ponto de vista do processamento da fala pelo fato de, em fala lenta, concebível em casos de leitura em voz alta, a sentença pode ser reestruturada em sintagmas entoacionais (Is) menores, ocorrendo a quebra entre verbo e oração completiva ou entre o nome e a oração e/ou termos completivos, mesmo que, sintaticamente, um verbo ou determinados nomes exijam um argumento.

O próximo quadro expõe trechos cujos empregos de vírgulas separam os termos acessórios em ordem direta, fato justificável sob o ponto de vista prosódico. No quadro, não há referência à escrita do Ensino Fundamental, pois, nos textos analisados, tais ocorrências não foram encontradas.

6.4 A ordem direta e os termos acessórios: a formação de sintagmas entoacionais

Considerando os termos da oração em ordem canonicamente natural, isto é, sem intercalações ou deslocamentos, a vírgula, segundo a orientação gramatical, a rigor, não deve ser empregada. Desse modo, não se deve empregá-la entre o nome(substantivo) e o seu adjunto adnominal ou adjunto adverbial, a menos que estes elementos venham antepostos aos seus referidos, ou seja, deslocados de sua ordem natural na oração (BEZERRA, 2013). “Não se põe entre vírgulas o advérbio situado no meio da frase, sobretudo junto do verbo, pois essa é sua posição natural [...]”. “Em suma: quando se trata do uso da vírgula, as palavras-chave são intercalação e deslocamento” (PIACENTINI, 2003, p. 15 e 63).

Entretanto, ao observarmos as fronteiras delimitadas pelas vírgulas nos excertos do Quadro 18, vemos que a distribuição dos sintagmas evidencia uma estreita relação com as características prosódicas da fala e, por isso, a formação dos sintagmas entoacionais não obedeceu a ordem sintática da escrita, sugerindo uma organização prosódica dos enunciados.

Quadro 18 – A vírgula entre os termos acessórios ordem direta

ENTRE TERMOS ACESSÓRIOS EM ORDEM DIRETA			
Nível Escolar/ Origem/ Contexto/	Excertos com emprego de vírgulas não- convencionalizadas	Registro permitido pela gramática	Marcação prosódica (distribuição dos Is)
Ensino Médio	EMa) Assim, terá início a construção da cultura de igualdade de gênero, em substituição à cultura do estupro.	Assim, terá início a construção da cultura de igualdade de gênero em substituição à cultura do estupro.	[[Assim]I [terá início a construção da cultura de igualdade de gênero]I [em substituição à cultura do estupro]I]U
	Adjunto adverbial em ordem direta EMb) [...] a inteligência artificial pode aumentar o desemprego no país em 4 pontos percentuais, nos próximos 15 anos.	Adjunto adverbial em ordem direta [...] a inteligência artificial pode aumentar o desemprego no país em 4 pontos percentuais nos próximos 15 anos.	[[a inteligência artificial pode aumentar o desemprego no país em 4 pontos percentuais]I [nos próximos 15 anos]I
	Adjunto adverbial na ordem direta EMc) [...] Logo, é possível influenciar decisões, a partir de propagandas e anúncios moldados por sistemas artificiais e direcionados especificamente para certos grupos de pessoas [...]	Adjunto adverbial na ordem direta [...] Logo, é possível influenciar decisões a partir de propagandas e anúncios moldados por sistemas artificiais e direcionados especificamente para certos grupos de pessoas [...]	[Logo]I [é possível influenciar decisões]I [a partir de propagandas e anúncios moldados por sistemas artificiais e direcionados especificamente para certos grupos de pessoas]I
	Entre o nome e seu adjunto adnominal) EMd) [...] Segundo O jornal O globo: “Cerca de 500 mil alunos, da rede pública de São Paulo, podem reprovar em 2020”.	Entre o nome e seu adjunto adnominal) EMd) [...] Segundo O jornal O globo: “Cerca de 500 mil alunos da rede pública de São Paulo, podem reprovar em 2020”.	[Segundo O jornal O globo: “Cerca de 500 mil alunos]I [da rede pública de São Paulo]I [podem reprovar em 2020”]I
	Adjunto adv. ordem direta EMe) [...]tem de haver um trabalho minucioso entre a equipe diretiva e as secretarias municipais, no propósito de nortear a atividade dos docentes. [...]	Adjunto adv. ordem direta EMe) [...]tem de haver um trabalho minucioso entre a equipe diretiva e as secretarias municipais no propósito de nortear a atividade dos docentes. [...]	[[tem de haver um trabalho minucioso entre a equipe diretiva e as secretarias municipais]I [no propósito de nortear a atividade dos docentes]I]U
	Oração adv. ordem direta ou adjunto adv. ordem direta EMf) Ademais, cabe o Governo investir na educação pública, como programas educativos, auxílio emergencial, e	Oração adv. ordem direta ou adjunto adv. ordem direta EMf) Ademais, cabe o Governo investir na educação pública, como programas educativos, auxílio emergencial, e	[Ademais]I [cabe o Governo investir na educação pública]I [como programas educativos]I [auxílio emergencial]I [e cursos profissionalizantes]I

ENTRE TERMOS ACESSÓRIOS EM ORDEM DIRETA			
Nível Escolar/ Origem/ Contexto/	Excertos com emprego de vírgulas não- convencionalizadas	Registro permitido pela gramática	Marcação prosódica (distribuição dos Is)
Ensino Médio	cursos profissionalizantes, com objetivo de ampliar as oportunidades e desfazer totalmente a desigualdade no meio educacional.	cursos profissionalizantes com objetivo de ampliar as oportunidades e desfazer totalmente a desigualdade no meio educacional.	[com objetivo de ampliar as oportunidades e desfazer totalmente a desigualdade no meio educacional]I
	Oração adv. ordem direta ou adjunto adv. ordem direta EMg) [...]o cenário mundial da pandemia, reforçou a desigualdade de ensino, no âmbito de quem estuda em escolas privadas, [...]	Oração adv. ordem direta ou adjunto adv. ordem direta EMg) [...]o cenário mundial da pandemia, reforçou a desigualdade de ensino no âmbito de quem estuda em escolas privadas, [...]	[o cenário mundial da pandemia]I [reforçou a desigualdade de ensino]I [no âmbito de quem estuda em escolas privadas]I
Graduação	Adjunto adverbial ou oração adverbial em ordem direta Ga) [...] seriados de aventura e o gênero de maior popularidade: as novelas e para materializar utilizava-se a sonoplastia, com voz e ruídos.	Adjunto adverbial ou oração adverbial em ordem direta [...] seriados de aventura e o gênero de maior popularidade: as novelas e para materializar utilizava-se a sonoplastia com voz e ruídos.	[seriados de aventura e o gênero de maior popularidade: as novelas e para materializar utilizava- se a sonoplastia]I [com voz e ruídos]I
	Adjunto adv. ordem direta Gb) [...] Com sua pluralidade de fins, o rádio satisfaz os distintos perfis, com suas variadas formas de comunicação, com informação, entretenimento [...]	Adjunto adv. ordem direta [...] Com sua pluralidade de fins, o rádio satisfaz os distintos perfis com suas variadas formas de comunicação, com informação, entretenimento [...]	[Com sua pluralidade de fins, o rádio satisfaz os distintos perfis]I [com suas variadas formas de comunicação]I [com informação, entretenimento]I
	Adj. adv. ordem direta Gc) Percebemos, portanto, como a internet contribuiu para que o rádio atingisse maior espaço, propagando suas ondas sonoras, em diferentes espaços geográficos. [...]	Adj. adv. ordem direta Percebemos, portanto, como a internet contribuiu para que o rádio atingisse maior espaço, propagando suas ondas sonoras em diferentes espaços geográficos. [...]	[Percebemos,]I [portanto]I [como a internet contribuiu para que o rádio atingisse maior espaço]I [propagando suas ondas sonoras]I [em diferentes espaços geográficos]I
	Entre o nome e seu adjunto adnominal Gd) A professora apresenta recursos, baseados nas dicas do	Entre o nome e seu adjunto adnominal A professora apresenta recursos baseados nas dicas do PCN, que os	[A professora apresenta recursos]I [baseados nas dicas do PCN]I [que os professores

ENTRE TERMOS ACESSÓRIOS EM ORDEM DIRETA			
Nível Escolar/ Origem/ Contexto/	Excertos com emprego de vírgulas não- convencionalizadas	Registro permitido pela gramática	Marcação prosódica (distribuição dos Is)
Graduação	PCN, que os professores podem utilizar em sala de aula [...]	professores podem utilizar em sala de aula [...]	podem utilizar em sala de aula]I
	Entre o nome e seu adjunto adnominal Ge) O professor encontrou uma espécie de síntese mostrando um possível avanço, comparado a anos anteriores.	Entre o nome e seu adjunto adnominal O professor encontrou uma espécie de síntese mostrando um possível avanço comparado a anos anteriores.	[O professor encontrou uma espécie de síntese mostrando um possível avanço]I [comparado a anos anteriores]I
	Antes de adj. adverbial em ordem direta Gf) Há uma facilidade incomum de se obter um diploma nessas instituições de ensino “comerciárias” pelos meios de avaliação em geral, uma vez que, visando o lucro, a reprovação e a dificuldade resultaria na perda destes alunos [...]	Antes de adj. adverbial em ordem direta Há uma facilidade incomum de se obter um diploma nessas instituições de ensino “comerciárias” pelos meios de avaliação em geral, uma vez que, visando o lucro, a reprovação e a dificuldade resultaria na perda destes alunos [...]	[Há uma facilidade incomum de se obter um diploma nessas instituições de ensino “comerciárias”]I [pelos meios de avaliação em geral]I [uma vez que]I [visando o lucro]I [a reprovação e a dificuldade resultaria na perda destes alunos]I
Graduação	Nome e adjunto adnominal Gg) [...] Como menciona, o aluno do curso de letras, da Universidade Federal Fluminense [...]	Nome e adjunto adnominal [...] Como menciona, o aluno do curso de letras da Universidade Federal Fluminense [...]	[Como menciona]I [o aluno do curso de letras]I [da Universidade Federal Fluminense]I
	Antes de adjunto adverbial em ordem direta Pga ⁹⁰) “[...] Sugere-se que essa teoria seja aplicada ao envelhecimento normal, porém, não é a única causa das alterações envolvidas, durante o processo de envelhecimento [...]”	Antes de adjunto adverbial em ordem direta “[...] Sugere-se que essa teoria seja aplicada ao envelhecimento normal, porém, não é a única causa das alterações envolvidas durante o processo de envelhecimento [...]”	[Sugere-se que essa teoria seja aplicada ao envelhecimento normal]I [porém,]I [não é a única causa das alterações envolvidas]I [durante o processo de envelhecimento]I
	Adj. adv. ordem direta	Adj. adv. ordem direta	

⁹⁰ Disponível em:

http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=77688

ENTRE TERMOS ACESSÓRIOS EM ORDEM DIRETA			
Nível Escolar/ Origem/ Contexto/	Excertos com emprego de vírgulas não- convencionalizadas	Registro permitido pela gramática	Marcação prosódica (distribuição dos Is)
Pós-graduação	Pgb. ⁹¹) “[...] Alguns autores concluem que os sistemas de defesa antioxidante em idosos saudáveis, em bom estado nutricional, não são baixos, quando comparados aos indivíduos jovens. [...]”	[...] Alguns autores concluem que os sistemas de defesa antioxidante em idosos saudáveis, em bom estado nutricional, não são baixos quando comparados aos indivíduos jovens. [...]	[Alguns autores concluem que os sistemas de defesa antioxidante em idosos saudáveis]I[em bom estado nutricional]I [não são baixos]I [quando comparados aos indivíduos jovens]I (p.20)
	Adj. adv. ordem direta PGc. ⁹²) “[...] Foram investigados pontos positivos e negativos, com objetivo de construir um produto educacional [...]”	Adj. adv. ordem direta [...] Foram investigados pontos positivos e negativos com objetivo de construir um produto educacional [...]	[Foram investigados pontos positivos e negativos]I [com objetivo de construir um produto educacional]I
	Entre o nome e seu adjunto adnominal PGd. ⁹³) “[...] Em estudo realizado por Veríssimo e cols. (2002) com idosos, de idades entre 65 e 94 anos, [...] foi demonstrado que existe uma diminuição do risco vascular que pode auxiliar na redução de eventos cardiovasculares no envelhecimento. [...]”	Entre o nome e seu adjunto adnominal [...] Em estudo realizado por Veríssimo e cols. (2002) com idosos de idades entre 65 e 94 anos, [...] foi demonstrado que existe uma diminuição do risco vascular que pode auxiliar na redução de eventos cardiovasculares no envelhecimento. [...]	[Em estudo realizado por Veríssimo e cols. (2002) com idosos]I [de idades entre 65 e 94 anos,]I [foi demonstrado que existe uma diminuição do risco vascular que pode auxiliar na redução de eventos cardiovasculares no envelhecimento]I
	Entre o nome e seu adjunto adnominal Pge. ⁹⁴) “Logo, entende-se o TDAH como fenômeno contemporâneo e como um reflexo do paradigma da medicalização da sociedade, sustentada pela perspectiva teórico-metodológica do	Entre o nome e seu adjunto adnominal Logo, entende-se o TDAH como fenômeno contemporâneo e como um reflexo do paradigma da medicalização da sociedade sustentada pela perspectiva teórico-metodológica do	[Logo]I [entende-se o TDAH como fenômeno contemporâneo e como um reflexo do paradigma da medicalização da sociedade]I [sustentada pela perspectiva teórico-metodológica do conceito de

⁹¹ Disponível em:

http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=77688

⁹² Disponível em: http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFC-7_f464b55a32abadafe22801537e434991

⁹³ Disponível em:

http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=77688

⁹⁴ Disponível em:

https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7779398

ENTRE TERMOS ACESSÓRIOS EM ORDEM DIRETA			
Nível Escolar/ Origem/ Contexto/	Excertos com emprego de vírgulas não- convencionalizadas	Registro permitido pela gramática	Marcação prosódica (distribuição dos Is)
Pós-graduação	conceito de normalização dos seres”.	conceito de normalização dos seres	normalização dos seres]I
	Entre o nome e seu adjunto adnominal PGf ⁹⁵) “[...] a problematização dos conflitos promove momentos de aprendizagem e experiências positivas, do contrário, torna-se um acontecimento negativo, denominado violências na escola. [...]”	Entre o nome e seu adjunto adnominal [...] a problematização dos conflitos promove momentos de aprendizagem e experiências positivas, do contrário, torna-se um acontecimento negativo denominado violências na escola. [...] (p. 20) (dissertação)	[a problematização dos conflitos promove momentos de aprendizagem e experiências positivas]I [do contrário]I [torna-se um acontecimento negativo]I [denominado violências na escola]I (p. 20)
	Antes de adj. adv. ordem direta PGg ⁹⁶) “[...] a construção da personalidade moral auxilia na construção de meios estratégicos na resolução dos conflitos existentes nas relações interpessoais, embasada no diálogo [...]”	Antes de adj. adv. ordem direta [...] a construção da personalidade moral auxilia na construção de meios estratégicos na resolução dos conflitos existentes nas relações interpessoais, embasada no diálogo [...]	[a construção da personalidade moral auxilia na construção de meios estratégicos na resolução dos conflitos existentes nas relações interpessoais]I embasada no diálogo]I (p.20)
	Adj. adverbial ordem direta Pgh ⁹⁷) “[...] Isso aconteceu dentro da sala de aula, em pleno período de aula [...]”	Adj. adverbial ordem direta [...] Isso aconteceu dentro da sala de aula em pleno período de aula [...]	[Isso aconteceu dentro da sala de aula]I [em pleno período de aula]I (p.19)
	Adjunto adv. em ordem direta Pgi ⁹⁸) “[...] O quorum de devolução nos surpreendeu, mas trataremos do assunto com detalhes mais adiante, em seção específica que apresenta e analisa os resultados dos questionários. [...]”	Adjunto adv. em ordem direta [...] O quorum de devolução nos surpreendeu, mas trataremos do assunto com detalhes mais adiante em seção específica que apresenta e analisa os resultados dos questionários. [...]	[O quorum de devolução nos surpreendeu]I [mas trataremos do assunto com detalhes mais adiante]I [em seção específica que apresenta e analisa os resultados dos questionários]I (p.97)
	Adjunto adv. em ordem	Adjunto adv. em ordem	

⁹⁵ Disponível em: <http://repositorio.ufsm.br/handle/1/7085>

⁹⁶ Disponível em: <http://repositorio.ufsm.br/handle/1/7085>

⁹⁷ Disponível em: <http://repositorio.ufsm.br/handle/1/7085>

⁹⁸ Disponível em: <http://repositorio.ufsm.br/handle/1/7085>

ENTRE TERMOS ACESSÓRIOS EM ORDEM DIRETA			
Nível Escolar/ Origem/ Contexto/	Excertos com emprego de vírgulas não- convencionalizadas	Registro permitido pela gramática	Marcação prosódica (distribuição dos Is)
Pós-graduação	direta PGj. ⁹⁹) “Espera-se que nela professores ensinem, alunos aprendam e todos sejam felizes e realizados, em um ambiente tranquilo, equilibrado e de paz. [...]”	direta Espera-se que nela professores ensinem, alunos aprendam e todos sejam felizes e realizados em um ambiente tranquilo, equilibrado e de paz. [...]	[Espera-se que nela professores ensinem]I [alunos aprendam e todos sejam felizes e realizados]I [em um ambiente tranquilo]I [equilibrado e de paz]I (p.153-conclusão)
	Adjunto adverbial em ordem direta PGk. ¹⁰⁰) “[...] E nisso refiro-me a família do menino assassinado, quando não viu resplandecer seu direito de justiça, através da responsabilização do autor do delito. [...]”	Adjunto adverbial em ordem direta [...] E nisso refiro-me a família do menino assassinado, quando não viu resplandecer seu direito de justiça através da responsabilização do autor do delito. [...]	[E nisso refiro-me a família do menino assassinado]I [quando não viu resplandecer seu direito de justiça]I [através da responsabilização do autor do delito]I (p. 19)
	Adjunto adnominal PGL. ¹⁰¹) [...] Minha primeira turma na disciplina de Matemática também foi especial, uma oitava série que reunia alunos de periferia, de uma escola estadual com todos os problemas e dificuldades imagináveis [...]	Adjunto adnominal [...] Minha primeira turma na disciplina de Matemática também foi especial, uma oitava série que reunia alunos de periferia de uma escola estadual com todos os problemas e dificuldades imagináveis [...]	[Minha primeira turma na disciplina de Matemática também foi especial]I [uma oitava série que reunia alunos de periferia]I [de uma escola estadual com todos os problemas e dificuldades imagináveis]I
	Adjunto adnominal PGm. ¹⁰²) “[...] Inicialmente o objeto representado é reconhecido após a realização do desenho, quando a criança expressa verbalmente o resultado da ação gráfica,	Adjunto adnominal [...] Inicialmente o objeto representado é reconhecido após a realização do desenho, quando a criança expressa verbalmente o resultado da ação gráfica identificada ao objeto	[Inicialmente o objeto representado é reconhecido após a realização do desenho]I [quando a criança expressa verbalmente o resultado da ação gráfica]I [identificada ao objeto pela sua similaridade]I

⁹⁹ Disponível em: <http://repositorio.ufsm.br/handle/1/7085>

¹⁰⁰ Disponível em: <http://repositorio.ufsm.br/handle/1/7085>

¹⁰¹ Disponível em:

https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=10071537

¹⁰² Disponível em:

http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_uem_edespecial_artigo_telma_solange_bertoleti.pdf

ENTRE TERMOS ACESSÓRIOS EM ORDEM DIRETA			
Nível Escolar/ Origem/ Contexto/	Excertos com emprego de vírgulas não- convencionalizadas	Registro permitido pela gramática	Marcação prosódica (distribuição dos Is)
Pós-graduação	identificada ao objeto pela sua similaridade [...]”.	pela sua similaridade [...].	
	Adjunto adnominal Pgn. ¹⁰³) “[...] Portanto, o desenvolvimento desse trabalho pode contribuir para futuras pesquisas, relacionadas ao processo de escolarização dos alunos com deficiência intelectual. [...]”	Adjunto adnominal [...] Portanto, o desenvolvimento desse trabalho pode contribuir para futuras pesquisas relacionadas ao processo de escolarização dos alunos com deficiência intelectual. [...]	[Portanto]I [o desenvolvimento desse trabalho pode contribuir para futuras pesquisas]I [relacionadas ao processo de escolarização dos alunos com deficiência intelectual]I

Fonte: Elaboração própria.

No Quadro 18, em que se analisa os usos das vírgulas separando termos acessórios em ordem direta, duas situações foram recorrentes na análise dos dados. Chamou-nos a atenção o uso da vírgula isolando adjuntos adverbiais em ordem direta e adjuntos adnominais isolados dos nomes a que atribuem alguma característica. Vejamos a divisão dos enunciados em alguns exemplos destacados:

a) ANTES DO ADJUNTO ADVERBIAL EM ORDEM DIRETA

[seriados de aventura e o gênero de maior popularidade: as novelas e para materializar utilizava-se a sonoplastia]I **[com voz e ruídos]I** (Ga) (16)

[E nisso refiro-me a família do menino assassinado]I [quando não viu resplandecer seu (17)

¹⁰³ Disponível em:

http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_uem_edespecial_artigo_telma_solange_bertoleti.pdf

direito de justiça]I **[através da responsabilização do autor do delito]**I PGk)

b) ENTRE O NOME E SEU ADJUNTO ADNOMINAL

[Segundo O jornal O globo: “Cerca de 500 mil alunos]I **[da rede pública de São Paulo]**I (18)
[podem reprovar em 2020”]I (EMd)

[Logo]I [entende-se o TDAH como fenômeno contemporâneo e como um reflexo do paradigma da medicalização da sociedade]I **[sustentada pela perspectiva teórico- (19)
metodológica do conceito de normalização dos seres]**I (PGe)

Tradicionalmente, os adjuntos adverbiais só devem ser separados por vírgula nos casos em que se apresentarem deslocados de sua posição natural nas orações. Algumas gramáticas são mais flexíveis e têm admitido o uso facultativo da vírgula quando na referida posição (CEREJA; MAGALHÃES, 2013; SARMENTO, 2012). Porém, outras mais tradicionais (BEZERRA, 2013; ABAURRE; ABAURRE; PONTARA, 2010) não apresentam essa possibilidade e enfatizam que estes elementos gramaticais só devem se isolar quando deslocados ou intercalados. Em grande parte dos dados, encontramos a inserção da vírgula isolando os adjuntos adverbiais ou orações subordinadas adverbiais a despeito de seguirem a ordem direta nas orações.

No que concerne ao uso da vírgula isolando o adjunto adnominal de seu nome, a gramática preconiza que os adjuntos adnominais formam, juntamente com os substantivos aos quais atribuem alguma característica, uma unidade sintática e, por esta razão, o uso da vírgula entre estes dois elementos gramaticais é considerado indevido.

A marcação das fronteiras entoacionais em ambos os casos encontram respaldo no modelo de Nespor e Vogel (1986) os quais, considerando o domínio de Is, afirmam que, em certas construções, o sintagma pode ser reestruturado/reorganizado conforme alguns critérios: 1) quando o comprimento de I é longo, podendo ser quebrado em Is menores para auxiliar na respiração ou formar Is de tamanhos uniformes. 2) em situações de fala rápida ou informal, podendo formar Is maiores e, em situações de fala lenta e formal, podem formar Is menores; 3) em construções com proeminência contrastiva, em que a expressão focalizada pode formar uma I independente.

O primeiro critério parece justificar a vírgula em Ga e PGk do Quadro 18, cujas reestruturações podem indicar pausas para respiração; já EMd e PGe parecem se justificar pelo segundo critério, considerando o ritmo mais lento e ou formal manifestado em situações de fala.

A divisão dos constituintes em PGe pode se justificar em razão da possibilidade de se uniformizar os tamanhos dos Is assemelhando os constituintes divididos em quantidade de

silabas, isto é, contabilizamos no segundo constituinte, 36 silabas e no terceiro, 32 sílabas. Obviamente o sujeito que escreve não contabiliza as sílabas no processo de sua escrita. Conforme acentua Barbosa (2019), esta é uma propriedade da prosódia que, em nosso entender, se projeta mentalmente também nos atos de escrita.

No Quadro 19, dispusemos os fragmentos dos textos destacando o emprego das vírgulas entre conjunções e/ ou elementos coesivos.

6.5 Conjunções e/ou elementos coesivos e os sintagmas entoacionais

Para definir o emprego da vírgula antes ou após conjunções, encontramos em Luft (2002, p. 39) as seguintes proposições normativas: “[...]a vírgula é obrigatória antes de qualquer conjunção se esta for precedida de uma estrutura intercalada [...], no entanto, “não se tolera vírgula após a conjunção na sequência [oração-conjunção-oração].”

Considerando as amostras apresentadas no Quadro 19, há algumas regras específicas sobre o uso da vírgula em relação a conjunções, as quais estão sistematizadas no Quadro 13 da segunda Seção. Muitas são as regras e igualmente, muitas as exceções quanto à virgulação antes ou após conjunções. Contudo, o emprego da vírgula de forma “inadequada” sob o ponto de vista gramatical, nesses casos, parece ser muito mais de caráter estilístico ou intuitivo do que sintático. Em tais contextos, podemos inferir que uma das motivações para o emprego das vírgulas não-convencionalizadas seria uma questão de se utilizar a ênfase como uma forma de destacar uma determinada ideia, atraindo a atenção do leitor para isso.

Quadro 19 – A vírgula entre conjunções e/ou elementos coesivos

USO INADEQUADO ENTRE CONJUNÇÕES E /OU ELEMENTOS COESIVOS			
Nível Escolar/ Origem/ Contexto/	Excertos com emprego de vírgulas não- convencionalizadas	Registro permitido pela gramática	Marcação prosódica (distribuição das Is)
Ensino Médio	Após a conjunção “pois” de cunho explicativo EMa) os fraudadores virtuais visam os idosos, pois, a terceira idade não sabe diferenciar a fraude de algo legítimo.	Após a conjunção “pois” de cunho explicativo os fraudadores virtuais visam os idosos, pois a terceira idade não sabe diferenciar a fraude de algo legítimo.	[os fraudadores virtuais visam os idosos]I [pois]I a terceira idade não sabe diferenciar a fraude de algo legítimo]I
	Depois do pronome relativo “onde” EMb) [...]A barreira dos jovens com a leitura se intensifica quando	Depois do pronome relativo “onde” [...]A barreira dos jovens com a leitura se intensifica quando	[A barreira dos jovens com a leitura se intensifica quando visamos os ambientes

USO INADEQUADO ENTRE CONJUNÇÕES E /OU ELEMENTOS COESIVOS			
Nível Escolar/ Origem/ Contexto/	Excertos com emprego de vírgulas não- convencionalizadas	Registro permitido pela gramática	Marcação prosódica (distribuição das Is)
Ensino Médio	visamos os ambientes familiares, onde, não se é exercitada a prática da leitura. [...]	visamos os ambientes familiares, onde não se é exercitada a prática da leitura. [...]	familiares]I onde]I não se é exercitada a prática da leitura]I
	Após a conjunção “pois” de cunho explicativo EMc) [...]Compreendemos também que é essencial uma mudança nos lares, pois, os responsáveis tem papel imprescindível neste quesito. [...]	Após a conjunção “pois” de cunho explicativo [...]Compreendemos também que é essencial uma mudança nos lares, pois os responsáveis tem papel imprescindível neste quesito. [...]	[Compreendemos também que é essencial uma mudança nos lares]I [pois]I os responsáveis tem papel imprescindível neste quesito]I
	Após o pronome relativo não seguido de uma intercalação EMd) Com o implemento da Educação a Distância nas escolas e universidades, a parcela populacional sem acesso a internet fica extremamente prejudicada, já que, não consegue acompanhar as atividades e avaliativas propostas em aula.	Após o pronome relativo não seguido de uma intercalação Com o implemento da Educação a Distância nas escolas e universidades, a parcela populacional sem acesso a internet fica extremamente prejudicada, já que não consegue acompanhar as atividades e avaliativas propostas em aula.	[Com o implemento da Educação a Distância nas escolas e universidades]I [a parcela populacional sem acesso a internet fica extremamente prejudicada]I [já que]I [não consegue acompanhar as atividades e avaliativas propostas em aula]I
	Após o pronome relativo não seguido de uma intercalação EMe) Além disso, o Ministério da Educação deve promover palestras on-line’s , na qual, ensine a docentes e discentes como fazerem uso das novas tecnologias.	Após o pronome relativo não seguido de uma intercalação Além disso, o Ministério da Educação deve promover palestras on-line’s , na qual ensine a docentes e discentes como fazerem uso das novas tecnologias.	[[Além disso]I [o Ministério da Educação deve promover palestras on-line’s]I [na qual]I [ensine a docentes e discentes como fazerem uso das novas tecnologias]I]U
	Antes da conjunção “como” exemplificativa. EMf) [...] as pessoas têm a ilusão de desfrutarem de uma maior autonomia, quando na verdade, são controladas pelas grandes corporações, como uma	Antes da conjunção “como” exemplificativa. [...] as pessoas têm a ilusão de desfrutarem de uma maior autonomia, quando na verdade, são	[[as pessoas têm a ilusão de desfrutarem de uma maior autonomia]I [quando na verdade]I [são controladas pelas grandes corporações]I

USO INADEQUADO ENTRE CONJUNÇÕES E /OU ELEMENTOS COESIVOS			
Nível Escolar/ Origem/ Contexto/	Excertos com emprego de vírgulas não- convencionalizadas	Registro permitido pela gramática	Marcação prosódica (distribuição das Is)
Ensino Médio	espécie de “coleira eletrônica”. [...]	controladas pelas grandes corporações como uma espécie de “coleira eletrônica”. [...]	[como uma espécie de “coleira eletrônica”]I
	Após a conjunção “como” exemplificativa EMg) [...] não auxiliou de forma eficaz a população com tecnologias e internet, impossibilitado a eficácia de atividades essenciais como, trabalho e escola. [...]	Após a conjunção “como” exemplificativa [...] não auxiliou de forma eficaz a população com tecnologias e internet, impossibilitado a eficácia de atividades essenciais como trabalho e escola. [...]	[não auxiliou de forma eficaz a população com tecnologias e internet]I [impossibilitado a eficácia de atividades essenciais como]I [trabalho e escola]I
	Após a conjunção “como” exemplificativa EMh) [...] mas com ajuda da não eficiência entre entidades governamentais como, o Ministério da Educação. [...]	Após a conjunção “como” exemplificativa [...] mas com ajuda da não eficiência entre entidades governamentais como o Ministério da Educação. [...]	[[mas com ajuda da não eficiência entre entidades governamentais como]I [o Ministério da Educação]I
	Após a locução conjuntiva não seguida de uma intercalação EMi) [...] De maneira análoga, configura-se o Brasil atual, visto que, a pandemia provocada pela COVID-19, gera grandes impactos na educação brasileira. [...]	Após a locução conjuntiva não seguida de uma intercalação [...] De maneira análoga, configura-se o Brasil atual, visto que, a pandemia provocada pela COVID-19 gera grandes impactos na educação brasileira.[...]	[De maneira análoga]I [configura-se o Brasil atual]I [visto que]I [a pandemia provocada pela COVID-19]I gera grandes impactos na educação brasileira]I
Graduação	Antes da conjunção alternativa “ou” entre termos correlacionados da oração Ga) [...] Podendo ter acesso às rádios nos mais sofisticados aparelhos celulares, ou ainda nos simples e antigos aparelhos radiofônicos. [...]	Antes da conjunção alternativa “ou” entre termos correlacionados da oração [...] Podendo se ter acesso às rádios nos mais sofisticados aparelhos celulares ou ainda nos simples e antigos aparelhos radiofônicos. [...]	[Podendo se ter acesso às rádios nos mais sofisticados aparelhos celulares]I [ou ainda nos simples e antigos aparelhos radiofônicos]I
	Após conjunção ou locução conjuntiva não	Após conjunção ou locução conjuntiva	[A autora relata que através da descoberta

USO INADEQUADO ENTRE CONJUNÇÕES E /OU ELEMENTOS COESIVOS			
Nível Escolar/ Origem/ Contexto/	Excertos com emprego de vírgulas não- convencionalizadas	Registro permitido pela gramática	Marcação prosódica (distribuição das Is)
Graduação	seguida de uma intercalação Gb) A autora relata que através da descoberta que, crianças favorecidas financeiramente desenvolviam um melhor aprendizado, os professores entenderam que o processo de alfabetização não é baseado em memorização [...].	não seguida de uma intercalação A autora relata que através da descoberta que crianças favorecidas financeiramente desenvolviam um melhor aprendizado, os professores entenderam que o processo de alfabetização não é baseado em memorização [...].	que]I [crianças favorecidas financeiramente desenvolviam um melhor aprendizado]I [os professores entenderam que o processo de alfabetização não é baseado em memorização]I
	Entre a conjunção integrante e o termo que integra) Gc) [...] é claro que, o acesso aos recursos culturais vai depender da criatividade de cada professor.	Entre a conjunção integrante e o termo que integra) [...] é claro que o acesso aos recursos culturais vai depender da criatividade de cada professor.	[[é claro que]I [o acesso aos recursos culturais vai depender da criatividade de cada professor]I]U
	Entre a conjunção integrante e o termo que integra) Gd) [...] a autora afirma que, a prioridade é educar os alunos para a vida, lidando com as realidades do dia a dia. [...]	Entre a conjunção integrante e o termo que integra) [...] a autora afirma que a prioridade é educar os alunos para a vida, lidando com as realidades do dia a dia. [...]	[a autora afirma que]I [a prioridade é educar os alunos para a vida]I [lidando com as realidades do dia a dia]I
	Entre a conjunção integrante e a oração que integra) Ge) [...] A autora concluiu que, os PCN [...]	Entre a conjunção integrante e a oração que integra) [...] A autora concluiu que, os PCN [...]	[A autora concluiu que]I [os PCN]I
Pós -graduação	Uso indevido da vírgula para separar termos da expressão tanto...quanto PGa ¹⁰⁴) “[...] desencadeando um processo desestimulante, por parte do professor, tanto na produção de intervenções didáticas, quanto nas possibilidades	Uso indevido da vírgula para separar termos da expressão tanto...quanto [...]desencadeando um processo desestimulante, por parte do professor, tanto na produção de intervenções didáticas,	[desencadeando um processo desestimulante]I [por parte do professor]I [tanto na produção de intervenções didáticas]I [quanto nas possibilidades de desenvolvimento da criança com

¹⁰⁴ Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/33592>

USO INADEQUADO ENTRE CONJUNÇÕES E /OU ELEMENTOS COESIVOS			
Nível Escolar/ Origem/ Contexto/	Excertos com emprego de vírgulas não- convencionalizadas	Registro permitido pela gramática	Marcação prosódica (distribuição das Is)
Pós -graduação	de desenvolvimento da criança com deficiência [...]"	quanto nas possibilidades de desenvolvimento da criança com deficiência [...] (p. 34) (dissertação)	deficiência]I
	Entre a conjunção integrante e a oração que integra PGb. ¹⁰⁵) [...].é importante ênfaticamente que, existe diferença entre o objetivo e o processo de aprender [...]	Entre a conjunção integrante e a oração que integra [...]é importante ênfaticamente que existe diferença entre o objetivo e o processo de aprender [...]	[é importante ênfaticamente que]I [existe diferença entre o objetivo e o processo de aprender]I
	Entre a conjunção integrante e a oração que integra PGc. ¹⁰⁶) “[...] o resultado mostrou que, 43,9% dos alunos não aprenderam o que era esperado [...]”	Entre a conjunção integrante e a oração que integra [...]o resultado mostrou que 43,9% dos alunos não aprenderam o que era esperado [...]	[o resultado mostrou que]I 43,9% dos alunos não aprenderam o que era esperado]I
	Entre a conjunção integrante e a oração que integra Pgd. ¹⁰⁷) “[...] visto que, há evidências na literatura da área de que as habilidades metalinguísticas de consciência fonológica [...]"	Entre a conjunção integrante e a oração que integra [...] visto que há evidências na literatura da área de que as habilidades metalinguísticas de consciência fonológica [...]	[visto que]I [há evidências na literatura da área de que as habilidades metalinguísticas de consciência fonológica]I

Fonte: Elaboração própria.

Ao analisarmos o emprego inadequado de vírgulas antes ou após conjunções, notamos, no Quadro 19 ao menos três situações que, embora injustificáveis sob o ponto de vista normativo-gramatical, encontram respaldo na Fonologia Prosódica e na HPI, quais sejam: pausas enfáticas; orações parentéticas e longa extensão de Is. Casos de pausa enfática:

¹⁰⁵ Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/16059>

¹⁰⁶ Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/16059>

¹⁰⁷ Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/16059>

a) APÓS A CONJUNÇÃO “POIS” DE CUNHO EXPLICATIVO

[os fraudadores virtuais visam os idosos]I [**pois**]I a terceira idade não sabe diferenciar a fraude de algo legítimo]I (EMa) (20)

b) DEPOIS DO PRONOME RELATIVO “ONDE”

[A barreira dos jovens com a leitura se intensifica quando visamos os ambientes familiares]I [**onde**]I [não se é exercitada a prática da leitura]I (EMb) (21)

c) ENTRE A CONJUNÇÃO INTEGRANTE E O TERMO QUE INTEGRA

[é claro **que**]I [o acesso aos recursos culturais vai depender da criatividade de cada professor]I (Gc) (22)

Nas delimitações das frases entoacionais EMb e Gc, as conjunções “pois” e “onde” estão constituídas como frases entoacionais, evidenciando a falta de isomorfia entre sintaxe e prosódia. Nos termos da gramática normativa, a conjunção “pois”, nos contextos em questão, é explicativa, daí a razão de não poder ser sucedida de vírgula, assim como o pronome relativo “onde” também não. Em Gc, a vírgula após conjunção “que” não seguida de uma intercalação, quebra a unidade entre a conjunção integrante e o termo que ela integra, da mesma forma que em Gb e Gd.

Em casos assim, fica claro, em nosso entender, que o escrevente, ao marcar a pausa antes ou após tais elementos, confere a eles um caráter enfático, ou seja, o escrevente chama a atenção para a justificativa que sucede os elementos “pois”, “onde” e “que”, respectivamente.

Tais dados encontram, portanto, respaldo na fonologia prosódica segundo a qual os enunciados são organizados em estruturas prosódicas que abrangem o ritmo e a entoação das línguas. Dessa forma, assim como a estrutura prosódica determina possibilidades de realizações fonéticas dos elementos prosódicos de eventos de fala, a ela subjazem, também, possibilidades de registros de eventos escritos, como tem nos mostrado os dados.

Nos exemplos a seguir é possível identificar que as pausas são também marcadas prosodicamente antes ou após a conjunção “como”, pois elas iniciam orações parentéticas, isto é, orações intercaladas, apositivas que podem aparecer no meio do período ou ao final dele.

d) ANTES E APÓS A CONJUNÇÃO “COMO”

[as pessoas têm a ilusão de desfrutarem de uma maior autonomia]I [quando na verdade]I [são controladas pelas grandes corporações]I [**como** uma espécie de “coleira eletrônica”]I (EMf) (23)

[não auxiliou de forma eficaz a população com tecnologias e internet]I [impossibilitado a eficácia de atividades essenciais **como**]I [trabalho e escola]I (EMg) (24)

A vírgula antes ou após a conjunção “como” exemplificativa não é recomendada pela gramática normativa, porém vemos em EMf, EMg que essas pausas são previsíveis no modelo Nespor e Vogel em casos, por exemplo, em que tais conjunções introduzem orações ou expressões parentéticas, as quais seguem a tendência de formar Is independentes, uma vez que, “pela função de segmentação, a prosódia permite marcar outros constituintes sintáticos, como os parentéticos” (BARBOSA, 2019), já que não são estruturalmente ligadas à oração em que estão inseridos.

Os próximos exemplos corroboram o entendimento acerca da não congruência entre sintaxe e fonologia, ao observarmos que sintagmas entoacionais mais longos (comprimento de I longo) tendem a se dividir, ainda que sejam violadas normas sintáticas.

e) COMPRIMENTO DE I LONGO

[Podendo se ter acesso às rádios nos mais sofisticados aparelhos celulares]I [**ou** ainda nos simples e antigos aparelhos radiofônicos]I (Ga) (25)

[desencadeando um processo desestimulante]I [por parte do professor]I [**tanto** na produção de intervenções didáticas]I [**quanto** nas possibilidades de desenvolvimento da criança com deficiência]I (PGa) 26)

Tanto em Ga como em PGa, a vírgula antes da conjunção alternativa “ou” e separando a locução conjuntiva “tanto...quanto” não é permitida pela gramática, pois sintaticamente os termos introduzidos por tais conjunções e/ou locuções conjuntivas estão correlacionados; no entanto, quando o comprimento de I é longo, a tendência é que ele seja dividido ou quebrado em Is menores para auxiliar na respiração ou formar Is ótimos de tamanhos uniformes.

E o que dizer sobre as orações subordinadas adjetivas? No item 6.6 analisamos ocorrências de vírgulas nesses contextos.

6.6 Orações subordinadas adjetivas e uma pausa

Ao se considerar o emprego da vírgula nas orações subordinadas adjetivas, a regra normatizada é a de que a oração subordinada adjetiva será precedida de vírgula se ela possuir um valor explicativo (BECHARA, 2009). Tratando-se das restritivas, o uso da vírgula será considerado inadequado pela norma sintática (BEZERRA, 2013). O Quadro 20 expõe o emprego inadequado da vírgula sob o ponto de vista da gramática normativa antes de orações subordinadas adjetivas restritivas. Trata-se de violações das regras sintáticas, mas justificáveis sob o ponto de vista prosódico. Vejamos:

Quadro 20 – Usos inadequados da vírgula antes de orações subordinadas adjetivas

ANTES DE ORAÇÃO SUBORDINADA ADJETIVA RESTRITIVA			
Nível Escolar/ Origem/ Contexto/	Excertos com emprego de vírgulas não- convencionalizadas	Registro permitido pela gramática	Marcação prosódica (distribuição dos Is)
Ensino Médio	EMa) [...] A sociedade do controle, conceito criado pelo sociólogo Gilles Deleuze, trata-se de uma configuração social, na qual as pessoas têm a ilusão de desfrutarem de uma maior autonomia, quando na verdade, são controladas pelas grandes corporações, [...]	[...] A sociedade do controle, conceito criado pelo sociólogo Gilles Deleuze, trata-se de uma configuração social na qual as pessoas têm a ilusão de desfrutarem de uma maior autonomia, quando na verdade, são controladas pelas grandes corporações, [...]	[A sociedade do controle]I [conceito criado pelo sociólogo Gilles Deleuze]I [trata-se de uma configuração social]I [na qual as pessoas têm a ilusão de desfrutarem de uma maior autonomia]I [quando na verdade]I [são controladas pelas grandes corporações]I
	EMb) [...] Tendo em vista um contexto, no qual a posse de aparelhos com engenharias complexas se tornou algo muito mais democrático, é fato que essa facilidade de acesso é fruto da necessidade de vigiar e manter o domínio sobre a população. [...]	[...]Tendo em vista um contexto no qual a posse de aparelhos com engenharias complexas se tornou algo muito mais democrático, é fato que essa facilidade de acesso é fruto da necessidade de vigiar e manter o domínio sobre a população. [...]	[Tendo em vista um contexto]I [no qual a posse de aparelhos com engenharias complexas se tornou algo muito mais democrático, é fato que essa facilidade de acesso é fruto da necessidade de vigiar e manter o domínio sobre a população]I
Graduação	Ga) Com toda a contribuição tecnológica, que possibilitou rádio se manter presente, não se pode negar que a linguagem radiofônica é um fator importante [...]	Com toda a contribuição tecnológica que possibilitou rádio se manter presente, não se pode negar que a linguagem radiofônica é um fator importante [...]	[Com toda a contribuição tecnológica]I [que possibilitou o rádio se manter presente]I não se pode negar que a linguagem radiofônica é um fator importante]I
	Gb) [...] Afirma que possivelmente temos um grande número de alunos educados de maneira incorreta pelas famílias, que não cumprem suas funções fundamentais [...]	[...] Afirma que possivelmente temos um grande número de alunos educados de maneira incorreta pelas famílias que não cumprem suas funções fundamentais [...]	[Afirma que possivelmente temos um grande número de alunos educados de maneira incorreta pelas famílias]I [que não cumprem suas funções fundamentais]I
Pós-graduação	PGa ¹⁰⁸) “[...] O exercício físico é considerado uma subcategoria da atividade física, que implica na realização de movimentos corporais produzidos pelos músculos esqueléticos [...]”	[...] O exercício físico é considerado uma subcategoria da atividade física que implica na realização de movimentos corporais produzidos pelos músculos esqueléticos [...]	[O exercício físico é considerado uma subcategoria da atividade física]I [que implica na realização de movimentos corporais produzidos pelos

¹⁰⁸ Disponível em:http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=77688

ANTES DE ORAÇÃO SUBORDINADA ADJETIVA RESTRITIVA			
Nível Escolar/ Origem/ Contexto/	Excertos com emprego de vírgulas não- convencionalizadas	Registro permitido pela gramática	Marcação prosódica (distribuição dos Is)
Pós- graduação			músculos esqueléticos]I
	PGb. ¹⁰⁹) “[...] A atividade da GPx também está fortemente relacionada com os níveis plasmáticos de substâncias reativas do Ácido Tiobarbitúrico (TBARS), que é um marcador de dano oxidativo às macromoléculas [...]”	[...] A atividade da GPx também está fortemente relacionada com os níveis plasmáticos de substâncias reativas do Ácido Tiobarbitúrico (TBARS) que é um marcador de dano oxidativo às macromoléculas [...].	[A atividade da GPx também está fortemente relacionada com os níveis plasmáticos de substâncias reativas do Ácido Tiobarbitúrico (TBARS)]I [que é um marcador de dano oxidativo às macromoléculas]I
	PGc. ¹¹⁰) “[...] Hoje penso que não fui uma vítima porque, na verdade, desde o ensino fundamental, me encaixava como uma espectadora inerte, que presenciava as violências contra meus colegas e nada fazia a respeito. [...]”	[...] Hoje penso que não fui uma vítima porque, na verdade, desde o ensino fundamental, me encaixava como uma espectadora inerte que presenciava as violências contra meus colegas e nada fazia a respeito. [...]	[Hoje penso que não fui uma vítima porque]I [na verdade, desde o ensino fundamental, me encaixava como uma espectadora inerte]I [que presenciava as violências contra meus colegas e nada fazia a respeito]I
	PGd. ¹¹¹) “[...] A atividade física aeróbica, avaliada no grupo caminhada, pode ser benéfica quando avaliarmos os parâmetros de COL T e LDLC, que se encontram diminuídos entre seus praticantes.[...]”	[...] A atividade física aeróbica, avaliada no grupo caminhada, pode ser benéfica quando avaliarmos os parâmetros de COL T e LDLC que se encontram diminuídos entre seus praticantes.[...]	[A atividade física aeróbica, avaliada no grupo caminhada, pode ser benéfica quando avaliarmos os parâmetros de COL T e LDLC]I [que se encontram diminuídos entre seus praticantes]I
	PGe. ¹¹²) “[...]Assumir essa postura vai de encontro a muitas outras escolas, que buscam resolver seus conflitos através de intervenções da Polícia ou do Poder Judiciário.[...]”	[...]Assumir essa postura vai de encontro a muitas outras escolas que buscam resolver seus conflitos através de intervenções da Polícia ou do Poder Judiciário.[...]	[Assumir essa postura vai de encontro a muitas outras escolas]I [que buscam resolver seus conflitos através de intervenções da Polícia ou do Poder Judiciário]I
	PGf. ¹¹³) “[...] geralmente, tomam como referência os laudos ou diagnósticos médicos, que privilegiam	[...] geralmente, tomam como referência os laudos ou diagnósticos médicos que privilegiam as	[geralmente, tomam como referência os laudos ou diagnósticos médicos, que

¹⁰⁹ Disponível em:

http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=77688

¹¹⁰ Disponível em: <http://repositorio.ufsm.br/handle/1/7085>

¹¹¹ Disponível em:

http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=77688

¹¹² Disponível em: <http://repositorio.ufsm.br/handle/1/7085>

¹¹³ Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/33592>

ANTES DE ORAÇÃO SUBORDINADA ADJETIVA RESTRITIVA			
Nível Escolar/ Origem/ Contexto/	Excertos com emprego de vírgulas não- convencionalizadas	Registro permitido pela gramática	Marcação prosódica (distribuição dos Is)
Pós- graduação	as condições biológicas dos sujeitos em detrimentos das condições socioculturais em que estes estão inseridos. [...]"	condições biológicas dos sujeitos em detrimentos das condições socioculturais em que estes estão inseridos. [...]	privilegiam as condições biológicas dos sujeitos em detrimentos das condições socioculturais em que estes estão inseridos.
	PGg ¹¹⁴) "A etimologia da palavra remete, para um caráter combinatório desta parte da gramática, que se ocupa do modo como às palavras se associam para formar frases. [...]"	A etimologia da palavra remete, para um caráter combinatório desta parte da gramática que se ocupa do modo como às palavras se associam para formar frases. [...]	[A etimologia da palavra remete]I [para um caráter combinatório desta parte da gramática]I [que se ocupa do modo como às palavras se associam para formar frases]I
	Pgh ¹¹⁵) "[...] No capítulo cinco, apresento os textos de pesquisa, que derivaram de um processo de interpretação e análise e equilibram os ditos pelos Egressos, as minhas experiências pessoais e profissionais e, ainda, o que traz a literatura sobre os temas abordados [...]".	[...] No capítulo cinco, apresento os textos de pesquisa que derivaram de um processo de interpretação e análise e equilibram os ditos pelos Egressos, as minhas experiências pessoais e profissionais e, ainda, o que traz a literatura sobre os temas abordados [...].	[No capítulo cinco, apresento os textos de pesquisa]I [que derivaram de um processo de interpretação e análise e equilibram os ditos pelos Egressos]I [as minhas experiências pessoais e profissionais e]I [ainda]I [o que traz a literatura sobre os temas abordados]I
Outros gêneros	Dissertação (mestrado) PGi ¹¹⁶) "[...] o presente estudo tem como objetivo investigar os efeitos de um programa de intervenção visando o ensino da linguagem escrita, [...] direcionado a alunos do 5º ano do Ensino Fundamental, que apresentam atrasos na aprendizagem da leitura e da escrita [...]"	[...] o presente estudo tem como objetivo investigar os efeitos de um programa de intervenção visando o ensino da linguagem escrita, [...] direcionado a alunos do 5º ano do Ensino Fundamental que apresentam atrasos na aprendizagem da leitura e da escrita [...]	[o presente estudo tem como objetivo investigar os efeitos de um programa de intervenção visando o ensino da linguagem escrita]I [direcionado a alunos do 5º ano do Ensino Fundamental]I [que apresentam atrasos na aprendizagem da leitura e da escrita]I
	Questão de prova seleção	Questão de prova seleção	[O artigo 14º da Lei de

¹¹⁴ Disponível em:

https://bdm.unb.br/bitstream/10483/16229/1/2016_AdrielleRodriguesDaCamara__tcc.pdf

¹¹⁵ Disponível em:

https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=10071537

¹¹⁶ Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/16059>

ANTES DE ORAÇÃO SUBORDINADA ADJETIVA RESTRITIVA			
Nível Escolar/ Origem/ Contexto/	Excertos com emprego de vírgulas não- convencionalizadas	Registro permitido pela gramática	Marcação prosódica (distribuição dos Is)
Outros gêneros	professor municipal OGa) “O artigo 14º da Lei de Diretrizes e Base da educação Nacional,, incumbe os sistemas de ensino de definir as normas da gestão democrática do ensino público na educação básica, com base em dois princípios, que foram citados entre os itens abaixo [...]”	professor municipal O artigo 14º da Lei de Diretrizes e Base da educação Nacional,, incumbe os sistemas de ensino de definir as normas da gestão democrática do ensino público na educação básica, com base em dois princípios que foram citados entre os itens abaixo.	Diretrizes e Base da educação Nacional]I, [incumbe os sistemas de ensino de definir as normas da gestão democrática do ensino público na educação básica]I [com base em dois princípios]I [que foram citados entre os itens abaixo]I

Fonte: Elaboração própria.

O Quadro 20 apresenta emprego de vírgulas separando orações subordinadas adjetivas restritivas contrariando as normas sintáticas da gramática. Destacamos três exemplos que representam os demais apresentados no quadro:

[A sociedade do controle]I [conceito criado pelo sociólogo Gilles Deleuze]I [trata-se de uma configuração social]I [**na qual** as pessoas têm a ilusão de desfrutarem de uma maior autonomia]I [quando na verdade]I [são controladas pelas grandes corporações]I (EMa) (27)

[O exercício físico é considerado uma subcategoria da atividade física]I [**que** implica na realização de movimentos corporais produzidos pelos músculos esqueléticos]I (PGa) (28)

[A etimologia da palavra remete]I [para um caráter combinatório desta parte da gramática]I [**que** se ocupa do modo como às palavras se associam para formar frases]I (PGg) (29)

Nos contextos acima, as orações subordinadas adjetivas restritivas aparecem precedidas de vírgulas, violando as normas sintáticas da gramática. A divisão estabelecida pelos escreventes, entretanto, obedece a uma organização fonológica, conforme já mencionado anteriormente, pois a frase entoacional, quando muito longa, comumente passa por processos de reestruturação pelo fato de a fala ser controlada também por necessidades físicas como a realização de pausas para respiração. O que observamos nos textos oriundos dos mais variados níveis de escolaridade e/ou em diversos tipos e gêneros textuais é que o escrevente, implicitamente, ao isolar a oração restritiva, projeta, no ato da escrita, a sua forma de falar na demarcação dos sintagmas entoacionais.

Em geral, nos fragmentos, têm-se enunciados longos, cuja segmentação pode ser motivada por questões prosódicas, bem como pela consciência que os falantes/escreventes têm de instâncias fisiológicas durante a produção da fala (como a pausa para a respiração). A leitura, silenciosa ou em voz alta, desses enunciados muito provavelmente levaria os leitores a marcarem uma pausa exatamente no local onde os escreventes identificaram uma fronteira prosódica e a sinalizaram com a vírgula.

Em EMa, PGa e PGg (exemplos representativos dos demais expostos no Quadro) vemos, na escrita, a projeção da fala e, por isso, do ponto de vista da organização prosódica da fala, tais usos são justificáveis, embora inaceitáveis gramaticalmente. Nesse sentido observamos uma nítida incongruência entre a prosódia e a sintaxe pois a marcação da fronteira se deu antes do relativo “que” restritivo.

Essa quebra sintática pode se justificar em razão da possibilidade também de assegurar, conforme Barbosa (2019, p. 82), “uma divisão em grupos acentuais de extensão semelhante. Em PGa temos um claro exemplo quando observamos que a extensão dos constituintes se assemelha em quantidade de sílabas, ou seja, o primeiro constituinte tem 30 sílabas e o segundo 32 sílabas.

Segundo Barbosa (2019, p. 82), a tendência à regularidade dos grupos acentuais é uma propriedade prosódica que impõe uma fronteira principal distinta da proposta pela divisão sintática, esta seria, em nosso entender uma ação resultante da prosódia que pode também se projetar implicitamente no processo da escrita.

Dessa forma, o desencontro na divisão das fronteiras entre os constituintes prosódicos e sintáticos é cunhada na literatura, de acordo com Barbosa (2019) de “não congruência”. No entanto, quando o escrevente tem conhecimento da sintaxe, ele pode recuperar a organização sintática do enunciado a exemplo do que ocorre na Teoria do labirinto (apresentada na seção anterior), segundo a qual o leitor, ao realizar um processamento *online* inadequado da sentença, imediatamente retoma o processamento adequado (FRAZIER, 1979) considerado pelas normas sintáticas.

Todos os exemplos apresentados e analisados sob o respaldo da Fonologia Prosódica e da prosódia implícita mostram que a prosódia está presente na linguagem não apenas oral, mas na escrita, seja guiando a interpretação sintática de uma sentença seja desfazendo ambiguidades ou ainda realçando ideias, marcando pausas com finalidades incontáveis conforme vimos. E diante das 171 vírgulas empregadas prosodicamente de forma não canônica, a pesquisa endossa a vírgula como um marcador prosódico cujo uso, ainda que não convencional, deve ser pauta de ricas reflexões sobre a língua não só entre linguistas, mas

essencialmente entre professores de Língua portuguesa que, pautando-se no rigor normativo puro, não reflete sobre a língua enquanto organismo vivo que não se fixa à norma pela norma.

Novamente ressaltamos que não é nosso intento com este trabalho desconsiderar o estudo da norma gramatical, antes disso, após o devido olhar voltado às obras do passado ressaltamos a grandeza daqueles gramáticos que se esmeraram para a valorização e preservação da língua portuguesa, produzindo obras gramaticais imensuráveis dignas do nosso respeito e apreço.

O que propomos, ao final deste estudo, é um ensino mais reflexivo em que os “erros” de escrita, especialmente quanto ao uso da vírgula, sejam aproveitados como forma de reflexão sobre o funcionamento da língua, conforme pudemos ver nos dados ora apresentados. Compreender os “erros” apresentados nos dados à luz da Fonologia Prosódica e da prosódia implícita proporciona a necessária percepção de que, tratando-se dos fatos de linguagem, até os “erros”, como o emprego equivocado da vírgula, seguem uma lógica organizada; dificilmente serão frutos de uma casualidade ou do simples desconhecimento das regras gramaticais.

Interessante que, ao refletir sobre a necessidade de renovação dos estudos gramaticais, Franchi (2006, p. 79) destaca o seguinte: “[...] Enquanto sistema nocional descritivo, a gramática escolar esconde intuições interessantes sobre a linguagem sob uma capa de definições e um conjunto de critérios que não dão conta dos fatos das línguas naturais”. Dentre as intuições de que nos fala Franchi (2006), podemos encontrar, diante do que foi exposto, a pontuação, mais especificamente a vírgula atuando como marcador prosódico gráfico (PACHECO, 2003).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredito que a relação entre prosódia e pontuação (não convencional), por meio da qual o escrevente dá mostras da imagem que faz da escrita, poderia ser muito bem utilizada no ensino de produção textual. Para tanto, bastaria que os tais erros fossem vistos como pistas sobre o trabalho do escrevente com certas dimensões da linguagem (no caso, a prosódia) (CORRÊA, 2004, p. 124).

Nosso principal objetivo com o presente estudo foi descrever e analisar características prosódicas de fronteiras de usos não-convencionais de vírgulas na escrita dos mais diversos tipos de texto acadêmicos e não acadêmicos, a fim de procurar entender os reais motivos que levam o escrevente à marcação não canônica da vírgula em seus textos. Segundo pudemos compreender, o emprego equivocado da vírgula não se deu por desconhecimento puro e simples das normas sintáticas, haja vista que os “desvios” foram detectados em todos os níveis de instrução abrangendo também variados gêneros textuais presentes no cotidiano das pessoas em geral.

Com a discussão empreendida, defendemos que o uso não-convencional da vírgula pelos escreventes apresenta regularidades prosódicas que podem ser guiadas pela organização mental da prosódia que é, de algum modo, projetada para a escrita. Os resultados mostraram que, embora o uso da vírgula seja associado, em geral, a fatos sintáticos, ela pode atuar como um marcador prosódico, delimitando fronteiras de frases entoacionais.

Os dados apresentados e discutidos são importantes no sentido de chamar a atenção para uma importante reflexão acerca da linguagem no que se refere à relação fala e escrita cujos sistemas, embora distintos, mantêm uma interdependência entre si. A exemplo disso, podemos verificar a existência de uma escrita que se organiza ritmicamente (ABAURRE, 1991; CHACON, 1998), conforme constatado nos excertos apresentados em que também encontramos uma co-ocorrência de dois materiais significantes que podem atuar no processo de escrita, quais sejam, o material fônico-acústico (ritmo) e o material gráfico (CORRÊA, 2001).

Sob esses aspectos, há que se conceber o emprego da vírgula sob duas perspectivas, isto é, na perspectiva gramatical e o emprego da vírgula enquanto marcador prosódico. Compreender, sobretudo, essa última possibilidade trará importantes implicações para o ensino da escrita, uma vez que este, tratando especialmente dos sinalizadores gráficos, não prescinde da prosódia. Ao investigamos os dados sob o campo da prosódia, notamos o quão necessário se faz essa reflexão no sentido de oportunizar ao escrevente a prática de avaliar seu

próprio processo de escrita identificando as dificuldades e como elas surgiram ou em que estão pautadas. Com essa reflexão, o escrevente poderá ser capaz de reconduzir seu aprendizado no sentido de reorientá-lo, neste caso específico, ao emprego convencional da vírgula e dos outros sinais.

A segmentação marcada pela vírgula, aqui compreendida como um importante marcador prosódico nos leva a crer que, a despeito do ponto de vista normativo em que o uso da vírgula seja considerado incorreto, ele é justificável a partir da organização prosódica da fala, uma vez que, conforme vimos até aqui, a frase fonológica, quando muito longa, pode passar por um processo de reestruturação e se transformar em diversas frases ou ainda, pode se reestruturar em razão de uma proeminência ou ênfase em que a expressão focalizada forma uma I independente. Ainda que se trate de dados de escrita, é muito provável que os escreventes se pautem no seu modelo de fala para espacializar a sua escrita, delimitando fronteiras entoacionais por meio da vírgula.

Em grande parte dos trechos analisados, observamos enunciados longos, cujas frases entoacionais certamente foram demarcadas em consonância com a organização prosódica interna dos escreventes que a projetaram na escrita. A leitura, silenciosa ou em voz alta, desses enunciados muito provavelmente levaria os leitores a marcarem uma pausa exatamente no local onde os escreventes identificaram uma fronteira prosódica e a sinalizaram com a vírgula.

Desse modo, verificamos que o uso inadequado da vírgula nos dados apresentados é concordante com a hipótese de Cagliari (1989) e Pacheco (2003, 2006) de que a vírgula, assim como os outros sinais de pontuação, são marcadores prosódicos da escrita com características prosódicas específicas acusticamente identificáveis, como defendido e demonstrado por Pacheco (2003). De acordo com a autora, há uma variedade de recursos gráficos que conduzem o leitor a assumir determinados comportamentos prosódicos no processo de leitura e de escrita, dentre eles os sinais de pontuação (PACHECO, 2006) que, na escrita, servem como indícios ou pistas prosódicas sobre como a fala é segmentada.

REFERÊNCIAS

- ABAURRE, M. B. M. A relevância dos critérios prosódicos e semânticos na elaboração de hipóteses na escrita inicial. **Boletim da ABRALIN**, Campinas, SP, n. 11, p. 203-217, 1991.
- ABAURRE, M. L.; ABAURRE, M. B.; PONTARA, M. **Gramática: texto, análise e construção de sentido**. São Paulo: Moderna, 2010.
- ANGELO, M. C.; SANTOS, R. S. A prosódia em sentenças sintaticamente ambíguas do português brasileiro: pistas de duração. **Alfa**, São José do Rio Preto, v. 59, n. 2, p. 385-403, 2015.
- ARAÚJO, M. W. M. **Habilidades metafonológicas e desenvolvimento de leitura e escrita recombinativas em crianças com diagnóstico de dislexia**. Orientador: Marilice Garotti. 2007. 75 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia: Teoria e Pesquisa do Comportamento) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2007. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br:8080/jspui/handle/2011/1919>. Acesso em: 15 mar. 2021.
- ASSUNÇÃO, C. *et al.* **A Ortographia da Lingoa Portvgvesa (1576) de Duarte Nunes de Leão: estudo introdutório e edição**. Vila Real, Portugal: Centro de Estudos em Letras/Universidades Trás-os-Montes e Alto Douro, 2019. (Coleção Ortógrafos portugueses 2).
- BADER, M. Prosodic influences on reading syntactically ambiguous sentences. In: FODOR, J. D.; FERREIRA, F. (ed.). **Reanalyses in sentence processing**. Dordrecht: Kluwer Academic, 1998. p. 1-46.
- BALDOW, V. S.; SANTOS, A. J.; PACHECO, V. Os erros de pontuação de redações nota mil do Enem à luz da hipótese da prosódia implícita e da fonologia prosódica. **Prolíngua**, v. 15, n. 2, p. 242–256., ago./dez. 2020. DOI: 10.22478/ufpb.1983-9979.2020v15n2.54867.
- BALDWIN, R. S.; COADY, J. M. Psycholinguistic Approaches to a Theory of Punctuation. **Journal of Reading Behavior**, Orlando, v. 10, n. 4, p. 363-375, 1978. DOI: 10.1080/10862967809547290.
- BARBOSA, P. **Prosódia**. São Paulo: Parábola, 2019.
- BARBOSA, P.A. Conhecendo melhor a prosódia: aspectos teóricos e metodológicos daquilo que molda nossa enunciação. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 20, n.1, p. 11-27, 2012.
- BARRETO, J. F. **Ortografia da lingua portuguesa**. Lisboa: Oficina de João da Costa, 1671.
- BARROS, J. **Grammatica da lingua portuguesa**. Olyssipone apud Lodouicum Rotorigiu [m], Typographum, 1540. Disponível em: https://purl.pt/12148/6/res-5658-1-p_PDF/res-5658-1-p_PDF_24-C-R0150/res-5658-1-p_0000_capa-60v_t24-C-R0150.pdf. Acesso em: 20 mar. 2021.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. Edição revista e ampliada. Rio de Janeiro: Editora Lucena, 2006.

BECHARA, E. V. **Moderna Gramática do Português**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BERTOLETI, T. S.; FRANCO, A. Apropriação da escrita na escola de educação especial: possibilidades e desafios. **Caderno PDE: Os desafios da Escola Pública Paranaense na perspectiva do professor PDE**, v. 1, 2014. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_uem_edespecial_artigo_telma_solange_bertoleti.pdf. Acesso em: 15 mar. 2021.

BEZERRA, R. **Nova gramática da Língua Portuguesa para concursos**. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense; São Paulo: Método, 2013.

BIBLIA, N.T. Romanos. Português. In: **Bible**. Disponível em: <https://www.bible.com/pt/bible/1608/ROM.15.4-5.ARA>. Acesso em: 15 jan. 2022.

BISOL, L. Os Constituintes prosódicos. In: BISOL, L. (org.). **Introdução aos estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. 259-271.

BORGES NETO, J. O Empreendimento Gerativo. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. **Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011. 3 v.

BORGES, A.; TEIXEIRA, G. B. Francisco Alves da Silva Castilho: um professor na invenção da *Escola Brasileira* oitocentista. **Cadernos de História da Educação**, v. 20, p. 1-22, e002, 2021. DOI: 10.14393/che-v20-2021-2. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/che/article/view/58217/30243>. Acesso: 2 mar. 2023.

BRAGA, G. O padrão entoacional das sentenças neutras. **Estudos linguísticos**, São Paulo, v. 46, n. 1, p. 55-70, 2017. DOI: 10.21165/el.v46i1.1661.

BRAGANÇA, G. C. M. *et al.* Avaliação dos efeitos físicos de Sulphur 6CH sob forma farmacêutica líquida e dose única papel em Ratus lorvegiais. **Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão**, v. 4, n. 2, 15 mar. 2013. Disponível em: <https://periodicos.unipampa.edu.br/index.php/SIEPE/article/view/59878>. Acesso em: 15 set. 2021.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. **Manual de redação da Presidência da República**. Coordenação de Gilmar Ferreira Mendes, Nestor José Forster Júnior [et al.]. 3. ed., rev., atual. e ampl. Brasília: Presidência da República, 2018.

BUENO, F. S. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 7. ed. São Paulo: Saraiva, 1968.

CAGLIARI, L. C. Breve história da pontuação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE LINGÜÍSTICA APLICADA, 4., 1995, Campinas. **Anais [...]**, Campinas: Unicamp, 1995.

CAGLIARI, L. C. Marcadores prosódicos na escrita. In: SEMINÁRIO DO GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, 18., 1989, Lorena. **Anais [...]** Lorena: Grupo de Estudos Linguísticos de São Paulo, 1989.

CAGLIARI, L. C. **Análise fonológica**: Introdução à teoria e à prática com especial destaque para o modelo fonêmico. Campinas: Mercado de Letras, 2002c.

CAGLIARI, L. C. **A estrutura prosódica do romance A Moreninha**. 2002. 40f. Relatório (Estágio Pós-Doutoral) – Linacre College, University of Oxford, Oxford, 2002a.

CAGLIARI, L. C. **Prosody and Literature: A Case Study of Chapter I from Women in Love** by D. J. Lawrence. 28f. Relatório (Estágio Pós-Doutoral) – Linacre College, University of Oxford, Oxford, 2002b.

CAGLIARI, L. C. Prosódia: ontem e hoje. In: FONSECA-SILVA, M. C.; PACHECO, V.; LESSA-DE-OLIVEIRA, A. S. C. (org.). **Em torno da língu(gem)**: questões e análises. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2007.

CALLOU, D.; LEITE, Y. **Iniciação à fonética e à fonologia**. 9. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

CÂMARA JÚNIOR, J. M. **Dicionário de Lingüística e gramática**: referente à língua portuguesa. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

CÂMARA, A. R. **O estudo da topicalização na língua portuguesa**. Orientador: Helena da Silva Guerra Vicente. 2016. 23 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Português) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/16229/1/2016_AdrielleRodriguesDaCamara__tcc.pdf. Acesso em: 15 mar. 2021.

CAMARA, T. M. N. L. Pontuação: orientação de uso pela ótica dos gramáticos ao longo do tempo. **Cadernos do CNLF**, v. XV, n. 5, t.1. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_1/79.pdf. Acesso em: 24 mar. 2021.

CARMELO, L. M. **Compendio de orthografia, com sufficientes catalogos, e novas regras, para que em todas as Provincias, e Dominios de Portugal, possam os curiosos comprehender facilmente a Orthologia, e Prosódia, isto he, a recta pronunciaçam, e accentos proprios, da Lingua Portugueza**: acrescentado com outros novos Catalogos, e explicaçam de muitos Vocabulos antigos, e antiquados, para intelligencia dos antigos escritores portuguezes.... Lisboa: Officina de Antonio Rodrigues Galhardo, 1767. Disponível em: <https://purl.pt/9>. Acesso em 10 mar. 2021.

CARVALHO, D. K. S. S. **Fonologia e Alfabetização**: efeitos de um programa de intervenção para recuperação de alunos do 5º ano do Ensino Fundamental com atrasos na aprendizagem da linguagem escrita. Orientador: Maria Regina Maluf. 2012. 133 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/16059/1/Dayse%20Karoline%20Sousa%20Silva%20de%20Carvalho.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2021.

CASTILHO, A. T. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

CASTILHO, A. F. **Metodo Castilho para o ensino rapido e aprasivel do ler impresso, manuscrito, e numeração e do escrever**. 2. ed. inteiramente refundida, aumentada, e ornada de um grande numero de vinhetas. Lisboa: Impr. Nacional, 1853. LIX, 319 p.: il.; 16 cm. Disponível em: https://purl.pt/185/4/sc-28857-p_PDF/sc-28857-p_PDF_24-C-R0150/sc-28857-p_0000_capa-cap_a_t24-C-R0150.pdf. Acesso em: 10 fev. 2023.

CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. **Português: Linguagens**. São Paulo: Saraiva, 2013. 1 v.

CHACON, L. J. F. **Ritmo da escrita: uma organização do heterogêneo da linguagem**. Orientador: Maria Bernadete Marques Abaurre. 1996. 388 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

CHACON, L. **Ritmo da Escrita**. Uma organização do heterogêneo da linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

CHARTIER, R. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVII**. Brasília: Ed. da Universidade de Brasília, 1994.

CHEN, H. C.; CHAN, K. T.; TSOI, K. C. Reading selfpaced moving text on a computer display. **Human Factors**, New York, v. 30, n. 3, p. 285-291, jun. 1988. DOI: 10.1177/001872088803000303.

CHOMSKY, N. **Aspects of The Theory of Syntax**. Cambridge: MIT Press, 1965.

CHORRO, B. R. **Cvriosas advertencias da boa grammatica no compendio & exposição da Arte do Padre Manoel Alvarez em lingua Portugueza: o que mais contem este livro se verá na volta desta folha**. Lisboa: Del Rey N. Senhor, 1643. Disponível em: https://purl.pt/22249/4/l-331-p_PDF/l-331-p_PDF_24-C-R0150/l-331-p_0000_capa-cap_a_t24-C-R0150.pdf. Acesso em: 15 jan. 2023.

COHEN, H.; DOUAIRE, J.; ELSABBAGH, M. The role of prosody in discourse. **Brain and Cognition**, San Diego, v. 46, n. 1-2, p. 73-81, jun./jul. 2001. DOI: 10.1016/S0278-2626(01)80038-5.

CORRÊA, M. L. G. **O modo heterogêneo de constituição da escrita**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CORRÊA, M. L. Letramento e Heterogeneidade da Escrita no Ensino do Português. In: MARCUSHI, L. A. **Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento**. Campinas: Mercado da Letras, 2001.

CORREIA, M. L. G. Letramento e heterogeneidade da escrita no ensino de português. In: SIGNORINI, I. *et al.* (org.). **Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento**. Campinas: Mercado das Letras, 2006.

CRISTÓFARO SILVA, T. **Dicionário de Fonética e Fonologia**. São Paulo: Contexto, 2011.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 7. ed., reimpr. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.

DACANAL, J. H. **Manual de pontuação: teoria e prática**. Porto Alegre: Edições BesouroBox, 2016.

DENARDI, D. Os 5 tipos de letras capitulares. **Glifo**, 3 fev. 2021. Disponível em: <https://revistaglifo.com.br/design-editorial/os-5-tipos-de-letras-capitulares/>. Acesso em: 24 mar. 2021.

DUARTE, A. C. **Compendio da grammatica portugueza**, Maranhão: Typographia Nacional, 1829. Disponível: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7590>. Acesso em: 2 mar. 2023.

DUBOIS, J. *et al.* **Dicionário de Lingüística**. São Paulo: Cultrix, 1973.

EVARISTO, J. Processos de formação de palavras em gramáticas do século XIX e XX: Manuel Said Ali, Ernesto Carneiro Ribeiro e Eduardo Carlos Pereira. **Línguas e Instrumentos Lingüísticos**, Campinas, SP, v. 25, n. 50, p. 47–58, 2022.

FARACO, C. A. Estudos pré-saussurianos. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (org.). **Introdução à Linguística 3: fundamentos epistemológicos**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

FARIA, P. Sintaxe e prosódia: antissimetria, hierarquia e isomorfismo. **Letrônica**, v. 8, n. 2, p. 346-358, 2015. DOI: 10.15448/1984-4301.2015.2.20410.

FÁVERO, L. L. A Grammatica Portugueza de Júlio Ribeiro. **Rev. Anpoll**, v. 1, n. 13, p. 73-88, jul./dez. 2002. DOI: 10.18309/anp.v1i13.529.

FIGUEIREDO, M. A. **Nova Escola para aprender a ler, escrever, e contar**. Lisboa Occidental: Officina de Bernardo da Costa de Carvalho, Impressor do Serenissimo Senhor Infante, 1722. Disponível em: https://purl.pt/107/4/res-3075-a_PDF/res-3075-a_PDF_24-C-R0150/res-3075-a_0000_est-156_t24-C-R0150.pdf. Acesse em: 24 mar. 2021.

FODOR, J. D. A Psicolingüística não pode escapar da prosódia. In: MAIA, M.; FINGER, I. **Processamento da Linguagem**. Pelotas: Educat, 2005.

FODOR, J. D. Psycholinguistics cannot escape prosody. **Speech Prosody**, Aix-en-Provence, França, abr. 2002.

FRANCHI, C. *et. al.* **Mas o que é mesmo “gramática”?** São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

FRAZIER, L. **On Comprehending Sentences: Syntactic parsing strategies**. Ph.D. Dissertation, University of Connecticut, 1979.

FROTA, S. **Fonética: Prosódia**. Relatório. Universidade de Lisboa, 2011. Disponível em: https://labfon.letras.ulisboa.pt/personal/sfrota/PGLing/Relatorio_Prosodia_Frota_2011.pdf. Acesso em: 15 jun. 2021.

GAYER, J. E. L. Uma breve história dos constituintes prosódicos. **Diadorim**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 149-172, 2015.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2011.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **RAE – Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GREGUER, N.; SUZAN, E. Curcuma: a especiaria que descalcifica a glândula pineal. **Espaço do Sol**, 9 nov. 2016. Disponível em: <https://espacodosol.com.br/curcuma-a-especiaria-que-descalcifica-a-glandula-pineal/>. Acesso em: 10 jan. 2021.

KONDO, T.; MAZUKA, R. Prosodic Planning While Reading Aloud: On-line Examination of Japanese Sentences. **Journal of Psycholinguistic Research**, Warsaw, v. 25, n. 2, p. 357-381, 1996.

LEE, S. H. **Morfologia e fonologia lexical do português do Brasil**. Orientador: Luiz Carlos Cagliari. 1995. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

LEE, S.-H. Fonologia lexical: modelos e princípios. **Letras De Hoje**, v. 31, n. 2, 2013. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/15598>. Acesso em: 15 jun. 2021.

LEHISTE, I. Phonetic Disambiguation of Syntactic Ambiguity. **Glossa**, v. 7, n. 2, p. 107-122, oct. 1973.

LEITE, M. Q. Compendio de Grammatica Philosophica da Língua Portuguesa, de A. da Costa Duarte: edições em Confronto. **Confluência**, Rio de Janeiro, n. 55, 2º semestre de 2018. Disponível em: <https://revistaconfluencia.org.br/rc/article/view/285/160>. Acesso em: 15 mar. 2023.

LEITE, M. Q.; PELFRÊNE, A. (org.). **Compendio da Grammatica Philosophica da Língua Portuguesa**: Padre Antonio da Costa Duarte (6. ed. 1877). São Paulo: FFLCH/USP, 2018. 1466 Kb; PDF. (Coleção Gramáticas do Brasil; série 1; v. 1).

LIÃO, D. N. **Orthographia da Lingva Portvgvesa**. Lisboa: João de Barreira, 1576.

LIMA, C. H. R. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 31. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.

LOURENÇO-GOMES, M. C. **Efeito de comprimento do constituinte na interpretação final de orações relativas estruturalmente ambíguas**: um estudo baseado na ‘Hipótese da Prosódia Implícita’. Orientador: Marcus Antonio Rezende Maia. 2003. 152f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

LOURENÇO-GOMES, M. C.; SANTOS, R. S. A prosódia em sentenças sintaticamente ambíguas do português brasileiro: pistas de duração. **Alfa**, São Paulo, v. 59, n. 2, p. 385-403, maio/ago., 2015.

- LOUZADA, M. C. **Os conflitos violentos de *Bullying* na escola e seus entrelaçamentos com a justiça restaurativa**. Orientador: Lúcia Salete Celich Dani. 2013. 181 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/7085/LOUZADA%2c%20MARCELLE%20CARDOSO.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 15 mar. 2021.
- LUFT, C. P. **A vírgula: considerações sobre seu ensino e seu emprego**. São Paulo: Ática 2002.
- MAGALHÃES, J. O. *et al.* O processamento prosódico gráfico de sentenças ambíguas na leitura silenciosa de surdos bilingues. **Journal of Speech Sciences**, v. 5, n. 1, p. 17-27, 2016.
- MAGALHÃES, J. O.; FONSECA, A. A. A prosódia de sentenças com atributos ambíguos. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 8, n. 10.1, p. 72-86, 2014.
- MAIA, M.; FINGER, I. **Processamento da Linguagem**. Pelotas: Educat, 2005.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Editora Atlas, 2010.
- MATEUS, M. H. M. Estudando a melodia da fala: traços prosódicos e constituintes prosódicos. In: ENCONTRO SOBRE O ENSINO DAS LÍNGUAS E A LINGÜÍSTICA APL E ESE DE SETÚBAL, 2004. **Anais [...]**, 2004.
- MATZENAUER, C. L. B. Introdução à teoria fonológica. In: BISOL, L. (org.). **Introdução aos estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. p. 11-98.
- MORIN, E. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. 12. ed. São Paulo, Brasília: Cortez, 2007.
- NESPOR, M.; VOGEL, A. **Prosodic Phonology**. Dordrecht-Holland: Foris Publications, 1986.
- NESPOR, M.; VOGEL, A. **Prosodic Phonology**. Dordrecht-Holland: Foris Publications, 2007.
- NEVES, F. Dúvidas de português. **Dicio**. Disponível em: <https://duvidas.dicio.com.br/tantoquanto-tem-virgula/>. Acesso em: 11 nov. 2022.
- OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, Vozes, 2007.
- OLIVEIRA, F. **Grammatica da linguagem portuguesa**. Lixboa: e[m] casa d'Germão Galharde, 27 Ianeyro 1536. Disponível em: https://purl.pt/120/4/res-274-v_PDF/res-274-v_PDF_24-C-R0150/res-274-v_0000_capa-capa_t24-C-R0150.pdf. Acesso em: 24 mar. 2021.
- ORTOLOGIA. In: DICIONÁRIO online de português. 2009-2023. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/ortologia/>. Acesso em: 8 mar. 2021.

PACHECO, V. Escrita, prosódia e leitura. In: FRETAG, R. M. Ko.; LUCENTE, L. (org.). **Prosódia da Fala: pesquisa e ensino**. São Paulo: Blucher, 2017.

PACHECO, V. **Investigação fonético-acústico-perceptual dos sinais de pontuação enquanto marcadores prosódicos**. Orientador: Luiz Carlos Cagliari, Ester Mirian Scarpa. 2003. 132f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2003.

PACHECO, V. Leitura e Prosódia: o caso dos sinais de pontuação. In: FONSECA-SILVA, M. C.; PACHECO, V.; LESSA-DE-OLIVEIRA, A. S. C. (org.). **Em torno da língua(gem): questões e análises**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2007.

PACHECO, V. **O efeito dos estímulos auditivo e visual na percepção dos marcadores prosódicos lexicais e gráficos usados na escrita do português brasileiro**. Orientador: Luiz Carlos Cagliari. 2006. 348f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

PEREIRA, B. **Regras geraes, breves, e compreensivas da melhor ortografia, com que se podem evitar erros no escrever da Lingua Latina, e Portuguesa, para se ajunta à Prosódia**. Lisboa: Domingos Carneiro, 1666. Disponível em: https://purl.pt/29112/4/res-6515-p_PDF/res-6515-p_PDF_24-C-R0150/res-6515-p_0000_1-120_t24-C-R0150.pdf. Acesso em: 24 mar. 2021.

PIACENTINI, M. T. Q. **Só vírgula: método fácil em vinte lições**. 2. ed. São Carlos-SP: EDUFSCar, 2003.

PLATAFORMA SUCUPIRA. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira>. Acesso em: 20 mar. 2021.

RATTOVA, S. S. A recursividade como propriedade única e universal da faculdade da linguagem. **Linguagem Em Foco**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UECE, v. 6, n. 1, ano 2014.

RIBEIRO, E. C. **Serões grammaticaes**. 3. ed. Livreiro Editor Bahia, 1919.

RIBEIRO, J. **Grammatica Portuguesa**. São Paulo: Teixeira & Irmão, Editores, 1885. Disponível em: <https://bibdig.biblioteca.unesp.br/bitstreams/2f21ce43-6e99-4ad6-97a7-cf31bc14a825/download>. Acesso em: 24 mar. 2021.

ROCHA LIMA, C. H. **Gramática normativa da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

ROCHA, M. R. O “que” e as vírgulas. ? **Ciberdúvidas da Língua Portuguesa**. Disponível em: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/o-que-e-as-virgulas/8241>. Acesso: 11 nov. 2022.

SÂNDALO, F. Entoação e Fonologia Prosódica no quadro Teoria da Otimalidade: Kadiwéu e Português Brasileiro. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 89-105, dez. 2003. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/13999/9269>. Acesso: 24 mar. 2021.

SANTOS, C. G. **A relação entre o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e a aprendizagem na produção do conhecimento em Programas de Pós-Graduação em Educação no Brasil**. Orientador: Renato Izidoro da Silva. 2019. 159 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2019. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7779398. Acesso em: 15 set. 2021.

SARMENTO, L. L. **Gramática em textos**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2012.

SELKIRK, E. On derived domains in sentence phonology. **Phonology Yearbook**, v. 3, p. 371-405, 1986.

SELKIRK, E. Sentence prosody: intonation, stress and phrasing. In: GOLDSMITH, J. (ed.). **The Handbook of Phonological Theory**. London: Blackwell, 1995.

SILVA, A. S. **Alfabetização e Inclusão: o trabalho com a consciência fonológica e o desenvolvimento da escrita em um aluno com deficiência intelectual**. Orientador: Tícia Cassiany Ferro Cavalcante. 2018. 199 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/33592/1/DISSERTA%c3%87%c3%83O%20Ariana%20Santana%20da%20Silva.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2021.

SILVA, C. C. O ensino de prosódia nas aulas de espanhol como língua estrangeira. In: FRETAG, R. M. Ko.; LUCENTE, L. (org.). **Prosódia da Fala: pesquisa e ensino**. São Paulo: Blucher, 2017.

SILVA, C. C. O ensino de Prosódia nas aulas de Espanhol como língua Estrangeira. In: FREITAG, R. M. K.; LUCENTE, L. (org.). **Prosódia da fala: pesquisa e ensino**. São Paulo: Blucher, 2017.

SILVA, T. C. **Dicionário de Fonética e Fonologia**. São Paulo: Contexto, 2011.

SLOWIACZEK, M. L.; CLIFTON JR, C. Subvocalization and Reading for meaning. **Journal of verbal learning and Verbal Behavior**, v. 19, n. 5, p. 573-582, oct. 1980.

TENANI, L. E. **Domínios prosódicos no Português do Brasil: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos**. Orientador: Maria Bernadete Marques Abaurre. 2002. 330f. Tese (Doutorado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

TENANI, L. Fonologia Prosódica. In: HORA, D.; MATZENAUER, C. L. (org.). **Fonologia, fonologias: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2017. p. 115-123.

TOKARNIA, M. Educação: entenda como serão o novo Saeb e o Enem Seriado. **Agência Brasil**, Rio de Janeiro, 9 maio 2020. Disponível em:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2020-05/educacao-entenda-como-serao-o-novo-saeb-e-o-enem-seriado>. Acesso em: 10 jan. 2021.

VERA, A. F. **Orthographia, ov modo para escrever certo na lingua portuguesa**: com hvm Trattado de memoria artificial: outro da muita semelhança, que tem a lingua Portuguesa com a Latina. Lisboa: Mathias Rodriguez, 1631. Disponível em: <https://purl.pt/12/2/>. Acesso em: 15 jan. 2020.

VIDAL NETO, J. B. C. **A Grammatica portugueza, de Júlio Ribeiro**: um corte epistemológico na gramaticografia brasileira e a questão da língua portuguesa no Brasil. Orientador: Marli Quadros Leite. 2010. 140 f. Dissertação (Mestrado em Filologia e Línguas Portuguesa) – Universidade de São Paulo, 2010. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-06102010-092107/pt-br.php>. Acesso em: 10 nov. 2022.

YANO, C. T. Um estudo sobre o emprego da vírgula na história do português europeu. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 64, 2020. DOI: 10.1590/1981-5794-e12560. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/12560>. Acesso em: 25 mar. 2023.